

## Inácio Rebelo de Andrade

# NA BABUGEM DO ÊXODO

(Sombras e Claridades de uma Época Colonial)

(romance)

(texto revisto e corrigido pelo autor)

Vega, Lisboa, 2005, Colecção «Palavra Africana»

### PALAVRAS PRÉVIAS

1.

Escrever um romance que se inspira num contexto histórico determinado; querer escrevê-lo com a intenção dupla, por um lado, de ficcionar um enredo capaz de interessar o leitor, por outro, de ser rigoroso em relação ao ambiente onde as personagens se movimentam — não é tarefa fácil. E quando o ambiente e as personagens em questão foram próximos do autor, a dificuldade é ainda maior, porque o risco de manipular as situações e obliterar a realidade aumenta consideravelmente. A tentação de contar o que se passou, não como ocorreu, mas como deveria ter ocorrido, é enorme.

Na medida do possível e do talento disponível para o efeito, o autor tentou ultrapassar tal dificuldade. O que pode dizer a esse propósito é que eliminou sempre do texto tudo aquilo que lhe parecia ou o levava a concluir que estava a ser tendencioso.

2.

Outra dificuldade que a elaboração da narrativa enfrentou teve a ver com a evocação dos factos e das pessoas que participam na acção. O autor recorreu com afinco a todas as fontes a que teve acesso, de modo a confirmar tudo o que se relacionava com uns e com outras. Com esse propósito, leu muitos documentos, consultou a imprensa periódica da época, conversou de-

moradamente com testemunhas ainda vivas. Mas a verdade é que se viu amiúde na situação de não conseguir deslindar as dúvidas que tinha.

Nessas circunstâncias, que abundaram infelizmente, teve de recorrer à memória (à sua, mas também à dos que quiseram colaborar), de modo a preencher as lacunas detectadas. Isso significa que algo foi talvez imprecisamente contado. O que se lamenta, mas não se pôde remediar.

Uma explicação oportuna a este respeito:

Para não sobrecarregar o texto de informações históricas capazes de perturbar demasiadamente a leitura do enredo ficcionado, algumas referências a datas, ocorrências e pessoas que foram importantes no período em análise, ou são remetidas para as notas de pé-de-página incluídas para cada caso, ou constam do apêndice final que vai em anexo. Quem queira ficar melhor esclarecido sobre o assunto deverá consultar esses registos.

À excepção das personagens inventadas que participam nos eventos relatados, salvo ainda outras com intervenções esporádicas, todas as demais figuram com os seus nomes próprios.

3.

Ainda que obra de ficção, este livro pretende ser o testemunho de uma época, considerada de «sombras» e de «claridades», como se refere no subtítulo do frontispício.

Quem nasceu em Angola e viveu lá uma parte importante da vida verificou de perto essas duas realidades, que definem aliás o colonialismo português: período de sombras, onde os negros (os colonizados) suportaram o jugo dos brancos (os colonizadores), foram preteridos de direitos fundamentais e tiveram de pegar em armas para conseguir a sua independência; período de claridades, porque muitos brancos não quiseram nunca, nem subjugar, nem oprimir, nem maltratar os negros, mas apenas aproveitar um contexto histórico-político determinado, onde exerceram a sua actividade e ajudaram a desenvolver um território até aí inóspito.

O pecado grande desses brancos foi eles não perceberem que as possibilidades que tinham para a concretização dos seus êxitos existiam só porque eram brancos, e que os negros eram usados como força de trabalho para a consecução dos objectivos em vista só porque eram negros. Ou seja, o de eles não darem conta (os que não davam, claro) de que pactuavam com um regime que era iníquo na sua essência, por isso mesmo inaceitável.

4.

Nova Lisboa era um retrato acabado deste equívoco. Fundada em 1912 pelo então Governador-Geral José Mendes Ribeiro Norton de Matos, nasceu com esse pecado original: o de vir a tornar-se em poucos anos uma cidade grandiosa, mas sempre uma cidade de brancos, onde os negros eram empurrados para a periferia...

Depois de treze anos de guerra, já nas vésperas do 25 de Abril, muita gente continuava a viver aí como se nada pudesse pôr em causa o seu dia-a-dia bem sucedido. Uma das personagens principais deste romance interroga-se repetidamente por que motivo tem de retornar a Portugal, quando se considera angolano, nunca tratou mal ninguém (ou seja, «os pretos») e procurou apenas trabalhar para garantir o futuro?

Quantos e quantos portugueses chegados de Angola (e também de Moçambique, da Guiné, de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe) se puseram e continuam a pôr a mesma interrogação? Quantos e quantos se julgaram por isso vítimas de uma Revolução que veio pôr em causa o statu quo existente? Por ignorância natural ou desinformação imposta durante décadas, muitos ficam por essa análise simplista dos factos. Por preconceito ou obstinação, não recuam no tempo nem identificam os verdadeiros e únicos responsáveis pelo seu logro e pela sua tragédia.

A Imprensa, a Rádio e a Televisão, nas reportagens que fazem frequentemente, evocam a descolonização como algo mal resolvido, que magoa ainda a memória do colectivo nacional. Foi a guerra civil entre os Movimentos de Libertação, com todo o cortejo de horrores conhecidos; são a fome e a doença, que continuam a matar quem não tem nada, nem para comer, nem para se tratar — e a tentação primeira de todas é julgar que Angola e os seus filhos estão agora piores do que antes; portanto, que não ganharam, mas perderam com a independência.

5.

Constituindo um contributo modesto para o leitor reflectir, este livro reconstrói um tempo e um lugar que existiram. Será que nas suas linhas e entrelinhas, ele permitirá concluir que haveria (ou não) uma maneira diferente de Portugal descolonizar as colónias? Ou seja: de fazer o que fez? De fazer afinal o que tinha mesmo de fazer?

Inácio Rebelo de Andrade São Francisco do Monte Estoril Setembro de 2005

À memória dos meus Pais, que foram para Angola e nunca quiseram sair de lá

Aos meus Netos, pela promessa que são de futuro

Quando o mar chega à praia, espalha aí destroços que trouxe na água; à superfície, traz ainda uma espuma ou babugem que é rapidamente tragada pela areia.

Que nem o mar, o êxodo para Portugal dos que vieram de Angola em 1975, durante a descolonização, trouxe também destroços e babugem, que demoraram mais tempo a desaparecer...

# UM ÓRFÃO INDESEJADO

Em 1938, quando partiu para Angola, Sebastião era ainda muito novo. Na casa onde vivia depois da morte trágica dos pais, o tio materno, Felisberto, lembrava na altura que quem quisesse amealhar uns cobres e enriquecer depressa deveria partir para lá, porque em África, como toda a gente afirmava, é que se tinha sucesso e conseguia garantir o futuro.

Sebastião era novo de mais para entender o que o tio Felisberto procurava dizer. O que percebeu desde logo é que deveria partir para longe, mesmo para muito longe, para uma terra que seria de facto de oportunidades, mas também de perigos e doenças: de perigos, porque havia na selva animais ferozes, que matavam as pessoas; de doenças, porque havia moléstias fatais, tão ou mais assassinas do que o leão e a onça.

Felisberto era um tio meigo, que não fazia distinção entre os filhos e o sobrinho. Entroncado, o rosto redondo, os dedos das mãos peludos e grossos, protestava por tudo e por nada, como quem anda sempre zangado. Mas ficava por aí, porque era um homem pacífico e sensível, que não tratava mal nem sequer um bicho. Como um canzarrão que ladra e não morde, obedecia quase servilmente à vontade e aos caprichos da mulher, Maria do Patrocínio.

Os dois formavam um casal estranho, ou pelo menos surpreendente. Palavroso e com o físico avantajado, Felisberto parecia alguém senhor do seu nariz, que não aceitava imposições de ninguém; pelo contrário, de compleição miúda, os olhos baixos no chão e sem nunca levantar a voz, Maria do Patrocínio lembrava o que o povo chama de «mosquinha morta», que anda no mundo às ordens dos outros. O que não era verdade.

Os filhos do casal sabiam isso de sobra. Quando queriam qualquer coisa, não a pediam ao pai, mas à mãe, no tom e na forma em que se tornaram cedo especialistas. Com um jeito apurado, qualquer deles fingia uma relutância reticente, avançando quase a gaguejar:

— Oh, mãe... Oh, mãezinha... Eu posso...

Maria do Patrocínio não deixava concluir a frase. Percebendo de imediato que um pedido vinha aí, atalhava logo:

- Não, não podes!

Ou então, quando não se irritava com aquela habilidade, que classificava de «manha», pactuava:

— Podes, podes. Diz lá o que queres.

Tendo de contar todos os dias os tostões que precisava de gastar; sem recursos financeiros para acudir, como dizia, a despesas forçadas, foi ela quem magicou a ideia de pôr Sebastião fora de casa.

Num domingo depois de almoço, confrontou o marido:

— Acho que chegou a hora de dar um destino ao rapaz. Com o teu ordenado e as minhas costuras, nós não temos posses para assumir este encargo. É uma pena, mas é assim...

Sugeriu então como que a propósito:

— O teu amigo Armando não vai para Angola montar lá um comércio? Ele não diz que precisa de um marçano para pôr ao balcão? Podia levar consigo o Sebastião, que é esperto, atilado, obediente...

Avançava aos poucos, como que a medir o efeito de cada palavra:

— O rapaz ficava bem entregue, começava desde cedo a ganhar dinheiro, podia até estabelecer-se depois por conta própria. Tentava assim a sua sorte e dava rumo à vida.

Estava convencida de que propunha a solução mais adequada à situação que o destino lhe impusera inesperadamente.

Perguntou:

— Que achas?

Apanhado de surpresa, Felisberto não respondeu logo. Mandar o sobrinho para África com o Armando? Assim, sem mais nem menos?

Lembrou-se nesse instante da irmã, Maria Rosa, do quanto ela tinha amado aquele filho, que dera à luz ao fim de um parto complicado. Lembrou-se do que tinha dito ao pegar no bebé pela primeira vez, esquecida já do sofrimento que passara: «Meu menino, lindo, lindo!»

Felisberto parecia chocado com a sugestão. Perguntou em tom crítico:

— Mandar o rapaz para tão longe? Tão novo? É uma violência!

Mas Maria do Patrocínio estava decidida e tinha artes de convencer o marido:

— É uma violência é... Mas que fazer? És capaz de me explicar? Tens meios bastantes para assumir de vez a educação do teu sobrinho?

Felisberto reagiu:

— Onde comem quatro comem cinco. Ouvi sempre dizer e é verdade.

Maria do Patrocínio achava que sim, mas...

— Comer comem. E depois? As despesas são maiores também: para a roupa, para o calçado, para os livros, para o médico, para a farmácia, eu sei lá!... Estás assim tão abonado? Tens que chegue para tudo?

Felisberto sabia que não tinha. Com o salário magro que recebia ao fim do mês como contínuo no Ministério da Economia, nem para ele, a mulher e os filhos ganhava o suficiente. Maria do Patrocínio costurava para fora, ia a casa de algumas

clientes duas vezes por semana, e só com esse rendimento extra, se não falhava entretanto, a família conseguia sobreviver com um mínimo de dignidade.

Lembrou-se de novo da irmã. Se é que ela estava lá em cima, no Céu, e podia ver o que se passava cá em baixo, na Terra, como aceitaria tal decisão? Certamente como fazia sempre que era magoada por algum desgosto: cerrando os olhos, levando as mãos ao peito, a chorar baixinho.

Envergonhado por ter de concordar com a mulher, Felisberto desabafou consigo próprio:

— Coitado do meu sobrinho!

2

Três anos antes, quando viajavam do Porto para Lisboa, João Alberto e Maria Rosa, pais de Sebastião, haviam morrido num desastre de viação.

Era um fim de tarde escuro e chuvoso, o tráfego engarrafado logo depois do Cartaxo. Uma camioneta que vinha em sentido contrário derrapou no piso escorregadio da estrada e enfeixou-se no automóvel onde os dois seguiam. Um embate tão violento tinha de ter consequências graves: nos bancos da frente, apanhados em cheio, João Alberto e Maria Rosa morreram instantaneamente; no banco de trás, onde passava então pelo sono, Sebastião salvou-se.

Sem consultar Maria do Patrocínio, Felisberto trouxe o sobrinho para casa. Desde esse dia, amimou-o tanto quanto pôde, considerou-o logo outro filho que devia criar. Observando já na altura que onde comem quatro comem cinco, não pôs sequer a hipótese de se livrar daquela responsabilidade.

Maria do Patrocínio gostou pouco do que foi obrigada a

aceitar. Nos primeiros meses, ou por respeitar ainda o desgosto do marido, ou por não querer revelar tão cedo o que pensava, fingiu que estava de acordo. Mostrou-se complacente e atenciosa para com o órfão, prestou-lhe também os seus cuidados, sem nunca revelar como desaprovava a situação.

Sebastião adaptou-se depressa ao ambiente familiar onde entrara inopinadamente. Com onze anos incompletos, mimado como estava a ser, conformou-se com o seu infortúnio, que ele intuía não ter qualquer remédio. Os primos eram companheiros, todos dormiam no mesmo quarto, eram até do mesmo Clube (o Sporting), não podiam dar-se melhor.

Mas Maria do Patrocínio continuava inconformada: não por antipatizar com o rapaz, que era respeitador e delicado, mas porque admitia pragmaticamente que o orçamento doméstico não esticava ao ponto de suportar tanta despesa...

Mais do que por ter de ir embora, Sebastião sofreu por verificar que se encontrava naquela casa como um hóspede de passagem; pior do que ficar privado de um lar que considerava já seu, o que lhe doía mesmo era perceber que se encontrava ali em demasia, que era um transtorno, um estorvo, de que a família tentava livrar-se.

Quando soube que tinha de ir para Angola, enfiou-se no quarto, atirou-se para cima da cama, deu murros na colcha, enfiou a cabeça debaixo do travesseiro, mas não chorou. Chorar para quê?...

Com o coração apertado, esperou ansiosamente pela noite, para poder dormir e sonhar que tudo aquilo não estava a suceder, que era mentira, que iria acordar na manhã seguinte e verificar que tivera apenas um pesadelo. Medo assim tão grande sentira só três anos antes, quando os pais foram a enterrar no cemitério dos Prazeres e ele percebera pela primeira vez que ficava sozinho no mundo.

Odiou a tia nesse momento, pela proposta que fazia; e tam-

bém o tio, pela falta de coragem habitual; e até os primos, porque estavam livres de enfrentar tal provação.

Já ciente do seu futuro próximo, começou a imaginar o lugar para que fora destinado. Lá tão longe, ao fim de tantos dias de viagem, Angola como seria? Para além dos perigos e maleitas de que toda a gente falava, que haveria aí de especial?

Não compreendia porquê, mas o que gostava mais de saber nesse momento era se a terra, ou seja, o chão, se parecia com o de Portugal. E as plantas, a erva, as pedras, as rochas, como seriam? E o mar? E os rios?

Aprendera na escola, quando fazia a 4ª Classe, que os rios eram grandes e caudalosos, infestados de jacarés; que percorriam centenas e centenas de quilómetros antes de desaguar na foz. Mas grandes como? Maiores do que o Tejo em frente do Terreiro do Paço?

Aprendera ainda que o dia e a noite tinham a mesma duração, que os anos não se dividiam em quatro estações (Primavera, Verão, Outono e Inverno), mas em duas (a das Chuvas e a do Cacimbo[gl](\*)), e que chover-chover, chover a sério, só em África, quando a água caía do céu que nem atirada aos baldes.

Por qualquer razão realmente incompreensível, o que Sebastião imaginava sobre Angola tinha menos a ver com as pessoas, com quem iria conviver, do que com o espaço, por onde iria andar. O que lhe povoava a fantasia não eram vozes, mas ambientes.

<sup>(°)</sup> Todas as palavras de origem angolana, que não sejam provavelmente conhecidas do leitor, têm o seu significado expresso e desenvolvido no glossário incluído no fim do romance. Grafadas sempre em português e identificadas no texto com uma indicação de chamada [gl], elas serão assinaladas somente na primeira referência.

Apesar de contrariado, Felisberto seguiu a sugestão de Maria do Patrocínio e foi falar com Armando. Começou por dizer que tudo aquilo lhe custava e o deixava triste, mas a verdade é que ele tinha dificuldade em suportar por mais tempo um encargo suplementar. Acrescentou de imediato que a viagem correria por sua conta. Justificou-se: Sebastião era um menino bem mandado, cumpridor das suas obrigações, esperto como um azougue, que só poderia ajudar.

Repetiu duas ou três vezes:

— Um rapaz e tanto, de truz! Como não é nada fácil encontrar por aí...

Armando não esperava aquela proposta. Ficou tão surpreendido que nem retorquiu. Embarcar para África com um jovem que nem conhecia sequer?!

Já recomposto da surpresa, lembrou o que parecia evidente:

— O amigo não acha desumano mandar para o fim do mundo quem é ainda uma criança?

Felisberto respondeu que sim, que achava, mas que havia de fazer? Não via outra saída para o caso. E depois, tinha a certeza, sabia que entregava o sobrinho a uma pessoa de bem, digna de confiança.

Armando agradeceu o cumprimento. Continuava entretanto indeciso:

- E o se o rapaz adoece? Se lhe dá lá alguma macacoa?
- Não adoece nada. Sebastião é rijo. Está em nossa casa há três anos e não se constipou uma única vez. É rijo que nem um pêro!

Embora reticente, Armando acabou por ceder. Tinha de reconhecer que uma ajuda assim dava jeito e aparecia no momento oportuno. Como resolvera desde o início, não levaria consigo a mulher e os filhos, antes de verificar localmente se existiam condições para isso. De modo que contar já com alguém para dar uma mão vinha até a calhar.

Transmontano ambicioso e aventureiro, Armando viera da aldeia natal para Lisboa em 1918, quando tinha vinte e dois anos. Com as poupanças amealhadas na altura, montara um lugar perto da Praça da Figueira, onde vendia flores e hortaliças.

Simpático para toda a gente, sempre com a palavra certa para cada freguês, prosperara depressa na actividade. Alguns anos depois, já sem as restrições económicas iniciais, alugara um rés-do-chão na Rua dos Correeiros e ampliara o negócio. Não comerciava agora apenas em flores e hortaliças, mas também com outros produtos; não era mais e só o vendedor de um lugar, mas o proprietário de uma mercearia, que ia conquistando clientela.

Conheceu nessa altura Maria Ernestina, por quem se apaixonou. No dia do casamento, quando levava a noiva para o altar, parecia ainda surpreendido com a sua conquista.

Tinha razões para isso, porque não era de facto fisicamente dotado. Muito alto e magro, o corpo corcovando para a frente, o rosto chupado de tísico, parecia até doente. O que não passava de aspecto, porque quando pegava num saco de batatas ou arrastava um caixote, revelava que tinha força suficiente para quaisquer trabalhos pesados.

Maria Ernestina é que era linda e dava nas vistas: os cabelos louros, a pele macia, o nariz e a boca de deusa esculpida, os olhos azuis, toda ela harmonia e perfeição. Ninguém conseguia perceber como é que uma mulher assim se deixara seduzir por um homem que devia tanto à aparência.

Mas o amor é caprichoso e tem destas extravagâncias; como o povo lembra a propósito, «quem o feio ama, bonito lhe parece».

Armando e Maria Ernestina casaram e foram morar no an-

dar de cima da mercearia da Rua dos Correeiros. Ao fim da lua de mel passada entre as quatro paredes do quarto, cada um descobrindo na cama as intimidades do outro, ambos reiniciaram a vida rotineira de todos os dias.

Para sua alegria imensa, tiveram dois filhos, que chegaram logo nos anos seguintes. Como os vizinhos comentaram ironicamente na ocasião, as crianças puxaram à mãe («Graças a Deus!»), porque nasceram tão escorreitas como ela.

Tudo parecia assim correr pelo melhor. Até que de repente, como acontece tantas vezes sem ninguém perceber porquê, Armando viu a sorte andar para trás. Perdeu parte da clientela, baixou o montante das vendas, não conseguia já ganhar o suficiente para manter o nível de vida habitual. A mulher começou a variar de roupa sem a frequência anterior, os filhos pararam de ingerir guloseimas sem fim, ele próprio não armou mais em rico e deixou de pagar aos amigos as rodadas de cerveja no bar da esquina.

Armando esforçava-se por reverter a situação. Determinado como sempre, tentava erguer a cabeça e recuperar aquilo que perdera; mas agora, ao contrário de antigamente, nada corria de feição.

Meio desesperado, meio esperançoso, começou então a congeminar a ideia de partir para Angola, onde encontraria talvez a solução para os seus problemas. Ele não conhecia tanta gente que tinha ido para lá e que voltara podre de rica? Por que não fazer o mesmo? Por que não ganhar coragem e enfrentar o desafio?

De início, escondeu da mulher o seu propósito. Falou com quem pôde sobre o assunto, informou-se detalhadamente sobre o que deveria fazer, foi por fim à Companhia Colonial de Navegação, onde marcou passagem para o paquete «João Belo».

Maria Ernestina armou uma cena quando soube do facto. Que era uma loucura, que discordava, que ia ficar abandonada em Lisboa a tomar conta da mercearia e a cuidar da prole. Isso era justo?!

Armando preparara-se para aquela reacção. Sem perder a calma, retorquiu que a separação seria por pouco tempo, apenas por alguns meses. Uma vez no destino, montava o negócio, tratava de arranjar casa, instalava-se convenientemente, mandava depois vir todos para junto de si.

Com o rosto transtornado, os olhos azuis muito abertos, Maria Ernestina agastou-se:

— O quê?! Eu ir de barco para África com os miúdos atrás? Tu estás doido?!

Armando observou:

— Que tem? É o que muitas mulheres fazem e não morrem com o incómodo. Não custará nada, vais ver.

Ela voltou a protestar com veemência. Durante as duas semanas seguintes, quando se lembrava do que estava para acontecer, chorava e repetia insistentemente que não podia aceitar tal coisa :

— Não é justo! Eu não mereço esta traição!

Conhecia bastante bem o marido para saber que reclamava em vão. Tudo estava decidido: ela teria só de conformar-se, habituar-se à ideia e começar a ganhar coragem.

4

À excepção dos que haviam assinado contratos chorudos na Metrópole e que viajavam sempre em 1ª Classe, quem embarcava então para Angola ia em busca de mudar o seu destino. Levava consigo pouco mais do que a roupa no corpo. Não eram já homens e mulheres condenados pela Justiça a penas de degredo, mas gente sem cadastro, que à maneira também de um

castigo, assumido agora por vontade própria, tentava livrar-se de uma vida miserável.

Desde que decidiam partir, as pessoas interrogavam-se continuamente. Que dificuldades teriam de arrostar? Seriam bem sucedidas? Conseguiriam regressar mais tarde?

Sem a presença da mulher e dos filhos, carregados de dúvidas e receios, muitos viajavam sozinhos. À hora do embarque, sentiam-se por isso duplamente infelizes: não só porque se ausentavam da Pátria, mas ainda porque se afastavam da família. E se deixar para trás a terra natal assustava, perder a companhia de entes queridos doía.

Ninguém entrava nos paquetes sem satisfazer previamente um conjunto de exigências: ter bilhete de identidade (que alguns requeriam pela primeira vez), estar vacinado contra a varíola e a febre amarela, juntar à documentação uma «carta de chamada», espécie de declaração de alguém residente na Colónia, que se responsabilizava no destino pelas condições de permanência dos recém-chegados.

Se era fácil conseguir o bilhete de identidade e os atestados de vacinas, o mesmo não sucedia com a carta de chamada, que impunha às partes envolvidas uma troca abundante de correspondência. Assumir um compromisso de tal teor podia trazer complicações, sobretudo quando as pessoas se davam mal nos trópicos e queriam voltar de novo para Portugal. Esse favor fazia-se a um parente, quando muito a um amigo, que não levantaria problemas; mas a um estranho, mesmo que recomendado por quem dava garantias, seria sempre um risco.

Por essa ou outras razões menos confessáveis, as cartas de chamada, não só eram difíceis de obter, como podiam custar caro. Quem as assinava exigia por vezes um depósito bancário, espécie de garantia cautelar, que serviria mais tarde para liquidar despesas eventuais de retorno...

Sob a ditadura de 1926, saída da Revolução do 28 de Maio, Portugal tinha então à frente do Governo o Doutor António de Oliveira Salazar, que fora convidado a pôr o país na ordem.

Para o Professor de Finanças da Universidade de Coimbra, «pôr o país na ordem» significava na altura acabar com os desmandos dos governos anteriores; significava simultaneamente sujeitar a Imprensa e a Rádio aos Serviços de Censura, calar a Oposição, fundar e desenvolver um Estado Corporativo. Ninguém duvida hoje de que isso garantiu a solidificação do regime, conseguiu terminar com a desorganização e a anarquia políticas existentes, mas não resolveu o problema nacional de fundo, que era ultrapassar o atraso económico, social e cultural herdado do passado.

Portugal continuava a ser um país rural, predominantemente analfabeto, onde a maior parte da população laboriosa trabalhava de sol a sol, sem ganhar o suficiente para comer, vestir e ter habitação condigna. Num território desprovido de ferro, carvão e outras matérias-primas essenciais, a Revolução Industrial dos Séculos XVIII e XIX estava ainda por acontecer, à excepção do que ocorria nos têxteis e em poucos mais sectores de actividade.

Se a situação era má nos campos, não era melhor nas cidades. A população anónima auferia salários modestíssimos, empregava-se sobretudo no Comércio, habitando residências onde faltavam muitas vezes a casa de banho, a água canalizada e outros confortos mínimos. Mesmo Lisboa e Porto, apesar da sua importância, não escapavam à regra.

Deixando para trás todas essas insuficiências, as pessoas de espírito aventureiro emigravam em busca de um futuro menos sombrio. O país esvaía-se numa hemorragia demográfica impa-

rável, escoando para fora das fronteiras milhares de nacionais. Qualquer apuramento estatístico da época é esclarecedor e revela ainda hoje as proporções do facto.

O Brasil, mas também Angola e Moçambique eram os destinos preferidos: demandá-los na procura do êxito ambicionado, conseguindo assim apagar da memória as agruras anteriores, mobilizava até aqueles que não conseguiam arranjar coragem para mais nada.

Motivo igualmente forte para sair de Portugal era a Europa encontrar-se à beira da II<sup>a</sup> Grande Guerra. Depois da ocupação da Renânia e da anexação da Áustria, a Alemanha de Hitler progredia na apropriação de outros territórios, reclamando o espaço vital indispensável aos seus propósitos expansionistas. Pouca gente acreditava já que a Sociedade das Nações criada pelo Tratado de Versalhes, apesar das diligências repetidas de intermediação, conseguisse evitar o conflito. Este não tardaria com certeza.

6

Depois de ir com a tia Maria do Patrocínio comprar roupa na Rua dos Fanqueiros, que arrumou numa mala de cartão reforçado, Sebastião preparou-se para a partida. Debatia-se agora com sentimentos contraditórios: ora queria que o tempo parasse, para não ter de ir embora, ora que os dias acabassem depressa, para não ter de ficar à espera. Porque não voltara mais às aulas, passava os dias em casa, sentado no sofá da sala-de-estar, sem saber o que fazer.

Um dia antes de embarcar, foi com o tio Felisberto ao cemitério dos Prazeres. Vestido com o fato cinzento acabado de comprar, levava na mão dois ramos de flores, que deveria pôr nas campas dos pais. A manhã estava fria e agreste, como acontecia frequentemente em Dezembro. Cinzento cor de chumbo, o céu parecia mais baixo e ameaçava chuva de um momento para o outro.

Felisberto e Sebastião entraram no carro eléctrico tão silenciosos como tinham saído de casa, cada um lembrando para si as mortes trágicas de João Alberto e Maria Rosa.

Felisberto tinha saudades da irmã e do cunhado, com os quais convivera muito intimamente. Tinha saudades, tinha, mas também uma mágoa imensa por não lhes respeitar agora a memória, expulsando o órfão de casa, sabia lá se para bem, sabia lá se para mal.

Quanto mais o tempo passava, tanto mais ele se arrependia de ter concordado com Maria do Patrocínio. A mulher não perdia aquela mania de andar sempre de lápis e bloco na mão a fazer contas: tanto para isto, tanto para aquilo, poupa uns tostões aqui, poupa uns tostões ali. Que diabo! O dinheiro não abundava de facto, mas nada de exageros...

Sem justificações nem subterfúgios, lamentava tardiamente o sucedido; reconhecia que não fizera valer a sua opinião e se acobardara; para evitar desavenças, não expusera sequer os seus argumentos. Que pecado!... Sentia-se nesse momento tão envergonhado que não conseguia fitar o sobrinho de frente.

Já no cemitério e enquanto avançava pela alameda de ciprestes, Sebastião tentava recordar as feições dos pais. Mas em vão. Ao fim daqueles três anos, os rostos de João Alberto e Maria Rosa haviam perdido toda a nitidez; vagos e sem contornos, eram como manchas indefinidas, à maneira dos borrões de tinta que os aparos das canetas deixam no papel quando vêm a pingar dos tinteiros.

Não se lembrava realmente dos rostos dos pais: nem dos olhos, nem do nariz, nem da boca, apenas da voz da mãe, que persistia e murmurava carinhosamente na memória:

— Meu menino, lindo, lindo!

Sentado no cadeirão forrado de pele, João Alberto fingia que desaprovava o elogio. Levantava os olhos do jornal e dizia:

— Enches esse miúdo de mimo. É um exagero, é de mais! Maria Rosa encolhia os ombros:

— Qual de mais! Eu gosto!

Felisberto interrompeu as evocações do sobrinho. Olhando para o céu que escurecia, observou:

— Temos de acelerar o passo. A chuva vem aí.

Fez uma pausa e continuou:

— Tu é que te vais livrar brevemente deste tempo ruim. Sabes que em África se está agora no Verão? Faz lá um calor dos diabos...

Sebastião percebia a intenção do tio. Percebia e até compreendia. Mas a verdade é que não estava disposto a fazer de conta que se interessava por aquela informação.

Sem disfarçar o que sentia, respondeu em tom peremptório:

— Sim, eu sei. Aprendi isso nas aulas. Um professor explicou-me.

Viraram à direita e seguiram depois pelo corredor estreito que levava ao talhão onde João Alberto e Maria Rosa estavam sepultados.

Felisberto pareceu ficar surpreendido com o que viu. Exclamou:

— Como isto está, meu Deus! Tudo tão abandonado! Nem sequer se deram ao trabalho de arrancar a erva. Que tristeza!

Tinha razão. As duas campas estavam mesmo maltratadas. Sem qualquer protecção de alvenaria, com as esquinas dos aterros desgastadas pela erosão, ameaçavam abater de um momento para o outro.

Felisberto despiu o casaco, arregaçou as mangas da camisa até aos cotovelos e pôs-se de cócoras. Com os dedos peludos das mãos enormes, começou bruscamente a arrancar do chão as ervas invasoras.

Não se cansava de repetir:

— Que tristeza!

Voltou a acusar-se. Era em parte responsável por aquela deterioração. Não ia ali com frequência, não untava as mãos dos coveiros com um centavo. De que estava à espera?

Acabada a tarefa, levantou-se, desceu as mangas da camisa e vestiu de novo o casaco. Sobre cada aterro, colocou então os ramos de flores, ajeitando com ternura algumas hastes que pareciam soltas.

Disse depois:

— Vamos agora rezar um Pai Nosso, uma Avé Maria e uma Glória pelos nossos queridos defuntos.

Benzeu-se e principiou:

— Pai Nosso, que estais no Céu...

Com os braços cruzados sobre o peito, Sebastião recitava a parte da oração que lhe cabia. Não se enganava nas fórmulas, pronunciava as palavras que devia dizer, mas parecia ausente:

— Avé Maria, cheia de Graça...

De repente, como prometera desde o princípio da manhã, a chuva começou a cair. Batida pelo vento que soprava do Norte, vinha às bátegas, fustigando e encharcando tudo.

As pessoas abandonaram depressa o cemitério. De guarda-chuvas abertos e virados para a frente, saíram a correr pelos portões que davam para a via pública.

7

Portugal tem um clima mediterrânico, que é caprichoso. Tanto faz sol no Inverno quanto chove no Verão. E tudo isso de uma hora para a outra, sem surpresa para os que se habituaram a conviver com uma meteorologia tão volúvel.

Depois da chuva copiosa que caíra durante a noite, um sol radioso acordava Lisboa nessa manhã. As paredes dos edifícios, as ruas, as praças, até as árvores desfolhadas dos passeios, desfaziam-se agora do tom cinzento e triste da véspera.

Na Calçada da Estrela, muito perto da Assembleia Nacional, Maria do Patrocínio abriu a janela do quarto do prédio de gaveto onde morava. Deitou a cabeça de fora e concluiu o que era mais do que evidente:

— A manhã está hoje uma beleza.

Achando que o comentário vinha a propósito, virou-se para Sebastião e acrescentou:

— Estás com sorte. São Pedro não quer que deixes Portugal molhado até aos ossos.

Junto da mala onde levava tudo o que tinha, o sobrinho permaneceu calado; meneando a cabeça em sinal de assentimento, esboçou um sorriso contrafeito.

Felisberto apareceu daí a pouco. Entrou em casa de afogadilho, mas não fechou a porta. Com o rosto fechado, enquanto se assoava, informou:

— O táxi está lá fora, à espera. Temos de ir embora.

Olhou para Sebastião e disse:

— Vá, despede-te da tia e dos primos.

Sebastião sentiu como que um baque no peito. Tinha a garganta seca, como quando parava ao fim de uma corrida para apanhar o eléctrico. Não estava com sede, mas com medo; iria mesmo partir para África. Não alimentava já sobre isso qualquer dúvida. Ao fim daquele dia, estaria muito longe dali...

Não queria dar parte de fraco. Piscou os olhos duas, três, quatro vezes, para conter as lágrimas que pareciam vir aí. Mais com raiva do que com vontade, cerrou os dentes, esticou os braços ao longo do corpo e disse-se com a determinação que foi buscar não sabia onde: «Não vou chorar!, não vou chorar!, não vou mesmo!»

Felisberto insistiu:

— Temos de ir embora.

Maria do Patrocínio avançou dois passos e baixou a cabeça, para beijar o sobrinho. Ela fora a grande, a principal, talvez a única responsável pela decisão tomada. Não era hipócrita nem tentava enganar-se sobre isso. Fizera só o que achara certo, o que considerara necessário. Tinha pena, mas a vida era assim.

— Que sejas feliz. Quando chegares, escreve-nos, a dar notícias.

Com mais dois beijos, Sebastião despediu-se dos primos. Sem dificuldade (o peso não era grande), pegou na mala e olhou depois para o tio:

- Estou despachado, podemos ir.

Cabisbaixos, um à frente do outro, os dois saíram de casa.

O taxista esperava encostado ao carro. De pé, barrete na cabeça, quis ser simpático e meteu conversa:

— Então o menino é que vai de viagem para Angola? Sim, senhor! Um menino de coragem. Desejo que vá com Deus. E que volte rico. Muito rico!

Felisberto e Sebastião não reagiram àquelas observações, nem a outras que vieram logo a seguir:

— Ora aí está uma viagem que deve ser interessante. Se fosse mais novo e não estivesse casado, eu iria também.

Confessou em voz baixa, com receio de ser ouvido por algum agente da Polícia Secreta<sup>(\*)</sup>:

28

<sup>(°)</sup> Remontando a 1926, a chamada *Policia Secreta* foi reorganizada pelo regime do Estado Novo a partir da década de 30. Designada de início por *Policia de Vigilância e de Defesa do Estado* (PVDE), transforma-se em 1945 na *Policia Internacional e de Defesa do Estado* (PIDE), especialmente encarregada de vigiar os que se opunham ao Governo da ditadura.

— Não sei ao certo se Salazar tirará este país da miséria. Hum!... Tenho cá as minhas dúvidas. O que a gente precisava actualmente, custasse lá o que custasse, não era de um homem de leis, mas de armas, tão valente e aprumado como o Sidónio Pais, que Deus haja!

Felisberto achou que parecia mal continuar calado. Ainda que pouco ou nada interessado pelo assunto, tinha de dizer qualquer coisa, pelo menos como prova de cortesia.

Sem parecer muito convencido das suas palavras, comentou evasivamente:

— Pois é, é isso... Isto está um pouco melhor, mas continua mal. Sair do país pode ser a solução. Provavelmente, quem sabe?...

O táxi arrancou e iniciou o percurso adequado: depois de descer a Calçada da Estrela, meteu pela Avenida Dom Carlos I, passou ao lado do Largo Vitorino Damásio, contornou o Jardim de Santos, entrou na Avenida da Índia, parou finalmente no cais da Rocha Conde de Óbidos.

8

A saída dos paquetes para África juntava sempre no cais uma multidão de gente oriunda de diversos lugares do país, comungando em conjunto a saudade antecipada, quer dos que partiam, quer dos que ficavam. Em grupos compactos, homens, mulheres e crianças traziam consigo a bagagem que deviam levar nos camarotes. Acompanhados de parentes e amigos, conversavam sobre tudo e sobre nada, convencendo-se ou tentando convencer-se de que nenhuma coisa especial estava então para acontecer.

Conforme as horas passavam, à maneira das ondas do mar que crescem antes de rebentar na praia, o sentimento de perda que todos partilhavam arrancava de alguém um grito, uma exclamação, um soluço, e toda a multidão presente, até aí aparentemente calma, se agitava, começava a chorar, clamando entre abraços e lágrimas «Meu filho!, meu filho!», ou «Meu pai!, meu pai!», ou «Minha mãe!, minha mãe!», incapaz de calar por mais tempo a dor da separação.

Vestida de negro da cabeça aos pés, uma mulher idosa não se cansava de afagar o rosto de um adolescente, de que era talvez avó. Comovendo quem presenciava a cena, apertava-o contra o peito, rodeava-lhe o pescoço com os braços, enchia-lhe a face de beijos. Não dizia nada, mas percebia-se logo que estava convencida de que se despedia de quem não voltaria a ver; com os olhos devorando as feições do jovem, tentava guardar na memória a imagem desse seu enlevo, que em menos de uma hora, breve, breve, estaria longe dali.

Com alguma dificuldade, Felisberto e Sebastião descobriram Armando no meio daquela gente agitada. Alto como era, com a cabeça acima dos que se encontravam à volta, ele esperava junto ao portão central, acompanhado da mulher e dos filhos («Eles insistiram, insistiram, quiseram vir despedir-se», explicou de imediato).

— Começava a ficar preocupado com a demora. Algum problema?

Felisberto respondeu que não: tudo estava em ordem, pedia desculpa pelo atraso, mas suara as estopinhas para apanhar um táxi.

Armando perguntou a Sebastião:

— Então, rapaz, estás pronto?

Reparando na mala, acrescentou:

— Tens tudo aí? Podemos embarcar?

Sebastião afirmou que sim: estava pronto, podia embarcar imediatamente.

De rosto crispado, não por estar zangado, mas angustiado,

Armando olhou longamente a mulher e os filhos, bateu os pés no chão, todo ele balançou no corpo desengonçado, dizendo por fim aquilo que não queria:

— Bom, então vamos lá. Tem de ser, são horas.

Fitou Sebastião:

— Não podemos esperar mais...

Fazendo das tripas coração, como lembraria depois, Maria Ernestina contivera-se até esse momento; mas daí em diante, incapaz de calar o seu desgosto, cedeu à emoção e começou a chorar convulsivamente. Agarrada ao marido, garantia que ficava abandonada à sua sorte, posta de lado que nem um trapo inútil.

Perguntava pateticamente:

— E agora? Como vou viver? Como darei conta de tudo sem a tua ajuda?

Armando aceitou sem protestar aqueles desabafos. Tinha de compreender: a mulher nunca ficara só, estava certamente preocupada e com medo.

Felisberto e Sebastião despediram-se também com emoção. Achando que não tinham mais nada a dizer um ao outro, tio e sobrinho trocaram em silêncio um abraço derradeiro.

Uma fila de gente continuava a subir para o convés da proa pela escada móvel destinada aos passageiros de 3ª Classe. Carregados de malas e volumes de mão, todos avançavam lentamente até cima.

Pela chaminé com as listas verdes e brancas distintivas da Companhia, o «João Belo» deixava escapar para o ar o fumo da casa das máquinas, evidenciando bem que estava prestes a zarpar. Desde a véspera, carregava no bojo as bagagens de porão, bem como mercadorias diversas para os portos onde faria escala. Como outros que repetiam periodicamente a mesma rota, fora buscar o nome a quem tivera um dia responsabilidades na vida política do país: no seu caso concreto, a um oficial

de marinha nascido em Leiria, Ministro das Colónias doze anos antes.

Depois de algum esforço, por entre apertos e encontrões, Armando e Sebastião começaram também a subir a escada móvel. Armando ia à frente, a abrir caminho, mas parava frequentemente: olhava então para trás, tentava descobrir entre a multidão a mulher e os filhos, aos quais acenava outro adeus. Maria Ernestina continuava certamente a chorar e a perguntar «E agora? Como vou viver?». De tão longe, ele não a via já com a nitidez de há pouco; não lhe conseguia ouvir, mas apenas adivinhar esses lamentos.

Um grumete fardado a rigor percorria os tombadilhos com um gongo na mão, onde batia para avisar que o navio se preparava para deixar o cais.

À maneira de uivos imensos, tão demorados quanto lúgubres, as sirenes começaram a tocar. Ainda mais compactadas entre si, as pessoas que se encontravam em terra puxaram de lenços brancos: tal como faziam em Fátima, acenavam desta vez, não à Virgem da Cova da Iria, mas às mães, aos pais, aos irmãos, aos noivos, aos parentes e aos amigos debruçados na amurada. De vez em quando, um grito lancinante, até uma blasfémia ou uma maldição, que um ou outro não conseguia nem queria calar.

Um rebocador veio tirar o navio do porto, que se foi afastando: primeiro lentamente, muito lentamente, depois mais depressa, muito mais depressa, até ficar apontado para o rumo conveniente. Quem estava a bordo podia ver agora melhor, não apenas aqueles que estavam na gare, mas também a cidade, que ficava por trás.

À luz da manhã soalheira (nem parecia que se estava em Dezembro, a duas semanas do Natal), Lisboa era cada vez mais ela: deitada nas sete colinas, com o Terreiro do Paço à direita, a Torre de Belém e os Jerónimos à esquerda; tão cada vez mais

ela como à noite, na Alfama e na Mouraria, os fadistas a cantavam e lhe prestavam culto.

Desembaraçado das amarras e finalmente liberto do rebocador, os hélices deixando no Tejo um rasto turvo de espuma, o «João Belo» navegou a caminho da barra, para entrar depois no mar alto, e daí, como fazia regularmente, largar em África a esperança ou o desespero daqueles que transportava consigo.

### EM BUSCA DO FUTURO

Armando e Sebastião desceram pela escada íngreme de acesso ao camarote onde deviam ficar alojados nos dezoito dias seguintes.

Conforme avançavam pelo corredor, um cheiro intenso de tinta e comida requentada entrava-lhes pelas narinas, provocando em ambos uma sensação de náusea. Outros passageiros vinham em sentido contrário, como em fila indiana, e o espaço de circulação era tão estreito que todos tinham de se pôr de lado, encostados às paredes, para dar passagem.

De testa franzida, Armando comentou:

— Isto é apertado que se farta! Temos de andar aqui à vez.

Os dois companheiros de viagem com quem deviam compartilhar o camarote estavam já instalados e conversavam animadamente.

De malas na mão, Armando atravessou a porta, cumprimentou os presentes, tentando adivinhar quais os beliches que se encontravam livres.

Com o rosto redondo de lua cheia, o cabelo empastado de brilhantina, o bigodinho ralo sobre o lábio, um homem de meia idade foi efusivo na saudação:

— Fazem o favor de entrar! Estão em vossa casa...

Deu um passo em frente, estendeu a mão e apresentou-se em tom cordial:

— Firmino Correia da Silva, nascido e ex-morador em Castelo Branco, um criado à vossa disposição.

Tão à vontade e a par de tudo se mostrava que parecia até estar ali havia muito tempo.

Armando agradeceu a cortesia. Querendo corresponder à recepção, disse por sua vez quem era: como se chamava, que ia para Angola, para o Lobito, acompanhado de Sebastião, sobrinho de um amigo de muitos anos.

Firmino abriu um sorriso enorme. Sem se calar um instante, levantou a mão, esticou o dedo e apontou:

- Os lugares vagos são estes, um em cima, outro em baixo, com direito aos armários respectivos. Ponham-se à vontade. Sempre atencioso, sugeriu:
- O rapaz ficará certamente melhor no beliche de baixo. Se cair durante a noite (longe vá o agouro!), o trambolhão será pequeno...

Pedindo desculpa pela intromissão, acrescentou:

— Os amigos é que sabem. Isto cada um tem as suas preferências...

A sugestão era razoável, pelo que foi aceite. Armando e Sebastião ocuparam os beliches conforme a recomendação, abriram as malas, tiraram de lá a roupa, que começaram a arrumar nos armários.

Firmino retomou de imediato a conversa anterior. Falava com um alentejano de Barrancos, Manuel Carrapito, que declinou o nome informando logo que gostava de ser chamado de Manel:

— Só Manel, sem Carrapito.

Ainda de chapéu na cabeça e colete de surrobeco sobre a camisa, o homem parecia pouco interessado no que estava a ouvir. Com a voz cantante que aprendera desde criança, arrastava a sílaba final de cada palavra e respondia de vez em quando às perguntas em série do seu interlocutor.

Firmino contava a história de um amigo («Por acaso gente boa, sujeito de contas certas, incapaz de intrujar alguém!»), que perdera na Justiça uma demanda de partilha de terras, só porque entregara o processo a um advogado incompetente, que pensava com os pés...

— Que acha disto, sô Manel? O infeliz perdeu a causa, pagou as custas e passou por parvo ainda por cima. Acha bem, sô Manel?

Tão insistentemente interpelado, Manuel Carrapito teve de dar a sua opinião:

— Acho maleee, foi erradooo.

De novo com uma pergunta e duas interjeições, Firmino concordou:

- Mal? Péssimo! Escandaloso!

Preparava-se para contar outra história, agora a propósito de uma caçada às perdizes em que participara com o cunhado; mas como haveria de suceder muitas vezes daí em diante, o gongo de bordo tocou para o almoço.

Firmino voltou a tomar a iniciativa:

— Ora ainda bem. Vamos à paparoca, que se faz tarde.

Olhou para Sebastião e aconselhou:

— Começa por comer bem, rapaz! De barriga cheia, não enjoas. Podes crer. Eu sei...

2

O cheiro intenso a tinta e a comida que tomava conta dos corredores era mais intenso conforme as pessoas se iam aproximando da sala de jantar. A tripulação habituada a navegar declarava com razão que só aqueles que resistiam a esse odor e ao balanceamento do navio eram gente feita para o mar, porque não enjoava nem «chamava pelo Gregório» (ou seja, não vomitava).

Os passageiros que viajavam com as famílias sentavam-se

perto uns dos outros, se possível na mesma mesa. Os criados vinham então da copa, fardados de jaquetão branco e calças pretas, trazendo primeiro as terrinas de sopa, depois os pratos de peixe e de carne, finalmente as taças de fruta. Enfim, tudo o que constava dos *menus* impressos em cartolina, dobrados e encostados às jarras de água.

Alguém protestou quando leu que a sobremesa era «fruta verde»:

— Era o que mais faltava! Eu quero é fruta madura, como deve ser!

Firmino ouviu o protesto e quis logo esclarecer: que o amigo (ele chamava amigo a toda a gente) não se preocupasse, porque fruta verde queria dizer apenas fruta da época, como laranjas, maçãs, pêras, pêssegos, etc., etc., e não que a dita estivesse ainda imprópria para consumo.

— O amigo percebeu?

Tal como recomendara a Sebastião, comia fartamente, para evitar percalços. Serviu-se da canja de galinha, de duas postas de peixe com batatas, de três fatias de carne com arroz, tudo bem regado com vinho tinto.

Limpava os lábios ao guardanapo e não escondia a sua satisfação:

— Isto está bom! Muito bom! Um pitéu!

Insistia com Sebastião:

— Come, rapaz, come à vontade. Não te acanhes, segue o meu conselho.

Parecia insaciável. Até que de repente, sem ele mesmo perceber porquê, sentiu-se mal: suores frios afloraram-lhe ao rosto, viu a sala andar à roda, uma agonia imensa sacudiu-lhe o estômago. Tão ligeiro quanto pôde, pôs-se de pé, cambaleou até à porta de saída, mas começou a vomitar às golfadas antes de lá chegar.

Manuel Carrapito veio logo em socorro do companheiro de

camarote. Sem saber o que fazer naquela situação, um pouco comprometido, disse apenas:

— Então, então?...

Armando trocou um sorriso cúmplice e trocista com Sebastião. Para quem se revelara tão conhecedor da arte de marear e evitar enjoos, aquele desfecho era imprevisível e tinha o seu quê de caricato.

Um homem de balde e esfregona na mão entrou na sala e veio limpar a pasta regurgitada que secava no pavimento. Certamente habituado a fazer isso muitas vezes, não se mostrava repugnado com a tarefa.

Sebastião pousou os talheres no prato e foi incapaz de acabar a refeição. Ele sim, estava enojado com o que presenciara. Ansiava por levantar-se da mesa, sair depressa lá para fora, ir para o tombadilho tomar ar. Não se incomodava apenas com a recordação do incidente, mas também por verificar que mais ninguém perdera o apetite.

3

A vida a bordo tinha as suas regras, quer para os tripulantes, quer para os passageiros.

A primeira exigência, que se tornava evidente desde o momento do embarque, dizia respeito ao espaço disponível: os passageiros não podiam ultrapassar os limites da parte do paquete a que tinham direito pelo preço do bilhete. Na proa, viajavam os que iam em 3ª Classe; na popa, os que iam em 2ª; entre uma e outra, os que iam em 1ª.

Para além de outras razões igualmente importantes, esta localização tinha a ver com a comodidade que as três secções estabelecidas facultavam durante a navegação. Se o mar se encapelava e sacudia o navio, era especialmente sobre a proa, mas também sobre a popa, que a violência da água produzia os seus efeitos.

As classes não se distinguiam apenas por isto. Desde a alimentação aos camarotes, das salas de estar aos tombadilhos, do tratamento às atenções prestadas pelo pessoal de serviço, tudo era diferente.

A alimentação da 3ª Classe podia ser saborosa, bem confeccionada, mas não se comparava à que davam na 2ª, menos ainda à que davam na 1ª. Faltava-lhe a variedade, a apresentação, o requinte, tudo aquilo que distingue uma culinária sofisticada de uma cozinha de rancho. Para destacar essa distinção, alguém observava a propósito que numa se matava a fome, na outra se deliciava o paladar. O que era realmente verdade.

Tal como a alimentação, as instalações não se confundiam. Nos camarotes de 1ª Classe, havia camas em vez de beliches, as colchas e os lençóis eram de tecido fino e não de algodão grosseiro, as paredes cobriam-se de madeira e não de tinta, a iluminação do tecto jorrava de candeeiros e não de lâmpadas nuas.

Quem beneficiava de tantas comodidades tinha ainda à sua disposição um sem fim de distracções para entreter o tempo: salas de convívio para conversar, ler e jogar as cartas, um bar repleto de bebidas, uma orquestra que tocava durante as refeições e animava os bailes depois do jantar. A viagem transformava-se assim num prazer quotidiano repetido, de tal modo que as pessoas recordariam sempre com saudade os dias aí passados.

Assumindo que tais privilégios cabiam só àqueles que pagavam à Companhia a quantia requerida para tanto, nos portalós de acesso da proa e da popa, uma tabuleta rectangular avisava em letras garrafais: RESERVADO AOS PASSAGEIROS DE 1ª CLASSE.

Quando os paquetes faziam escala no Funchal e em São Tomé, onde permaneciam algumas horas, todos os portalós se abriam, as pessoas podiam circular livremente e avaliar assim como estavam a ser discriminadas. À maneira um tanto ingénua de denunciar que isso era injusto, invadiam então o espaço proibido: entravam nas salas de convívio, pediam no balcão do bar as bebidas que se vendiam aí, deitavam-se ao comprido nas espreguiçadeiras do tombadilho, fingindo que tinham esse direito.

Esse jogo de faz-de-conta era tão efémero quanto a duração da paragem. Logo que o navio levantava âncora e rumava para o destino seguinte, os portalós de proibição fechavam-se de novo e tudo voltava ao mesmo.

Já de regresso ao espaço próprio, aqueles que tinham participado na transgressão não se cansavam de manifestar a sua surpresa:

— Um luxo! Não lhes falta nada, absolutamente nada. Só visto!...

Em tom crítico, um ou outro acrescentava aos comentários elogiosos:

— E nós? É justo? Uns tratados como filhos, outros como enteados?...

Concluía filosoficamente:

— É sempre assim. Neste mundo de Deus, cada homem vale pelo dinheiro que tem.

Todos concordavam:

— Pois vale. Os ingénuos que se desiludam.

4

Depois de dois dias de viagem no oceano turbulento que caracterizava aquela época do ano, o «João Belo» aproximou-se da Madeira.

A algumas milhas de distância, a ilha surgia lá à frente como uma nuvem no horizonte: de início com contornos indefinidos, depois mais nítida, até aparecer completamente emersa da água, tal como João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira a acharam no Século XV. Anunciando desde logo o seu relevo acidentado, destacava-se contra o céu que ficava por detrás.

Conforme se podia descortinar do navio, o casario arrumava-se sobre a encosta que nem num presépio de Natal. Maiores ou menores, os prédios de residência e de actividade comercial, uns aqui, outros ali, com as paredes brancas e os tectos vermelhos, tomavam harmoniosamente conta da paisagem. Entre todos e batida pelo sol luminoso da manhã, a vegetação luxuriava de verde, tão diversa e variada que ia das espécies preponderantes de origem mediterrânica a algumas oriundas de regiões tropicais. Na época própria, a uva, a laranja, a maçã, o pêssego e o figo, mas também a banana, a anona, a manga, o abacate e a cana-de-açúcar, medravam lado a lado, bebiam da mesma água e alimentavam-se do mesmo solo, parecendo até que tinham necessidades idênticas.

A cidade do Funchal ia também ganhando forma cá em baixo, com a baía à frente onde os navios deviam estacionar; de minuto para minuto, deixava perceber quanto era bela e encantadora. Pelo muito que os olhos conseguiam divisar, não custava compreender por que tantos turistas abandonavam países e climas mais agrestes e vinham todos os anos passar ali as suas férias.

Ainda o «João Belo» não lançara a âncora, já os bomboteiros vindos de terra nas suas embarcações minúsculas, atulhadas de produtos da ilha, apalavravam com os passageiros debruçados na amurada a venda de uma mesa de verga, uma cadeira ou um bordado.

De tronco tostado ao léu e indiferentes ao frio que fazia,

rapazes quase crianças reclamavam aos gritos uma moeda (diziam no seu sotaque carregado «Uma moedanha!, uma moedanha!»). Com os braços levantados, gesticulavam muito, tentando chamar a atenção. Se alguém se mostrava generoso e lançava de cima a peça solicitada, eles mergulhavam logo no mar e iam apanhá-la a poucos metros de profundidade. Franzinos e ágeis como rãs, voltavam depois ao barco e recomeçavam a pedinchice.

Firmino estava preparado para ir a terra e parecia já esquecido dos enjoos que não conseguira evitar. Com a insistência e a argumentação habituais, tentava convencer Manuel Carrapito das vantagens de fazer aquela visita:

— Sô Manel, sô Manel, é como lhe digo: não devemos perder esta oportunidade. Uma ocasião assim não surge todos os dias, e nós temos de aproveitá-la sem mas nem meios-mas. Nada de hesitações!

Manuel Carrapito mostrou-se de início pouco entusiasmado. Arriscou timidamente:

— Não sei se vá... Ir ver o quê?

Sempre informado, Firmino arregalou os olhos e reagiu de imediato:

— Ver o quê?! Ora essa! Ainda pergunta? Tanta coisa, sô Manel, tanta coisa!...

Não explicitou que coisas eram, mas garantiu isso com tanta firmeza e convicção que ninguém podia pôr a afirmação em causa.

Convencido de que não conseguiria demover o seu interlocutor e mais para evitar explicações, Manuel Carrapito acabou por aceder:

- Pois sim, eu vou.

Firmino observou com satisfação:

— E faz bem, muito bem. Vai ver como dará por bem empregue o dinheiro da despesa.

Quem se não deixou persuadir pela argumentação foi Armando, que disse logo peremptoriamente que não queria desembarcar.

Firmino garantira a Manuel Carrapito que fazia bem, muito bem; provando ser consequente, assegurou a Armando que fazia mal, muito mal:

— Faz mal, muito mal.

Olhando para Sebastião, perguntou:

— E o rapaz? Pode vir connosco?

Armando disse de novo que não.

— Ele fica comigo.

Sebastião congratulou-se com a decisão. Pelo menos durante quatro ou cinco horas, safava-se daquela verbosidade imparável. Firmino parecia que tinha corda e não se calava nunca: corria já entre os companheiros de mesa que ele era um «banha da cobra», um «fala barato», um «caga lérias». Para tudo, não importava o quê, tinha pronta uma história, uma opinião, um conselho.

Pela escada arriada ao lado do casco, os passageiros começaram a descer para as lanchas, que ronronavam nos motores lá em baixo e levantavam à ré cordões finos de espuma. Algumas senhoras medrosas agarravam-se aos maridos e faziam uma cena antes de saltar da plataforma. Ao fim de duas ou três hesitações, põe o pé, tira o pé, volta a pôr, volta a tirar, aos gritos, «Não vou conseguir!, não vou conseguir!», acabavam por transpor o obstáculo e entrar na embarcação.

Já completamente cheia, a lancha afastava-se. Agora com o motor acelerado e nas mãos experientes do condutor, fazia marcha-atrás, recuava em círculos alguns metros, mudava depois de direcção. Com a proa finalmente apontada para a cidade, iniciava a travessia.

Os bomboteiros subiam para o navio e expunham os produtos ao longo dos tombadilhos. Por algum acordo estabelecido, cada um ocupava rapidamente o seu lugar. Chegava aí carregado de mercadoria, que distribuía à volta com a ajuda de um sócio ou de um parente. Começava logo a desafiar os fregueses, adoçando as palavras nas formas diminutivas:

— Patrãozinho, patrãozinho, que diz a esta mesinha tão perfeitinha?

A mercadoria era um amontoado confuso. Havia aí de tudo: artefactos de verga (cadeirões, mesas e cestos), que vinham do Funchal e da Camacha, entrançados pacientemente por quem não tinha outra fonte de rendimento; bordados de tecidos finos (blusas, toalhas e lenços), que mãos delicadas de mulher criavam artisticamente para dar prazer aos olhos; vinhos de produção local (secos, meio-secos e doces), herdeiros legítimos daquele que Napoleão pedira para beber à hora da morte; objectos diversos de madeira (caixas de costura, relicários e estojos para baralhos de cartas), bons para oferecer a alguém como recordação da ilha; muitas coisas mais, que se vendiam ao fim de um regateio demorado e sempre caloroso.

Armando interessou-se por uma espreguiçadeira de verga, daquelas que estendiam para a frente um suporte para assentar os pés, cujo espaldar indicava em cima a proveniência e a data de fabrico: MADEIRA, 1938. Mas como guardar no camarote uma peça tão grande? Quando e através de que portador enviar uma coisa assim para Lisboa?

Reconhecia que a ideia não era má, embora complicada; pior ainda, difícil de pôr em prática.

Condicionado por essa restrição, mas desejoso de comprar qualquer coisa para presentear a família, ficou-se por uma blusa de seda e dois pares de botinhas de calfe com o cano debruado a vermelho, que Maria Ernestina e os filhos receberiam mais tarde.

Pouco abonado da bolsa, Sebastião não comprou nada. Tentou-se ainda por um cinzeiro de fundo lavrado, onde um homem dançava de gorro na cabeça e perna levantada. Uma prenda mesmo a calhar para o tio Felisberto.

Desistiu depressa da ideia. A mandar fosse o que fosse, deveria mandar para todos: para os primos, mas também para a tia. E com ela, tinha de ser sincero, não gastaria um tostão. Nem um!

Um casal inglês da 1ª Classe (ela uma mulher esgrouviada de cabelo ruivo, camafeu de marfim na gola do casaco; ele um homem anafado de pele rosada, anel de brasão no dedo mindinho) é que não se cansava de gastar dinheiro. Nenhum discutia o preço: abria a carteira e pagava generosamente cada compra, que ambos classificavam, ora de «very beautiful!», ora de «very pretty!».

Firmino e Manuel Carrapito voltaram para bordo quase ao fim da tarde.

Depois de despejar no camarote os embrulhos que trazia, Firmino falou da visita, do muito que vira e apreciara, não escondendo a sua satisfação:

— Valeu a pena. Sim, senhor! Aquilo é um regalo de encher o olho!

Para confirmar o que dizia, virava-se para Manuel Carrapito e perguntava:

— Não tenho razão, sô Manel? Aquilo não é uma belezura, uma maravilha?

Menos entusiasmado, Manuel Carrapito encolhia os ombros; ao fim de duas ou três insistências, concordava:

— Lá isso é...

Firmino recordou cada momento acabado de viver. Passando

os dedos pelo bigodinho ralo, recheava as descrições com pormenores e observações a propósito.

Lembrou especialmente a ida ao Pico dos Barcelos, a subida até ao topo, onde pôde ver a cidade lá em baixo, toda a baía, com o «João Belo» ancorado. Relatou a visita à Igreja de Nossa Senhora do Monte e a descida nos carros de cesto, que deslizavam ruidosos pelo pavimento, um carreiro de cada lado puxando as guias, de modo a conduzir a geringonça por percursos alucinantes de arrepiar a espinha.

— E os vinhos que a gente provou, sô Manel? Aquilo eram tantas variedades que se perdia a conta.

Armando observou nesse momento, corrigindo:

— Tantas variedades não é bem...

Como aprendera ao longo dos anos, quando repunha as provisões na garrafeira da mercearia, explicou:

— Vinhos, vinhos, são apenas quatro, cada um especialmente marcado por determinada casta de uvas: o Seco, pela Sercial; o Meio Seco, pela Verdelho; o Doce, pela Malvazia; o Meio Doce, pela Boal.

Firmino não esperava aquela explicação tão completa. Apanhado de surpresa e confundido por instantes, justificou de seguida o seu lapso:

— Exactamente. Era isso o que eu ia referir agora...

6

Com o céu limpo de nuvens e coberto de estrelas, ao contrário do que era habitual nessa época do ano, a noite descia já sobre a ilha quando o «João Belo» levantou âncora.

Se durante o dia, com o casario a descer pela topografía do terreno, a Madeira lembrava já um presépio, durante a noite, com as luzes bruxuleantes em cada habitação, uma aqui, outra ali, outra acolá, trazia mais à memória essa comparação. Envolvido completamente pelo negrume das trevas, o verde luxuriante da vegetação passava agora despercebido, mas cada lâmpada acesa, talvez numa sala, numa varanda ou na via pública, irradiava halos e reverberações à volta que não deslumbravam menos.

Manobrando de novo para retomar a rota que trazia de Lisboa, o «João Belo» deixou lentamente a baía e navegou para o mar alto.

Tocavam então para o jantar.

Como era costume após as largadas do Funchal, a refeição incluía na ementa peixe-espada, que abundava naquelas águas e acabara de ser carregado. Às postas regadas com azeite ou molho de manteiga, o prato servia-se nas três classes, embora com requintes e acompanhamentos diferentes.

Quem pareceu satisfeito com isso foi Manuel Carrapito, que abanou a cabeça em sinal de aprovação e confessou dessa vez sem nenhum acanhamento:

— Inda bemm, eu gostoo, tá fresquinhoo!

Armando piscou o olho a Sebastião. Apesar da diferença de idades, os dois começavam a estreitar entre si uma cumplicidade cada vez mais evidente.

Afastado da mulher e dos filhos, Armando transferia para o órfão de catorze anos todo o afecto que não podia manifestar agora à família. Sabia bem que o rapaz se encontrava privado da companhia daqueles com que se habituara a conviver, e que por isso, como se percebia facilmente, partia infeliz para Angola.

De temperamento sensível, era incapaz de se alhear daquele infortúnio: via-se como pai ou tutor de um jovem assustado, a quem deveria prestar, não apenas a sua atenção, mas sobretudo o seu carinho. Se aquela viagem enchia um adulto de dúvidas, se punha interrogações até aos mais aventureiros, que medos ou fantasias não despertaria na mente de quem era tão novo?

Sebastião não tinha idade nem experiência suficientes para avaliar as pessoas no primeiro contacto. Mesmo assim, percebeu depressa que podia contar com esse homem alto e desconjuntado, junto do qual se sentia seguro. Fora expulso de casa pelos tios (continuava a perguntar-se «Porquê?!, porquê?!»), mas encontrara em compensação um amigo.

Por estas razões e porque intuíam ainda que o futuro seria mais fácil se reciprocamente compartilhado, ambos começaram cedo a trocar confidências. O que faziam quase instintivamente: ou à socapa como naquele momento, por um gesto, um sorriso, um piscar de olhos, ou quando conversavam de viva voz a respeito de qualquer coisa.

Como eles se divertiam com os exageros incansáveis de Firmino e a sobriedade austera de Manuel Carrapito! Como zombavam de um e de outro pelos remoques trocados a propósito de tudo e de nada! Era nesses motejos insinuados ou posteriormente confessados que alimentavam a confiança que iam estabelecendo entre si.

Os psicólogos e outros senhores entendidos no assunto observam que a amizade entre duas pessoas impõe de facto que se confie, ou seja, que cada uma conte com a discrição da outra a respeito de segredos revelados. Como o povo diz na sua sabedoria milenar, os amigos verdadeiros, os de palavra de honra, porque se prezam realmente, ouvem e calam, guardando consigo os desabafos recíprocos.

Armando e Sebastião não tinham aprendido isto em livro nenhum, mas foi assim que procederam naturalmente, quando emitiram pela primeira vez um comentário jocoso sobre os companheiros de camarote.

Quanto mais o «João Belo» navegava para África, tanto mais os passageiros que viajavam sozinhos se mostravam inquietos.

Cada um se interrogava:

Havia decidido bem? Teria a coragem necessária para viver tão longe de casa? Se por acaso adoecesse e caísse à cama, a quem recorreria?

A três dias do Natal, com o mar imenso à volta, todos compartilhavam essas dúvidas, que não conseguiam iludir: nem com os enfeites que decoravam o navio para a celebração do nascimento do Menino Jesus; nem com a profusão de cores das fitas e serpentinas espalhadas da proa à ré; menos ainda com a certeza de que lá longe, em Portugal, num ambiente de festa semelhante, parentes e amigos comemoravam o mesmo acontecimento.

Sebastião lembrava-se bem de como fora feliz nesses dias. Enquanto os pais iam à missa do galo, ficava em casa com a criada Josefina, deitado na cama ansiosamente à espera pela manhã seguinte. Levantava-se de madrugada; ainda em pijama, ia até à sala de jantar, e logo da porta, com os olhos arregalados, via os brinquedos no sapatinho que pusera na lareira. Os brinquedos não eram muitos (um carrinho de lata, um pião, um sempre-em-pé de celulóide); não eram muitos, mas ele ficava tão contente que ouvia o coração bater no peito como um tambor.

De roupão e chinelos, pé ante pé, devagarinho, Maria Rosa e João Alberto tinham vindo atrás. Qual deles o mais entusiasmado, batiam palmas e desfaziam-se em sorrisos. A mãe aproximava-se, pegava no carrinho de lata, ou no pião, ou no sempre-em-pé, e dizia:

— Mas que coisa tão linda te deixaram aqui!

No Natal que passara já em casa do tio Felisberto, Sebastião não voltara a experimentar a alegria de outrora. É verdade que recebera presentes, que fora acarinhado pelos tios e pelos primos, que fora até almoçar ao Jardim Zoológico. Mas faltavam-lhe agora o sorriso e as palmas dos pais; sem essa consolação desaparecida de vez, faltava-lhe tudo. Ou o que considerava importante.

Armando sofria também naquela ocasião. Esforçava-se por não denunciar o facto, escondendo dos outros a sua mágoa. Conforme podia, desviava o temas das conversas, mas à noite, já deitado no beliche, ele próprio evocava o que não queria esquecer.

De olhos bem fechados para ver melhor, voltava a sentar-se à mesa para consoar. Da cozinha, numa travessa enorme, chegava o bacalhau cozido ainda fumegante: cortado às postas, com batatas, espigos e ovos cozidos à volta. Ele regalava-se com aquele prato, que repetia sempre. Enquanto esperava pela segunda dose, debicava das tacinhas à sua frente um figo seco, uma passa de uva, uma avelã, um pedaço de abóbora cristalizada.

Maria Ernestina comprazia-se com o apetite insaciável do marido, que era afinal o prémio maior que recebia pelos seus dotes culinários.

Sabia já a resposta, mas perguntava:

— Gostas? Está bom?

Claro que gostava! E muito! Tudo estava uma delícia, um primor, como de costume.

Armando evocava a cena minuciosamente: tão ao pormenor que até o cheiro e o sabor de cada alimento se insinuavam de novo no nariz e na boca, intensos e penetrantes como no passado. Dois dias depois do Natal, o «João Belo» entrou em águas tropicais.

O navio continuava a navegar sem terra à vista, mas ninguém duvidava agora de que a África estava perto, a poucas milhas de distância. De um dia para o outro, o céu livrou-se das nuvens carregadas de cinzento e abriu-se num azul imaculado; lá em cima, o sol como que engordou de luz e calor; a temperatura do ar começou a subir progressivamente.

Como faziam em Portugal durante o Verão, as pessoas trocaram os agasalhos que vestiam por roupas mais leves. Desabafavam entre si:

### - Uf! Oue brasa!

Se viajar na 3ª Classe fora difícil até aí, piorava a partir de então. Com os cheiros desagradáveis cada vez mais intensos, sem refrigeração nos camarotes, suando abundantemente nos beliches, muita gente se rebelava contra a situação.

Firmino não se calava:

— Vamos aqui metidos num forno. Que nem leitões ou borregos a assar...

Em mangas de camisa, o rosto de lua cheia vermelho e congestionado, transpirava em bica. Tentava refrescar-se com uma folha de papel transformada em leque, que abanava furiosamente junto à vigia aberta:

### — Um forno! Um forno!

Repetia as queixas variando pouco as fórmulas. Transtornado pelo calor, parecia ter perdido a sua verve abundante e a imaginação:

## - Isto é um inferno!

Manuel Carrapito é que reagia bem a esse inferno. Sempre de chapéu na cabeça e colete de surrobeco vestido, habituado a suportar a canícula alentejana, observava que o tempo estava óptimo:

— Muito bomm!

Firmino desesperava com aquele comentário. Perdia a cabeca e não se continha:

— Sô Manel, sô Manel, há peles e peles... Há quem as tenha grossas e duras, que nem couros, há quem as tenha frágeis e delicadas...

Continuava:

— Sô Manel, sô Manel, as pessoas são diferentes...

Manuel Carrapito fingia concordar:

— Pois é, tem razão.

O rigor do clima e os incómodos daí decorrentes tomavam de facto conta das conversas a bordo; mas não só, porque se falava também da Guerra, que parecia agora cada vez mais próxima.

A Alemanha, a Itália, a França e o Reino Unido haviam assinado alguns meses atrás o Pacto de Munique (\*), impondo à Checoslováquia a cedência da região dos Sudetas ao III *Reich*. Este comprometera-se na altura a não reivindicar nenhum outro território europeu, como prova de boa vontade e desejo de paz.

O Primeiro Ministro inglês, Neville Chamberlain, que tentava a todo o custo evitar a confrontação militar, pronunciara na ocasião palavras de esperança. Mas pouca gente, quase mesmo ninguém, acreditava já nas intenções de Hitler, interessado apenas em ganhar tempo para os seus propósitos expansionistas.

Alguém bem informado lembrava que a Alemanha saíra da I<sup>a</sup> Grande Guerra, não só derrotada, mas enxovalhada. Pelo Tra-

<sup>(\*)</sup> Em 29 de Setembro de 1938.

tado de Versalhes, ao reconhecimento da derrota nos campos de batalha, juntara ainda a perda da sua unidade interna e o fim da sua influência no concerto das nações.

O Fuhrer chegara ao poder com o apoio do Partido Nacional Socialista e não escondia o desejo de redimir a Pátria da derrota e da vergonha sofridas. Eleito Chanceler alguns anos antes, prometera reconstruir um país forte, ao qual devolveria a dignidade e a grandeza do passado. Coerente com o que anunciava, tratou rapidamente de se envolver em acções que não podiam levar senão ao conflito armado entre ex-vencedores e ex-vencido.

Os prognósticos sobre o início das hostilidades eram entretanto diversos. Havia quem achasse que a Alemanha não atacaria tão cedo:

— O Fuhrer é astuto. Enquanto não se armar até aos dentes, ficará quieto.

Outros discordavam. O Chanceler era arrogante, megalómano, obcecado por demonstrar ao mundo a força que tinha:

— O gajo não se aguenta. Está-lhe na massa do sangue. Espera só uma oportunidade para avançar. Tão certo e seguro como dois e dois serem quatro.

Muitos tentavam adivinhar se Portugal participaria ou não nos acontecimentos. Não estando interessados em especular sobre os intentos e as razões dos beligerantes potenciais, procuravam avaliar o que sucederia às famílias de que se encontravam afastados. Se o país entrasse na Guerra, que é que cada um faria? Continuar em África? Regressar? Mas como?

queria sequer imaginar Maria Ernestina e os filho em tal circunstância, tolhidos de medo e sem saber o que fazer.

À noite, ao deitar-se no beliche, não se envolvia no lençol, mas nas suas recordações. Para poder partir, recorrera a um cliente que aparecia na mercearia da Rua dos Correeiros, quando o negócio corria ainda de feição.

Transmontano do Vimioso (ele chamava-lhe por isso «patrício»), Aristides Fonseca chegava quase sempre ao fim da tarde, meio triste meio irritado, lamentando a vida desgraçada que levava:

— Eu bem luto, puxo pelo corpo, trabalho que nem uma besta, mas no fim, depois de tanta canseira, não amealho um chavo.

Rematava com a frase do costume:

— Um dia destes, mando tudo às malvas, faço as malas e parto para África! Olaré!...

Armando duvidava:

- Para África? O amigo exagera...
- Não exagero nada. Estou decidido. Limpinho! Estou decidido e pronto!

Aristides entrava em pormenores:

- Vou para Angola, monto lá um comércio no mato[gl] e livro-me de vez dos apertos em que ando constantemente.
- Mas você nunca foi comerciante... Não percebe nada do ofício...
- Não percebo, mas aprendo. Aqui é que eu não fico. Estou farto!

Se bem o disse, melhor o fez. Apareceu uma manhã a dizer que se ia embora: estava de mala feita e passagem no bolso. Embarcaria no sábado seguinte para o Lobito, para cumprir o seu destino.

Dois ou três anos depois, Armando recebeu notícias animadoras. Numa carta extensa, Aristides garantia que estava bem,

mesmo muito bem; conforme o plano estabelecido, montara o tal comércio no mato, amealhara finalmente um pé-de-meia, não temia já pelo futuro. Rematava que agora sim, tinha uma vida que apetecia viver.

Armando alegrou-se com o que soube. Ficou contente, mas não pensou mais nisso, até ao dia em que ele próprio resolveu também mudar a sua sorte e sair de Portugal.

Aristides portou-se à altura e respondeu de imediato. Felicitou e encorajou o patrício, prometeu estar no Lobito no dia da chegada, para «dar uma mãozinha». Foi gentil e peremptório: que o amigo se não atrasasse, metesse a roupa na mala e viesse rapidamente. Numa folha de papel à parte, juntou a carta de chamada.

Embalado pelos balanços do «João Belo», o tronco nu, a vigia aberta para o mar, Armando lembrava a seguir como Maria Ernestina reagira à notícia. Não houve argumentos que a convencessem, nem mimos que a confortassem: com os olhos azuis marejados de lágrimas, a chorar pelos cantos da casa, ela protestou, protestou, sem se cansar. Dia após dia, semana após semana, pronunciava as frases que repetia insistentemente desde o princípio: que não era justo, que não esperava nem merecia aquela traição.

Bem mais do que com o cumprimento das formalidades necessárias para o embarque, Armando penou com a intransigência da mulher. A sua recusa obstinada, a sua impertinência, os seus remoques constantes custaram a suportar. Ele continuava em terra, não fora ainda embora, mas arrependia-se já da decisão tomada.

Caramba! Que outra coisa havia de fazer?...

Claro que preferia continuar em Lisboa, calmamente, junto da família. Se pudesse, não iria, não. Isso seria assim tão difícil de perceber? A separação doía e desagradava a todos. Não era nenhum passeio meter-se naquela aventura, emalar a trouxa e

partir. E ainda por cima, sem saber ao certo para o que estava guardado.

De mãos cruzadas por baixo da cabeça, enquanto ouvia o mar lá fora batendo contra o casco do navio, Armando continuava de vela, incapaz de vencer a insónia. Firmino e Manuel Carrapito ressonavam ao lado, de barriga para o ar. Sebastião dormia com certeza.

Mas não dormia. Especulava também: não sobre o passado, de que guardava recordações amargas, mas sobre o futuro, que teria de enfrentar em breve. Interrogava-se mais uma vez sobre o que poderia vir a encontrar. Coisas novas? Coisas diferentes?

Desde que embarcara em Lisboa, debatia-se entre dois sentimentos aparentemente inconciliáveis: o medo pelo desconhecido e a curiosidade pela descoberta. Quando falavam de África, as pessoas referiam animais ferozes, insectos chupadores de sangue, doenças difíceis de tratar. Contavam a esse propósito histórias de estarrecer. E o resto?... Um senhor de Luanda, que regressava de licença graciosa[gl], garantira ao almoço que a terra produzia tudo; que bastava derrubar a mata, semear o solo nu, e sem cuidados especiais, à sombra da bananeira, esperar pela colheita.

Seria assim?

Ele ia ali contrariado, revoltado, triste; mas já que ia, o que queria agora mesmo era chegar depressa ao Lobito, pôr os pés em terra, para confirmar por si próprio se todas aquelas histórias eram ou não verdadeiras. Queria ver tudo com os seus olhos, chegar às suas conclusões, verificar pessoalmente se não exageravam.

O senhor de Luanda dera a palavra de honra:

— Uma fartura! Um chão abençoado! Só quem lá está acredita!...

Seria?

Tal como no Funchal, o «João Belo» não atracou em São Tomé, desprovido ainda de cais acostável. Como procedia sempre, ancorou na baía Ana de Chaves, a uma distância da cidade que dificultava divisar com nitidez o casario junto à praia.

Também como no Funchal, mas agora em canoas toscas de troncos ocados, muitos vendedores vinham de terra, para expor nos tombadilhos os produtos locais: miniaturas de pessoas e animais em madeira preciosa, parecendo mais esboços do que obras concluídas; peças em cobre lavrado, como pratos, copos e cinzeiros; periquitos de penas verdes e vermelhas, que anunciavam ruidosamente a sua presença dentro das gaiolas; molhos minúsculos de paus de baunilha, exalando o seu cheiro característico; cachos de bananas, umas verdes, outras maduras; um sem fim de coisas que desafiava e punha à prova o apetite aquisitivo dos passageiros.

O regateio em cada transação atingia proporções inimagináveis: os artigos eram pagos por um preço cinco ou seis vezes abaixo daquele que fora pedido de início. Coçando a carapinha com a mão, a boca aberta num sorriso contrafeito, o vendedor mostrava-se ofendido e rejeitava de princípio a oferta do comprador. Num português atropelado, abanava vigorosamente a cabeça e protestava:

— Num pode! Isso és muito barato! Eu perder dinheiro...

São Tomé e Príncipe estava especialmente vocacionado para a exploração do cacau e do café, em que assentava a sua economia. As duas espécies eram cultivadas em «roças», extensões consideráveis de terreno pertencentes a sociedades comerciais ou a famílias endinheiradas da Metrópole. Poder conhecer pessoalmente uma dessas empresas agrícolas, contactar aí ao vivo com as operações da produção, percorrer terraços e armazéns,

assistir aos processos tecnológicos, tudo isso constituía sempre um programa aliciante de visita.

As lanchas vinham de terra sobre o mar encapelado, encostavam à escada arriada do navio, por onde os passageiros desciam bem agarrados aos corrimãos de corda. Talvez porque temiam as ondas alterosas e os tubarões que andavam por perto, poucas pessoas faziam a travessia.

Aqueles que ficavam arrependiam-se depois dos seus receios. Horas mais tarde, quem regressava a bordo garantia que não só valera a pena conhecer as roças, como também as praias de areia fina, as baías e enseadas debruadas de coqueiros, o sol que reverberava na vegetação:

— Um espectáculo! Um deslumbramento!

Alguém inspirado pela paisagem acrescentara até que o Paraíso, se existia de facto, devia ser assim.

Apesar de desafiado por Firmino, Manuel Carrapito não correspondeu dessa vez ao convite do companheiro de camarote. Da amurada do «João Belo», via lá em baixo o oceano turbulento, as lanchas balançando tanto que ameaçavam afundar-se.

— Não vou. Não vou, não senhor. Posso ser burro, mas não sou tonto da cabeça.

Estava decidido, não mudava de opinião.

Firmino perguntou:

— Tem medo, sô Manel? Tem medo de cair à água e morrer afogado?...

Manuel Carrapito assumiu o facto:

— Tenho, pois. Eu nem sei nadar. Quero voltar um dia a ver a família...

11

Era certo e obrigatório. Sempre que os paquetes se aproxi-

mavam da latitude zero e estavam prestes a mudar de hemisfério, festejava-se a bordo a passagem do Equador.

O «João Belo» respeitava a tradição e comemorava também o acontecimento.

Alguém se mascarava então de rei Neptuno. Vestido a preceito, coroa na cabeça, tridente na mão, barbas até à cintura, o Senhor dos Mares baptizava os neófitos, ou seja, aqueles que ultrapassavam pela primeira vez o paralelo referencial.

Assente no cadeirão a fazer de trono, muito seguro do papel que desempenhava, proferia pausadamente as fórmulas adequadas ao acto. Levantava o braço e aspergia com água salgada os cocurutos dos seus súbditos. Estes pulavam depois sobre uma corda esticada no tombadilho, simulando assim o salto que davam entre os dois lados do mundo.

A assistência aplaudia. Com piadas a propósito, todos confraternizavam no fim da cerimónia, trocando abraços e felicitações.

Manuel Carrapito parecia interpretar à letra aquele jogo de faz-de-conta e manifestava as suas dúvidas:

— Mas esse Equador o que é? Onde está? Eu cá não vejo nada...

Sebastião encarregou-se de esclarecer o assunto. Como aprendera nas aulas de Geografia, explicou que o Equador era uma linha imaginária, que dividia a Terra em duas partes iguais:

— Igualzinhas.

Com o canivete, cortou milimetricamente ao meio uma maçã que trazia no bolso, juntou as duas metades, abriu um sorriso indulgente e confirmou:

— É assim. O senhor Manel percebeu?

Não percebera nada, mesmo nada. Ficou ainda mais confuso do que antes:

— Mas como é que se corta a Terra ao meio? Quem consegue fazer isso?

Já refeito das indisposições sofridas pelo calor, Firmino sorriu com malícia. Tentou ajudar:

— É um supônhamos, sô Manel! Um supônhamos! Só para dar uma ideia...

Manuel Carrapito ficou na mesma. Mas não quis passar por parvo:

— Ah, é um supônhamos? Então tá bem, tá certo...

Debruçado na amurada, alguém levantou o braço, apontou para a frente e gritou a avisar:

— Um tubarão! Ali! Ali!

Era mesmo: o primeiro de muitos que surgiriam a partir daí. Com a barbatana dorsal deslizando ligeira à superfície do oceano, que nem o periscópio de um submarino, o predador acompanhava o navio.

Depois de uma tarde abrasadora, o sol desaparecia amareladamente na linha do horizonte, polvilhando de ouro tudo o que tinha à volta.

Firmino estava com apetite. Com os exageros habituais, observou que ouvia a barriga a dar horas que nem um carrilhão.

Perguntou:

— E se descêssemos? O jantar não tarda. E ainda bem, vem mesmo a tempo.

De sobrolho carregado, Manuel Carrapito continuava com cara de caso. Não achara graça nenhuma àquela do «supônhamos». Convencido de que fora gozado, tinha ali uma oportunidade para se vingar:

— O amigo anda sempre com fome. Que coisa!... Comia tanto em sua casa? Ou está a aproveitar-se da borla?...

Firmino não gostou da piada:

— Da borla?! Mas qual borla? Tudo quanto meto na boca foi pago e bem pago pelo preço do bilhete! Até ao tostão! Ora essa!...

Manuel Carrapito franziu a testa:

12

1938 chegava ao fim.

Tal como no Natal, a tripulação voltou a enfeitar o navio, para comemorar agora a passagem do ano. Mas outra vez sem sucesso, porque as notícias divulgadas pelo jornal de bordo referiam em cada manhã que a Guerra se aproximava. Isso ensombrava o ambiente, e até as pessoas mais optimistas se mostravam desanimadas.

A Alemanha continuava a armar-se e reforçava de mês para mês o seu potencial bélico. Sem contemplações nem escrúpulos, Hitler eliminava no país os adversários que lhe disputavam a liderança e desrespeitava lá fora os acordos que o comprometiam. Ignorando o calendário de evacuação estabelecido pelo Pacto de Munique, permanecia na Checoslováquia, indiferente às reclamações e advertências daqueles que pretendiam alterar a situação.

Quem é que poderia festejar o início de um ano carregado assim de prenúncios assustadores e ficar alheio a um futuro tão ameaçador? Apesar das suas cores berrantes, nem as serpentinas à volta dos varões das amuradas, nem as flores de papel que cobriam as paredes das salas, conseguiam iludir a preocupação geral.

Comungando esse sentimento de angústia, o Comandante fora discreto: limitara-se a melhorar a ementa do jantar da noite de 31 e a pôr nas mesas algumas garrafas de champanhe para abrir na hora certa.

Tal como do Ano Novo e da Guerra, os passageiros falavam da chegada a Luanda, que estava prevista para daí a três dias. Começavam já a arrumar a roupa nas malas, preenchiam os impressos para as autoridades aduaneiras, trocavam endereços entre si, prometendo corresponder-se.

Firmino e Manuel Carrapito estavam também no fim da viagem. Cada um à sua maneira, confessavam a Armando que recordavam com saudade os dias passados de convivência. Mas que haviam de fazer? A vida era assim, um homem tinha de seguir o seu caminho.

Com ar contristado, Firmino observava:

— De modo que estamos de abalada. Só Deus sabe quando nos veremos de novo...

Estava a ser sincero e queria a confirmação de Manuel Carrapito:

— Não acha, sô Manel? Não é verdade? Não concorda comigo?

Manuel Carrapito concordava. Dizia que sim, que só Deus saberia. Era uma pena ter de se separar dos companheiros de camarote, que gostara de conhecer:

— Uma arreliaa, um desgostoo...

Armando correspondia a essas manifestações de deferência: achava por sua vez que a separação não seria definitiva, porque breve, breve, talvez antes de qualquer um imaginar, se encontrariam de novo.

Sebastião lastimava igualmente aquela despedida. Habituara-se à prolixidade de Firmino e às observações de Manuel Carrapito. A fluência de um, que parecia inesgotável, e as reacções do outro, arrancadas como que a ferros, tinham animado a viagem.

13

Antes de 1945, os paquetes transatlânticos não encontravam

cais acostável em Luanda. Ficavam ancorados à entrada da baía, onde aguardavam os batelões, que levavam para terra os despachos de porão, e os gasolinas, que transportavam os passageiros.

Nessa época do ano, o sol caía a pique do céu limpo de nuvens; mergulhando no mar, desfazia-se aí em reflexos de prata, que serpenteavam à superfície. A madrugada nascia logo quente: tão abrasadora que quem chegava de Portugal respirava com dificuldade. Sufocante, mas também húmido, pegajoso e languinhento, o calor agarrava-se à pele, tal como a concha do laparão se cola à rocha.

Uma senhora abanava o leque freneticamente, traduzindo tudo isso em dois aumentativos oportunos:

#### — Um calorão! Um calorasso!

Sobranceira na colina de onde vigiara no passado as entradas dos barcos, a Fortaleza de São Miguel sobressaía na paisagem urbana. Com as paredes altas caiadas de ocre, as esquinas definidas ao jeito do terreno, a bandeira hasteada no mastro, destacava-se nitidamente. À esquerda, cá em baixo, ainda sem a concentração que revelaria mais tarde, o casario ribeirinho corria disperso para o centro da cidade. Pelo traçado que esboçava, prometia deslocar-se bem para além da futura avenida Paulo Dias de Novais, chamada já de Marginal.

De malas na mão, Firmino e Manuel Carrapito preparavam-se para desembarcar. Qual deles o mais carregado, ocupavam o lugar na fila dos que começavam a descer.

Podia parecer insólito, mas Manuel Carrapito continuava de colete de surrobeco vestido, a camisa branca de algodão abotoada até ao pescoço, a garantir que era assim que se achava devidamente composto. Preparava-se para pôr os pés em África tal como alguns domingos antes, à saída da missa, ia ter com os amigos à taberna, para conversar, beber uns copos e jogar o dominó.

Firmino perguntou ainda:

— Para quê tanta roupa, sô Manel? Não quer tirar o colete e desapertar a camisa?

Manuel Carrapito respondeu que não. Sentia-se assim lindamente. Lá porque se encontrava longe da terra, continuava a ser quem era.

Sem entender o que é que isso tinha a ver com a indumentária escolhida para aquela manhã ardente de Janeiro, Firmino não insistiu dessa vez. Encolheu os ombros com displicência e observou:

— O amigo é que sabe...

Mesmo até ao fim, os dois estavam em desacordo.

Já lá em baixo, quando se preparavam para entrar no gasolina, os dois olharam para cima, acenaram um adeus a Armando e a Sebastião, que continuavam debruçados na amurada.

— Até um dia! Boa sorte!

A lancha soltou-se da corda de amarração e largou imediatamente. De proa empinada, o motor levantando à popa um cachão de espuma, rodou meia volta e arrancou em direcção ao molhe; na sua viagem de poucos minutos, parecia um cavalo aos pinotes sobre a água, que deixava atrás de si uma nuvem cinzenta de fumo e um cheiro ácido de fuel queimado.

14

Armando não desembarcou em Luanda. Queria prolongar o mais possível a sua estada no «João Belo».

Era estranho, não conseguia perceber porquê, mas era de facto assim. Julgava que permanecendo ali, de onde se despedira aos gritos da mulher e dos filhos, se mantinha ainda ligado à família.

Cansado ou farto de estar a olhar para a cidade que não visitaria, perguntou a Sebastião:

— Vamos preparar as coisas para amanhã?

O rapaz não respondeu, mas deu meia volta e começou a andar.

Os dois atravessaram o tombadilho, passaram a porta de acesso ao piso inferior, seguiram o corredor estreito e entraram no camarote. Cada um pôs a mala sobre a colcha do beliche e fingiu que arrumava o que arrumara já um ror de vezes.

Se era elevada lá fora, a temperatura era mais alta cá dentro: o ar entrava pelas vigias completamente abertas, mas não conseguia amenizar o ambiente. O cheiro misturado de tinta e comida requentada, que ninguém sabia de onde vinha, tornava-se agora repulsivo e insuportável.

Armando recomendou:

— Vê se guardas todas as tuas coisas. Passa revista ao armário e não deixes nada lá dentro.

Sebastião continuou calado, mas seguiu a recomendação. A poucas horas de iniciar uma vida nova, interrogava-se pela enésima vez sobre se estava ou não preparado para enfrentar tal experiência.

Não tinha já dúvidas: fora confiado a um homem bom, carinhoso, companheiro. Pelo menos, devia esse favor ao tio Felisberto. Mas isso bastava? Se falhasse por acaso no cumprimento de alguma obrigação (quem é que não falhava?), esse homem, que era também patrão, compreenderia? Estaria sempre pronto a desculpar?

Tinha de esperar para ver.

15

Construído para escoar por via marítima mercadorias e pas-

sageiros que vinham do interior pelo Caminho de Ferro de Benguela, o porto acostável do Lobito era então, não só o mais importante da África Ocidental, como o único que existia na Colónia.

Os paquetes vinham do mar alto e entravam na baía, tocando quase a Restinga, onde bengalós e jardins floridos davam as boas-vindas aos recém-chegados. Nas mãos experientes do homem do leme, avançavam vagarosamente até ao cais, encostando de encontro aos pneus enormes que amorteciam no paredão os embates do casco.

Ao fim de tantos dias de viagem, as pessoas podiam finalmente ir a terra sem recorrer às lanchas. Animavam-se com isso: desde muito cedo, logo após o pequeno-almoço, tagarelavam ruidosamente nos tombadilhos, assistindo com curiosidade às manobras da atracação.

Tal como em Luanda, a chegada de um navio era ali um acontecimento social. Muita gente se juntava na gare e esperava com ansiedade familiares e amigos que vinham do Puto[gl]. Entre abraços e cumprimentos, ficava-se então a saber o que sucedia de importante na Metrópole, recebia-se talvez uma encomenda dos parentes da terra, retribuía-se contando as novidades locais mais dignas de registo.

Homens e mulheres vestiam roupa adequada à estação: eles de camisa de manga curta, calças ou calções de caqui[gl], capacete[gl] na cabeça; elas de blusa e saia de algodão, capelina de aba larga, sombrinha aberta para proteger a pele do sol.

No meio da multidão animada, Armando descobriu depressa Aristides Fonseca. O patrício a quem devia a carta de chamada não se coibia de denunciar lá em baixo a sua presença: agitava os braços de um lado para outro, assobiava estridentemente, demonstrando sem inibições como estava satisfeito com aquele reencontro.

Mais sóbrio nos gestos, Armando tentava corresponder cá

de cima a tantas saudações efusivas, declarando o que era evidente:

— Cá estou finalmente. Sempre vim.

Sem se importar nada com o que as pessoas à volta podiam pensar de tanta exuberância, Aristides confirmava:

— Cá está e está bem!

Perdera de vez a cara de preocupação que tinha em Lisboa, quando ia à mercearia queixar-se da sua sorte. Esse semblante de desânimo dava agora lugar a um sorriso aberto e franco, que era próprio dos que se sentem de bem consigo e de bem com a vida.

Armando desceu a escada, e ainda de mala na mão, que agarrava afincadamente, abraçou o amigo.

Agradeceu e voltou a agradecer:

— Fico comovido com a recepção. Muito obrigado!, muito obrigado!

Aristides atalhou:

— Qual obrigado, qual quê! Eu faço isto com gosto!

E fazia realmente. Extrovertido e bem disposto, falava sem escolher as palavras. Queria saber coisas de Portugal. Que tal a viagem? Quem era o jovem que estava ali? Vinha também para Angola?

Armando apresentou Sebastião, perguntando antes:

- Você lembra-se do Felisberto?
- Do Felisberto?...
- Sim, do que trabalhava no Estado e passava aos sábados pela mercearia? O rapaz é sobrinho dele e vai trabalhar comigo na loja.

Aristides aprovou:

— Ora aí está! Folgo com isso. Esta terra precisa de gente decidida.

O cais era agora uma confusão de homens e mulheres à procura de carregadores para transportar as bagagens. Só os negros se encarregavam dessa tarefa. Com os troncos nus, as costas gotejando de suor, eles juntavam as malas de cada freguês de ocasião. Começavam a contar «Uns, dôs, trés...». Os volumes conferidos, levavam depois tudo para fora do recinto, onde uma viatura aguardava.

Aristides trouxera consigo dois serventes, que tratava por «bés»[gl]: dois homens corpulentos, de carapinha cortada rente, os dentes brancos sob os lábios grossos, que cumpriam docilmente as ordens do patrão.

Sebastião quis dar uma ajuda, mas foi interrompido no seu intento. Quase em tom de reprimenda, Aristides observou que «Isso é que não!», porque os bés tinham vindo de propósito para aquele serviço.

Observou em tom peremptório:

— Era o que faltava! Os gajos de costas levantadas e o menino a trabalhar. Nem pensar!

# **SETE ANOS NO MATO**

Os carregadores arrumaram a bagagem na carroçaria espaçosa da *Ford*, bateram com as mãos no tejadilho da cabina e avisaram:

— Estás tudo, patlão. Podi ir.

Aristides ligou a ignição, embraiou, engrenou a alavanca de velocidades, agarrou firmemente o volante e disse:

— Ora vamos lá.

Ao lado do condutor, Sebastião e Armando sentaram-se no banco corrido de cabedal, o primeiro no meio, o segundo junto da janela.

Aristides explicou. Podiam ir calmamente de comboio e descer no Longonjo, a estação mais próxima do destino, mas os amigos perderiam então a oportunidade de conhecer logo de início o que era estar verdadeiramente em África. Daí que decidira pegar na sua Leoa Possante (ou seja, na sua camioneta), trazer os bés consigo e meter-se a caminho. Como tinha mercadoria para carregar no Lobito, a viagem vinha até a calhar. Matava dois coelhos de uma cajadada.

Ronceira e barulhenta, a *Ford* atravessou a cidade tão depressa quanto podia. Era sempre assim: naquela altura do ano, com as chuvadas que costumavam cair, as ruas de terra batida ficavam uma lástima, com buracos e poças de água por todo o lado. Que nem condutores de rali, os condutores experientes evitavam cair nessas depressões, onde corriam o risco de rebentar um pneu.

Ao fim de meia hora de viagem, já na estrada para o Planalto[gl], Aristides entrou no assunto que trazia entalado na garganta. Lembrou que quem vinha para Angola não podia atirar-se imediatamente de cabeça, proceder de qualquer maneira, assim sem mais nem menos: tinha de ser macaco velho, abrir o olho, ver onde punha os pés, se pretendia mesmo ser bem sucedido.

Achava que Armando não devia estabelecer-se logo por conta própria. O que o patrício tinha de fazer primeiro era adaptar-se à terra, aprender a lidar com os negros (coisa que obrigava sempre às suas manhas), e que só depois, ao cabo de seis ou sete meses, estaria em condições de se instalar e começar o negócio.

Apanhado de surpresa, Armando ficou embaraçado. Não contava com aquela proposta, que parecia até sensata, mas que nada tinha a ver com o que fora combinado.

Titubeou um comentário:

— Se o amigo julga que sim... Eu não sei bem... Será melhor, talvez...

Aristides não tinha dúvidas. Estava tão seguro do que propunha que mandara até preparar uns cómodos para o efeito:

— Nada de luxo, mas decentes. Ficam inteiramente à vossa disposição.

Armando pareceu conformado. Precisava de algum tempo para avaliar o que acabara de ouvir. Aprender as manhas para lidar com os negros? Mas que manhas?... Com muitos anos de oficio, estava farto de saber como tratar com os clientes.

Pelo silêncio que invadiu a cabina, Sebastião percebeu que o amigo, não só desaprovava, como lamentava o plano apresentado. Durante a viagem no «João Belo», ele repetira tantas vezes o que pensava pôr em prática, falara tão calorosamente das suas intenções, dos seus planos, dos seus objectivos, enfim, do seu futuro, que não podia estar agora satisfeito. Nem animado...

Sobre o que dissera a respeito de estar verdadeiramente em África, Aristides tinha razão. Que outra maneira melhor do que aquela viagem para esse fim?

Nesse ano longínquo de 1939, quem deixava o litoral e se metia a caminho do interior percebia rapidamente que começara uma aventura. E que aventura!... Se era mau transitar nas ruas de uma cidade, era pior fora daí, por estradas tão escabrosas que não mereciam sequer o nome.

As viaturas avançavam cautelosamente, em velocidade reduzida. Aos ziguezagues sobre o piso escalavrado, evitavam os obstáculos que surgiam amiúde. Na Estação das Chuvas, traiçoeiros que nem armadilhas, os charcos de água podiam esconder um buraco profundo, onde as rodas mergulhavam.

O condutor metia o pé a fundo no acelerador, esticava-se todo no banco e praguejava:

- Merda! Estou lixado!

Os pneus patinavam na lama e zuniam que nem marimbondos [gl] à volta do ninho, incapazes de sair do mesmo sítio.

Mais pragas:

- Chiça! Gaita!

As pessoas abandonavam a viatura e carregavam consigo tudo o que podiam, aliviando o peso da carga; uns metros adiante, pisavam com os pés o capim[gl] das bermas, estendiam aí um cambriquite[gl] dobrado ao comprido, onde se sentavam em fila. Alguém trazia do mato um molhe de vissapas[gl] e pedras apanhadas a esmo, que metia à frente das rodas atascadas. O condutor voltava a acelerar, uma, duas, três vezes, até se libertar do atoleiro.

Alguns quilómetros adiante, a cena repetia-se: a camioneta ou o automóvel enterrava-se de novo, traziam-se da mata mais vissapas e mais pedras, tudo tão repetidamente igual que desesperava um santo.

Com tantas paragens, uma viagem que devia demorar seis ou sete horas gastava o dia inteiro, podia até prolongar-se pela noite fora. As pessoas chegavam ao destino completamente estafadas: da posição incómoda em que tinham vindo, dos balanços e sacudidelas por que haviam passado, do sai-e-entra a que eram submetidas; durante o Cacimbo, da poeira que tinham respirado.

As vicissitudes multiplicavam-se ao longo do percurso. Havia os furos das câmaras de ar, o entupimento dos carburadores, o sobreaquecimento dos monoblocos. Qualquer dessas panes impunha mais paragens, mais tempo à espera para as reparações (sobe e desce o macaco, sopra e limpa os tubos obstruídos, reabastece de água o radiador), toda a gente ansiosa por terminar aquele tormento.

Podia mesmo acontecer o pior. Gasto de tanto esforço, um semieixo quebrava. Não havia então nada a fazer: era esperar novamente, nunca se sabia até quando; era esperar por um carro que aparecesse, que fosse pedir socorro adiante e levasse logo consigo as mulheres e as crianças, que não precisavam de continuar ali.

A ajuda vinha por fim: bastante mais tarde do que o condutor imaginara, quando ele blasfemava já aos murros no volante contra o destino e contra Deus.

3

Entre Aristides e Armando, o corpo acompanhando os solavancos da Leoa Possante, Sebastião olhava para a estrada sinuosa que avançava pela mata. Tudo o que via agora lhe despertava

a atenção e o amedrontava. Voltava a interrogar-se. Para além da vegetação cada vez mais densa, o que existia realmente lá fora? Animais ferozes de focinho arreganhado e garras retesadas, prontas a atacar, que podiam aparecer de um momento para o outro?

Quando pararam pela primeira vez, um pio prolongado soou ali perto e cortou o silêncio à volta.

Aristides informou:

— É uma capota[gl]. Anda certamente por aí a ciscar com a criação.

Sebastião não percebeu:

— Uma capota? O que é isso?

Aristides acendeu um cigarro e puxou uma fumaça; sem preocupações de rigor zoológico, explicou:

— Um passarão de pintas, assim como a galinha. Depois de temperada e bem cozida, dá uma canja de categoria. De regalar a boca!

Era quase tão alto como Armando. Com o físico sólido e nutrido, os braços musculosos, o cabelo negro cortado à escovinha, não tinha o ar doentio do patrício e parecia vender saúde. Gostava de falar, porque sobre Angola, melhor ainda, sobre as «Áfricas», como dizia com jactância, sabia tudo...

Puxou mais uma fumaça e acrescentou:

— Outro passarão que a gente come por cá, bastante maior, é a tua[gl]. Tem carne que chegue para um bife.

Armando perguntou:

- Quem vai para o Longonjo passa por Nova Lisboa? Justificou a dúvida:
- É que eu tenho lá um parente afastado que foi trabalhar como serralheiro para as Oficinas Gerais do Caminho de Ferro de Benguela.

Aristides abanou a cabeça:

— Não, não passa. Nova Lisboa é um pouco mais à frente,

logo depois da Caála. Não fica muito longe. De comboio ou de carro, a gente põe-se lá num pulo.

Olhou o céu pelo vidro do pára-brisas, franziu a testa e vaticinou:

— Vai chover. Olá se vai!... Aquelas nuvens não enganam ninguém.

Tirou o pé do acelerador e parou a camioneta. Pela janela aberta, gritou para trás:

— Sapalo, Catengue, tapem com a lona as malas e as mercadorias. Vocês cubram-se também, que vamos ter água não tarda.

Com um «Tá bem, a gente vais tapar», Sapalo e Catengue cumpriram a ordem. No seu código habitual de bater com a palma da mão no tejadilho da cabina, o primeiro, que era mais velho, informou:

— Já tapou, patlão, podi ir.

Um relâmpago cruzou o céu, depois outro, e ainda outro, seguidos de trovões tão ribombantes que sacudiam tudo. A chuva veio a seguir: despejada de cima como de um dique aberto, vergastadora e rumorosa, levantando nuvens de fumo no piso da estrada.

Aristides repetiu o palavrão que gostava de dizer naquela circunstância:

— Uma trabuzanada do caraças!

Fitando Armando e Sebastião, observou:

— Os amigos ficam a saber agora o que é chover por aqui. Com tanta água, o mundo parece que vem abaixo.

Tinha razão. Os amigos ficavam ainda a saber que essa chuva caudalosa, tão depressa começava, tão depressa acabava. Ao fim de dez, quinze ou vinte minutos, no céu anteriormente ameaçador, as nuvens tinham desaparecido e o sol brilhava de novo. Um cheiro de terra húmida tomava então conta do ar: inconfundível, intenso, abusador, que se sentia uma vez e não

se esquecia mais; um cheiro compósito de muitos outros, simultaneamente telúrico e perturbador, que inebriava as narinas com o seu perfume.

No ar rarefeito, os ruídos eram agora mais claros; mesmo se chegavam de longe, o canto de uma ave, o trilo de um insecto, o quebrar de um ramo soavam nitidamente.

4

Pararam no Bocoio. Aristides conhecia aí o dono de uma plantação de sisal amigado com uma mulata, com quem gostava de jogar a bisca.

Rodeado pelos filhos mestiços, que eram ainda crianças e se perfilavam atrás com ar envergonhado, o fazendeiro estava à porta de casa. Homem de meia idade, a pele tostada pelo sol, alegrouse com aquela visita. Adiantou de imediato que iria poder dar à língua e matar o vício.

Com a mão direita fechada, o polegar e o indicador adiantados, fez a propósito o gesto de quem bate uma carta:

— Comprei um baralho novo, que vamos já estrear.

Aristides lamentava, mas vinha com pressa e não podia demorar:

— Eu bem queria desenferrujar os dedos e vingar-me das tareias que apanhei ultimamente...

Confessou de semblante contristado:

— Bem gostava, mas não posso. Temos de guardar isso para a próxima.

O fazendeiro percebia. Era uma pena, mas percebia. Prestável como de costume, dava-lhes de almoço mesmo àquela hora retardada:

— Tenho na cozinha um resto de pungo[gl] frito com arroz.

Sorriu maliciosamente:

— Se não forem exigentes, se servir...

Aristides agradeceu. Claro que servia lindamente! O que eles queriam era comer. Estavam lazarados de fome.

«Lazarados de fome». Armando repetiu para si a frase genuinamente transmontana, que aprendera da avó quando era criança e que não ouvia já há um ror de tempo.

Quando todos se sentaram à mesa, não foi só o pungo frito com arroz que viram sobre a toalha de oleado. Alguém se apurara lá dentro e preparara uma refeição completa: sopa de feijão com hortaliça acabada de aquecer, um pastelão de chouriço com cebola e salsa, um canjirão de vinho, um moringue[gl] de água, uma taça enorme de fruta com laranjas e bananas do Cavaco[gl].

Aristides não escondeu o seu espanto:

— É isto o resto de pungo com arroz?! Ora, ora... Nós temos aqui um banquete!

E tinham, ou quase, que os três atacaram com um apetite devorador.

5

A tarde ia já avançada quando subiram de novo para a camioneta. O fazendeiro tentou ainda adiar a partida, convidando mais uma vez:

— Deviam passar cá a noite. Era mais prudente. Porque não vão amanhã, pela fresquinha?

Insistiu:

— Não façam cerimónia. Era mais seguro.

Aristides recusou o convite. Registava a atenção com apreço, ficava sensibilizado, mas tinha mesmo de partir:

— Não, não pode ser.

Olhou para Armando e Sebastião e disse:

— Estes amigos estão ansiosos por chegar a casa. O que eles precisam agora é de pôr as biquatas[gl] no quarto e dormir nas suas camas.

Fez com o pé a ignição, pegou no volante, acelerou a fundo e arrancou.

— Adeus, até um dia!

Alguns minutos depois, já novamente na estrada, Armando referiu-se com simpatia ao modo como foram recebidos. Não poupou elogios ao fazendeiro:

— Um homem simpático. Tratou de nós que nem reis.

Aristides concordou:

— Pois tratou. Como era de esperar. O patrício verá que as pessoas em Angola são sempre assim.

Exagerava certamente. O que ele procurava dizer é que quem chegava do Puto, logo que punha os pés no cais, entrava numa terra enorme, que tinha pouco a ver com a aldeia, ou a vila, ou até a cidade de onde viera. Tudo ali era grande, muito grande — e levadas talvez por esse tamanho, as pessoas perdiam as vistas curtas de antes. De um dia para o outro, deixavam de olhar só para o umbigo e tornavam-se desprendidas, generosas e solidárias.

— O patrício percebe o que eu quero dizer? A gente ganha outra dimensão das coisas: pode até continuar pobre, mas não conta já os tostões.

Perguntou de novo:

— Percebe?

Armando não quis dizer que estava cansado, portanto incapaz de perceber fosse o que fosse. Baixou a cabeça e respondeu evasivamente:

— Claro, claro...

Sebastião caíra no sono e dormia agora de queixo colado ao peito.

Aristides comentou:

— O rapaz apagou-se. Coitado!... Muito bem se tem comportado.

Desde que desembarcara no Lobito, Sebastião estivera atento a tudo o que sucedia à sua volta e estava de facto exausto.

Como numa película fotográfica, ia então guardando na memória (ele não sabia ainda que para sempre) as peripécias por que passara durante aquelas horas: a tempestade ao fim da manhã, com os relâmpagos, os trovões e a chuva torrencial; os barulhos que vinham da mata, tão audíveis quanto misteriosos; a sensação de que a estrada não levava a sítio nenhum, senão a mais estrada; as palavras estranhas que escutara pela primeira vez e que não entendia, como «capotas», «tuas», «pungos» e «biquatas».

Tentou permanecer atento a tudo o que via. Tentou realmente, enquanto pôde. Mas o corpo humano não se basta de curiosidades, especialmente se é jovem. Como o tio Felisberto dizia, precisava de passar pelas brasas para recuperar as forças.

6

Quem viaja entre o litoral e o planalto, se estiver atento à paisagem, perceberá facilmente que ela se transforma ao longo do percurso. Não é apenas a topografía do terreno que varia de cota: a vegetação muda também, de acordo com o solo e o clima locais.

Os botânicos usam palavrões científicos para realçar o facto: dizem que a flora começa «estepóide» (ou seja, como a da estepe), onde a acácia melífera e alguns arbustos de porte elevado estão já presentes. As árvores-árvores, merecedoras desse nome, aparecem mais para diante, vão depois aumentando de

número e de tamanho, como o girassonde[gl], cuja madeira valiosa é muito procurada para o fabrico de mobiliário.

Para além dos mil metros de altitude, a mata complexifica-se e é agora uma mistura de espécies com afinidades ecológicas. Abundam aí a mupanda[gl] e o mumué[gl], em cujas copas cantam ao desafio o bico-de-lacre[gl], o catuítuí[gl] e o bengue-linha[gl]. O capim cresce à vontade por baixo, à maneira de um tapete húmido e verde.

Não é uma mata cerrada como as que existem no norte da Colónia, onde a luz do sol penetra com dificuldade. São ainda os botânicos que a chamam de «floresta aberta», porque as espécies se encontram bem separadas umas das outras, com direito a individualidade própria.

Armando e Sebastião não davam por esse pormenor; levados pelo muito que tinham ouvido a tal respeito, o que eles tinham para si era que estavam a atravessar uma selva aterradora, onde olhos de fogo e perigos incógnitos espreitavam a cada momento. Percorrerem quilómetros e quilómetros sem encontrar ninguém, sem ver uma pessoa, uma casa, outro carro, fazia crer que só Deus os acompanhava e lhes conseguiria valer em caso de aflição.

Alguns anos antes, Aristides sentira o mesmo. Não precisava de ser muito observador, nem de perguntar nada, para adivinhar o que os seus companheiros de cabina experimentavam nesse momento.

Para desanuviar o ambiente, garantiu que os receios não se justificavam. Bateu com a palma da mão no aro do volante e ironizou:

— Esta leoa merece verdadeiramente o nome que tem: com o depósito atestado de gasolina, papa distâncias como as xarás de carne e osso papam songues[gl]. E não corre o risco de levar um tiro.

Fez comparações:

— Isto aqui não é como na nossa terra. Era bom, era... A gente anda, anda, anda, e parece até que está perdido, que nunca mais chega ao fim. Mas chega.

Repetiu:

— Parece realmente, mas chega.

7

A noite caiu pouco depois do Balombo, quando inflectiram para Sul e tomaram o caminho para Quinjenje. Aristides repetiu então o que anunciara à saída do Bocoio: a partir daí, o itinerário seguiria quase ao lado da linha do CFB<sup>(\*)</sup>.

Para meter conversa e não deixar Armando cair no sono, lembrou que o Caminho de Ferro de Benguela fora construído pelos ingleses, usando da concessão conseguida por Robert Williams em 1902. Do Lobito a Vila Teixeira de Sousa, a instalação da via fizera-se por troços, de Oeste para Leste, de modo a ligar a Colónia ao Congo Belga. Um empreendimento que fora considerado uma façanha. Uma obra de gigantes, aliás: com anos e anos de trabalho sob a inclemência do clima, enfrentando diariamente, não só as exigências impostas pelo traçado (a pedir variantes, pontes, escavações, aterros), mas também as avarias frequentes dos equipamentos, que operavam em condições deploráveis.

Armando ouvia a explicação com pouco interesse. Aquilo com que se preocupava então era saber se a viatura que avançava agora na estrada iluminada pelos faróis, sem uma tabuleta,

<sup>(\*)</sup> CFB: Caminho de Ferro de Benguela.

um letreiro, uma referência qualquer, prosseguia ou não para o destino certo.

— É dificil conduzir aqui. Sem nenhuma informação, como é que a gente sabe onde está?

Aristides passou a mão pelo cabelo cortado rente; com o corpo musculoso repuxado sobre as costas do assento, não gaguejou sequer:

- Eu sei. Já passei por aqui vezes sem conta. Vamos bem. Tinha um argumento irrefutável:
- Não há nada que enganar. É seguir em frente, sempre em frente, até ao fim.

Armando sossegou. Feita assim com tal segurança, confirmada ao longo dos quilómetros («em frente, sempre em frente, até ao fim»), a afirmação não suscitava dúvidas. Ele tinha de acreditar e esperar.

Sacudido por algum solavanco maior, Sebastião acordava de vez em quando. Meio estremunhado, não percebia de imediato onde estava.

Ainda a bocejar, perguntava:

— Já chegámos?

Ora Aristides, ora Armando respondiam:

— Falta pouco. Estamos perto.

Sebastião fingia que acreditava. Espreguiçava-se, voltava a deixar cair o queixo sobre o peito, fechava os olhos e adormecia outra vez.

Sonhava daí a pouco. Via-se de novo no cemitério dos Prazeres, acompanhado do tio Felisberto, junto das campas dos pais. O que era estranho é que as pessoas que se encontravam aí se vestiam de maneira diferente, umas agasalhadas até ao pescoço, como no Inverno, outras em mangas de camisa, como no Verão. Fazia frio e calor ao mesmo tempo, e havia ursos, elefantes, renas, rinocerontes, andando lado a lado, nenhum com medo dos outros. Firmino e Manuel Carrapito discutiam no camarote

do «João Belo», o primeiro a dizer que era dia, o segundo a dizer que era noite, os dois deitados nos beliches, de roupas e cabeças trocadas...

Sebastião acordava:

- Já chegámos?
- Falta pouco. Estamos perto.

8

Depois de Quinjenje, Cuma e Longonjo, Aristides virou à direita e entrou na picada[gl] que conhecia tão bem. Apontou com o dedo para a frente, nem Armando nem Sebastião percebendo ao certo para onde. Com um «Uf, até que enfim!», anunciou em voz convincente:

— É já ali. Estamos em casa não tarda.

E estavam. À luz dos faróis da Leoa Possante, uma construção rectangular de adobe[gl] surgia sobre o fundo negro que ficava por trás. Não merecia o nome de edificio, mas era ainda assim uma estrutura considerável, com as paredes rebocadas de cimento e caiadas de branco, a cobertura de placas de zinco, a varanda assente em troncos grossos de madeira. Como tantas outras da região, de tamanho e forma semelhantes, servia simultaneamente de loja e residência.

Aristides buzinou várias vezes para avisar da chegada.

Dois cães rafeiros começaram a ladrar desalmadamente e vieram aos pulos saudar o dono. Saltavam-lhe ao peito, lambiam-lhe a cara, disputavam-lhe as festas.

Vultos diversos apareceram à porta. Um deles trazia um candeeiro de petróleo na mão, que levantou à altura dos olhos. Reconhecendo de imediato quem descia da camioneta, exclamou num sorriso enorme: — É o tchindér[gl]! É o patlão!

Aristides perguntou:

— És tu, Chipipa?

O que foi chamado assim agitou o candeeiro de um lado para o outro; respondeu depois de forma enfática:

— É eu mêmo, tchindér! É eu mêmo, siô!

Aristides deu então as suas ordens:

— Os rapazes que tirem as mercadorias da carroçaria e carreguem as biquatas destes senhores para dentro. Percebeste?

Chipipa baixou a cabeça humildemente:

— Sim, patlão, percebeste. Nós vai levar.

Aristides veio por trás e pôs-se entre Armando e Sebastião; pegando amistosamente nos braços de ambos, convidou:

Não façam cerimónia, venham lá.

Os três subiram o lance de degraus que dava acesso à varanda, atravessaram a porta escancarada, entrando por fim para uma sala-de-estar.

Sala-de-estar?... Talvez, mas uma sala-de-estar especial. Sobre a cómoda encostada à parede do topo, um petromax chiava e iluminava o ambiente. O que surpreendia logo de início não era a diversidade de coisas que existia ali, mas a forma como cada objecto se misturava com os outros, sem critério algum: uma mesa enorme, dois sofás com almofadas em couro, cadeiras por todo o lado, um cabide carregado de capacetes e capas contra a chuva, uma secretária onde se acumulavam documentos, caixas de cartuchos de caçadeira, miniaturas de animais em marfim, um relógio de capela bastante maltratado, que barulhava no seu tique-taque incansável. Forrado de esteiras de colmo entrançado, dispostas em quadrados irregulares, o teto abaulava para o centro. Tapetes de pele de zebra cobriam partes consideráveis do pavimento.

Aristides achou que devia dizer:

— Sentem-se e fiquem à vontade.

Àquela hora avançada da noite, perguntou mais por cortesia do que por convicção:

— Querem tomar alguma coisa?

Armando agradeceu:

- Não, não, muito obrigado. O que queremos agora realmente é descansar.
- E bem precisam. É só esperar que ponham as malas no quarto e montem a cama do Sebastião. Não vai demorar muito.

Não demorou de facto. Poucos minutos depois, uma mulher negra veio avisar:

— Tá tudo plonto, siô. O minino já podes dormir.

Tinha os pés descalços, os braços dispostos em cruz sobre o pano de pintado[gl] com que cobria o corpo. Parecia velha, mesmo muito velha.

Aristides disse:

— Está bem, Chilata. Podes ir.

O quarto ficava no fundo do corredor que servia todas as dependências da casa. Mais comprido do que largo, era realmente pouco espaçoso, mas menos acanhado do que fora descrito. Entre as duas camas viradas para a janela, uma mesa-de-cabeceira avantajada tinha sobre o tampo uma vela que ardia tremulamente na palmatória de barro; no cacifo de baixo, guardava um trinta-de-alto[gl], para acudir às necessidades fisiológicas mais urgentes.

Ainda que mortiça, a luz do pavio deixava perceber o mobiliário presente: cabides nas paredes, um guarda-fatos junto da porta de entrada, um lavatório de esmalte montado na estrutura metálica, um espelho redondo que ficava por cima.

Aristides justificou-se:

— Foi o que pude arranjar. Serve?

Armando respondeu logo:

— Serve, serve! Só temos de agradecer. Ficamos aqui lindamente.

Por cortesia, não estava a ser sincero. Devia agradecer aquela atenção, mas tinha de reconhecer que não ficava bem instalado.

Aristides despediu-se:

— Ainda bem que gostaram. Então boa noite.

Rodou meia volta; antes de sair, acrescentou:

— Durmam com os anjos. Fiquem em paz e descansem, porque amanhã é outro dia.

Armando e Sebastião tiraram os pijamas das malas, vestiram-se de costas um para o outro, deitaram-se nas camas, mas não adormeceram logo.

A certeza de que começavam agora uma vida nova (e os dois interrogavam-se mais uma vez sobre o futuro que teriam de enfrentar); o facto de estarem longe de Portugal e da família; a dificuldade de acomodarem o corpo aos colchões de palha de milho com pedaços de carolo à mistura; tudo isso lhes tirava o sono e os mantinha de vigília.

Lá fora, do outro lado da janela, os martrindindes[gl] trilavam continuamente.

Armando disse:

— Parecem grilos.

Sebastião corroborou:

— Parecem, parecem.

Intensos e persistentes, os trilos ouviam-se nitidamente, ora subindo, ora descendo de tom. Só eles sabendo por que razão, paravam de súbito, todos de uma vez. Mas por pouco tempo, porque recomeçavam daí a pouco.

9

Acordaram quando o sol entrou pelos vidros da janela e ba-

teu em cheio nas cabeceiras das camas. Ouviram vozes ali perto, falando uma língua desconhecida.

Armando levantou-se. Pegou no jarro de alumínio e encheu de água o lavatório de esmalte. Como procedia sempre àquela hora, ensaboou a cara de espuma com o pincel de crina de cavalo, tirou do estojo a navalha de aço inoxidável, cujas faces passou no cabedal lustroso do afiador, zás!, zás!, zás!. Com a presteza adquirida ao longo dos anos, começou a fazer a barba.

Sem cuidados especiais, como quem está atrasado ou se preocupa pouco com a *toilette*, despiu o pijama e arranjou-se rapidamente.

Sebastião não demorou mais. Em menos de cinco minutos, ficou pronto para sair.

Os dois deixaram o quarto e seguiram depois pelo corredor até à sala-de-estar onde tinham estado na véspera. À luz clara da manhã, a confusão de objectos parecia agora mais evidente.

Aristides conversava com Chipipa, que baixava a cabeça e repetia sem hesitação:

- Sim, patlão, percebeste.
- Óptimo! Vai lá então e não metas as mãos pelos pés, como de costume.

Quando se virou e deu por Armando e Sebastião, pareceu surpreendido:

— Já a pé? Tão cedo?

Pôs-se a adivinhar:

— Estou a ver. Dormiram mal e estranharam os colchões.

Armando observou que não: ele tinha aquele hábito desde miúdo; como a mãe lhe dizia muitas vezes, levantava-se com as galinhas.

Aristides achou bem. Isso era coisa útil em África, onde toda a gente madrugava:

— Com este sol tão brilhante e convidativo, ninguém pode ficar na cama.

Informou que o mata-bicho[gl] estava já na mesa, que todos podiam passar imediatamente à sala-de-jantar.

Nem no paquete «João Belo», durante as três semanas de viagem, Armando e Sebastião viram um pequeno-almoço igual. Na mesa enorme rectangular, havia de tudo: como no Bocoio, o pastelão de chouriço com cebola e salsa, o moringue de água e a taça de frutas; no topo mais afastado, uma travessa de bifes com ovos estrelados acabados de fazer; no centro, uma cesta de pão e uma manteigueira destapada, com dois bules por perto, para o leite e para o café.

Uma mescla forte de odores tomava conta da sala: vinha do pastelão de chouriço, mas também da taça de frutas, da travessa de bifes, sobretudo do bule do café, que imperava hegemonicamente.

Chilata estava à espera, para servir. Sem esboçar um gesto, continuava com os pés descalços e os braços em cruz sobre o peito.

Aristides convidou:

— Sentem-se, façam favor.

Deu o exemplo. Desdobrou o guardanapo, cuja ponta meteu na gola entreaberta da camisa:

— Vamos lá rilhar esta bucha.

Armando protestou:

- Esta bucha?! O patrício exagera!...
- Pois, pois. É preciso começar o dia com o estômago aconchegado. Toca a comer!

Sebastião queria experimentar tudo. Levava sofregamente os talheres à boca, mostrando assim como se deliciava com a refeição.

Aristides esboçou um sorriso e perguntou-lhe:

— Que tal? Sabe-te bem?

Como que apanhado em falta, o rapaz pareceu envergonhado. Com as faces muito vermelhas, titubeou uma resposta:

- Sim, sabe... É muito bom...
- Então chega-lhe, chega-lhe, para ficares rijo.

Foi por ouvir esse conselho caloroso, «chega-lhe, chega-lhe», ao mesmo tempo de condescendência e estímulo, que Sebastião simpatizou logo com o seu anfitrião.

Tão corpulento e musculoso como o tio Felisberto, os gestos ríspidos, a voz tonitruante, Aristides podia até meter medo de início; mas depois, com a convivência, desfazia depressa a impressão que causara.

Alguém bateu nesse momento nos vidros da janela que dava para o terreiro. Do lado de fora, um homem de meia-idade levantava o braço e acenava amistosamente.

Era Joaquim Libório de Sousa, dono de uma chitaca[gl] de alguns hectares, entre o Longonjo e o Lépi, onde cultivava milho, feijão e mandioca. Disse que vinha ali em missão de paz, para cumprimentar o vizinho e desejar as boas-vindas aos recém-chegados.

Aristides fez as apresentações e convidou:

— Faça-nos companhia, sente-se aqui connosco. Beba uma chávena de café e ataque estes pitéus feitos pela Chilata. Vá, forca!

Joaquim Libório não se fez rogado. Correspondeu à sugestão e atacou mesmo os pitéus da Chilata: não só um bife regado de molho, mas ainda duas fatias de pastelão, uma banana e quase meia papaia.

Armando espantava-se. Como é que uma pessoa que comia daquela maneira podia ser tão magra?

Algarvio de Olhão, Joaquim Libório era realmente magro. Moreno de estatura meã, os olhos miúdos e encovados nas órbitas, as maçãs do rosto parecendo furar a pele, era fisicamente marcado para dar nas vistas. Fora atropelado por uma galera[gl] que rodava desgovernada, ficando para sempre coxo da perna direita. Quando andava, claudicava muito, o corpo subindo e des-

cendo alternadamente sobre o membro aleijado. De feitio irascível, teimoso e por causa da sua deficiência, ganhara a alcunha de Mula Manca. O que ele sabia, mas que ninguém se atrevia a chamar senão pelas costas.

Como Aristides contaria mais tarde, Joaquim Libório era racista, assumindo publicamente o facto. Quando falava do assunto, desenvolvia a teoria de que o negro não conseguia governarse sozinho: era uma criança grande, quase sempre manhoso e madraço, pelo que os brancos tinham a obrigação (ele enchia a voz e proclamava em tom declamatório «mais do que a obrigação, o dever!!!») de guiá-lo com mão firme e sem lhe dar confiança.

Essa mão firme significava que um descuido, um desleixo, um lapso não podiam ser admitidos e mereciam de imediato o correctivo adequado:

— Não podemos transigir. Os gajos abusam logo, e ai de quem se ilude e pensa que resolve as coisas com conversa fiada e paninhos quentes!

Troçava:

— Era bom, era...

A sua receita não falhava nunca:

— Cavalo marinho no lombo, porrada no coiro, e é uma maravilha! Tomam tento na bola, ficam de sobreaviso e esmeram-se daí em diante!...

10

Confortado por um mata-bicho tão variado e substancial, Joaquim Libório despediu-se. A manhã avançava e ele tinha de voltar rapidamente para a chitaca, onde o pessoal abria uma cacimba[gl]:

— Se não estou lá, é o que se sabe... A pretalhada despacha

aquilo de qualquer maneira e eu que me aguente. O costume, o costume...

Pegou no chapéu e saiu porta fora.

Aristides, Armando e Sebastião passaram então à loja, que ocupava toda a parte direita da casa.

Sem horário de trabalho, era uma loja igual a tantas outras que comerciavam naquela época com os negros. Mais armazém do que estabelecimento de venda, guardava lá dentro uma profusão enorme de artigos, que pareciam não ter relação entre si. Havia de tudo: nas prateleiras corridas, peças de pintado, baixelas de esmalte e alumínio (canecas, pratos, travessas), miudezas de retrosaria (carros de linhas, agulhas, botões), pulseiras reluzentes de latão e colares coloridos de missangas[gl]; sobre o pavimento, espiras de tabaco escuro, fardos de pexelim[gl] e toqueia[gl], sacos de fuba[gl] e feijão; ao fundo, postos de pé e com as torneiras em baixo, dois barris de vinho.

Outros produtos deviam estar ali certamente, embora invisíveis: os cheiros que pairavam no ar não podiam provir só da mercadoria exposta, mas de alguma crueira[gl], óleo de palma e petróleo guardados em qualquer sítio.

Por duas janelas estreitas que não abriam nunca, o sol entrava como que a medo, iluminando mal o ambiente. Quem se encontrasse aí pela primeira vez, ficaria surpreendido; admirado com o que via, teria nesse momento a impressão de que estava num sítio estranho, tão sombrio e misterioso como a caverna de Aladino.

Tolhido pela surpresa, Armando não disse nada; mas minutos depois, desabafava consigo próprio que era num lugar insólito como aquele, perdido no fim de mundo, que teria de lutar pelo futuro.

Mas como? Alguém poria as finanças em ordem vendendo a retalho tantas bugigangas? Ganharia sequer o suficiente para pagar aos fornecedores? Parecendo vaidoso do seu estabelecimento, Aristides observou:

— Como estão a ver, não é com artigos valiosos que ganho e amealho uns cobres. Coitados dos bés!: eles jamais poderiam pagar coisas caras.

Formulou então a regra essencial que qualquer comerciante digno do nome devia cumprir para ter sucesso:

— Olhinhos!... O que há a fazer é comprar bem e vender melhor!

Duas ou três horas mais tarde, Armando compreenderia o significado de tal asserção:

De quindas[gl] na cabeça com os produtos colhidos das lavras[gl], as mulheres vinham da mata, atravessavam em fila ruidosa o terreiro e entravam na loja; com um esforço que parecia desmesurado para os seus braços frágeis, alijavam a carga na balança.

Aristides pegava nos pesos, dava uma volta ao balcão, tapava com o corpo a luz esmaecida que passava pelas janelas. Desde que iniciava essa espécie de ritual, não se calava: meio em umbundo[gl], meio em português, fazia as perguntas e dava as respostas.

No momento adequado, fingia fazer contas de cabeça, para concluir:

— Ora bem, vejamos, tantos quilos a tantos angolares[gl] dá tanto...

É claro que aqueles «tantos» todos ficavam sempre aquém, quer dos quilos indicados pela balança, quer dos angolares que deviam resultar da conta.

As mulheres coçavam a carapinha e franziam a testa. Com a ponta acesa do cigarro metida dentro da boca, não protestavam, pelo menos explicitamente. Quando recebiam a quantia anunciada, permaneciam de mão estendida, mostrando assim que aquele lombongo[gl] era pouco. Tão pouco que não chegava

quase para pagar a fuba, o peixe seco e os condutos[gl] que compravam de seguida.

Aristides observava a propósito que o dinheiro era um maganão, ladino que nem um azougue: tão depressa lhe saía da gaveta quanto lhe entrava no bolso.

Quem não tivesse jeito para o ofício, que fosse cavar batatas e mudasse de ramo...

11

A loja, o terreiro e a picada que atravessava a mata podiam estar longe de tudo, mas as notícias da guerra que se aproximava chegavam lá.

Adolf Hitler insistia na deificação da raça ariana, a única que considerava capaz de governar o mundo. Nos discursos inflamados que proferia para multidões histéricas, lembrava enfaticamente que a Alemanha fora espoliada pelos vencedores da 1ª Grande Guerra; que ela tinha por isso o direito de reclamar aquilo que perdera no Tratado de Versalhes.

Cada vez mais bem preparado para a confrontação militar, o Fuhrer fazia exigências em série, dando mostras de que nenhuma concessão o satisfazia ou lhe mitigava a ânsia de vingança.

Aristides achava que era de mais e irritava-se com aquela ambição.

Nessa tarde, não se conteve e desabafou:

— É isso mesmo. Dão-lhe hoje a mão e o gajo quer amanhã o pé.

No fim do almoço, enquanto bebiam o café, ele e os convidados conversavam sobre o que tinham ouvido na BBC.

Armando preocupava-se com a evolução recente dos acontecimentos:

— A Guerra é assim tão certa? Vocês acham?

Claro que todos achavam. Só quem não ouvia a Rádio e o que Fernando Pessa noticiava de Londres podia pôr isso em dúvida.

Armando tinha ainda alguma esperança:

— Mas eles não se reuniram e puseram de acordo em Munique?

Mula Manca gargalhou:

— Em Munique? Ora, ora! O Hitler é lá homem para se encolher junto dos ingleses...

Naquela andaca[gl], era a favor da Alemanha e não tentava disfarçar o facto:

— O gajo até tem razão. Os Bifes são uns sacanas que cuidam apenas de si e estão-se nas tintas para os outros. Roubaram-nos ou não escandalosamente aqui em África com o Mapa Cor-de-Rosa?

## Concluiu:

— Ora aí tem. Veja a ambição e a falta de escrúpulos dos súbditos de Sua Majestade.

Aristides concordou, mas... No que discordava mesmo do chitaqueiro[gl] era na teoria de que os judeus mereciam ser exterminados por causa da sua ascendência e do seu poderio económico.

Mula Manca perguntou:

— E não merecem? Uns usurários, uns rapaces, convencidos de que sabem e podem tudo! Nã, nã, eu também não gramo esses filhos da puta!

Ao assinar o Pacto de Aço com a Itália de Benito Mussolini, a Alemanha traçava a estratégia e escolhia os aliados com que iria contar para abrir brevemente as hostilidades. Nem os mais confiantes duvidavam já do que iria suceder. Era apenas uma questão de tempo e esperar.

Quando decidiu deixar Portugal e separar-se da família, Armando ignorava ainda como os seus propósitos estavam já potencialmente comprometidos. Que não obstante a sua determinação, ele não poderia continuar em Angola.

Numa carta recebida quatro meses depois de ter chegado, um vizinho da Rua dos Correeiros veio tirar-lhe em meia página de papel toda a vontade de lutar pelo futuro:

Maria Ernestina estava doente, ninguém sabia bem com quê. Semana sim semana não, fechava as portas da mercearia e passava o dia no hospital, de onde vinha na mesma. Custava ver como a senhora se arrastava, definhava de mês para mês, sem ter o marido ao lado.

Armando não sossegou mais. De manhã à noite, pensava só na mulher, que se encontrava lá longe, agarrada aos filhos, tão precisada agora de ajuda. Mesmo quando andava ocupado com qualquer tarefa, sentia como que um nó na garganta de cada vez que imaginava o quadro.

Que havia de fazer? Ficar-se por enviar pelo correio umas palavras de conforto, mostrando como estava preocupado? Mas isso resolveria alguma coisa?

Sabia bem que não. O que ele devia fazer, e o mais rapidamente possível, era apanhar o comboio no Longonjo, seguir para o Lobito, comprar lá um bilhete de passagem e voltar de novo para casa.

Aristides achava que o patrício estava nervoso e se precipitava: tinha de ter calma, conversar com o travesseiro e adiar por enquanto a decisão.

— Ir embora assim de um momento para o outro, sem saber ao certo o que se passa?

Aconselhou:

— Aguarde algum tempo, tente primeiro tirar tudo a limpo.

Justificou o conselho. E se o amigo concluísse em Lisboa que o vizinho exagerava? A patroa podia não estar assim tão mal. E depois? Iria arrepender-se certamente de ter escutado mais o coração do que a cabeça. Só que nessa altura, como devia compreender, seria tarde de mais para emendar a mão.

Armando não se deixou convencer, mas resolveu pensar no assunto.

Uma segunda carta veio confirmar pouco depois a notícia: Maria Ernestina piorava a olhos vistos. O vizinho escrevia preto no branco que a senhora padecia com certeza de um mal muito grave...

Armando não esperou nem mais uma hora. Com o rosto transtornado, fitou Sebastião e disse:

— Vou regressar a Portugal. Lamento, mas tem de ser.

## Perguntou:

— E tu? Queres ficar cá ou vir comigo?

Desde que soubera que Dona Maria Ernestina estava doente e que poderia precisar do marido, Sebastião se preparava para responder àquela pergunta. A hipótese de suportar novamente o enfado da tia Maria do Patrocínio e a tibieza do tio Felisberto; a ideia de viver convencido de que a sua presença era malquista, tudo isso lhe recordava o passado triste e o impedia de partir. Não queria repetir a experiência.

— Eu prefiro ficar. Se não causar transtorno e o senhor Aristides deixar...

Aristides garantiu prontamente que deixava, que não tinha nada contra. Dava até jeito ter na loja uma pessoa de confiança: o rapaz mostrava vocação para o negócio, era educado e obediente, seria sempre bem-vindo:

— Não há problema nenhum. Continuas com o quarto à disposição.

Sebastião agradeceu:

— Então fico.

Armando elogiou a decisão sem reservas:

— Acho que fazes bem. És novo, corajoso, e esta terra é para quem não teme as dificuldades.

Logo nesse dia, ao fim da tarde, fez a mala, arrumou lá a mesma roupa que trouxera, preparou-se para apanhar ainda o cama-couve[gl] da noite.

Como observou com mágoa no momento da despedida, a sua aventura africana chegava ao fim.

13

Nhareia ajudava Chilata nas tarefas domésticas. Não que tivesse idade e força suficientes para levar a cabo o que fazia, mais adequado ao vigor de um adulto. Quando carregava ao ombro um molhe de lenha da mata ou trazia à cabeça um balde de água da cacimba, tremia nas pernas frágeis, ameaçando cair pelo caminho. Ameaçava, mas não caía: que nem um equilibrista de circo sobre a corda, avançava lentamente, bamboleando as ancas, de cá para lá, de lá para cá, até chegar ao destino e se livrar da carga.

Quantos anos tinha? Ninguém sabia, nem ela própria. Viera do Lépi com a avó, com quem vivia desde a noite em que a mãe morrera com uma biliosa[gl].

Interrogada por Aristides sobre o assunto, Chilata garantira então que a menina era ainda um cafeco[gl] muito novo, quase uma criança. De propósito ou porque não sabia mesmo, exagerava com certeza, porque todo o corpo adolescente da neta denunciava o contrário...

Com os olhos pestanudos, a boca desenhada, o pescoço de garça, os seios empinados sob o quimono de pintado, Nhareia

prometia tornar-se uma mulher de amalucar os homens. Importava pouco aquilo que fazia: se limpava o pó dos móveis, se varria o chão, se servia à mesa, ela regalava sempre a vista dos seus mirones.

Se lhe adivinhava a presença ou a tinha por perto, Sebastião sentia o coração bater forte no peito. Apanhado de surpresa, ficava a tremer da cabeça aos pés, tão nervoso e perturbado que perdia o acordo de si.

Nhareia dava conta daquela excitação, e porque não escapava à natureza do seu sexo, agradava-se com o rubor das faces, o embaraço e a atrapalhação indisfarçável desse jovem de catorze anos. Ambos se desejavam de longe, se imaginavam um nos braços do outro, se satisfaziam solitariamente na cama antes de adormecer.

Numa tarde em que chovia muito, quando as gotas de água barulhavam no zinco da cobertura da casa, Nhareia entrou no quarto do «minino» branco. Como procedia diariamente, ia arrumar aí a roupa passada a ferro.

Sebastião estava de tronco nu e preparava-se para mudar de camisa. De pé em frente do guarda-fatos, deixava perceber quanto mudara desde o dia da chegada. Não era franzino como antes: crescera, ganhara altura, o tronco e os ombros robustos, a barba a despontar já pelas faces, o cabelo negro penteado para trás. Em menos de um ano, como o tio Felisberto exclamaria a propósito, se transformara num «matulão de se lhe tirar o chapéu!».

Nhareia e Sebastião olharam-se nos olhos demoradamente. Demoradamente?... Talvez não, porque nesse instante, levados por um impulso irreprimível, se agarraram, se beijaram, cada um ardendo colado ao outro como fogo de queimada em capim seco de Agosto. Nenhum deles falou, pronunciou sequer uma palavra, porque só tinha voz para gemer o prazer de que estava possuído.

Para não provocar Aristides nem magoar Chilata, Nhareia e Sebastião esconderam só para si o seu amor. Durante o dia, tentavam evitar-se; como duas pessoas que nada têm entre si, não trocavam um cumprimento. Mas à noite, à luz bruxuleante da vela da mesa-de-cabeceira, recuperavam nos gemidos trocados o silêncio que tinham calado ao longo de tantas horas.

Recordando esse tempo alguns anos mais tarde, Sebastião lembrará que foi com Nhareia que se fez homem completamente; que com ela, com os seus beijos, os seus afagos, os seus abraços, foi feliz pela primeira vez na vida; que foi por isso que deixou a pouco e pouco de lamentar a ausência de Armando na cama ao lado...

14

Angola estava dividida na época em regiões administrativas, cada uma a cargo de um representante do poder colonial: as Províncias, os Distritos, os Concelhos e os Postos<sup>(\*)</sup>, dirigidos respectivamente pelo Governador, o Intendente, o Administrador e o Chefe de Posto. Todos estes senhores ostentavam nas platinas da camisa um número de folhas douradas de oliveira em fundo preto, chamadas pejorativamente de «vissapas», que indicavam o nível hierárquico de cada um.

Isolado no território de jurisdição, entregue à sua maneira pessoal de exercer a magistratura, o Chefe de Posto era quase sempre, como se referia frequentemente, um «reizinho». Sem regra nem calendário estabelecido, só de vez em quando (muito de vez em quando...), recebia a visita de algum inspector apressado.

<sup>(\*) 5</sup> Províncias, 16 Distritos, 30 Concelhos e 299 Postos.

Entregue a si próprio, se não era por acaso uma das excepções que confirmavam a regra, ele punha e dispunha. As suas ordens eram escrupulosamente obedecidas e não tinham apelação, porque o que estava dito estava dito e ninguém se atrevia a sugerir o contrário. Nem mesmo os sobas[gl], com a autoridade natural de que estavam revestidos, ganhavam alguma coisa em protestar: reclamavam em vão; podiam defender com denodo as suas razões, ser tratados com respeito e ouvidos com paciência, mas regressavam às senzalas tão ofendidos e inconformados como tinham vindo de lá.

Com cinquenta anos de idade e muitos de prática, viciado assumido da sueca, que jogava nas tardes de sábado com Aristides, Mula Manca e qualquer parceiro de ocasião, o Chefe do Posto do Cuma, Aníbal da Silva Pereira, procedia também assim. Baixo e careca, o rosto sanguíneo, nédio de corpo como uma couve tronchuda, disfarçava na aparência de homem bonacheirão a crueldade de que era capaz.

Quando interrogava algum negro que queria meter na cadeia, abria um sorriso cínico, adoçava a voz e perguntava quase em surdina:

— Então, filho, estás calmo? Queres sentar-te neste banquinho?

Mudava num instante de atitude. De dedo estendido e olhos sanguíneos, entrava de seguida no assunto:

— Vamos lá. Deixa-te de rodeios e conta-me tintim-por-tintim o sarilho em que te meteste!

Em frente do seu algoz, o negro continuava sem perceber o motivo por que estava ali. Levantava os braços como numa súplica, dobrava o tronco para baixo e negava com veemência a culpa de que era acusado:

— Eu num fez isso, siô Chefe! Eu jura, num fez mêmo! Nunca! Nunca!

Aníbal irritava-se:

— Ah, não?! Não fizeste?! Vou já tirar isso a limpo... Olá se vou!...

Cada vez mais congestionado, virava-se para o sipaio[gl] de serviço e mandava:

— Pega na palmatória e dá-lhe uma dúzia de bolachas para começar.

Acrescentava sempre:

— Uma dúzia de bolachas a preceito. Bem tiradas, bem puxadas, como eu gosto!

Só quando o negro confessava, as palmatoadas paravam. E confessava «tudinho», o que tinha feito e o que não fizera, sem se esquecer de «nadinha», como o Chefe de Posto dizia.

Aníbal Pereira da Silva acendia então o cigarro de tabaco FTU[gl] que enrolara na mortalha Zig-Zag[gl], puxava longamente uma fumaça, voltava a sorrir e a adoçar a voz. Fitava a sua vítima e observava:

— Como vês, não custou nada... Podias ter falado logo e evitado esta cena...

Casara muito novo com Dona Zulmira Pulquéria do Nascimento, que tratava carinhosamente, ora de Zulmirinha, ora de Zulmirita. O que provocava a chacota dos amigos, já que a senhora não merecia tão inadequados e impróprios diminutivos. Mais alta e gorda do que o marido, as feições grosseiras, o cabelo oleoso sobre as orelhas, o peito atafulhado sob a cinta de barbas de baleia, ninguém conseguia perceber a que dotes e artes recorrera para dar o nó. Sentada numa cadeira com os filhos à roda, lembrava as matronas de antanho, que sabiam apenas parir e cuidar da prole.

Não era de facto bela, muito menos atraente, mas que tinha génio e mão ligeira é que nenhum dos que lhe caíam na alçada duvidava por um momento. Fanfarrão e terror dos que punia com a palmatória, Aníbal só perante ela se encolhia, baixava a voz e se humilhava.

No dia da partida de Armando para Portugal, Aristides dissera que Sebastião podia ficar, porque mostrava vocação para o ofício.

Tinha razões de sobra para formular esse julgamento. O rapaz demonstrava efectivamente um jeito especial para o negócio. Era simpático com os clientes, quer quando comprava os produtos das quindas, quer quando vendia os artigos das prateleiras. As palavras em umbundo indispensáveis à realização das transações, aprendeu-as depressa, durante as primeiras semanas. Com um sorriso espontâneo e o seu vocabulário reduzido, cumprimentava quem entrava na loja, mandava pôr a carga na balança, dava conta dos quilos registados, tirava o dinheiro da gaveta e pagava.

Percebendo desde muito cedo que ganhavam mais lombongo quando eram atendidos, não pelo patrão, mas pelo empregado, os clientes dirigiam-se ao «minino» e ignoravam o «branco véio».

Aristides dava por isso e compreendia («O miúdo é incapaz de aliviar os pesos e espremer os pagamentos...»); certamente porque admirava a lisura do procedimento, não interferia. Fingia-se ofendido com a preferência; de vez em quando, desabafava:

— Ora esta!... É fantástico, eu é que sou dono do estabelecimento, eu é que avanço com a massa, mas fico à margem do que se passa aqui.

Fingia apenas, porque se alegrava com o facto. Como reconhecia pragmaticamente, nunca comprara nem vendera tanta mercadoria como agora. Não era ele e só ele quem beneficiava por fim?

Mula Manca achava que Aristides condescendia e facilitava

de mais. Convencido de que precisava abrir os olhos ao vizinho, comentava frequentemente:

- Cuidado com os bés, que eles abusam e o amigo sofre um dia algum vexame.
  - Um vexame?! Qual?

Mula Manca não referia qual, mas insistia, adiantando vagamente:

— Um vexame, um enxovalho, uma vergonha, qualquer coisa do género...

Aristides duvidada:

— Não há perigo. O rapaz é delicado, mas não é burro. Sabe dar-se ao respeito.

Quase sempre por perto, Sebastião ouvia a observação. Detestava o chitaqueiro, que dizia mal de toda a gente com a boca venenosa de surucucu[gl]. Um homem nojento: mais do que da perna, era coxo da alma; tal como fazia com os negros, batia na mulher e nos filhos, que se gabava de ter domesticado como convinha.

Passava o resto dia preocupado, tentando avaliar os efeitos daquela insinuação. Mas Aristides sabia bem com quem lidava; no negócio da loja, podia fazer as contas à sua maneira, tirar na balança o que não devia, mas não odiava o mundo nem dava crédito a língua tão peçonhenta:

— Não há perigo. O rapaz é de confiança e tem noção do que faz.

Mula Manca desistia, mas sem ficar convencido:

— Terá, terá. Se o amigo julga que sim... Eu cá ficaria atento!

16

Em 1 de Setembro desse ano, o que estava para acontecer

sucedeu mesmo: sem respeito por tudo o que assinara em acordos diversos e prometera continuamente, Adolf Hitler ordenava a invasão da Polónia e iniciava a 2ª Grande Guerra.

O conflito durará seis anos, que serão de devastação e morte em proporções nunca antes atingidas. Em campos antagónicos, os «Aliados» contra o «Eixo»: embora nem todos ao mesmo tempo, o Reino Unido, a França, os Estados Unidos, a União Soviética e a China contra a Alemanha, a Itália e o Japão. Países menos importantes alinharão por conveniência, ora com uns, ora com outros.

Portugal não entrou na beligerância. A Imprensa e a Rádio da época garantiram que isso se devia à habilidade diplomática de Oliveira Salazar, que soube inteligentemente salvar os seus compatriotas do flagelo horrível. Aplaudido como de costume, o Presidente do Conselho foi então considerado um «iluminado», um «inspirado de Deus», que tinha o dom de proceder sempre como devia.

Mas a História registará mais tarde uma versão diferente dos factos. A neutralidade praticada devia-se, não ao talento do Chefe do Governo, mas aos interesses dos dois blocos inimigos, com os quais o país mantinha simultaneamente transacções comerciais. Como se dirá a propósito, a situação servia tão bem aos *Bifes* como aos *Boches*, que encontravam em Lisboa um trampolim seguro para outros destinos e uma cidade privilegiada para a espionagem e a conspiração internacionais.

Sem participar directamente na luta, Portugal não deixou de sofrer as consequências do que acontecia lá fora. Restrições de bens essenciais começaram a afectar a população, como sucedeu com os géneros alimentares; fornecimentos de matérias-primas para a indústria do armamento foram impostos, como ocorreu com o volfrâmio.

Com um fluxo até aí contínuo de trocas de mercadorias, umas saindo, outras entrando, Angola não ficou imune aos efeitos da Guerra. Mais do que a admiração ou o menosprezo gerados nos que apoiavam esta ou aquela coligação, portanto também este ou aquele líder, a subida das exportações num sentido e a descida das importações no outro, reflectiam bem a influência do conflito.

De Luanda e do Lobito, partiam nos navios para a Europa quantidades cada vez maiores de café, sisal, algodão, açúcar, até de milho e feijão; aos mesmos portos, chegavam em proporções cada vez menores o vinho, o azeite e os tecidos em peça. De ano para ano, o desequilíbrio entre o que ia e o que vinha acentuava-se progressivamente, com as consequências negativas daí decorrentes.

Servindo-se de intermediários para o efeito, muitos comerciantes do mato acumulavam nos armazéns os produtos mais apetecidos, que colocavam depois nos mercados consumidores por preços exorbitantes. Alguns enriqueceram depressa, fizeram mesmo fortuna, beneficiando da conjuntura existente.

Aristides foi daqueles que souberam aproveitar a oportunidade. Ainda a Guerra ia a pouco mais de meio, já ele conseguira amealhar muito dinheiro.

Sebastião acabara de completar dezanove anos, tirara a carta de condução, continuava a dar provas da sua competência. Fora por isso merecidamente promovido de empregado a sócio do patrão.

17

Ao fim daqueles seis anos passados no mato, Sebastião tinha pouco a ver com o rapaz que chegara de Portugal, cheio de dúvidas e receoso do futuro. Fora bem sucedido, vencera felizmente, tinha agora a certeza de que viera para Angola na altura própria. Recordava muitas vezes a viagem no «João Belo», sobretudo Armando, que acabara por enviuvar e tentava sobreviver com o pouco que ganhava na mercearia da Rua dos Correeiros. O companheiro de camarote escrevia frequentemente, repetindo sempre as mesmas queixas: a luta que travava para se aguentar num tempo tão difícil, o desgosto de não ter já a mulher ao lado, a gana que sentia de embarcar de novo para África, levando os filhos consigo.

Sebastião respondia de imediato, aprovando a ideia. Garantia o seu apoio sem quaisquer reservas: o senhor Armando que fizesse as malas e viesse rapidamente, porque seria bem-vindo; que não se acanhasse, porque os amigos eram para as ocasiões.

Quando se deitava nesses dias, antes de fechar os olhos e adormecer, pensava na ironia que era poder ajudar agora quem o ajudara antes. Ao recordar o passado bem presente na memória, ficava como que reconfortado, não pelas cartas que chegavam, mas pela oportunidade de dar a mão àquele amigo. Claro que não saldaria a sua dívida, pois há favores que não se pagam; mas pelo menos, retribuiria em parte as atenções e o carinho recebidos.

A Guerra chegava ao fim e o seu desfecho tornava-se cada vez mais claro. A Rádio informava diariamente como a Alemanha soçobrava em todas as frentes; depois da capitulação da Itália e do desembarque dos Aliados na Normandia, ninguém duvidava já de que os acontecimentos evoluíam num só sentido. Até os que haviam acreditado convictamente nos propósitos de Hitler e no poderio invencível da *Wehrmacht*, davam o braço a torcer e manifestavam a sua decepção.

O mundo iria mudar: não apenas lá longe, na Europa, mas por todo o lado. Sebastião intuía essa mudança e achava que ele próprio devia reflectir sobre o futuro e tomar decisões. O que é que iria fazer daí em diante? Continuar onde estava ou partir

para outro sítio? Que arriscaria num caso e no outro? Quais as vantagem e os inconvenientes de cada uma dessas alternativas?

Se terminasse a sociedade, magoaria certamente Aristides. Lamentava dar-lhe esse desgosto; mas a verdade, a verdade, é que juntara já economias suficientes para se estabelecer por conta própria e não via uma oportunidade melhor para concretizar tal ideia.

A algumas dezenas de quilómetros de distância, logo a seguir à Caála, a antiga Huambo e actual Nova Lisboa desenvolvia-se a olhos vistos<sup>(\*)</sup>. Fundada pelo General Norton de Matos e rebaptizada pelo Eng.<sup>o</sup> Vicente Ferreira, ultrapassava já Benguela e começava a impor-se como a segunda cidade da Colónia. Como não seguir então o exemplo de tanta gente e ir também para lá?

Quanto mais a Guerra se aproximava do fim, tanto mais Sebastião se convencia da necessidade urgente de sair do mato. Cansava-se já de assistir às sessões de cartas dos sábados à tarde, onde Mula Manca e o Chefe de Posto do Cuma disputavam entre si a admiração pelo Fuhrer perante a passividade de Aristides:

— Aquilo sim, é um homem, um estadista, um líder! Não arreia! Tem fibra bastante para os americães!

De voz turvada e sibilina, diziam sempre «americães» em vez de americanos, não escondendo como estavam ressabiados contra aqueles que finalmente, depois do Japão atacar *Pearl Harbor*, haviam entrado no conflito e invertido de vez o curso

<sup>(\*)</sup> Ver no fim do romance, a seguir ao glossário, o anexo *Cronologia de uma Cidade*, onde se referem os acontecimentos mais importantes relacionados com a fundação, estabelecimento e desenvolvimento de Nova Lisboa.

dos acontecimentos. A seguir ao Dia D, abusavam do termo e vociferavam contra Eisenhower, que era agora o Comandante Chefe dos Aliados:

— Um gajo que veio a correr da terra dos índios e não imagina sequer no que se meteu... Vai dar com as ventas no chão não tarda! Vão ver!

Sebastião deitava já pelos olhos aquelas discussões estéreis: cada um dando a sua opinião, recorrendo aos mesmos argumentos, sem mudar uma frase, uma palavra, uma interjeição. Farto de ouvir tudo aquilo, ia até à cozinha, onde encontrava Nhareia.

Como ela embelezara ao longo dos anos, amadurecera de corpo e se tornara mais apetitosa! Como os seios, as coxas, o ventre tinham arredondado as formas e haviam aprendido artes de lhe abalar os sentidos e o esvair de prazer!...

Os dois olhavam-se em silêncio: entreabriam os lábios num sorriso guloso, rodavam a caminho do quarto. Ela à frente, ele atrás, pareciam não ter pressa. Mas tinham, porque ambos se despiam depois rapidamente, se atiravam já abraçados e nus para cima da cama, cada um saciando os desejos do outro.

18

De Londres, pela BBC, Fernando Pessa anunciou o fim da Guerra. Com a voz embargada pela emoção, relatou os suicídios ocorridos na chancelaria alemã: de Hitler e Eva Braun, de Goebels, da mulher e dos filhos. Contou que o Fuhrer e a noiva se haviam casado na véspera, que passaram depois horas a fio a ouvir «O Crepúsculo dos Deuses», de Richard Wagner, enquanto lá fora, não muito longe do *bunker*, os canhões da artilharia soviética bombardeavam Berlim.

De Lisboa, pela Emissora Nacional, o locutor de serviço

dava com a mesma emoção as mesmas notícias. Ao som de marchas militares que serviam de fundo, registava que muita gente saía de casa, andava aos pulos e aos abraços na rua, festejando a vitória dos Aliados. Oliveira Salazar iria falar ao país, para se associar também à euforia do momento.

De ouvido colado ao rádio. Aristides não se conteve:

— É, é... Com tudo acabado, quando já sabe quem venceu, o gajo de Santa Comba prepara-se para botar sentenças. Tem andado calado que nem um rato, nunca mostrou de que lado estava, negociou com uns e com outros, e vem agora à pressa, com as falinhas mansas do costume, dizer que está feliz...

Mula Manca e o Chefe do Posto do Cuma tinham vindo outra vez visitar o amigo. Já incapazes de apoiar os derrotados, continuavam do contra e reagiram logo àquelas observações, que consideraram injustas e provocatórias.

De pé à volta da mesa, a perna defeituosa claudicando como nunca, Mula Manca parou de repente e disse:

— Que queria que ele fizesse? Que nos metesse uma espingarda nas mãos e nos pusesse aos tiros?

Ergueu os braços para o ar. Sem esconder a sua irritação, exclamou a seguir:

- Era o que faltava!...
- O Chefe do Posto concordou:
- Eu também acho. O homem portou-se à altura: fez aquilo que devia. Nem mais, nem menos!

Aristides sabia que não valia a pena discutir. Os seus interlocutores eram salazaristas convictos, defendiam fervorosamente o Estado Novo e não mudariam nunca de opinião.

Fingiu-se convencido:

— Pois é... Tenho de reconhecer que foi bom termos ficado de fora. Algumas vidas se salvaram.

Mula Manca interrompeu:

— Algumas? Quais algumas?! Muitas! Muitas!

Como um eco, o Chefe do Posto repetiu:

— Muitas! Muitas!

A Guerra chegara realmente ao fim. Depois daqueles anos de «sangue, suor e lágrimas», como Churchill dissera a propósito, não terminava somente uma chacina de dimensões gigantescas: começava um tempo diferente, que o mundo esperava de dias melhores.

## **UM HOMEM DE SUCESSO**

Como era de esperar, Aristides não aceitou bem a partida de Sebastião para Nova Lisboa. Confrontado com a decisão, repetiu duas ou três vezes «Não pode ser!, não acredito!», denunciando na voz quanto reprovava o facto. Com aquelas exclamações, revelava expressivamente, não só a sua surpresa, como a sua mágoa.

Por mais que se interrogasse e tentasse compreender, não conseguia perceber por que motivo o sócio se ia embora, precisamente quando o negócio corria de vento em popa. O que fizera de reprovável? Procedera mal alguma vez ou fora por acaso indelicado?

Sebastião baixou os olhos e pareceu envergonhado. Não desejara nunca passar por mal-agradecido, muito menos por interesseiro. Ele próprio criticava aqueles que se preocupavam apenas em olhar para o umbigo: gente que vivia unicamente para si e não se mostrava sequer reconhecida a quem devia favores.

Ele não era assim. Mas tinha de abrir o coração e confessar que os seus vinte e um anos acabados de fazer começavam a enfastiar-se do ramerrão diário (comprar o que devia comprar, vender o que devia vender, ouvir falar de coisas que interessavam só a pessoas mais velhas, ir à noite para a cama à luz da vela, levantar-se na manhã seguinte, lavar-se no lavatório de esmalte, voltar para a loja, recomeçar tudo pela mesma ordem, hoje, amanhã, depois, voltar a comprar, voltar a vender). Como

explicar que não pretendia trair ninguém, ainda menos um amigo, mas aproveitar uma oportunidade para escapar à rotina e mudar de vida?

Nem Aristides conseguia perceber, nem Sebastião conseguia explicar. Daí que ambos se despediram como dois estranhos que não tinham para trás uma história comum nem haviam compartilhado nada. Nada, absolutamente nada: nem anos de convívio, nem confissões e desabafos, nem intimidades e segredos.

Aristides foi tão seco quanto pôde. Como que a custo, estendeu a mão e disse:

— Vai em paz. Que sejas feliz e nunca te arrependas do que decidiste.

Sebastião corou. Talvez por achar que merecia aquela observação, ensaiou uma desculpa:

— Lamento o transtorno que causei...

Podia parecer hipócrita, mas tinha de manifestar a sua gratidão:

— Só tenho de agradecer o tempo que cá passei. Não esquecerei jamais o muito que recebi.

Aristides disse outra vez:

— Que sejas feliz. Vai em paz.

Quem se rebelara já e continuava a rebelar-se em silêncio contra aquela partida era Nhareia.

Lá dentro, na lida da cozinha, talvez espevitando o lume do fogão, ou descascando batatas para o almoço, ou tirando da gaveta os talheres para pôr na mesa, ela ouviu tudo pela porta entreaberta.

Estava sozinha nessa manhã de Cacimbo, e ninguém pôde ver então como o peito lhe arfou sob o quimono, as lágrimas lhe correram pelas faces, os dentes lhe rangeram na boca.

O seu amor ia embora, para sempre.

O Huambo não começou como as outras urbes estabelecidas em Angola pelos portugueses. Desde que foi fundado em 1912, não evoluiu como as congéneres mais velhas: primeiro lugar, depois povoação, a seguir vila, etc. De acordo com a disposição legislativa de criação<sup>(\*)</sup> e se o paradoxo é permitido, começou logo pelo fim: sem passar por esse itinerário de categorias intermédias, nasceu cidade desde o início.

O seu fundador, General José Mendes Ribeiro Norton de Matos, então Governador-Geral, relata com pormenor como tudo sucedeu<sup>(\*\*)</sup>.

O Caminho de Ferro de Benguela avançava decididamente do litoral para o interior. Mr. Pauling era na altura o empreiteiro das obras na região. Com alguma regularidade, recebia correspondência da Inglaterra, endereçada a *Pauling Town*, nome atribuído ao perímetro onde ele se encarregava da construção em curso.

Norton de Matos não gostou de saber isso, que constituía um desrespeito pela soberania nacional. Deu ordem imediata aos Correios da Colónia para a devolução de quaisquer cartas com tal endereço postal, indicando que se tratava de destino desconhecido. Conforme escreverá anos mais tarde, pôs-se depois a «estudar a fundo o caso do Huambo»(\*\*\*).

<sup>(\*)</sup> Portaria nº 1040, de 8 de Agosto de 1912, publicada no Boletim Oficial nº 32, de 10 de Agosto.

<sup>(\*\*)</sup> MATOS, Norton de, *Memórias e Trabalhos da Minha Vida*, Editora Marítimo Colonial, Lda., Lisboa, 1944 (1° Volume).

<sup>(\*\*\*)</sup> MATOS, Norton de, Memórias e Trabalhos da Minha Vida, Ob.cit.

O lugar era assinalado nos mapas rudimentares da época pela existência do pequeno forte da Quissala, onde alguns feitos dignos de registo tinham ocorrido no passado. Se a documentação cartográfica não referia nada mais de notável, revelava logo a importância estratégica do local, dos pontos de vista político, económico e militar.

A Imprensa de Angola achou original essa «forma simples e fácil de criar cidades no sertão africano»(\*), pelo que comentou, criticou e até troçou da decisão. Desempenhou o seu papel, mas ganhou pouco com isso.

Norton de Matos reconhecerá daí a um mês, a 21 de Setembro, que os jornalistas tinham razão. Quando saltou do comboio para inaugurar a cidade que impusera por via legal, olhou à volta a planura imensa. O que viu nesse momento? Ele próprio responde: pouco mais do que a «ultra modesta casinha destinada à estação do CFB»(\*\*) e a habitação de madeira adquirida para abrigar o Administrador e a família, que serviria ainda como sede da Circunscrição e funcionamento de certos serviços da Comissão Municipal. Ao longe, as paredes em derrocada de uma missão religiosa que mudara para outro sítio. Era de facto pouco, mesmo muito pouco.

Mas alguns meses mais tarde, o Huambo revelava já a sua pressa incontida de crescer: levantados agora em tijolo, construíram-se os edifícios (se é que mereciam tal qualificativo) para a Administração, os Serviços de Saúde, a Fazenda, os Correios e Telégrafos. Estabeleceram-se na mesma altura casas de comércio, que vinham comprovar como os seus proprietários confiavam no futuro. Norton de Matos concluirá as memórias

<sup>(\*)</sup> MATOS, Norton de, Memórias e Trabalhos da Minha Vida, Ob.cit.

<sup>(\*\*)</sup> MATOS, Norton de, Memórias e Trabalhos da Minha Vida, Ob.cit.

guardadas desse tempo acrescentando que a «urbanização nunca mais parou»(\*).

Em 1928, o Alto-Comissário e Eng.º Militar Vicente Ferreira enamorou-se da cidade tão jovem, para a qual prognosticou um devir auspicioso. Outra vez por força de lei(\*\*) e em coerência com essa intuição, mudou-lhe o nome para Nova Lisboa, teve até o atrevimento surpreendente de elevá-la a capital da Colónia. O que não passou do papel.

3

A determinação de Norton de Matos e a solicitude de Vicente Ferreira não são de facto vãs. Nova Lisboa corresponde desde o início aos augúrios de ambos e procura não desmerecer o seu topónimo.

Gente oriunda da Metrópole chega ao ritmo dos paquetes que escalam o porto do Lobito. São famílias inteiras de carpinteiros, pedreiros, torneiros, escriturários, até de técnicos com formação superior (como médicos, advogados, engenheiros), que vêm em ondas ajudar a concretizar o sonho visionário.

Alguém escreverá anos mais tarde que quem chega tem a sensação imediata de encontrar uma cidade «à procura de casas» ou de casas «à procura de uma cidade», tal a inexistência de planificação urbana. De cores variegadas (brancos, amarelos, cor-de-rosa) os cosmos florescem sobre o capim que abunda

<sup>(\*)</sup> MATOS, Norton de, Memórias e Trabalhos da Minha Vida, Ob.cit.

<sup>(\*\*)</sup> Carta Orgânica de Angola (Título 1, do território da Colónia), 1 de Setembro de 1928.

por todo o lado e avançam até às bermas dos arremedos de ruas e avenidas que as Comissões Municipais<sup>(\*)</sup> abrem da Alta à Baixa.

Os espaços vazios entre os edificios em construção são numerosos, mas também tão grandes e extensos que revelam bem o potencial de progresso que hão-de propiciar. Quem queira e possa abrir aí alicerces para levantar uma residência, uma loja, uma oficina, não importa o quê, encontrará facilmente o terreno necessário.

Premiando todo este esforço, Nova Lisboa é designada em 1934 para sede do então criado Distrito do Huambo, que faz parte da Província de Benguela. O facto é importante e estimula significativamente o acréscimo de fogos e de habitantes, que háde ultrapassar as previsões mais optimistas. Para o surto agora imparável, contribuem o recurso à energia eléctrica, que passa a ser possível com a construção pelo CFB da barragem do Cuando[gl]; a criação pela Santa Sé de uma diocese católica, com a instalação do episcopado respectivo; a proliferação de actividades económicas diversas; até mesmo o arranque de iniciativas mutualistas e cooperativas(\*\*).

Em relação ao perímetro de expansão, a cidade desdobra-se: não é já apenas um, mas três aglomerados distintos. O fenómeno acompanha aliás o que sucede frequentemente em África, sempre que o colonizador branco estabelece povoações para garantir a ocupação do território e favorecer o desenvolvimento subsequente.

Fica de um lado o bairro residencial do CFB, que se basta a

<sup>(\*)</sup> Transformadas mais tarde nas Câmaras Municipais.

 $<sup>^{(**)}</sup>$  De que foram exemplos as fundações da  $\it Mutualidade\ de\ Angola$  e de  $\it A$   $\it Nossa\ Casa$ .

si próprio. Há aí quase tudo: um centro de aprovisionamento de bens de consumo essenciais, chamado o Armazém; um clube de futebol, o Ferrovia, com o campo de jogos e um salão de festas muito activo; um hospital provido de pessoal especializado e equipamento técnico; outros recursos importantes, que facilitam o dia a dia das pessoas.

Fica do outro lado a cidade propriamente dita, com as repartições públicas, a estação do caminho-de-ferro, as escolas e os colégios, os estabelecimentos de comércio, as sedes e as delegações de sociedades empresariais de origem local ou de proveniência exterior (como a Companhia de Benguela, «Chibera», e a Companhia Agrícola e Pecuária de Angola, «Capa»), agremiações de desporto e cultura (como o Rádio Clube do Huambo e o jornal O Planalto, que reclamam o dever de dar voz e palavra aos que pugnam pelos interesses da terra), por fim os bairros que se formam à volta e são baptizados com nomes que têm pouco de angolanos, mas muito de portugueses (São João, São Pedro, Santo António, Benfica).

Como que empurradas para a periferia circundante, à maneira de um cinturão também irregular e incompleto, ficam as senzalas da população negra (Calumanda, Carilongue, Sacaála, Mucolocolo, Canhe), que fornecem diariamente a força de trabalho indiferenciado indispensável às actividades em curso e às tarefas domésticas.

4

Quando chegou a Nova Lisboa, Sebastião não sabia ainda bem o que fazer: se abrir uma loja de comércio geral, para que estava habilitado; se seguir o conselho de alguns amigos, optando pela importação de sobressalentes de viaturas, que se transformara numa espécie de máquina oleada de produzir dinheiro. Nesse ano de 1946, com as restrições impostas pelos efeitos da Guerra, qualquer peça essencial ao motor de um automóvel, como uma cambota, uma biela, um pistão, até uma junta de amianto, era vendida pelo dobro do preço de custo. Não apenas vendida, mas disputada pelos interessados como algo precioso.

Os pneus eram um indicador exemplar da situação: depois de gastos até ao limite possível, continuamente reparados com manchões por dentro e por fora, tinham mesmo de ser substituídos. Quando isso sucedia, muita gente era obrigada a comprar carros em segunda mão só para aproveitar as rodas; sem outra solução melhor e forçada pelas circunstâncias, largava depois a carroçaria no fundo do quintal com os terminais dos eixos assentes em quatro cepos.

Conhecedor do facto, Sebastião contabilizava de cabeça os lucros que obteria nesse negócio. Mas nada de precipitações nem euforias antecipadas! Tinha de pensar em tudo muito bem: não só nos benefícios, mas também nos riscos.

E se gastasse todas as suas economias na instalação do estabelecimento, aprovisionando os armários e as prateleiras de *stocks*, e no fim, por qualquer revés imprevisto, ficasse de mãos a abanar, crivado de dívidas, incapaz de prosseguir? Voltaria então para o mato?

Precisava de falar sobre o assunto com alguém de confiança para evitar um percalço e não cair num buraco: alguém a quem pedir um parecer, uma opinião. Precisava urgentemente de encontrar um sócio.

Pensou em Aristides. Mas não... Sem experiência no ramo, ele valeria de pouco. Ainda por cima, como mostrara bem, estava magoado e recusaria o convite.

Sebastião sofrera já o desgosto de ficar órfão muito cedo, de ser obrigado pelos tios a embarcar para África na companhia de um estranho. Podia dizer de si próprio o que povo diz a propósito de quem é assim tão provado: que comera o pão que o Diabo amassou.

Enfrentara de facto muitas agruras, mas contara em todas elas com a protecção de Quem zela algures pelo destino dos homens. Acreditava nesse Ser supremo, simultaneamente distante e próximo, ao Qual rezava com fervor. Deus acompanhara-o sempre e valera-lhe em todas as circunstâncias. Continuava a esperar d'Ele a mesma complacência.

5

João Joaquim Pereira da Costa (tratado abreviadamente pelos amigos por Jota-Jota), viera para Nova Lisboa pouco tempo depois da fundação da cidade. Nado e criado na Guarda, agora com cerca de cinquenta anos de idade, tinha o dom especial de agradar às pessoas logo no primeiro encontro. Grandalhão que nem uma torre, os olhos azuis, o cabelo louro caindo sobre a testa, a voz quente de barítono, a pele coberta de sardas, não podia passar despercebido. Sempre bem-disposto, era tão cordial nos gestos e nas palavras que ninguém conseguia ficar indiferente a tanta simpatia.

Dona Maria Albertina, a mulher, pelo contrário, era sisuda, baixa e franzina. Pela sua compleição física, convencia-se de que precisava de estar atenta à saúde. Não era propriamente uma maníaca das doenças, mas fartava-se de beber chás e tisanas para prevenir qualquer mal nos órgãos do corpo que considerava delicados. E identificava quais: os intestinos, o fígado e os rins.

O casal tinha dois filhos, Ana Isabel e Bruno Augusto, que eram como que as cópias distintas dos progenitores, tais as semelhanças que revelavam respectivamente com ambos.

Ana Isabel herdara do pai os olhos azuis, o cabelo louro, a pele coberta de sardas, especialmente a boa disposição que punha em tudo. Mais novo do que a irmã, Bruno Augusto tinha a estatura e o feitio da mãe.

Numa cidade pequena, qualquer recém-chegado estabelece depressa relações com a população local. Alguém o apresenta a alguém, e este a um terceiro, e o terceiro a um quarto, e o quarto a um quinto, de modo que ao fim de um mês, quase sem dar por isso, o forasteiro conhece, cumprimenta e fala a toda a gente.

Jota-Jota e Sebastião conheceram-se por acaso, quando iam esbarrando um no outro num passeio público.

Jota-Jota pediu desculpa e apresentou-se. Foi afável na forma como declinou o nome e se responsabilizou por aquele incidente:

— Sou um atabalhoado, ando sempre com a cabeça no ar, sem ver onde ponho os pés.

Sebastião correspondeu:

— Não tem importância. Eu ia também distraído.

Os dois encontraram-se novamente na semana seguinte, dessa vez na estação do CFB, quando esperavam pelo comboio que vinha nessa manhã da fronteira[gl]. A propósito de dois tubos de escape que um carregador levava para a plataforma de embarque, Jota-Jota comentou:

— É o que está a dar... Quem tenha dinheiro de parte e queira tentar fortuna, que se meta a vender peças sobressalentes. Pelo que ouço, é um negócio da China!

Sebastião não podia perder aquela oportunidade. Entusiasmou-se e revelou o seu projecto: entrou em pormenores, mostrou como estava informado, quanto tinha já pensado no assunto, quais os prós e os contras a levar em consideração.

— Eu acho também que a coisa é um furo.

Concluiu observando que tinha até recursos financeiros para

pôr a ideia em prática. O que não queria era entrar nisso sozinho. Precisava de encontrar um sócio.

Jota-Jota deixou escapar:

— Ah, sim? Um sócio?

Sebastião confirmou:

— Exactamente, uma pessoa interessada e digna de confiança.

6

Desde que aprendeu a falar, o homem recorre às meias palavras para referir o que não quer dizer explicitamente. Com o tom da voz, a expressão do rosto, o movimento do gesto, completa então o que enuncia pela metade. O interlocutor descodifica esses sinais e percebe a mensagem; recorrendo ao mesmo artificio, concorda ou refuta o que ouve, tudo num discurso feito de insinuações.

Uns minutos antes, Jota-Jota e Sebastião não imaginavam sequer que iriam cruzar brevemente os seus destinos. Ao sol mangonheiro[gl] dessa manhã de Junho, estavam bem longe de saber que precisamente ali, enquanto esperavam por um comboio e olhavam para dois tubos de escape, começavam a tecer a rede que ligaria as suas vidas.

Pelas tais meias palavras, ambos perceberam depressa que tinham afinidades e interesses comuns. Bastante mais ainda: que se predispunham a entrar no comércio das peças sobressalentes, onde a hipótese de sucesso parecia garantida logo desde o princípio.

Jota-Jota perguntou de novo:

— Um sócio? Temos de trocar isso por miúdos...

Convidou:

— Não quer almoçar comigo este domingo? Venha a minha

casa beber um *whisky* e comer uma moambada[gl]. Voltaremos a falar da questão.

Sebastião surpreendeu-se. Ir almoçar a casa de uma pessoa que acabava de conhecer? De testa franzida, não escondeu a sua admiração.

Jota-Jota percebeu e observou:

— Tem qualquer coisa contra o óleo de palma? Ou prefere antes um bife com batatas fritas e ovo a cavalo? O meu cozinheiro tem mão e talento para tudo. É só escolher.

Julgando que fora apanhado em falta, Sebastião respondeu sem titubear:

— Não, não, a moambada está bem. É um prato que aprecio muito.

Continuava a estranhar o convite. Achava que não havia intimidade suficiente para justificar aquela deferência.

— Não vou incomodar?

Jota-Jota deu uma gargalhada.

— Qual incomodar qual quê! Não pense nisso! Venha, venha e traga apetite que baste.

Deu a sua morada: na Rua do Comércio, para lá do aterro, numa casa cor-de-rosa que ficava por trás do campo de futebol do Sporting.

— Está a ver onde é?

Sebastião não estava:

- Por trás do campo do Sporting?
- Sim, sim. Não tem nada que enganar. Você atravessa a passagem de nível, entra na Rua do Brasil, avança aí uns cem ou duzentos metros e vira à direita.

Pegou no bloco de notas que trazia no bolso da camisa e desenhou o percurso. Acrescentou depois o que podia ter dito logo de princípio, evitando tanta explicação:

— Se tiver alguma dúvida, pergunte. Toda a gente me conhece.

O comboio vinha aí.

Resfolegando como um cavalo gigante (pch!, pch!), a locomotiva apitou três ou quatro vezes. Com as carruagens atrás, a guinchar nos freios e a fumar pela chaminé, passou já lentamente. Cada vez mais devagar, foi avançando. Parou por fim lá à frente.

Jota-Jota despediu-se:

- Até domingo. Estarei à espera. Não falte! Ia afastado quando virou a cabeça para trás e repetiu:
- Não se esqueça: traga apetite que baste!

7

Aos domingos, tão regular e escrupulosamente como iam à missa, muitas famílias almoçavam nos quintais traseiros das casas. À sombra de alguma árvore, uma mangueira, uma nespereira, uma amoreira, ficavam aí até ao fim da tarde, conversando a respeito de tudo e de nada.

A fazer de mesa improvisada, os criados estendiam uma tábua enorme sobre três cavaletes, cobriam a madeira com um oleado, a seguir com uma toalha, onde punham os pratos, os talheres e os guardanapos. Às ordens da patroa, distribuíam os lugares à volta, cada um com a cadeira respectiva. Nos dois topos, punham os moringues de água, as garrafas de vinho e as taças de fruta.

Os convidados batiam à porta e eram logo confrontados à chegada com um copo de *whisky* ou de sumo de laranja, que não podiam recusar. Vinham à vontade: os homens em mangas de camisa, as mulheres com vestidos de algodão, porque o clima não suportava ali outra indumentária. De copo na mão, atravessavam duas ou três salas, saudavam com exclamações de

júbilo os odores intensos que chegavam da cozinha («Hum!, hum!, que cheirinhos tão bons!, tão prometedores!»), fingiam estar esfomeados («Com tanto, tanto apetite, que comiam já qualquer coisinha!»).

Tão cordialmente como de costume, a dona de casa sorria e comentava:

— Qualquer coisinha? Isso é que não tenho. Procurei, procurei, fui até ao mercado do Canhe, mas não encontrei...

Bebido o aperitivo, todos se sentavam à mesa e podiam então começar a degustar os manjares confeccionados durante a manhã: a sopa, o peixe, a carne, as sobremesas, que elogiavam sem restrições:

— Um pitéu! Uma delícia!

Alguém de papilas menos sensíveis reforçava os temperos: deitava um fio de azeite na sopa, punha mais sal no peixe, esmagava um jindungo[gl] na carne.

Depois da fruta e do café, homens e mulheres trocavam de lugar e juntavam-se nos topos da mesa. Eles de um lado, elas do outro, falavam do que lhes interessava no momento: da política ou dos negócios, de um chapéu ou de um vestido expostos nas montras da Lusogart.

Se as opiniões divergiam; se as vozes subiam de tom; se alguém se irritava, os anfitriões acudiam à conversa e intervinham a tempo:

— Ora, ora, que é isso? Não se zanguem!

E ninguém se zangava nunca.

Foi para um almoço assim que Sebastião se preparou no quarto do Hotel Coelho, onde estava hospedado. Fez a barba e esmerou-se a preceito: camisa branca de algodão, calças azuis de linho, sapatos pretos acabados de comprar na Sapataria Oliveira.

Queria causar boa impressão, que o negócio em vista não permitia descuidos. Informara-se devidamente no meio e sabia

agora que Jota-Jota era um homem influente e de posses (como alguém observara a propósito, com dinheiro a rodos no Banco), cuja simpatia precisava ganhar desde o início.

Sebastião aprendera com Aristides que a vida era uma dádiva de Deus. Mas não só isso: era também uma luta, um combate, onde nada, mesmo nada, até o que parecia supérfluo, podia ser deixado ao acaso. Aprendera igualmente que as pessoas, quando se conhecem, mais do que pelo coração, se conquistam pelos olhos:

— A gente encontra um gajo pela primeira vez e avalia-o imediatamente pela pinta. Não tenhas dúvidas.

8

Quando tocou à campainha da casa cor-de-rosa, Sebastião estava longe de imaginar que veria daí a instantes a mulher com quem se casaria em breve.

Com os seus olhos azuis, o cabelo louro caído até aos ombros, o sorriso franco, esplendorosa na blusa vermelha de seda, Ana Isabel veio abrir a porta.

Pareceu surpreendida:

— Faz favor, que deseja?

Sebastião engoliu em seco e não respondeu logo. Sentiu o sangue subir às faces. Estendendo a mão, que retirou logo de seguida, esboçou um cumprimento.

Tinha de se apresentar:

— Eu sou o Sebastião.

Ana Isabel continuava surpreendida:

- Quem?
- O Sebastião. Venho cá almoçar. O dono da casa convidou-me...

Jota-Jota veio lá de dentro:

— Entre, entre! Esteja à vontade!

Fez as apresentações:

— A minha filha Ana Isabel.

Sebastião estendeu a mão novamente:

— Muito prazer.

Jota-Jota perguntou:

- Foi dificil dar com a casa? Perdeu-se?
- Não, não, foi fácil. Com o *croquis* e as explicações que recebi, não podia errar.

Os três atravessaram a sala, seguiram por um corredor estreito, passaram ao lado da cozinha, chegaram finalmente ao quintal.

A mesa improvisada sobre os cavaletes estava já montada à sombra de uma mangueira, com as cadeiras à volta. Dona Maria Albertina conferia pratos e talheres, admoestando os criados que tinha por perto:

— É o costume, sempre a mesma coisa... Este serviço já devia estar feito. Falo, falo, falo e ninguém me ouve... Que maçada!

Jota-Jota chamou:

— Maria Albertina, vem cá, que quero que conheças o senhor Sebastião..., Sebastião...

Dava agora conta de que não sabia ainda o apelido.

Sebastião completou:

— Gomes da Silva.

Maria Albertina correspondeu:

— Muito prazer.

Não gostou de ver a filha olhar embevecida para aquele estranho. Desde muito nova, quando usava ainda tranças no cabelo, que Ana Isabel dizia e repetia que não casaria nunca por conveniência; que só quem lhe «estremecesse o coração» a levaria ao altar.

Lera isso num romance ou numa novela qualquer. Algumas semanas depois, esquecera já o nome do autor, mas guardara a frase na memória.

Porque juntava aos cuidados que tinha com a saúde a obsessão de querer para genro um engenheiro do CFB ou um alferes do Batalhão de Infantaria 18 (tinha até seleccionado dois candidatos), Dona Maria Albertina achava que a observação era bonita, enchia o olho, mas mais nada. Isso de estremecer o coração enganava só quem acreditava no amor à primeira vista ou em outras balelas do género...

O pior, o pior é que a filha era voluntariosa, de ideias fixas, tal como o pai. Em se lhe metendo alguma coisa na cabeça, não desistia, levava a sua avante. Aquele ar agora de menina encantada não prenunciava nada de bom. Havia que ficar atenta para evitar veleidades...

— O senhor Sebastião o que faz? Conhece o meu marido há muito tempo?

Sempre que queria estabelecer uma distância nas relações com os outros, Dona Maria Albertina punha na voz aquele tom inquisitorial, que embaraçava as pessoas.

Jota-Jota veio em socorro do seu convidado. Ele próprio respondeu à pergunta:

— O senhor Sebastião faz muitas coisas! Irá primeiro almoçar connosco, depois falar de negócios comigo, por fim regressar ao hotel. Não é?

Sebastião confirmou:

— É, é.

Dona Maria Albertina não gostou da piada. O marido armava em engraçado, mas não tinha graça nenhuma...

No canto ao fundo da mesa, com os copos dos aperitivos nas mãos, os convidados que haviam chegado antes conversavam animadamente.

Jota-Jota fez de novo as apresentações:

— Antunes Ferreira, gerente da Robert Hudson; Pereira de Sousa, gerente da Casa Americana.

Fez uma pausa; baixando a voz, como quem revela um segredo, acrescentou:

— O senhor Sebastião e eu desejamos saber o que os meus estimados amigos pensam de uma ideia que nós andamos cá a magicar...

Assim sem mais explicações, a revelação era insuficiente. Antunes Ferreira e Pereira de Sousa não conseguiam perceber.

Os dois perguntaram ao mesmo tempo:

— Uma ideia?!

Jota-Jota confirmou:

— Sim, uma ideia. Mas falaremos disso depois do almoço, que a moambada arrefece e não pode esperar.

Esfregou as mãos:

— Vamos pois ao ataque!

Todos se sentaram à mesa. Em fila indiana, os criados vinham da cozinha, cada um com a sua travessa, onde traziam o pirão[gl], o funge[gl], a galinha mergulhada no óleo de palma. Dona Maria Albertina não parava de dar ordens: mandava encher de novo os copos de vinho e de água, pôr outra ração nos pratos, trazer mais pão para a mesa, trocar a louça para servir a fruta e o doce, ir buscar o café e o conhaque:

— Nada de mangonhas, depressinha, mexam-se!

Sentado em frente de Ana Isabel e Bruno Augusto, Sebastião dava conta de como os dois irmãos eram diferentes.

Ana Isabel perguntou:

— O Sebastião viveu mesmo no Longonjo? Gostou?

Acrescentou com ar de desafio:

— Vindo de Lisboa, não se aborreceu?...

Sebastião precisou:

— Não vivi exactamente no Longonjo, mas a alguns quilómetros de lá, quase ao lado do Lépi. Gostei, gostei muito. Bruno Augusto esforçava-se por ser simpático e entrar na conversa. Para mostrar que estava atento, abanava a cabeça e repetia enfaticamente o que acabara de ouvir:

— Ah, gostou, gostou muito!

9

Algumas horas mais tarde, já no quarto do hotel, enquanto olhava pela janela as luzes trémulas dos candeeiros da rua, Sebastião tentava recordar tudo o que se passara nesse almoço à sombra da mangueira.

Jota-Jota falara com os gerentes da Robert Hudson e da Casa Americana sobre a ideia de se meter no negócio da venda de sobressalentes. Porque pedia a opinião de duas pessoas da concorrência, pusera a questão com ironia:

— Que tal? Cortam relações comigo ou dão-me uns conselhos a propósito?

Sem disfarçar o seu desagrado pelo facto, Antunes Ferreira franzira a testa:

— É um empate de dinheiro e pêras! E se a coisa descambar e der para o torto? A clientela não é assim tão grande que chegue para tantos...

Pereira de Sousa pensava o mesmo:

— Julgo que sim. Pode ser atraente, mas é arriscado.

Ia mais longe:

— Pode ser um espetanço...

Sebastião discordara. Toda a gente afirmava que o negócio exigia de facto muito dinheiro à partida, mas que garantia o retorno rápido do capital.

Jota-Jota concordara:

— É isso. É o que eu penso também.

Ironizara de novo:

— O que os meus amigos pretendem é chuchar sozinhos na teta... Desenganem-se, nós vamos à luta!

Convencidos de que não conseguiam impor os seus argumentos, Antunes Ferreira e Pereira de Sousa mudaram de táctica. Esquecendo depressa as dúvidas de há pouco, deram sugestões, avançaram o que convinha fazer, puseram-se logo à disposição para ajudar.

Jota-Jota agradecera:

— Obrigado. Registo a oferta, que será reclamada no momento adequado.

Mais do que essa conversa animada sobre negócios, do que dissera e ouvira então a tal respeito, Sebastião recordava Ana Isabel: o brilho dos seus olhos, a suavidade da sua voz, a delicadeza dos seus gestos. Tinha de reconhecer: ela não lhe passara despercebida nem o deixara indiferente.

Ficara apaixonado? Logo assim, à primeira vista, no primeiro encontro? Isso não era coisa que acontecia só nos romances?...

Lembrou-se de repente de Nhareia, das noites que dormira com ela, trocando beijos, afagos e abraços até de madrugada. Por pudor e respeito, envergonhou-se logo da comparação, que não tinha o direito de fazer. Nada de confusões! Precisava realmente de uma companheira, mas de uma companheira para toda a vida, com mais vocação para a lida da casa do que para os delírios na cama...

Estaria de facto apaixonado? Parecia confuso. Ainda sob o efeito do vinho que bebera, não se achava em condições de avaliar correctamente os seus sentimentos. Tinha de serenar, assentar os pés no chão, arrumar as ideias, para concluir se queria comprometer-se desde já com alguém e casar. Não podia deixar-se levar por qualquer arroubo de ocasião.

Os dias passaram. Sebastião e Jota-Jota iam ao fim da tarde

até ao bar do Baptista, onde jogavam uma partida de bilhar e bebiam dois ou três copos de cerveja. Tudo o que tinham para combinar sobre a sociedade foi aí convenientemente definido: o nome da firma (Acessórios do Planalto), onde iriam instalar o estabelecimento (na Rua Mariano Machado), a data do início da actividade (logo no princípio do ano).

De casaco e gravata, vestidos que nem para uma cerimónia solene, foram depois ao cartório do Dr. Ferreira Bastos, onde assinaram a escritura.

Outra vez na rua, abraçaram-se e felicitaram-se efusivamente.

10

Dando conta de que Ana Isabel e Sebastião se apaixonavam um pelo outro, Dona Maria Albertina criticou a constituição daquela sociedade. Não que percebesse alguma coisa do assunto, ou menosprezasse o talento do marido para os negócios, mas porque perdia assim a oportunidade de convencer a filha a casar com o tal engenheiro do CFB ou o alferes do Batalhão de Infantaria 18. Ou seja, como ela gostava de dizer, com um homem de princípios e com futuro.

Confessava às amigas a sua decepção:

— Eu não percebo estas raparigas de agora. Como é que põem de parte um partido de mão-cheia e se perdem de amores pelo primeiro desconhecido...

Desabafava quase em tom choroso:

— Não entendo tamanha insensatez!

Famosa pela sua franqueza, uma vizinha do lado dava a explicação óbvia:

— O rapaz é simpático e tem físico que chegue para agradar às mulheres. A Ana Isabel não resiste àquele corpo todo...

Dona Maria Albertina perdia a compostura e ficava como que em brasas:

— Ora, ora! O físico passa, e depois? Sim, e depois? Diga--me lá!

Não escondia a sua irritação; fazia as perguntas e dava as respostas:

— O que sobra no fim? Um homem que foi bonito, mas que envelheceu como os outros. Tal e qual! Não é assim? É pois! Claro que é!

Se por causa do físico que chegava para agradar às mulheres, como a vizinha referia; se por outros motivos diferentes, Ana Isabel não hesitou sequer um segundo quando Sebastião se declarou. Com um brilhozinho nos olhos, a voz emocionada, disse logo que sim. Repetiu: que sim!, que sim!

Cada um estendeu a cabeça para o outro; sem se tocarem com as mãos, conforme as conveniências impunham na época, trocaram um beijo fugaz. Corados como dois adolescentes, pareceram envergonhados daquela intimidade; primeiro ele, depois ela titubearam uma justificação:

- Desculpe, não resisti...
- Eu também, eu também...

Dona Maria Albertina reagiu mal à notícia e protestou veementemente («Desaprovo!, desaprovo!»). Ficou tão incomodada que duplicou nessa semana as tisanas que ingeria.

Pelo contrário, Jota-Jota aceitou logo aquele namoro.

Gostava cada vez mais de Sebastião, cujas qualidades reconhecia. Tinha ali um homem como devia ser, com H grande: uma pessoa sensata, que não fugia às responsabilidades, sabendo já muito bem o que queria. Poderia encontrar um marido melhor para a filha? Quem? O engenheiro ou o alferes com que a mulher sonhava?...

Como de costume, Bruno Augusto não se pronunciou sobre o assunto. Habituara-se desde criança a pensar pela cabeça da

mãe, que não se atrevia a contrariar. A irmã tinha idade suficiente para decidir por si própria. Pois que decidisse e fosse realmente feliz!

11

Havia ainda buracos enormes nas ruas, que se enchiam de água na Estação das Chuvas e eram então uns quebra-molas de carros; havia ainda cosmos por todo o lado, que nasciam a esmo nos terrenos vazios de prédios; havia ainda a iluminação que bruxuleava esparsamente nos candeeiros públicos; havia essas e outras insuficiências, que vinham do tempo da fundação, mas Nova Lisboa crescia.

Do Bairro de S. Pedro ao Bairro de S. João, ela perdia de ano para ano a incipiência primitiva. Povoações mais antigas, como a Ganda e o Cuma, que prometiam no passado tornar-se centros importantes da colonização do Planalto, viam agora o seu futuro comprometido, perdendo em favor daquela que Norton de Matos estabelecera a partir do nada. Destinada desde o princípio a ser grande, a cidade concretizava rapidamente esse desígnio, alegrando e enchendo de orgulho os seus habitantes.

Continuavam a instalar-se os serviços indispensáveis à vida das pessoas: um hospital razoavelmente dotado de técnicos e equipamento; escolas oficiais para a instrução primária e colégios particulares para o ensino liceal (o Alexandre Herculano, o Adamastor, o S. José de Cluny e o D. João de Castro); um notariado e escritórios de advogados para a condução de pleitos judiciais; empresas de construção civil, que iam substituindo a administração directa e erguiam já a maior parte dos fogos; hotéis e pensões para albergar o forasteiro; sobretudo delegações da Administração Pública, com competências cada vez mais diversificadas. Aqueles que precisassem de obter documentos para

a concessão de alvarás, ou pagar impostos e taxas à Fazenda, ou resolver contenciosos no Tribunal, todos eles, se não moravam em Nova Lisboa, tinham de se deslocar lá para proceder em conformidade. Podia parecer insólito, mas até uma Loja da Curibeca[gl] existia, com sessões regulares, onde cidadãos proeminentes, como Abel Barreto de Lara, pontificavam e impunham os símbolos aos neófitos.

Que nem a espinha dorsal de um corpo jovem, já com duas faixas de rodagem, a Avenida 5 de Outubro ligava a Alta à Baixa. Chamada metaforicamente «do colete», porque tinha casas só de um lado, acompanhava o aterro por onde o comboio rodava a caminho da estação, quando chegava ou ia para a Caála.

12

Com o fim da Guerra, a esperança no futuro tomou conta de novo das pessoas e das organizações. Esperavam-se dias melhores, e a convicção de que isso aconteceria em breve arreigava-se cada vez mais em toda a gente. Associações e empresas empenhavam-se agora em iniciativas que não tinham tido a coragem de promover antes, intuindo que o tempo corria finalmente de feição para as grandes realizações e os grandes negócios.

Essa esperança no futuro era acompanhada por uma expectativa de mudança: não apenas no que dizia respeito à actividade económica, mas também à situação política. Ninguém mais acreditava que Portugal pudesse continuar indiferente ao que sucedia no mundo.

Oliveira Salazar governara até aí o país com mão de ferro. Com o seu discurso continuamente repetido de que era obrigado a combater a anarquia, a confusão e o descrédito herdados, organizara e robustecera um Estado policial, onde mandava prender quem se opunha ao regime. Muitas vezes pela calada da noite, aqueles que assumiam a sua discordância eram levados para a cadeia, nunca ninguém sabendo bem porquê e até quando.

Com a vitória dos Aliados, que haviam lutado pela Democracia, os portugueses convenceram-se de que o ditador seria forçado a abrandar a sanha repressiva. Confiavam para tanto na intervenção da Inglaterra, da França, sobretudo dos Estados Unidos, que se gabavam de respeitar valores fundamentais como a liberdade e que não tolerariam as arbitrariedades cometidas.

Ainda em 1945, um sinal permitiu mesmo admitir que algo de novo estaria para suceder: o Presidente da República, General Fragoso Carmona, dissolvia a Assembleia Nacional e convocava eleições legislativas.

Reunida na frente comum do Movimento de Unidade Democrática (MUD), a Oposição decidiu aproveitar a oportunidade e submeter-se à votação. Tinha razões para supor que recolhia o apoio maioritário da população.

Em comunicados que plublicitava sob a atenção vigilante da PIDE(\*), denunciava tudo o que não podia aceitar nesse momento: o desrespeito pelas liberdades essenciais, a proibição do direito de opinião, as carências económicas e sociais cada vez maiores, que impunham a muita gente um modo de vida miserável.

Precisando de tempo para divulgar pelo país as suas propostas, o MUD reclamou o adiamento das eleições para seis meses mais tarde. Mas sem sucesso. Percebeu assim que corria o risco de participar, não num sufrágio, mas num embuste, que se devia apenas à necessidade do Governo fingir que correspondia à pressão internacional. Não querendo legitimar a fraude, recusou ir às urnas.

<sup>(\*)</sup> Recém-criada para substituir a PVDE (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado).

Oliveira Salazar apanhou um susto, mas conseguiu os deputados de que precisava. Conforme o tempo provaria depois, a convicção inicial de que tudo iria mudar não passava de uma aspiração ingénua, sem fundamento.

Talvez porque se encontravam longe dos acontecimentos e avaliavam mal a situação, aqueles que se encontravam em Angola continuavam entretanto confiantes de que o fim da Guerra prometia pelo menos dias mais fáceis.

13

Numa cidade onde as sessões de cinema no Ruacaná, os piqueniques na barragem do Cuando e os desafios de futebol constituíam os únicos entretenimentos públicos, a comemoração da passagem do ano era ansiosamente esperada. O Sporting, o Ferrovia e o Atlético competiam entre si na realização do baile mais animado. Ainda Dezembro ia em meio, já cada uma das agremiações anunciava no Rádio Clube do Huambo e na Voz do Planalto o acontecimento, aceitando inscrições para o efeito.

Talvez por simpatia clubista, ou por hábito adquirido, ou porque achava mesmo que não podia escolher melhor, Jota-Jota participava sempre nos *reveillons* do Sporting. Tinha razões para isso: a música não era aí, como se dizia, «de *pick-up*», mas executada por uma orquestra ao vivo, encarrapitada num estrado erguido à pressa e que tocava até de madrugada. Os passo-dobles, os tangos, as rumbas, as valsas não provinham mais de discos estafados e defeituosos, mas do piano, do saxofone, do trompete, do acordeão, que atroavam o ar com as notas de cada peça. Havia lá comparações!...

As famílias tomavam a seu cargo a confecção dos comes-e--bebes para a ceia. Com o empenho que não regateavam nunca,

preparavam com antecedência as toalhas, os guardanapos, os talheres, uma ou duas jarras para encher de flores e decorar as mesas.

Não querendo fazer má figura junto de amigos e conhecidos, Dona Maria Albertina esmerava-se nessa tarefa. Particularmente empenhada, lançava-se ao trabalho de véspera, logo na manhã do dia 30, quando punha o avental na cintura e se enfiava na cozinha.

O cozinheiro Gunga franzia a testa e não gostava nada de ter a patroa tão perto de si durante aquelas horas. Numa roda viva, andava de um lado para o outro, sem conseguir dar conta de tantas ordens e reprimendas («Aca[gl]!, muita chatice e compricação!...»).

— Põe mais lenha no fogão! De que estás à espera? Anda lá, não durmas!

Gunga obedecia sem um protesto. Punha a lenha no fogão, mas logo a seguir, à voz da «sinhora», descascava e cortava a cebola para os refogados, batia os ovos e a farinha para as massas, misturava com as mãos enormes o azeite, o sal, o alho e a pimenta para o tempero das carnes, espevitava o lume com o abano de palha entrançada.

De faces rosadas pelo calor que andava no ar, Dona Maria Albertina seguia escrupulosamente a lista que elaborara uns dias antes: peru e leitão assados, pastéis de bacalhau e empadas de galinha, duas ou três sobremesas, pratinhos de leite-creme e arroz doce. Para beber à meia-noite, pedira ao marido para comprar numa mercearia da Baixa duas garrafas de espumoso («Da 'Raposeira', só da 'Raposeira', o mais caro, mas o melhor!»), porque a data era importante e devia ser dignamente festejada.

Ana Isabel resolveu nesse ano ajudar a mãe. Cada vez mais apaixonada por Sebastião, já com o casamento marcado para breve, estava particularmente empenhada em que tudo corresse bem.

As mesas eram postas durante a tarde. Com mais ou menos gosto, as senhoras distribuíam sobre as toalhas bordadas o que tinham trazido de casa: as travessas dos salgados, os pratos das sobremesas, as tacinhas dos frutos secos vindos de Portugal (os pinhões, as avelãs, as ameixas, os figos e as nozes). O cheiro compósito de tanta iguaria reunida começava de imediato a tomar conta do ar.

O baile não principiava antes das dez horas, quando a orquestra subia para o estrado. Avisando que a música vinha aí, o baterista batia repetidamente com as baquetas nos tambores, zurzia três ou quatro vezes os pratos, deixando depois que os companheiros arrancassem em conjunto a composição de abertura. Poucos pares resistiam a esse apelo: de mãos dadas, iam até à pista de dança; com mais ou menos jeito, rodopiavam então conforme o ritmo.

Jota-Jota não disfarçava o seu contentamento. Numa ocorrência tão especial, tinha ali consigo todos aqueles que amava, e agora também Sebastião, seu genro daí a meses, que lhe dava continuamente provas de ser o marido apropriado para a filha. Que precisava mais ou poderia desejar para se sentir completamente feliz?

Dona Maria Albertina é que não se conformara ainda com aquele casamento. Insistia: como é que uma rapariga tão prendada, bela e inteligente se deixava arrastar assim pela paixão? Que teimosia!...

Tão feliz como o pai, Ana Isabel estava linda nessa noite. Não era só o vestido verde de seda que brilhava colado ao corpo, mas também o cabelo louro, os olhos azuis, os dentes cor de pérola, a pele coberta de sardas, toda ela radiante da cabeça aos pés.

Disposta a não ficar sentada na cadeira um minuto sequer, fitou Sebastião com ternura:

— Vamos?...

Levantou-se, estendeu o braço e insistiu:

— Vamos?...

Queria dançar, dançar, não importava o quê: ser levada nos braços fortes do seu par, que a apertava contra o peito e lhe segredava galanteios ao ouvido.

Acompanhado pelo acordeão e o violino, o solista da orquestra cantava então um tango de Carlos Gardel. De mãos metidas nos bolsos das calças, esgalgava a cabeça de fuinha para o microfone, fechava os olhos romanticamente, estropiando a letra num espanhol carregado de sotaque:

«Su boca que besa Borra la tristeza Calma la amargura...»(\*)

Como dissera já a propósito dos passo-dobles, das rumbas e das valsas; como dissera antes a propósito de tudo o que dançara, Ana Isabel observou:

— Adoro um tango!

Parecendo ter escutado o comentário, o solista esmerou-se na voz:

«Su boca que besa Borra la tristeza Calma la amargura...»

Ana Isabel repetiu:

(\*) «Sua boca que beija / Apaga a tristeza / Acalma a amargura...»

— Adoro!, adoro!, adoro!

Perguntou:

— E tu?

Sebastião baixou a cabeça e respondeu que sim; em tom meloso, acrescentou:

— Adoro sempre aquilo que danço contigo!

Como um eco do que ouvira, imitou:

— Adoro!, adoro!, adoro!

Pouco antes da meia-noite, a orquestra parou de tocar. O Presidente do Clube subiu ao estrado e lembrou que 1946 se aproximava. À maneira de um discurso («Minhas senhoras e meus senhores!»), desejou a todos os presentes um Ano Novo cheio de paz e prosperidades.

Olhou fixamente para o relógio de pulso:

— Atenção!, atenção!

Principiou a contagem regressiva:

- Cinco, quatro, três, dois, um!

Estouraram nas mesas as garrafas de champanhe, atravessaram o salão gritos e assobios, acenderam-se e apagaram-se no tecto as lâmpadas da iluminação, e a orquestra, toda de pé, atacou uma marcha militar.

Andando de um lado para o outro, de taças cheias nas mãos, as famílias cumprimentavam-se efusivamente. Não escondiam a sua alegria e trocavam entre si as saudações da praxe. Aos beijos e abraços, ninguém conseguia resistir àquela euforia contagiante.

Em bicos de pés, já sem qualquer relutância, Dona Maria Albertina beijou pela primeira vez o futuro genro:

— Felicidades! Muitas felicidades!

Ele comoveu-se e agradeceu:

- Obrigado! Obrigado!

No papel azul de carta que comprou na Livraria Lello, Sebastião escreveu aos tios Felisberto e Maria do Patrocínio, anunciando o seu casamento.

Havia muito tempo que não se correspondia com a família. Com o passar dos anos, foi dando conta de que os tios e os primos que deixara em Lisboa lhe eram cada vez mais estranhos. Ao fim de uma ausência tão prolongada, as feições de uns e de outros esfumavam-se na memória. Não que lamentasse o facto ou sofresse com isso, tais as recordações amargas que guardava do passado.

Podia lá esquecer o dia em que soubera que tinha de partir para África! Palavra por palavra, ouvia ainda a voz de Maria do Patrocínio:

— Lamentamos muito, nós nem queríamos, mas fizemos contas e não dava. Tem de ser...

Muito comprometido, Felisberto concordara:

— Tem de ser... Infelizmente...

Sem entrar em pormenores nem explicações, Sebastião escreveu essa carta, não por apreço pelos destinatários, mas em memória da mãe, que queria respeitar. Escreveu-a igualmente por si próprio, para afugentar de vez os fantasmas que trazia consigo; escreveu-a por fim para não macular com qualquer recalcamento mesquinho a satisfação que sentia.

Reservava as explicações e os pormenores para a mucanda[gl] de três páginas que mandava agora a Armando, onde abria o coração e dissertava sobre a sua felicidade. Ao amigo que aprendera a respeitar e estimar como um pai, a ele sim, não pretendia nem devia esconder nada.

Armando perdera o ânimo de antigamente e desistira de regressar a África. Negociara o melhor possível o trespasse da

mercearia e voltara com os filhos para a aldeia natal de Trás-os--Montes. Estava convencido de que conseguia aí suportar melhor a dor da sua viuvez e compensar em parte a ausência de Maria Ernestina.

A esse amigo, que não era do seu sangue, mas se comportara como tal; que não fora só um companheiro de viagem, mas sobretudo um confidente das horas de infortúnio, Sebastião declarava a pena imensa de não o ver entre os convidados nem o poder cumprimentar como convinha, com um abração de rachar as costelas.

Ergueu do papel a caneta de aparo. Encostado displicentemente no espaldar da cadeira, fechou os olhos e imaginou a cena: os dois agarrados um ao outro, às palmadas nas costas, qual deles o mais comovido com esse reencontro que não teria lugar.

Um trovão ribombou ali perto, tão forte que sacudiu tudo à volta. Empurrada pelo vento desde o Bairro de São João, a chuva vinha aí de novo.

16

Menos de um ano após a inauguração, a Acessórios do Planalto era já um sucesso garantido. Jota-Jota e Sebastião haviam apostado muito naquele negócio, mas não imaginaram nunca um êxito assim tão rápido. Para seu espanto, as peças sobressalentes vendiam-se mal acabavam de chegar, e eles andavam mais preocupados em repor os *stocks* do que em saber como liquidar os compromissos financeiros assumidos com o Banco de Angola.

Ana Isabel aparecia na loja ao fim da tarde. Depois de entrar sorrateiramente pela porta das traseiras, ia até ao balcão, onde pousava a capelina vermelha de organdi. Perguntava sempre a mesma coisa:

- Então?

Queria saber se o dia correra bem? Se haviam ganho para os gastos?

Ora o pai, ora o noivo, respondia:

- Lindamente, não podia correr melhor!
- Óptimo! Vão ficar ricos, e eu vou ganhar com isso em duplicado, não é?

Jota-Jota e Sebastião fingiam discordar:

— Tu não: nós!

Ana Isabel entrava no jogo:

- Sim, sim, eu sei.

Já com os banhos a correr nas missas de domingo, devia casar em Abril. Andava agora numa azáfama constante às voltas com o enxoval, que o pai queria «de princesa». No Soares Irmãos, comprou toda a roupa de casa: as colchas e os lençóis de cama, as toalhas e os guardanapos de mesa, as fronhas para as almofadas, os turcos para a casa de banho, até os panos para a cozinha.

Durante semanas, hesitou na escolha do vestido de noiva. Que tecido queria? Claro que cetim! Mas de que tipo? Do liso, que era mais discreto, ou do adamascado, que era mais solene? A conselho das amigas, consultou revistas e figurinos, uns a seguir aos outros, sem se decidir. Arregalava os olhos de vez em quando e exclamava «É este, é este!»; mas logo a seguir, com a mão no queixo, mordia os lábios e reconsiderava «Não, não, este cai mal e enruga!».

Se hesitou muito sobre o tecido, hesitou mais sobre o feitio. Continuava sem saber ao certo o que pretendia realmente. Se um vestido de peça única, corrido da cabeça aos pés; se de corpete e saia separados, com favos bordados sobre o peito. E a gola? Aberta ou fechada sobre o pescoço? E o véu? Com quantos metros de cauda?

Ana Isabel não era de hesitações. Como costumava afirmar

com jactância, não tinha esse defeito. Antipatizava até com as pessoas que pensavam, pensavam, antes de tomar qualquer decisão. Só que agora, sem perceber porquê, parecia insegura, como quem receia vir a arrepender-se mais tarde de alguma opção errada. Um casamento era coisa séria, acontecia uma vez na vida, não se compadecia com precipitações e lapsos.

Jota-Jota surpreendia-se. Não se habituara a ver a filha com tantas dúvidas. Troçava com o facto:

— Já foste à modista? Ou continuas à espera de uma inspiração transcendente? Vê lá se te atrasas e vais para o altar de blusa de chita...

Ana Isabel reagia à piada. Que impertinência sem graça! Nem mesmo o pai, sempre tão compreensivo, avaliava como ela andava ansiosa.

Voltava a pôr a capelina na cabeça, dava meia volta e observava antes de atravessar a porta:

— Um comentário infeliz... Isso não é coisa que se diga!

17

O casal iria morar na Rua António José de Almeida, numa casa acabada de comprar ao Dr. Paulo de Castro, que trocava cada vez mais a sua profissão de advogado pela de construtor civil.

Sebastião gostava de explicar ao pormenor porque iriam viver para lá: o prédio ficava estrategicamente situado na cidade, entre a Alta e a Baixa, primava pelos acabamentos e tinha nas traseiras um quintal enorme, bom para criar galinhas, patos e coelhos, bem como para plantar árvores de fruto, à sombra das quais poderiam anos mais tarde piquenicar com a família e os amigos.

Como se empenhava sempre em tudo, Ana Isabel encarregou-se com pertinácia de decorar e mobilar essa casa, que passou a chamar de «ninho». Com os esboços de papel vegetal desenhados a cores debaixo do braço, foi à marcenaria do José de Almeida, onde explicou detalhadamente como queria a cama e as mesinhas-de-cabeceira do quarto, a mesa e as cadeiras da sala de jantar, o roupeiro da casa de banho, os armários de parede da cozinha.

Amigo de Jota-Jota de há muitos anos, José de Almeida ouviu todas as explicações de testa franzida, sem perder a paciência. Não resistiu no fim à tentação de perguntar com um sorriso cínico:

— Mais alguma coisa? Tem a certeza de que não se esqueceu de nada? De nenhum pormenor?...

Sem dar pela piada, Ana Isabel confirmou:

— Não, não esqueci. Eu passo por aqui de vez em quando para acompanhar a obra.

Era de mais: o marceneiro considerou a frase uma desconsideração. De voz agastada, esfregando com a unha a barba por fazer, reagiu:

— Isso, isso, faz muito bem, não vá eu ou os meus empregados pôr em risco o que demorou tanto tempo a imaginar... Está com medo, não é?

Ela disse que não, que era só por curiosidade, porque confiava plenamente.

José de Almeida fingiu que agradecia:

— Obrigado. Ainda bem.

Com a mesma atenção que prestou à confecção dos móveis, Ana Isabel escolheu os cortinados para as janelas, os tapetes para os pavimentos, os quadros para as paredes, as louças e os talheres de que precisava para cada refeição. Sozinha ou acompanhada pela mãe, andou de loja em loja (do Marta da Cruz para a Lusogart, do Armando Lopes para o Isaac Bendrao), até

chegar ao fim da lista extensa de compras que elaborara previamente.

Sebastião assistia complacente a toda essa azáfama. Estava sempre de acordo. Com relativa ironia e incontido atrevimento, comentou uma tarde que o «ninho» estava a ser preparado convenientemente, ou seja, para recolher os pombos que iriam para lá fazer criação...

Arrependeu-se logo da observação, que se apressou em classificar de brejeira. De faces coradas e voz titubeante, pediu desculpa pela ousadia:

— Desculpa, desculpa...

Ana Isabel soltou um gargalhada:

— Ousadia?! Ora, ora! Eu acho uma frase e tanto!... Muito bem dita, adequadíssima ao caso!

18

Pintada de cal, a fachada confundida com a torre, a cruz de alvenaria lá em cima com o pára-raios na ponta, a Sé Catedral era um templo despretensioso. Sem abóbadas no tecto, nem vitrais nas janelas, nem colunas na nave, ela era aquilo que era, e esse pouco lhe bastava para substituir com vantagem o barracão improvisado da Alta, onde se celebravam antes os actos de culto.

Quando chegou o dia por que esperara ansiosamente, Ana Isabel tomou a seu cargo a decoração do edificio. Foi ao horto da Agricultura[gl], onde comprou gladíolos brancos e hastes de espargo para as jarras do altar e para a grinalda com que desejava decorar o genuflexório dos noivos. Com a ajuda de dois criados de casa, atapetou o átrio de flores, limpou e encerou os bancos corridos dos convidados.

Podia gabar-se do seu desempenho. Ao dar conta daquele esmero, até Dona Clementina Simões, famosa pelos comentários depreciativos que fazia a respeito de tudo, admitiu sem reservas:

— Realmente, a rapariga saiu-se! Pôs isto aqui que é um brinquinho!

A opinião era unânime:

— Um primor!

Ao contrário do que Jota-Jota vaticinara com ironia, Ana Isabel teve tempo suficiente para desenhar e mandar fazer o vestido que queria. Por uma coincidência feliz, foi de um filme que vira no Ruacaná que tirou o modelo, e ia ali agora pelo braço do pai tão ou mais linda do que a heroína da fita.

Muito garboso no fato azul escuro que encomendara na Alfaiataria Midões, Sebastião esperava junto do altar. De gravata cinzenta abaulada sobre o peito, cravo branco na lapela do casaco, sapatos pretos de polimento, fechava e abria as mãos atrás das costas, sem conseguir disfarçar o seu nervosismo.

Foi o Padre Costa quem presidiu à cerimónia e pronunciou as palavras da praxe:

— Sebastião, aceitas a Ana Isabel, aqui presente, para tua legítima esposa? Aceitas e prometes ser-lhe fiel a vida inteira?

Ele respondeu que sim.

O Padre Costa perguntou de novo:

— Ana Isabel, aceitas o Sebastião, aqui presente, para teu legítimo esposo? Aceitas e prometes ser-lhe fiel a vida inteira?

Ela respondeu que sim.

Dona Maria Albertina não se conteve e rompeu em lágrimas. A filha era de agora em diante uma mulher casada, iria embora de casa, deixaria de ser a companheira e confidente com que contara sempre.

Sem medir as palavras, o lenço enxugando o pranto que corria pelas faces, repetiu entre soluços:

— Uma pena!... Uma pena!...

Jota-Jota irritou-se e murmurou:

— Uma pena?! Ora esta! Tu estás parva?!

Não gostava de falar assim. Cordato por natureza, era incapaz de levantar a voz. Mas aquele comentário desatinava a paciência de um santo.

Aristides estava também presente. Esquecido de mágoas antigas, que não eram aliás justificáveis, vestira o seu fato domingueiro; com algum incómodo, trazia ao pescoço uma gravata vermelha às bolinhas.

O Padre Costa pôs a estola sobre as mãos dos noivos, abençoou as alianças, anunciou solenemente que Ana Isabel e Sebastião estavam agora unidos para a vida e para morte, na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, tal como a Santa Madre Igreja impunha aos seus fiéis.

Sebastião levantou o véu de tule que encobria o rosto de Ana Isabel, beijou-lhe levemente a testa, segredou-lhe ao ouvido quanto se sentia feliz nesse momento.

No balcão sobre a porta de entrada, para onde se subia por uma escada em caracol, Alves Carneiro, que era dado às artes e escrevia versos na Voz do Planalto com o pseudónimo de «Sançardote», pegou no violino e começou a tocar um trecho de Schubert.

19

As chuvas vinham em Abril pela última vez. Depois dos relâmpagos ziguezagueantes que riscavam o céu, dos trovões ribombantes que troavam a seguir, das bátegas diluvianas que caíam por fim, elas iam-se embora, deixando as plantas amadurecer e concluir o seu ciclo biológico. De semana para semana, o solo desempapava-se de água e secava; mais algum tempo, um mês se tanto, abria gretas profundas na superfície, revelando assim como estava a perder o vigor anterior. O capim amarelecia, tornava-se quase castanho, até que acabava por morrer.

A temperatura baixara entretanto.

O Cacimbo tomava então conta de tudo. Parecia até que a terra entrava num sono profundo e descansava do esforço que fizera para produzir nas lavras o milho, o feijão, a mandioca e a batata-doce. E só em Setembro, quando os relâmpagos, os trovões, as primeiras bátegas viessem de novo amolecer o solo endurecido; só nessa altura, é que as sementes libertariam a vida que guardavam dentro de si: primeiro a raiz frágil para baixo, depois o caule e as folhas tenras para cima, repintando de cor a paisagem desolada.

Tal como uma lavra ou uma chana[gl] espera durante meses pela chuva, Ana Isabel esperava de há muito por Sebastião. Quando os dois se deitaram juntos na cama pela primeira vez, tal como o solo enxuto se abre para a água benfazeja, ela se abriu para ele.

Ana Isabel parecia comprometida nesse momento, sem saber o que dizer e o que fazer: tinha um nó apertado na garganta, a pele arrepiada e ouvia o coração aos pulos bater dentro do peito.

Sebastião deu conta dessa aflição — e foi meigo para com a noiva: beijou-lhe ao de leve os cabelos, depois as faces, depois os olhos, depois os lábios. Silencioso e comedido, tirou-lhe a roupa peça a peça, afagou-lhe as coxas e o ventre, deitou-a devagarinho sobre a colcha macia de seda. Fez tudo tão aos poucos e delicadamente que ela se descontraiu e entregou com confianca.

Ana Isabel recordará para sempre essa noite especial e única: como um e outro se descobriram nas partes mais íntimas, se deixaram arrebatar pelo prazer carnal, que durava uns instantes, mas se renovava continuamente; lembrará como desejou que a madrugada tardasse e não chegasse tão cedo; lembrará ainda como desviou os olhos da janela em frente, para não ver o dia nascer...

Poucos meses depois, quando teve o primeiro enjoo, ela percebeu que estava grávida. Apanhado de surpresa, Sebastião duvidou:

- É verdade?! Juras?
- Claro que é verdade. Juro!

Ele ficou tão contente que não se conteve. Desatou aos gritos, que nem um louco:

— Vou ser pai!, vou ser pai! Vou embebedar-me com champanhe!

Ana Isabel deu a notícia aos pais, que se animaram tanto como o marido.

Dona Maria Albertina começou a chorar convulsivamente. Aquele seu bebezinho de ontem, que amamentara ao peito; a sua pirralha de tranças, que correra tantas vezes pela casa atrás do cão; a sua menininha sardenta e refilona, ia já ser mãe! Meu Deus!, meu Deus!, como os anos corriam depressa e tantas coisas tinham acontecido!

Encheu a filha de beijos e recomendou:

— É preciso agora tratar do enxoval da menina.

Jota-Jota protestou:

— Da menina? Ora essa!... Porquê da menina? Eu quero um rapaz!

Insistiu:

— Um rapagão como deve ser!

Ana Isabel deliciou-se com aquela disputa, que revelava bem como ambos estavam contentes.

Quis agradar aos dois e observou:

— Bom, bom, não se preocupem: terei gémeos para não defraudar ninguém.

Eles entusiasmaram-se com a hipótese. Quase a uma só voz, confessaram:

— Como seria bom! Quem nos dera! Isso seria uma graça de Deus!

Bruno Augusto, que concluíra com custo o 5º ano do liceu no Colégio Adamastor e trabalhava agora na Acessórios do Planalto, gostou também de saber que seria tio brevemente. Achava que isso lhe daria na família um estatuto de importância que não tinha. Caramba!, um tio era um tio!, e o sobrinho (ou a sobrinha, não importava muito) teria de o tratar com respeito...

## NASCIDO NO HUAMBO COMO OUTROS BRANCOS

Dona Maria José Ramalho era enfermeira e parteira. De capacete na cabeça, a mala das seringas a balouçar no guiador, sapatos de atanado sobre os pedais, corria a cidade de bicicleta. Era viúva, mãe de dois filhos, o mais velho tocador de trompete, o mais novo sem vocações especiais, tão comum como os rapazes da sua idade.

Competente, trabalhadora, sem parar um instante o dia inteiro, Dona Maria José cativava a simpatia de todos aqueles com quem se dava. Como dizia com vaidade, havia poucas crianças em Nova Lisboa que ela não ajudara a nascer, menos ainda que não picara o rabiosque com uma injecção.

Se encontrava na rua algum dos que chamava carinhosamente de seus «gaiatos» (ou então de seus «pimpolhos»), ficava muitas vezes com dúvidas e perguntava:

- Olha lá, tu quem és? O Álvaro?...
- O interpelado respondia que não:
- Eu sou o Joaquim.

Dona Maria José batia com a mão na testa. Não se dava por achada; abria um sorriso enorme e confirmava com ênfase:

— Pois és, exactamente. Tirei-te logo pela pinta!...

Contava a seguir que fora um dia chamada a casa da mãe; como esperara pacientemente duas ou três horas pelo momento do parto, quando meteu mãos à obra e puxou cá para fora aquele matulão que tinha ali em frente.

Entrava em pormenores:

— A coisa esteve preta. Esteve, esteve. Tu não te despachavas, parecia até que querias continuar no quentinho.

Perguntava:

— Lembras-te?

Claro que o Joaquim não se lembrava. Arregalava os olhos, metia as mãos nos bolsos dos calções de caqui, titubeando:

- Não, não me lembro. Eu era um bebé...
- Pois não, tens razão. Que disparate!

Dona Maria José voltava a subir para a bicicleta. Ajustava ao pescoço a presilha de cabedal do capacete, punha as mãos no guiador, ia já longe quando virava a cabeça para trás e lançava a despedida do costume:

— Gostei de te ver! Estás um homem!

Os filhos estudavam no Colégio Alexandre Herculano. Passavam lá toda a manhã; montados nas suas burras[gl], regressavam a casa ao meio-dia para almoçar.

Domingas, criada e cozinheira ao mesmo tempo, tinha posto a mesa na marquise que dava para o jardim. A sopa de abóbora fumegava nos pratos, e na travessa em frente, encharcados de molho e com batatas fritas à volta, três bifes enormes faziam crescer água na boca.

Dona Maria José sentava-se na cabeceira. Pegava decididamente na colher de estanho e mandava:

— Vá lá, despachem-se, que a comida esfria não tarda.

E os filhos despachavam-se: com que vontade!, com que so-freguidão!

2

Que nem uma catana[gl] cortando o ventre lá dentro, Ana Isabel sentiu a primeira dor forte às seis horas da manhã. Com alguma relutância, acordou Sebastião:

— Querido, parece que o nosso bebé vem aí. Estou já com sinais de parto.

Sebastião deu um pulo na cama. Ainda estremunhado, esfregou os olhos com as costas das mãos. Levantou-se e vestiuse rapidamente:

— Tem calma, tem calma! Eu vou já num pulo buscar a parteira.

Ana Isabel pediu:

— Vai também avisar os pais.

O dia começava a nascer. E em Angola, ao contrário de outras latitudes, isso sucedia como que de repente. O sol despontava na linha do horizonte e subia ligeiro no céu como uma bola de fogo. Na Estação das Chuvas, prometia logo mais uma manhã de luz e calor.

Sebastião entrou no *Buik* calça-arregaçada. Atabalhoado e nervoso, carregou exageradamente com o pé no mecanismo da ignição. Nada. Tentou outra vez, mas nada de novo. Que nem um gato com o rabo pisado, o motor guinchava, mas não pegava.

— Que chatice! Só faltava esta!...

Esperou alguns segundos e repetiu a operação. O automóvel decidiu-se finalmente: com dois ou três estouros pelo escape, começou a sacudir-se todo ao ritmo barulhento dos pistões.

Tão veloz quanto podia, avançou pela Rua Governador Sousa Coutinho, depois Avenida 5 de Outubro, por fim Avenida Coronel Ferreira Viana, onde Dona Maria José morava.

Estacionou em frente do renque de casuarinas que ornava ali o passeio público. Bateu à porta tão forte e repetidamente que a parteira gritou lá de dentro:

— Já ouvi! Já lá vou!

Apareceu de roupão, ainda de touca na cabeça.

— Que se passa? Porquê tanta pressa?

Sebastião justificou-se: Ana Isabel estava aflita e parecia prestes a dar à luz.

## Desculpou-se:

— Só por um motivo urgente eu vinha aqui tão cedo...

A parteira esboçou um sorriso. Estava habituada a tais aflições, a ter de sair da cama frequentemente para socorrer quem precisava de ajuda.

Mostrou-se compreensiva:

— Não se preocupe. Quem tem esta profissão não tem horas certas para dormir.

Convidou Sebastião a entrar para a sala:

— Sente-se aqui no sofá e espere um pouco. Eu vou lá dentro arranjar-me e volto já.

Como voltou de facto.

— Estou pronta. Podemos ir.

Os dois entraram no *Buik*, que pegou desta vez ao primeiro arranque.

Como tinha prometido a Ana Isabel, Sebastião passou pela casa dos sogros, onde deu a notícia.

Mais do que previsível, Dona Maria Albertina levou as mãos à cabeça e desatou aos gritos:

— Valha-nos Nossa Senhora da Boa Hora! Valha-nos neste momento!

Jota-Jota teve de intervir:

— Acaba com essa ladainha, mulher! Que cena!... Não achas que dar à luz é a coisa mais natural do mundo? Fazes um drama de tudo!...

Ela não se calou e continuou:

— Valha-nos Nossa Senhora!

Quando entrou no quarto e viu Ana Isabel de rosto alterado pelo sofrimento, ficou ainda mais aflita:

— Minha querida!, minha querida!

Com muitos anos de prática e experimentada em tais apertos, Dona Maria José percebeu depressa que tinha ali um caso complicado, difícil de resolver. Profissional escrupulosa, reconhecia sem complexos as suas limitações, portanto até onde podia ir.

Disse a Sebastião:

— Acho que deve chamar um médico. Não dou conta disto sozinha.

Jota-Jota ofereceu-se:

- Eu vou ao CFB buscar o Dr. Abreu Freire, de quem sou amigo.
- Isso, isso, faz muito bem, vá lá. Ande depressa e não demore.

Se estava até aí angustiada, Dona Maria Albertina entrou em histeria. Abandonou o quarto e foi a correr para o quintal, onde juntou à frase que repetia insistentemente o seu desespero incontido:

— Ai, a minha pobre filha! Ai, que desgraça!

Embora calado e rezando em silêncio, Sebastião acompanhava essa aflição.

3

Médico natural de Avanca, Armando Abreu Freire era um homem de estatura meã, bem disposto e conversador, que começava a engordar. Tal como o irmão Aníbal, engenheiro mecânico, viera para Nova Lisboa com a mulher e os filhos. Clínico geral de competência reconhecida, dirigia o hospital do Caminho de Ferro de Benguela, onde dava consultas todas as manhãs. Não era a primeira vez que desrespeitava a obrigação contratual de assistir apenas o pessoal da Companhia e se dispunha a socorrer na cidade quem lhe reclamava os serviços.

Quando deu conta do que se passava, torceu o nariz e achou também que o parto se complicava. Não demorou muito tempo a tomar uma decisão: mandou sair toda a gente do quarto,

fechou a porta, virou-se para Dona Maria José e foi peremptório:

— Temos de ajudar com o fórceps. Posicionado como está, o bebé não consegue sair por si.

Dirigiu-se a Ana Isabel:

— Tem de ter coragem e arranjar forças para sofrer um bocado mais. Está bem?

Com o ventre em brasa, incapaz de dar à luz o filho que não queria ou não conseguia nascer, ela disse que sim, que estava bem.

Ainda mais demorado e doloroso do que o médico prometera, tudo se resolveu finalmente: com o corpo arroxeado pelo esforço que fizera, o bebé acabou por entrar neste mundo. Dona Maria José deu-lhe duas palmadas nas nádegas, acompanhou o gesto com um «Vamos lá!, força!, força!», e ele vagiu logo a seguir.

Ana Isabel perguntou:

- Ele está bem? É perfeito?
- O Dr. Abreu Freire respondeu:
- Está, está. Um pouco combalido, mas firme.

Tirou os óculos, esboçou um sorriso e gracejou:

— A mamã adivinhou: é de facto um «ele» mesmo, porque é menino.

Dona Maria José completou:

— Um ele mesmo como deve ser!... Pelo que vejo, está lindamente servido do que irá precisar mais tarde... Muito bem servido!

Exceptuando esse «muito bem servido» realçado pela parteira, o bebé era franzino, pesava menos de 2 kg, a pele enrugada como a dos loengos[gl] que engelham de maduros. Custava até a acreditar como é que um ser assim diminuto dera à mãe tanto trabalho.

Quando ouviram os vagidos, o pai e os avós entraram de

rompante no quarto. Viram o recém-nascido enrolado na mantinha de flanela azul bordada de propósito para aquela ocasião. Não foi só Dona Maria Albertina que chorou dessa vez, mas também Sebastião.

Jota-Jota foi à cozinha buscar a garrafa de champanhe que trouxera de casa. Mandou vir taças para todos. Franco como de costume, não escondeu como estava comovido e se sentia orgulhoso por ser finalmente avô.

Com a voz embargada e a mão a tremer, levantou a taça e fez um brinde:

— Que este menino que acabou de nascer seja merecedor de todas as bênçãos e graças de Deus; que não deixe nunca de contar com a Sua magnanimidade, a Sua protecção e a Sua misericórdia!

Católico devoto, igualmente satisfeito por ter contribuído para o desfecho feliz, o Dr. Abreu Freire apoiou:

— Aprovado, muito bem dito! Acompanho sem reservas os votos formulados.

Parecendo já recomposto da emoção inicial, Sebastião olhou para o relógio de pulso e disse:

— É tarde. O Sr. Dr. não matabichou[gl] ainda. Deve estar cheio de fome.

Perguntou:

— Quer comer alguma coisa?

O médico declinou o convite:

— Não, não, obrigado. Agradeço, mas não posso. Tenho de ir ver os meus doentes ao hospital.

4

Acomodado no berço de dossel, que parecia grande de mais

para o corpo franzino; chorando dia e noite por algum motivo que ninguém entendia, o bebé punha a família em alvoroço, sem saber como proceder.

Ainda acamada, Ana Isabel expunha o peito ao filho, esfregava-lhe o mamilo na boca, suplicava-lhe meigamente «Mama, meu anjinho!, mama!, mama!», mas em vão. Ele esticava-se todo, virava a cabeça pequenina para o lado e não correspondia ao apelo.

A mãe desistia depois de quatro ou cinco tentativas. Começava a interiorizar a convicção de que não tinha vocação para aquilo. À preocupação cada vez maior em que andava, juntava agora uma ponta de enfado, mesmo de desespero, que não escondia:

— Não sei o que fazer...

Perguntava-se:

— Como é que eu posso resolver isto?

Sebastião ensaiava timidamente uma explicação pouco convincente:

— O menino está talvez sem fome. É preciso esperar, ter paciência.

Ana Isabel irritava-se:

— Sem fome?! Como?! Não comeu ainda uma única vez! Sem fome é que não está!

De um momento para o outro, também sem ninguém perceber porquê, o bebé deixou de chorar e começou a mamar.

Foi uma alegria enorme para todos. O medo de ver a situação piorar e evoluir para um desenlace fatal desaparecia finalmente.

Jota-Jota bateu palmas e exclamou:

— Temos homem!, temos homem!

Dizia isto com tanto entusiasmo que toda a gente ali confirmava:

— Temos homem!

Assim na boca do avô, a expressão era natural e percebia-se. Percebia-se, mas tinha o seu quê de insólito, porque o menino continuava aquele ser pequenino e frágil que fazia recear pelo futuro.

Mas o sol do Huambo, que entrava madrugador pelas janelas e passava para dentro do mosquiteiro[gl] do berço; que engordava de verde e fazia crescer nas lavras o milho, o feijão e a batata-doce; que afagava a pele de negros e brancos com carícias ardentes; esse sol que jorrava diariamente do céu e existia só nos planaltos de Angola, que era uma bênção divina e inesgotável — tal como fortalecia o caule das plantas, enrijava o corpo das pessoas.

Três ou quatro semanas depois, o bebé esperneava no berço com determinação. Era certo que tinha ainda as suas birras, os seus caprichos, até as suas noites de insónia, mas parecia agora bem

O avô lembrava:

— Eu não dizia? Temos homem!

Que nome lhe dariam? Em homenagem a um irmão muito querido que falecera na flor da idade, Dona Maria Albertina sugeriu Raimundo.

Ana Isabel protestou logo:

- Raimundo, mãe?! Que ideia! Que horror!...
- Ora, ora, porque não?

Sebastião sugeriu Pedro Manuel. Todos acharam bem. Jota-Jota comentou que era um nome bonito, sonoro, que entrava rapidamente no ouvido.

Ana Isabel concordou. Mas não gostava de Manuel:

— Pedro é suficiente. Há-de ser só Pedro.

Ao colo da madrinha, outra vez na Sé Catedral, outra vez pelo Padre Costa, outra vez acompanhado pelo violino de «Sancardote», ele foi assim baptizado.

Talvez porque o seu fundador se apresentava na Metrópole às eleições, ou porque muitos dos seus habitantes execravam também a sanha persecutória do Professor Oliveira Salazar, que continuava a prender discricionariamente os adversários políticos; talvez ainda por outras razões igualmente importantes, Nova Lisboa animou-se nesse ano de 1949, quando o General Norton de Matos se candidatou à Presidência da República.

Contra o General Óscar Fragoso Carmona, o candidato da Situação, Norton de Matos fez uma campanha notável, ultrapassando as expectativas mais optimistas. Com um vigor inimaginável num homem daquela idade, denunciou com coragem o que classificou de «desmandos e abusos do Senhor Presidente do Conselho». Nos comícios onde esteve presente e no seguimento das críticas que fazia, prometeu instaurar no país um regime democrático, onde qualquer cidadão poderia expressar sem receio as suas opiniões.

Como militar e cidadão, ele tinha um passado brilhante, ainda que polémico. Antigo Grão-Mestre da Maçonaria, Ex-Professor do Instituto Superior Técnico, Ex-Ministro das Colónias e da Guerra, Ex-Embaixador em Londres, condecorado com as Grã-Cruzes de Torre-e-Espada, de Santiago e de Avis, fora para Angola e assumira os cargos de Governador-Geral<sup>(\*)</sup> e Alto-Comissário<sup>(\*\*)</sup>. Tomara na altura medidas arrojadas para a época, que agitaram por vezes as mentes mais conservadoras. Jovem de espírito apesar dos seus oitenta e dois anos, reunia

<sup>(\*)</sup> De 1912 a 1915.

<sup>(\*\*)</sup> De 1921 a 1924.

novamente numa frente comum todos aqueles que queriam derrubar a ditadura.

Nova Lisboa nutria um culto quase unânime por esse homem ilustre. Devia-lhe não só a criação como provas de carinho continuamente reiteradas; considerava-o mais do que merecedor de ascender à magistratura suprema da Nação. Tinha para si que isso premiaria com justiça uma vida exemplar.

A Curibeca agitava-se como nunca, ora a distribuir folhetos de propaganda, ora a cobrir paredes e muros de faixas de papel, que garantiam interrogativamente em letras garrafais:

## «QUEREIS A LIBERDADE? VOTAI EM NORTON DE MATOS!»

Paulo de Castro, Abel Lara, Serafim Monteiro, bem como outros correligionários da Oposição, não se coibiam agora de mostrar como estavam esperançados:

— Desta vez, vai!... Temos de empandeirar o Botinhas para Santa Comba Dão.

Mas alguns dias antes da data marcada para a votação, tal como acontecera já no passado, sem conseguir assegurar a revisão dos cadernos eleitorais e evitar as chapeladas do costume, Norton de Matos desistiu de ir às urnas. Fragoso Carmona venceu o sufrágio, foi reenvestido no cargo, e tudo continuou na mesma.

O General retirou-se então para Ponte de Lima, de onde era natural, indo acabar aí o seu percurso político, tão longo e pleno de intervenções.

Quem alimentava a esperança de empandeirar o Botinhas para Santa Comba Dão (os mais sibilinos diziam «recambiar o sacaneta à procedência!») desesperou e deu largas à sua frustração.

Abel Lara não se conformava:

— Uma oportunidade perdida...

Assoava-se, metia meticulosamente o lenço no bolso do casaco e rematava:

— Continuamos entregues aos energúmenos!

6

Pedro continuou franzino e frágil como era. Ainda que exageradamente mimado pelos pais e avós, não se livrou das doenças dos miúdos da sua idade: o sarampo, a varicela, até a tosse convulsa, que não foi fácil de curar. Aos cinco anos, voltou a estar entre a vida e a morte, devido a um desarranjo intestinal; mas com a medicação receitada a tempo, agora não pelo Dr. Abreu Freire, mas pelo Dr. Abrantes do Amaral, e com os caldos de arroz de Dona Maria Albertina, que aconselhava a filha «Dá-lhe, dá-lhe, que isto prende», conseguiu vencer a crise.

Sem irmãos (Ana Isabel fora aconselhada a não engravidar de novo), era um menino introvertido, que gostava pouco de brincar. Sempre que podia, deitava a cabeça num almofadão da sala-de-estar e ficava aí horas seguidas a olhar para o tecto. Deixava de lado o comboio de corda, os carros de lata, o pião, o tambor que recebera de presente e quedava-se nessa fixação.

Quando se levantava, ia direito à cozinha e recheava um papo-seco com manteiga e geleia de goiaba, que devorava num instante. Sem limpar os lábios avermelhados pelo doce, regressava depois ao lugar e à posição anteriores.

Pai e mãe preocupavam-se com o comportamento do filho. Ora um, ora outro, tentavam descobrir sem sucesso a razão daquela mania.

— Um miúdo estranho, esquisito...

Pelo exagero que punha normalmente nas suas observações,

Dona Maria Albertina tinha a respeito de tudo opiniões que pouca gente levava a sério. Mas foi ela quem explicou aos outros o que parecia óbvio:

— Deixem o miúdo em paz! Ele tem lá o seu feitio...

E acrescentou:

— Um dias destes entra na escola e muda. Vão ver.

Pedro tinha realmente o seu feitio; quando foi para a escola, não mudou tanto quanto a avó previa, mas tornou-se mais comunicativo, deixou de deitar a cabeça no almofadão da sala-de-estar e de ficar horas seguidas a olhar para o tecto.

Sebastião interrogava-se muitas vezes sobre as razões daquele menino ser fisicamente tão débil e psiquicamente tão estranho. A quem saía?

Lembrou-se da mãe. Ao fim daqueles anos todos, ouvia novamente a voz que julgava perdida para sempre, mas que conservava afinal na memória: meiga, suave, doce, que o tempo não conseguira calar:

— Meu menino, lindo, lindo!

Seria de Maria Rosa que Pedro herdara a compleição e o carácter? Seria?

7

Há muito tempo que as agências noticiosas de todo o mundo previam aquela eventualidade, que acabou mesmo por suceder.

Vindos da União Indiana, homens armados atravessaram a fronteira da Índia portuguesa e ocuparam em Julho de 1954 os enclaves de Dadrá e Nagar-Aveli. Reduzida ou mesmo insignificante, a polícia local tentou ainda resistir ao assalto, sob o comando do Sub-Chefe Aniceto do Rosário, que sucumbiu na luta.

Sucessor de Mahatma Gandhi, que fora assassinado pelas suas convições pacifistas, Pandita Nehru aprovara certamente

a acção, desrespeitando assim as regras de convivência internacional. Poucos países questionavam ou punham em causa esta versão dos factos.

Uma onda enorme de protestos tomou conta de Portugal, não só na Metrópole, como também nas Colónias. Comícios e manifestações de desagravo ocorreram por todo o lado, onde os oradores de serviço vociferaram contra aquele acto classificado logo de cobarde e infame. Os fiéis ao regime mais impetuosos reclamaram para tal afronta uma resposta tempestiva e adequada.

O Presidente do Conselho em Lisboa, o Governador-Geral em Luanda, cada um à sua maneira, anunciaram então que Portugal reclamara já junto das Nações Unidas contra essa violação do direito dos povos. Oliveira Salazar e Silva Carvalho aguardavam com confiança que o ataque fosse devidamente condenado e a soberania do território rapidamente restabelecida.

Marchando pelas ruas de cartazes ao alto, onde tratavam os invasores de bandoleiros e assassinos, as pessoas cantavam com fervor o Hino Nacional:

> «Às armas, às armas! Pela Pátria lutar Contra os canhões marchar, marchar!»

Como outras cidades de Angola, Nova Lisboa vibrou também com o que se passava. Até os elementos mais assanhados da Oposição, conhecidos pela sua militância anti-situacionista, condenaram o facto.

Abel Lara e os demais membros da Curibeca não se acanhavam nos insultos que dirigiam ao Primeiro-Ministro da União Indiana, com o título do qual parodiaram:

— Pandita?... Qual Pandita qual quê! O gajo é mas é Pandilha! Pandilha e usurpador!

Sentiam-se igualmente ofendidos, e no tom sarcástico que punham na voz, qual deles o mais agastado, manifestavam o seu desagrado:

— Quem ele pensa que é?!...

Foi marcada uma manifestação de protesto em frente do Palácio da Intendência. Convidaram-se para o efeito os oradores oficiais da cidade. No calor do seu discurso, o mais entusiasmado recordou Nuno Álvares Pereira, que vencera os castelhanos; logo depois, acrescentou que havia que seguir o exemplo de Aljubarrota, porque a Pátria corria perigo e tinha de cerrar fileiras contra quem se atrevia a assaltar a casa dos vizinhos...

O representante do Governo vestira-se a preceito para a cerimónia: farda branca de sarja, sapatos a condizer, o barrete enterrado na cabeça. Também com a exaltação apropriada à circunstância, disse o que tinha para dizer: a boca colada ao microfone, os gestos frenéticos, debitando os chavões em que se tornara especialista. Parava de vez em quando, à espera de ser ovacionado por aqueles que escutavam lá em baixo, em frente da Praça Manuel de Arriaga.

No fim, as aclamações convenientes: «Viva o Dr. Oliveira Salazar! Viva Portugal, uno e indivisível!».

Outra vez o Hino Nacional cantado em uníssono, para confirmar que ninguém ali baixava os braços:

«Às armas, às armas! Pela Pátria lutar Contra os canhões marchar, marchar!»

8

É fácil perceber hoje que a invasão de Dadrá e Nagar-Aveli

marca o início do fim do império português. Muita gente não tem na altura a percepção do facto, considerando a ocorrência uma aventura sem consequências. Mas equivocava-se: se acompanhasse o que se dizia já na altura nos fóruns internacionais sobre o direito à independência dos povos colonizados da Ásia e de África, saberia que se enganava mesmo, redondamente.

Jota-Jota não admitia a hipótese de um incidente do género suceder em Angola; muito menos de que então, no seguimento de tal ocorrência, ele fosse expulso da terra que ajudara a crescer.

— Era o que faltava! Enterrei aqui muito suor e suportei muitos sacrifícios, dei o litro anos e anos seguidos. Ninguém me manda embora. Só morto!

Sebastião concordava inteiramente. Ele admitia lá necessidade de um dia ter de embalar as biquatas, deixar para trás o resultado de tanto trabalho, entrar num barco ou num avião e regressar a Lisboa. Nunca! O sogro tinha carradas de razão. Corrido dali? Assim, sem mais nem menos? Era bom, era... Só de facto morto!

Mais pragmáticas, com a intuição própria do seu sexo, Dona Maria Albertina e Ana Isabel eram menos radicais. Os maridos deviam começar já a transferir algum dinheiro para o Puto: aos poucos, sem pressas, para não dar nas vistas, a fim de ter lá um pé-de-meia para acudir numa aflição...

Jota-Jota e Sebastião reagiam prontamente. Ficavam nervosos e respondiam até de forma abrupta:

— Isso é que nunca! Jamais!

Justificavam-se:

— Esta terra é nossa. É cá que temos de investir o muito ou o pouco que ganhámos.

Como o povo observa, o homem tem memória curta para o que quer. Começa por falar pouco ou nada daquilo que decidiu esquecer; deliberada e persistentemente, faz isso dia a dia, semana a semana, mês a mês, até que se livra da recordação incómoda.

Um ano após a ocupação de Dadrá e Nagar-Aveli e dos pedidos de retaliação reclamados na altura, pouca gente recordava na cidade o acontecimento: tudo corria já como se nada de importante tivesse sucedido, ou como se o futuro dos que lutavam aí pela vida não se encontrasse agora ameaçado.

Os Serviços de Censura locais, que controlavam a Imprensa e a Rádio, contribuíam decisivamente para a amnésia colectiva, proibindo a divulgação de notícias comprometedoras. Era como se a União Indiana e o Pandita Nehru tivessem respectivamente, uma desaparecido do mapa, o outro perdido a voz.

Uma vez por ano, os locutores do Rádio Clube do Huambo e os redactores da Voz do Planalto evocavam a efeméride, referindo então, não o que deviam, mas o que podiam...

9

Oliveira Salazar andava entretanto informado do que se passava no mundo. Sabia bem que alguns líderes políticos de países importantes no concerto das nações, não só admitiam, como defendiam a independência das possessões de África mantidas ainda no regime colonial.

Julgando-se capaz de iludir a História, o Presidente do Conselho tentou convencer os areópagos internacionais de que Portugal pugnava no Ultramar por uma presença não discriminatória dos contextos locais. Para o efeito, introduziu em 1951 alterações na Constituição da República, substituindo a designação de Colónias pela de Províncias. No mesmo sentido, reformulou em 1954 a divisão administrativa dos territórios, definindo aí novos distritos, concelhos e circunscrições.

O Huambo beneficiou com o facto. Seria desde então um distrito autónomo: como representante do poder político, em lugar de um Intendente, teria um Governador, ganhando assim uma autoridade e uma jurisdição que não tinha anteriormente.

Como observavam os que remoíam ainda algum ressentimento por Norton de Matos ter desistido de se candidatar à Presidência da República, o General não morreria sem ver reconhecida pelo Governo de Lisboa a importância da cidade que fundara quarenta e dois anos atrás.

De cachimbo entre os dentes, Serafim Monteiro sentenciava com ironia:

— O que ele perdeu nessa altura ganhou agora.

E concluía:

— Isso é que conta. Os homens passam, mas as obras permanecem.

Nesses meados da década de 50, Nova Lisboa merecia de facto a promoção concedida. A Câmara Municipal principiara já a pavimentação das ruas, primeiro com paralelepípedos, depois com asfalto, acabando de vez com os pisos esburacados e poeirentos de antigamente.

Os condutores de viaturas, que haviam quebrado até aí muitas molas e amortecedores, gabavam a iniciativa:

- Muito bem! Um melhoramento e tanto!

Mas a pavimentação das ruas era apenas um indicador de como a cidade crescia e se modernizava. Se a imagem pode ser aqui reiterada, os prédios continuavam a tomar conta dos terrenos onde os cosmos medravam outrora. Era o que acontecia na Alta, com o estabelecimento de áreas residenciais, como o Bairro Azul e o Bairro de Nossa Senhora de Fátima, mas também na Baixa, com a construção das sedes do Banco de Angola e da Associação Comercial, do Cine-Teatro Ruacaná, bem como de outros edifícios de volumetria considerável.

Para os quatro pontos cardiais, de Benfica ao Aeroporto, de

S. Pedro a S. João, a malha urbana aumentava e tornava-se mais complexa. A acompanhar o fenómeno, o saneamento básico avançava significativamente, com a continuação da instalação da luz eléctrica, a abertura de esgotos e canais de escoamento, a arborização dos passeios públicos. A inauguração da rede telefónica estava anunciada para breve.

Aníbal Dias, o «Camutar», que percorria a cidade inteira de bicicleta, pára aqui, pára acolá, conversa com este, conversa com aquele, comentava assisadamente:

— Só quem é cego não vê este progresso todo. Eu estou cá há muito tempo e sei bem o que isto era!...

10

Com os cadernos de linhas, a caixa dos lápis, a borracha, o livro de leitura da 1ª Classe, tudo comprado na Livraria Lello, Pedro entrou para o Colégio Alexandre Herculano, onde aprendeu a ler, a escrever e a contar.

Foi um aluno aplicado desde o primeiro dia: estava atento nas aulas, questionava a professora quando tinha dúvidas, chegava a casa e metia-se logo no quarto para fazer os «deveres». Aprendeu rapidamente a tabuada, recorrendo às mnemónicas da época («nove vezes nove oitenta e um, sete macacos e tu és um!»), deixou depressa de dar erros no ditado (não trocava o o pelo o u, nem o c de cedilha pelo s duplo), firmou e apurou a letra nas muitas e muitas cópias que fez.

Já na 4ª Classe, encantou-se com o que o aprendeu em História. Ficou a saber de cor e salteado os nomes e os cognomes de todos os reis de Portugal (Dom Afonso Henriques, o «Conquistador»; Dom Sancho I, o «Povoador»; Dom Afonso II, o «Gordo»; Dom Sancho II, o «Capelo»; Dom Afonso III, o «Bolonhês»),

mas também as datas e os acontecimentos que foram importantes para o país (Tratado de Zamora, 1143; Batalha de Aljubarrota, 1385; Restauração da Independência, 1640; Implantação da República, 1910). Comoveu-se até às lágrimas com o assassinato de Dona Inês de Castro às mãos de Pero Coelho, Álvaro Gonçalves e Diogo Lopes Pacheco; detestou a partir desse momento o rei Dom Afonso IV, o «Bravo», que autorizara o crime horrendo

Impressionou-se tanto com essa tragédia que quis saber mais (ele pediu à mãe «Tudo!, tudo! tudo!») sobre as razões que tinham justificado uma morte assim.

Ana Isabel foi à estante da sala-de-estar, tirou de lá *Os Lu-síadas* de Luís de Camões, abriu o livro no Canto III e começou a recitar:

«Estavas, linda Inês, posta em sossego, De teus anos colhendo doce fruito, Naquele engano da alma, ledo e cego, Que a Fortuna não deixa durar muito...»

Coçando a cabeça, Pedro franziu a testa. O que era isso de «fruito», «ledo» e «fortuna»? Essas palavras o que significavam?

A mãe pousou o livro nos joelhos, fitou o filho meigamente e explicou-lhe o que esses termos arrevesados queriam dizer. No fim, perguntou:

- Percebeste?
- Assim, assim; mais ou menos...

Pedro sonhou nessa noite com Inês de Castro, que fugia, fugia, fugia, o vestido branco de seda a esvoaçar ao vento, e que de repente, quando estava já longe dos seus perseguidores, foi assaltada por um cão enorme de pêlo negro, a boca arreganhada, os dentes ameaçadores, que parecia apostado em impedir a fuga.

Acordou aos gritos, o corpo alagado em suor, o coração aos saltos, debulhado em lágrimas.

Ana Isabel veio logo ver o que se passava:

— Então, então?! Pronto, pronto!

Aconchegou o filho contra o peito, disse-lhe que os sonhos eram só sonhos, que não deviam ser levados a sério:

— Não penses mais nisso.

Tentou desmerecer o que evocara na véspera:

— Ninguém sabe ao certo como tudo aconteceu. Se calhar, não foi tão mau assim...

Voltou para o quarto uma hora depois, quando Pedro adormeceu.

Sentado na cama, com as mãos cruzadas sobre a dobra do lençol, Sebastião perguntou:

— Que foi?

Ela pendurou o roupão no cabide da porta e ajustou a camisa de noite ao corpo. Repetiu o que dizia sempre quando se encontrava naquela situação:

— O nosso Pedro!... Tão sensível, tão assustadiço! Tem uma alma e um coração de vidro. Emociona-se e comove-se com qualquer coisa.

11

Como prenunciara desde o início, a Acessórios do Planalto era em 1957 um estabelecimento de sucesso. Para satisfação dos seus proprietários, registara no fim desse ano uma quantidade recorde de vendas, arrecadando lucros de centenas de contos. Incapazes já de cuidar sozinhos do negócio, Jota-Jota e Sebastião contrataram então um guarda-livros e dois empregados de balcão.

Nem um nem outro gostavam de ouvir dizer que estavam

ricos. Observavam que não: que tinham sido apenas bem tratados pela sorte, mas que isso de estar ricos era um boato, uma fantasia, um exagero.

Dona Maria Albertina esquecera finalmente a frustração de não ser sogra de um engenheiro ou de um oficial do exército. Reconhecia com sinceridade: o genro enchia-se de dinheiro e cobria Ana Isabel de mimos e presentes. Marido e mulher davam-se às mil maravilhas, continuavam tão apaixonados como antes do casamento, quando rodopiavam abraçadinhos na pista de dança do Sporting. O que é que uma mãe podia querer ou desejar mais?

Sentia-se uma mulher feliz. Quando lembrava as canseiras, as dificuldades, até mesmo os sacrificios de monta que arrostara para chegar até ali; a ginástica financeira que fizera no governo da casa para compatibilizar o pouco dinheiro que tinha com as muitas coisas que precisava de comprar; quando recordava esse tempo de apertos e privações, de noites de insónia a pensar no dia seguinte, dava graças a Deus pelo desafogo de agora. O passado fora duro, mas dera fruto, tal como uma semente lançada em solo escabroso, que germina, se transforma primeiro em planta, depois em árvore, porque é regada e mondada das ervas daninhas.

Sentia-se de facto uma mulher feliz. Mas até quando?

A felicidade é inconstante e caprichosa. Não é verdade que agrada às pessoas anos e anos seguidos, lhes satisfaz anseios e aspirações, mas que de repente, quase de uma hora para a outra, as abandona e vai embora, sem aviso prévio nem retorno possível?

Jota-Jota fora sempre um homem saudável. À excepção do quinino[gl] que tomava regularmente contra o paludismo[gl], gabava-se de nunca ter ingerido outros comprimidos nem levado uma injecção. Dava-se bem com os médicos, com os quais bebia um *whisky*, jogava uma partida de damas, conversava até

cordialmente. Consultas e receitas é que não, dispensara-as sempre. Nas farmácias, não gastava um centavo.

Quando se referia ao assunto, usava uma máxima que inventara muitos anos atrás ao rejeitar um xapore recomendado para a gripe:

— Qual xarope, qual quê!... As gripes abafam-se com bagaço e mel tomados à hora da deita. É tiro e queda!

Acrescentava invariavelmente:

— Isso de estar doente é coisa para as mulheres, que têm pouco que fazer...

Com tal horror pelas doenças, foi com relutância que confessou à mulher que estava a passar mal. Tinha pudor em falar das intimidades do corpo, mas a verdade é que sofria de uma prisão de ventre teimosa, que evacuava com dificuldade e deitava sangue nas fezes.

Dona Maria Albertina arregalou os olhos e ficou logo assustada:

— O quê?! Sangue nas fezes?! Tens a certeza?

Claro que tinha. Não fora uma, nem duas, nem três vezes que dera pelo facto.

Jota-Jota estava realmente doente. A conselho do Dr. Fonseca Santos, foi à DTA (\*), onde reservou passagens de avião para Luanda. Acompanhado pelo filho Bruno Augusto, submeteu-se aí aos exames necessários, ouvindo por fim o diagnóstico terrível: estava com um cancro no cólon, iria morrer em breve.

Não quis acreditar. Agora que tinha um neto para ajudar a criar, que se realizara completamente, quando tudo corria tão bem, Deus pregava-lhe aquela partida? Como é que isso podia acontecer?

<sup>(\*)</sup> DTA: Divisão de Transportes Aéreos.

Bruno Augusto chorou que nem uma criança. Incapaz de conter os soluços, abraçou o pai com toda a força. Parecia aturdido, sem saber o que dizer nesse momento.

12

1958 foi outro ano de eleições em Portugal.

Para suceder ao então Presidente da República, General Craveiro Lopes, que se tornara incómodo pela independência posta no exercício da magistratura(\*), Oliveira Salazar escolheu o seu Ministro da Marinha, Almirante Américo Tomaz, homem com provas dadas de fidelidade ao regime.

A Imprensa e a Rádio da época teceram de imediato elogios em série a Sua Excelência: marinheiro de virtudes excelsas, cidadão ilustre, pessoa de estofo moral impoluto, ideal para dirigir os destinos do país numa altura tão conturbada.

A Oposição designou para seu candidato o General Humberto Delgado, oficial da Força Aérea, que vivera recentemente nos Estados Unidos, convivera aí com a Democracia e reclamara já a urgência de romper o *statu quo* existente.

Humberto Delgado portou-se à altura das circunstâncias: comunicativo e corajoso (foi chamado logo de «General Sem Medo»), denunciou o Governo pelo desrespeito dos direitos e liberdades cívicas, a perseguição e o encarceramento dos adversários políticos, a iniquidade na produção e distribuição da riqueza nacional.

<sup>(\*)</sup> O General Craveiro Lopes fora eleito em 1951, após a morte do Marechal Fragoso Carmona.

No Porto e em Lisboa, em todas as cidades e lugares onde discursava, suscitava a exaltação da audiência, era aplaudido em delírio, gerando uma onda de entusiasmo que não parava de crescer.

Talvez porque não previra essa adesão tão grande, Oliveira Salazar preocupou-se e temeu um desaire. Tal como fizera já no passado, tomou as providências convenientes: proibiu o controlo e o escrutínio das urnas, possibilitando de novo a manipulação dos votos.

Ao contrário de Norton de Matos, Humberto Delgado não desistiu e foi até ao fim. Mas perdeu; quando soube da vitória do seu adversário, declarou aos apoiantes mais próximos que fora vergonhosamente vencido, não pelos portugueses, mas por aqueles que tinham usado de truques e manigâncias na falsificação dos resultados.

Como nove anos atrás, a Curibeca de Nova Lisboa desesperou com a notícia; novamente desiludida, não calou a sua indignação:

— Um escândalo! Uma roubalheira!

Agora ainda com mais razões do que antes, Abel Lara desabafou:

— Uma oportunidade perdida!...

Voltava a assoar-se, a meter meticulosamente o lenço no bolso do casaco, a concluir:

— Continuamos entregues aos energúmenos!

A Oliveira Salazar, que era afinal o inimigo que detestavam de há muito, os desiludidos não pouparam insultos nem o tratamento habitual. Cada um sem excepção descarregou a sua bílis:

- O sacana aguenta-se!
- Tem sete vidas como os gatos!
- Ninguém vence o filho da mãe!

Ainda que garantida desde que se nasce, a morte é sempre um acontecimento contra o qual toda a gente se rebela. À excepção dos santos e dos mártires, ninguém se conforma com tal contingência. Têm-se escrito muitos livros sobre o assunto, elaborado tratados e teorias especulativas a respeito, tentando explicar por que razão as pessoas se insurgem contra um facto tão natural.

Para além das considerações filosóficas tecidas a propósito, o homem tem medo, diga-se mesmo pavor, desse momento derradeiro, talvez e muito simplesmente por ignorar o que haverá daí para diante. Os ateus e os agnósticos garantem que nada, porque a existência humana é limitada e acaba de vez com o último suspiro. Quem é religioso acha que não, porque um ser criado à imagem e semelhança do Criador não pode desaparecer assim: ele irá receber algures (muitos asseveram que no Céu ou no Inferno) o prémio ou o castigo pelo bem ou pelo mal que praticou.

Jota-Jota não era homem para se entregar a estas questões metafísicas. Como aprendera em criança no catecismo, procurara respeitar os Mandamentos da Lei de Deus, não invejara nem maltratara o próximo, não se aproveitara nunca do seu dinheiro nem da sua influência para prejudicar terceiros. Nos exames de consciência que fazia, encontrava frequentemente uma ou outra coisa de que se arrependia, algum procedimento menos certo, mas nenhum pecado grave, capaz de pôr em causa a salvação da alma.

Com a segurança que alguém pode ter a tal respeito, não temia pois o Inferno, nem punha sequer a hipótese de ir para lá arder nas labaredas eternas. O que recusava aceitar, para o que não encontrava resignação, era ser forçado a perder para sempre

a companhia dos seus entes queridos (a mulher, os filhos, especialmente o neto). Sentia já saudades das horas que compartilhara com todos, dos dias, dos meses e dos anos que não teria mais. Não ver Pedro crescer? Podia lá conformar-se com isso! Só de pensar no caso, empalidecia e ficava de coração apertado.

Para espanto de toda a família, Dona Maria Albertina não chorou nem gritou quando soube da doença que ameaçava o marido. Abriu desmesuradamente os olhos, levou as mãos ao peito, deixou-se cair no sofá da sala-de-estar, onde ficou como que hipnotizada.

Ana Isabel foi em socorro da mãe. Abalada igualmente pela notícia (como viver de futuro sem o pai?, sem lhe ouvir a voz trocista e meiga e o poder abraçar?), conseguiu encontrar coragem para dizer:

— Então, então? Não podemos desesperar. É preciso consultar outro médico.

Sem reagir, ela continuou de olhos esbugalhados, as mãos sobre o peito, tão quieta como antes.

Ana Isabel insistiu, e também Sebastião, e também Bruno Augusto:

— Então, então?

Durante uma semana, ao mata-bicho, ao almoço, ao jantar, não importava onde e com quem estava, Dona Maria Albertina parecia ausente. Respondia às perguntas com monossílabos, «sim», «pois», «é». Virava nervosamente as costas aos seus interlocutores, aconchegava o casaco de malha ao corpo franzino, fingia que tinha algo para fazer nesse momento, voltava ao mutismo inicial.

Jota-Jota angustiava-se: não lhe bastava já o tumor que o consumia de dores, tinha ainda de assistir agora à tristeza imensa da mulher.

Quando sucede de modo inesperado, como numa picada de surucucu, nos cornos de uma pacaça[gl], ou no surto de uma biliosa, que acaba em três dias com a sua vítima; quando chega de repente por qualquer razão fortuita, a morte é como uma vaga de mar alterosa que afoga de dor a família e os amigos do finado. Quem perde uma pessoa querida nessas circunstâncias, um pai, uma mãe, um marido, uma esposa, um filho, julga-se talvez perseguido pela adversidade. Mas embora destroçado pela provação, tem a vantagem, se é possível dizer assim, de sofrer o desgosto de uma vez.

A morte que custa especialmente, porque não sucede tão depressa; a que lembra um carrasco sádico gozando com o seu ofício, é aquela que toma conta do corpo de um doente, o desgasta, o consome e o desfaz devagarinho. O infeliz luta diariamente contra o desfecho fatal, com coragem ou sem ela. E espera... Em cada manhã, quando acorda e abre os olhos, ignora se vai ou não durar até à noite, se está ou não a desfrutar as horas derradeiras da vida.

É uma morte a prazo, diferida, que acontece e se repete antes de suceder. Parecendo que se diverte com isso, ela não se cansa de brincar ao jogo do gato e do rato: do gato que estica as garras, mas não caça logo o rato...

Jota-Jota tinha apenas sessenta e um anos, mas preparou-se como convinha para a sua hora. Conversou demoradamente com o Dr. Ferreira Bastos, em cujo cartório redigiu o testamento. Como observou à saída com um sorriso triste, estava agora com a papelada em ordem. Chamou depois Sebastião, a quem pediu que velasse por Dona Maria Albertina e Bruno Augusto; que beijasse muito Pedro em seu lugar («Todos os dias, pela vida fora!»).

Sebastião ficou desfeito. Sem dar parte de fraco, conteve as lágrimas. De olhos baixos, respondeu a tudo que sim, deu a sua palavra de honra, garantiu que cumpriria escrupulosamente todos os pedidos.

Jota-Jota pôs-se então à espera... Deixou de ir à Acessórios do Planalto, começou a levantar-se mais tarde, quando o sol passeava já por cima das mangueiras do quintal. Sentava-se aí numa cadeira de palha, o tronco acomodado às almofadas, as pernas estendidas, olhando para a copa das árvores, onde a luz faiscava por entre as folhas que nem numa quinda cheia de camangas[gl]. Ouvia os criados tagarelar na cozinha e deixava-se tomar pelo sono.

Esperou um mês, dois, três, quatro, quase meio ano; em Setembro, quando o Cacimbo chegava ao fim, adormeceu para sempre e partiu.

Juvenal da Silva foi quem cuidou do funeral. Colocou o cadáver no esquife de mogno, levantou uma essa na sala-de-jantar, pôs à volta seis castiçais de prata. O Padre Agostinho, que era então o pároco da Sé, veio dirigir a cerimónia: celebrou missa de corpo presente, seguiu no carro funerário para o cemitério, que ficava na estrada para a Caála, perto da loja do Saiago; de estola ao pescoço, rezou as orações próprias do rito, aspergiu a sepultura com água benta, foi o primeiro a deitar uma mão-cheia de terra sobre o caixão.

Dona Maria Albertina vestiu-se de luto carregado e comportou-se à altura da situação. Sempre acompanhada dos filhos e do genro, com um ramo enorme de cravos ao colo, quis estar presente. Não se desfez em lágrimas como muita gente supunha. Não, não se desfez. Guardaria isso para mais tarde, para quando estivesse sozinha, na penumbra do quarto de janelas fechadas, longe da curiosidade dos outros...

Recebidos e tratados com todo o carinho, Dona Maria Albertina e Bruno Augusto foram viver com Ana Isabel e Sebastião para a Rua António José de Almeida. A casa da Rua do Comércio foi depois vendida a um médico recém-chegado da Outra Costa[gl], que instalou aí a família e onde montou o seu consultório.

Com o dinheiro que recebeu de herança, Bruno Augusto comprou uma moradia no Bairro de Nossa Senhora de Fátima, para onde mudou antes do fim do ano. Achava que era já altura de se tornar um homem independente, com direito à privacidade própria; justificava-se observando que precisava de ter o seu canto, deixando de continuar «o menino agarrado à saia da mamã»

Ninguém contestou a decisão: ele procedia bem e revelava finalmente que tomava o destino nas mãos. Ana Isabel e Sebastião apoiaram a iniciativa até com entusiasmo, não porque quisessem livrar-se da presença do irmão e do cunhado, mas porque entendiam as razões apresentadas.

Sofrida como estava pela perda do marido, Dona Maria Albertina pareceu não dar importância àquela partida. Depois da dor imensa por que passara, o resto contava pouco. O filho queria ir embora? Pois que fosse! Era mais um... Estava a ser abandonada por todos...

Temia pelo futuro, que imaginava cheio de solidão. Referia constantemente que trazia a alma tão negra como a noite, que o mundo acabara de vez para si, que não tinha agora mais nada para fazer.

Ana Isabel e Sebastião começaram a preocupar-se seriamente com aquele abatimento, que era quase desespero. Os dois estavam de acordo: Dona Maria Albertina deveria deixar Nova Lisboa com urgência, afastar-se por uns tempos de pessoas e coisas que lhe reavivavam continuamente o passado recente.

Sebastião sugeriu que viajassem para Portugal. A mulher e o filho conheceriam então a família que nunca tinham visto, e até ele (por que não confessar essa vaidadezinha?) poderia provar aos tios Felisberto e Maria do Patrocínio que vencera na vida. Alugariam um automóvel, dariam uma volta pelo país, voltariam por fim.

Ana Isabel concordou. Talvez para não manifestar assumidamente como ficara entusiasmada com a proposta, tentou disfarçar:

— Achas que sim? És capaz de ter razão...

Ir a Lisboa! Ir lá pessoalmente! Andar pelo Terreiro do Paço, pelo Rossio, pelos Restauradores, pela Avenida da Liberdade! Fazer compras no Chiado!

Como seria bom conhecer ao vivo uma cidade que vira e revira já em tantas revistas e ilustrações; por onde passeara pela mão inspirada de Eça de Queiroz: Rua do Alecrim, Rua das Janelas Verdes, a Rampa de Santos, o Aterro, e a lanterna vermelha do americano a luzir lá adiante, com Carlos e João da Ega correndo desesperadamente («Ainda o apanhamos! Ainda o apanhamos!»).

Lembrava-se de que em miúda, quando perguntava ao pai como é que essa cidade era, se assim tão grande, se assim tão linda, Jota-Jota abria os braços, virava as palmas das mãos para dentro, parecendo que media qualquer coisa. Esboçava um sorriso meigo e respondia:

- Enorme! Nem tu imaginas...
- E linda?
- Sim, sim! Muito!

Ela calava-se, mas só depois de dizer:

— Gostava tanto de ver!

Porque era de facto, como a mãe dizia, uma alma de vidro, Pedro sentiu de forma especial a morte do avô. Não só tinha saudades de Jota-Jota, como sentia falta daqueles fins de tarde em que os dois se encontravam e conviviam como pessoas da mesma idade. Falavam longamente de tantas coisas! Não tentavam convencer-se por respeito ou condescendência, não transigiam na defesa dos seus pontos de vista, só porque um era muito mais velho e o outro muito mais novo. Consideravam-se iguais, e era nessa igualdade fingida, que praticavam naturalmente, que robusteciam o seu afecto.

Ana Isabel interviera muitas vezes:

- Mais respeito ordenava ao filho.
- Menos confiança pedia ao pai.

Jota-Jota irritava-se com essa observação. Regia imediatamente:

— Eu sei muitíssimo bem como devo conversar com os meus amigos!

Pedro gostava de ouvir aquela frase: o avô não dizia o «rapaz», ou o «miúdo», ou o «pequeno», como toda a gente, mas o «amigo».

Esse amigo desaparecera para sempre, e ele via-se agora sem ninguém a quem contar os seus segredos e confessar as suas fraquezas. O pai andava o dia inteiro ocupado com os negócios, a mãe mostrava-se disponível, mas tinha aquela ideia fixa de que os meninos com onze anos têm coisas mais próprias com que se entreter. Ponto final e pronto!... Não explicava porquê.

Aprovado com brilho nas provas de exame da 4ª Classe, deveria entrar em Setembro para o liceu, que fora finalmente criado na cidade e começara já a funcionar em salas cedidas pela Associação Comercial.

Deveria entrar, mas não entrou, para poder acompanhar os pais e a avó na viagem a Portugal.

Levou a mal não ser consultado sobre o assunto, mas compreendeu. Tão ou mais entusiasmado do que a mãe, animava-se com a possibilidade de visitar os lugares de que ouvira falar nas aulas de História: a Torre de Belém, o Mosteiro dos Jerónimos, o Mosteiro da Batalha, o Mosteiro de Alcobaça, este principalmente, onde Dom Pedro I e Dona Inês de Castro repousavam nos seus túmulos lado a lado, tão juntos na morte como na vida.

## Perguntava:

- Vamos lá, não vamos?
- Ana Isabel respondia que sim:
- Vamos.
- E à Torre de Belém?
- Também.
- E aos Jerónimos?
- Também.
- E à Batalha?
- Também!, também!, também!

17

Bruno Augusto ficaria a gerir a Acessórios do Planalto durante a ausência do cunhado. Trabalhava na loja desde o início, acompanhara de perto todas as encomendas de mercadoria, contava com o apoio do guarda-livros e dos dois empregados, pelo que estava em condições de desempenhar convenientemente essa tarefa. Não escondia como se sentia satisfeito por receber tal prova de confiança.

— Vou dar o meu melhor. Espero que tudo corra bem. Sebastião não tinha dúvidas:

— Correrá com certeza. Se tiveres problemas, escreve e pergunta. Eu responderei de imediato.

Com tudo convenientemente tratado, a documentação em ordem (um trabalhão actualizar os bilhetes de identidade, obter os atestados de vacina contra a varíola e a febre amarela, conseguir comprar as passagens, no *Dakota* para Luanda, no *Superconstelation* para Lisboa), a família pôde finalmente partir.

Era em Dezembro e chovia torrencialmente nessa manhã: os pingos de água batiam ruidosos na cobertura de zinco do pavilhão enorme que servia de aerogare.

Protegidos pelas capas de oleado que receberam do pessoal da DTA, os passageiros subiram a escada móvel e entraram no avião.

# REGRESSAR AO PUTO, MAS POR POUCO TEMPO

Chegaram a Lisboa de madrugada. Quando saíram do avião, perceberam depressa que o tempo estava tão mau ou pior do que em Nova Lisboa. Certamente pior, porque sentiram na pele um frio de rachar, de que nem mesmo Dona Maria Albertina e Sebastião se lembravam já.

Avisada do que podia encontrar, Ana Isabel atafulhara Pedro de agasalhos: um sobretudo de fazenda grossa, gorro impermeável na cabeça, cachecol de lã no pescoço, camisa de flanela, sapatos de atanado com solas de borracha.

O filho continuava a protestar com veemência:

— Tanta roupa, mãe! É de mais, pareço um chouriço! Até me falta o ar!

Tinha de ser. Uma constipação logo no começo das férias é que não calhava nada:

— Tem paciência. É preciso.

Sebastião foi tratar da bagagem. Esperou com paciência mais de uma hora, antes de conseguir reunir as malas e os sacos que despachara para o porão.

Na fila de espera, um homem de rosto oblongo, a barba por fazer, os olhos raiados de sangue pela noite mal dormida, não escondia a sua irritação:

— Que seca! Isto não anda? Ainda dizem que os pretos são preguiçosos...

Alguém ao lado concordou:

— Pois, pois. Está-se mesmo a ver...

Quando deixaram o aeroporto e entraram no táxi, o dia começava a nascer.

Como no Cacimbo, a manhã era fria, mas não como no Huambo, onde aquecia assim que o sol se punha a brilhar no céu limpo de nuvens e inundava tudo de luz. O cieiro podia aí gretar os lábios, cobrir de crostas a pele das mãos e dos braços, mas isso curava-se com creme de glicerina e desaparecia em dois dias.

A manhã brumosa de agora seria assim passageira? Dona Maria Albertina sabia que não, porque o Inverno em Portugal vinha todos os anos para ficar: com chuva e com vento, durava, durava, durava.

Fechou os olhos e viu-se novamente na Guarda, onde nascera, crescera e casara com Jota-Jota; viu-se de novo criança, de tranças no cabelo e sacola de serapilheira ao ombro, enfrentando a neve que atapetava de branco o caminho para a escola. Tantos anos! O que fizera durante esse tempo todo? Por que bolandas, canseiras e lutas passara? Não valia sequer a pena lembrar...

Suspirou longamente.

Ana Isabel perguntou:

— A mãe está bem?

Dona Maria Albertina respondeu:

— Estou, estou. Não te preocupes.

Para quê voltar ao passado? Tinha de pôr de parte aquelas recordações.

- E tu?
- Eu também. Estou óptima!

Sebastião pedira a um amigo o endereço de uma pensão («Coisa decente, bem localizada, em conta»). Previdente como sempre, não deixava nada ao acaso.

— Pensão Areeiro, se faz favor.

O taxista fez que sim com a cabeça. Era um homem franzino de rosto prazenteiro, olhos miúdos e vivos, o bigode ralo bem desenhado sobre o lábio. Parecia disposto a entabular conversa:

— Pensão Areeiro? É aqui perto. É só descer a avenida, subir depois um pouco, e estamos lá. Não demora nada, um instantinho.

Não escondia a sua curiosidade:

— Os senhores vêm de África?

Para espanto dos pais e da avó, Pedro tomou a iniciativa e respondeu:

— Vimos, vimos, de Nova Lisboa. O senhor sabe por acaso onde fica?

O homem embatucou. Não sabia realmente.

— Bom... Nova Lisboa... Ora deixa ver...

Tinha de ser sincero:

- Não sei. A verdade é que não sei.

Ana Isabel interveio.

— Oh, filho, que é isso? Não sejas abusador e deixa o senhor em paz.

Mas o condutor não parecia nada incomodado. Achava até graça:

— Não faz mal, minha senhora. Não tem importância.

Virou-se para trás e perguntou:

— O menino é capaz de me explicar?

Pedro não se fez rogado:

 Nova Lisboa é uma cidade. Foi fundada por Norton de Matos com o nome de Huambo.

Empolgou-se:

— Uma cidade importante! É já a segunda de Angola!

O taxista esboçou um sorriso.

— Ora aí está. Fiquei a saber.

O carro avançava vagarosamente, sem conseguir ultrapassar

um autocarro que seguia à frente envolto pelo fumo negro do escape.

Pedro não vira nunca uma viatura assim. Com o dedo estendido para o vidro da janela, apontou:

- Olha, olha, um machimbombo[gl] de dois andares! Sebastião corrigiu:
- Não é machimbombo, é autocarro.
- Autocarro?!
- Sim, autocarro. Não há machimbombos em Portugal.

Vencendo o pára-arranca do trânsito congestionado, o táxi estacionou finalmente em frente da pensão.

2

Quando ficavam em Lisboa, aqueles que vinham de África passar férias em Portugal instalavam-se normalmente numa pensão. O que faziam por motivos simples e óbvios: ou porque seguiam a recomendação de algum amigo que experimentara e apreciara já a estadia, ou porque encontravam aí um ambiente acolhedor, quase familiar, onde se sentiam melhor do que num hotel.

Bem próximas uma da outra, a Pensão Flor e a Pensão Areeiro (a primeira na Praceta João do Rio, a segunda na Praça de que usava o nome) disputavam entre si a clientela potencial. Certamente por isso, era fácil encontrar nas pastelarias desse troço da Avenida Almirante Reis muitos «ultramarinos», como se dizia na época, que se juntavam nas mesas para beber um café ou trocar dois dedos de conversa.

A Pensão Flor era a mais procurada. Não por proporcionar quaisquer comodidades especiais, mas por reunir muita gente da mesma proveniência. Ao fim e ao cabo, o que todos queriam

verdadeiramente era conviver com quem tinha afinidades, revelava as mesmas preferências e falava sobre os mesmos assuntos; o que queriam de facto era fingir que continuavam em África, até quando saíam de lá. Podiam não confessar isso explicitamente, mas estavam convencidos de que em caso de aflição, num aperto inesperado, contariam ali com uma solidariedade difícil de encontrar em outro sítio.

Mais sofisticada e mais cara, a Pensão Areeiro hospedava também pessoas do Ultramar, mas não só. Um estudante de engenharia que frequentava o Instituto Superior Técnico, dois juízes reformados, uma viúva abastada com três filhas solteironas figuravam entre os fregueses habituais.

A patroa, Dona Alice da Conceição, é quem geria o estabelecimento. Mulher divorciada de estatura imponente, andava por todo o lado como quem vai a uma festa: o rosto pintado, o cabelo louro preso sobre as orelhas, vestido de seda justo ao corpo, colar de pérolas no pescoço, meias de costura nas pernas, sapatos de verniz. Uma perfeição de se lhe tirar o chapéu, que o estudante de engenharia e os juízes reformados fitavam gulosamente de soslaio.

Dona Alice era tão exigente com os seus atavios como com o seu pessoal. Antes de cada refeição, já aperaltada da cabeça aos pés, inspeccionava tudo: as mesas da sala de jantar, se tinham os talheres e as jarras de flores nos lugares convenientes; as fardas pretas e os aventais brancos das criadas, se estavam bem passados e sem nódoas; os alimentos nas travessas, com o peixe ou a carne no meio e as guarnições à volta. Não admitia desmazelos nem facilidades em tais particulares. E explicava porquê: toda a gente sabia que os olhos comiam tanto como a boca; ou então, que eram os olhos e não a boca que abriam o apetite. Portanto, atenção: havia que cuidar do aspecto e evitar trapalhices!

Com a recomendação que traziam, Sebastião e família foram

recebidos cordialmente, indo ocupar dois quartos contíguos do segundo andar, virados para a praça que ficava em frente.

Pedro ficou radiante. Logo que se levantava, podia ver pela janela os carros eléctricos contornarem a rotunda, estacionarem algum tempo no terminal, mudarem os nomes nos letreiros de destino, recomeçarem por fim a circulação interrompida.

Pelo relógio de pulso, controlava os minutos que as manobras demoravam, para saber se conseguira ou não acertar nas suas previsões.

Um jogo afinal como outro qualquer, que ora ganhava, ora perdia.

3

Sebastião avisara Felisberto e Maria do Patrocínio de que iria brevemente passar férias em Portugal. Na carta escrita na altura, manifestara a sua vontade de visitar os tios, não só para lhes apresentar a mulher e o filho, como também os convidar para algumas refeições em conjunto. Não guardava recordações agradáveis do passado, mas insistia consigo próprio em que era já tempo de pôr uma pedra no assunto e esquecer ressentimentos antigos.

Felisberto e Maria do Patrocínio continuavam a morar na Calçada da Estrela, no 1º andar do prédio de gaveto que ficava perto da Assembleia Nacional. Tinham sabido por alguém que o sobrinho fora bafejado pela sorte e triunfara, que era presentemente um homem rico, respeitado e admirado na cidade onde vivia.

Maria do Patrocínio duvidara:

— Um homem rico?...

Perguntara-se depois: Como é que um rapaz (ela dizia «rapazinho», em tom pejorativo); como é que um rapazinho, sem

pai nem mãe, que partira para África aos catorze anos, conseguira tal proeza?

Quem dera a notícia entrara em pormenores: que no fim da Guerra, com as restrições impostas à importação de mercadorias, a venda de acessórios para viaturas se transformara numa mina de dinheiro. Quem se metia então a vender pneus e peças sobressalentes juntava depressa uma fortuna. Sebastião percebera isso desde o início, arranjara um sócio à altura, e pronto! O resultado estava à vista.

Maria do Patrocínio não ficara nada convencida, comentando até com ironia:

— Mas como é que alguém enriquece a vender porcas e parafusos? Essa é boa! Que história mal contada... Eu cá não acredito!

Em conversa com o marido, adiantara ainda:

— Ele tinha lá expediente e unhas para tanto...

Felisberto não podia concordar. Como para se redimir da falta de coragem manifestada muitos anos atrás, observara com veemência:

- Eu acredito! Porque não?!
- Hum!... Só vendo...

Parecia incomodada, especialmente frustrada. Rejeitava a ideia de que fora um dia a responsável por essa prosperidade apregoada.

Cada um movido pelas suas razões, ele arrependido e contente, ela relapsa e ressabiada, Felisberto e Maria do Patrocínio receberam Sebastião e a família com disposições de alma diferentes.

Ainda na porta de entrada, comovidos até às lágrimas, tio e sobrinho abraçaram-se muito.

Felisberto deu largas à sua alegria. Enquanto se assoava, exclamou:

— Ena, pá! Que homenzarão te puseste!

Envelhecera. Tinha apenas sessenta e dois anos, mas aparentava mais: com a careca que avançava pela cabeça, a pele cheia de manchas, o tronco já curvado para a frente. Sem o brilho e a lisura de antigamente, o rosto redondo começava a cobrir-se de rugas.

A mulher não se encontrava melhor. De meias enrugadas nas pernas, um xaile de lã nos ombros escorridos, os olhos baixos no chão, parecia mais miúda de corpo. Tapava a boca com os dedos da mão, tentando esconder os dentes cariados. Dois ou três meses antes, fora ao cabeleireiro, onde pintara o cabelo, mas este crescera entretanto e deixava agora à vista as raízes brancas.

Sebastião fez as apresentações. Quis logo dar um ar despretensioso e íntimo a essa formalidade, pelo que se limitou a dizer:

#### — A Ana, o Pedro.

Ana Isabel vestia saia e casaco de fazenda castanha, que mandara fazer numa modista da Rua Augusta. Com o chapéu de feltro na cabeça, o colar de pérolas no pescoço, o camafeu de marfim sobre a blusa de seda, o rosto discretamente pintado, os sapatos e a carteira de pele de crocodilo, estava primorosamente arranjada.

Maria do Patrocínio ficou de boca aberta. Enquanto remoía para si própria um «Ora!, ora!, estou parva!», fitava de olhos arregalados essa madama das Áfricas, que acabara de conhecer. Não tinha já dúvidas: a prova estava ali, bem à mostra, o sobrinho descobrira realmente a árvore das patacas. «Uma coisa assim... Ouem diria?»

Sebastião convidou os tios para um almoço em Montes Claros, no restaurante que estava então na moda. Todos poderiam conversar aí longamente e matar saudades; e também, como tanta gente garantia, comer um bacalhau delicioso com batatas e espigos.

### — Aceitam? Querem vir?

Maria do Patrocínio tentou rejeitar o convite: achava um desperdício gastar tanto dinheiro com dois velhos; agradecia muito a deferência, mas não valia a pena. Enrolando as mãos sobre o peito, confessou a custo que não dispunha de roupa adequada.

Felisberto tinha outra opinião:

— Qual quê!... Vamos, vamos, com todo o gosto!

E foram, no *Chevrolet* enorme que Sebastião alugara na véspera. Sentaram-se numa mesa que ficava no centro da sala, onde almoçaram de facto o bacalhau afamado, beberam vinho verde de marca e se regalaram à sobremesa com *mousse* de chocolate. No fim da refeição, um chá com licor para as senhoras, um café com conhaque para os homens.

O criado veio do balcão e trouxe a conta. Sebastião não se deu ao cuidado de conferir e pagou. Com algum recato, deixou no pires uma gorjeta de dez escudos.

Maria do Patrocínio arregalou os olhos de novo: tanto dinheiro jogado fora... O sobrinho enriquecera de facto.

4

Mais do que almoçar com os tios, Sebastião queria ir a Trás-os-Montes visitar Armando, de quem guardava as recordações mais gratas. Nos dias de viagem no «João Belo», quando tudo eram dúvidas e receios, fora nele que encontrara o amigo, o companheiro, até o cúmplice de que precisava.

De ouvir o marido contar tantas vezes como fora obrigado a partir tão jovem para Angola; como tivera a sorte de encontrar num estranho o conforto necessário para não desesperar, Ana Isabel desejava também conhecer esse homem bom, que aprendera a respeitar. Ela concordava: uma dívida assim, toda feita de afectos, não se pagava nunca, nem a peso de ouro. Mas uma pessoa bem formada, se não endurecera ainda o coração nas vicissitudes da vida, devia pelo menos mostrar o seu reconhecimento.

Pedro entusiasmou-se com a viagem em perspectiva: parar no mosteiro de Alcobaça, para ver os túmulos de Dom Pedro e Dona Inês de Castro; parar no mosteiro da Batalha, para ver as Capelas Imperfeitas; passar por Coimbra e pelo Porto; atravessar a Serra do Marão, continuar depois por Vila Real, Mirandela, Valpaços, até aos Possacos.

— Não é nos Possacos que esse senhor vive?

Sebastião confirmou:

— É, é.

Desdobrou sobre a colcha da cama o mapa que comprara na tabacaria da esquina e apontou:

- Vês? É aqui.
- Pópilas[gl]! Tão longe!

Dona Maria Albertina sorriu. Sempre que se surpreendia com alguma coisa, o neto lançava aquele «pópilas» exclamativo, quase à maneira de um grito, que ela continuava sem entender o que significava.

Quem se habituara em Angola a viajar de carro por pisos de terra batida, sem tabuletas de referência, nem marcos quilométricos, nem bombas de combustível ao longo dos itinerários, chegava a Portugal e admirava-se com as estradas que vinha encontrar. Aquilo sim, é que era conduzir por caminhos decentes, sem ter de andar com o credo na boca, sempre com medo de ficar empanado em qualquer sítio, horas e horas à espera de socorro.

Uma avaliação optimista feita por comparação que se compreendia, mas que estava longe de merecer tais elogios. É que circular pelo país no início da década de 1960 era igualmente uma

aventura. Que o dissessem aqueles que chegavam da Alemanha, da França, da Itália, até da Espanha; que o dissesse quem se exasperava nos engarrafamentos do trânsito.

De Lisboa ao Porto, só o troço até Vila Franca era razoável. O resto eram tudo trilhos estreitos, com curvas e contracurvas, ora subindo, ora descendo, que dificultavam ou inviabilizavam mesmo qualquer ultrapassagem. Passar por São João da Madeira tornava-se um tormento, exigindo dos condutores atenção e perícia especiais.

Se isso era mau de Lisboa ao Porto, piorava depois daí para a frente. Quase um dia inteiro aos solavancos num automóvel, que moíam o corpo e a paciência daqueles que seguiam lá dentro.

Sabendo destas dificuldades, Sebastião resolveu sair muito cedo da Pensão. Porque queria passar já a noite no destino e prometera parar em dois ou três pontos do percurso, não podia atrasar-se.

Armando fora oportunamente informado daquela visita e esperava o amigo com ansiedade. Respondera de imediato, garantindo que tinha a casa à disposição, com as camas feitas para toda a família.

Ana Isabel preferia ir para um hotel. Ficaria mais à vontade e não maçaria tanto...

Sebastião deu uma gargalhada enorme:

— Para um hotel?! Nos Possacos?! Mas isso é luxo que não existe naquele fim de mundo!

Dona Maria Albertina queria ficar em Lisboa. Que a filha e o neto acompanhassem o genro, estava certo, percebia-se. Mas ela porquê? A que propósito?

Pedro não a deixou continuar. Investido de uma autoridade que não tinha, disse-lhe em tom peremptório:

— A avó vai, e vai mesmo! Não pode ficar aqui sozinha.

Com as dificuldades já esperadas decorrentes do trânsito e as paragens nos locais estabelecidos, a viagem demorou muito mais do que o previsto. O tempo passado em Alcobaça excedeu todos os limites.

Pedro não só viu (e tocou, como pedira) os túmulos de Dom Pedro e Dona Inês de Castro, como quis ouvir de novo a história do assassinato dessa aia vinda de Espanha no séquito de Dona Constança Manuel, que se apaixonara perdidamente pelo príncipe herdeiro e despertara a ira de Dom Afonso IV. Continuava sem perceber por que razão Diogo Lopes Pacheco conseguira fugir e ficar impune:

## — Porquê, mãe?

Ana Isabel voltou a referir que desavenças e vinganças políticas entre os monarcas dos dois países é que tinham permitido isso.

Pedro não se conformava. Repetiu outra vez o que observava sempre que ouvia a explicação:

— Foi indecente! Uma injustiça!

Sebastião lembrou então que era tarde. Precisavam de recomeçar a viagem, porque tinham ainda muitos e muitos quilómetros para andar.

— Pronto, já chega. Vamos.

Pedro encolheu os ombros e conformou-se.

Já dentro do automóvel, olhava pela janela a paisagem que corria lá fora. Continuava a fazer perguntas: o que era isto?, o que era aquilo?, e aquilo?, e aquilo?

Ana Isabel e Sebastião não conseguiam esclarecer tantas dúvidas. Como lembravam ao filho, andavam por ali também pela primeira vez:

— Todos nós viemos do bicanjo[gl, como sabes.

Depois do almoço em Leiria e do lanche retardado em Vila Real, Sebastião avisou:

 Não vamos parar mais. Temos de chegar aos Possacos a horas decentes.

Ninguém levantou qualquer objecção. No banco de trás, com a cabeça repousada sobre o bordo superior do assento, Dona Maria Albertina comentou até:

— Ainda bem. Estou bem precisada de descansar o corpo destas andanças.

Quando passavam anos seguidos em Angola, as pessoas esqueciam-se de como o Inverno é inclemente em Portugal: não só a temperatura desce, como os dias diminuem. Entre Dezembro e Março, se a metáfora vem a propósito e faz aqui algum sentido, o sol levanta-se preguiçosamente tarde e deita-se diligentemente cedo. Lá de cima, do céu, quase sempre escondido atrás das nuvens, faz negaças e fosquinhas cá para baixo, parecendo não arranjar tempo nem vontade para aquecer e iluminar a Terra.

Em pleno mês de Janeiro, quem poderia pois estranhar que um sol assim efémero e caprichoso tivesse já desaparecido àquela hora? Que à excepção da estrada iluminada pelos faróis do *Chevrolet*, nada se distinguisse na escuridão da noite que crescia?

6

Com lameiros e campos de cultivo à volta, onde medravam algumas árvores de fruto, como a cerejeira, a amendoeira e o castanheiro, Possacos era uma vila típica de Trás-os-Montes. O forasteiro recém-chegado que a visitava pela primeira vez, ao ver as ruas empedradas e as casas de granito, convencia-se depressa de que o tempo não passara por lá.

À excepção da luz eléctrica e da água canalizada, que existiam apenas para poucos privilegiados; à parte esses sinais ainda incipientes de progresso, o que havia aí de notável era o quotidiano primitivo da população. Toda a gente madrugava com as galinhas, buscava o sustento da família no amanho do solo e na exploração do gado; derreada pelo trabalho, voltava a casa ao fim da tarde, para se aquecer à lareira antes de ir para a cama. Na manhã seguinte, com a pertinácia e a resignação de séculos, recomeçava tudo de novo.

Os geógrafos da época referiam que vilas assim faziam parte do «Portugal profundo»; que para mal do país, elas abundavam em muitos lugares do território.

Armando estava à espera. Com os filhos casados e a morar em Chaves, vivia sozinho num prédio baixo e corrido, que era simultaneamente residência e abrigo de animais.

Como envelhecera! Nem parecia já tão alto. O rosto de tísico que tivera sempre deixava agora adivinhar os ossos subjacentes. E a força? Ele seria ainda capaz de carregar ao ombro um saco enorme cheio de batatas? Esse seu vigor desaparecera também?

Que interessava, se a ternura que transparecia nos olhos e na voz continuava presente? Maria Ernestina repetira muitas vezes que o marido não era belo como os galãs de cinema (ela dizia como o Gary Cooper), mas que não conhecera nunca ninguém mais bondoso e delicado.

Tinha razão, e esses predicados realmente valiosos é que nenhuma desilusão, nem desgosto, nem idade haviam conseguido tirar:

— Oh, Sebastião!, oh, meu rapaz!, como estou contente por te ver de novo!

Ele não admitiu sequer recorrer a outro tratamento. Continuava a ver diante de si, não o adulto corpulento ali presente, mas o jovem de catorze anos que embarcara um dia no paquete «João Belo», de mala acanhada na mão, tão triste e assustado que causava pena.

Tal como Sebastião, Ana Isabel e Dona Maria Albertina impressionaram-se com o acolhimento. Uma e outra sabiam de sobra o que levava os dois amigos a um abraço tão caloroso. Comoveram-se com a cena e foram incapazes de conter as lágrimas.

Feitas as apresentações, Armando abriu um sorriso enorme e observou:

— Que família linda. Parabéns!

Para quebrar algum resto de acanhamento por parte das duas senhoras, piscou o olho, esfregou o queixo com a mão e reforçou o elogio:

— Uma família e tanto, como este rapaz merecia.

Repetiu:

— Parabéns!

Podiam agora ir pôr as malas nos quartos, que ficavam mesmo ali ao lado e estavam já preparados: um para o casal, o outro para a avó e o neto.

— Está bem assim? Estão de acordo? Achei que era o mais indicado.

Ana Isabel concordou com convicção:

— Claro que está bem. Muito bem!

Achou que devia agradecer tanta atenção:

- Obrigada por tudo. Desculpe o incómodo.
- Pelo amor de Deus, não é incómodo nenhum! A empregada, a Leontina, é que fez tudo.

Armando voltou a dizer como se sentia satisfeito com aquele reencontro:

— Eu e o seu marido fomos no mesmo navio para África e vivemos juntos momentos inesquecíveis. Ficámos amigos para sempre.

Ela observou:

Arrumaram as malas nos quartos e voltaram depois para a sala onde tinham sido recebidos. A lareira estalava em faúlhas luminosas.

A mesa estava posta para o jantar. Uma toalha de linho grosso cobria o tampo e caía quase até ao chão; por cima, os pratos e os talheres a toda a volta, mas também um caldo verde espesso na terrina de alumínio, um borrego assado com batatas a rescender na travessa de barro, uma jarra de água e uma garrafa de vinho.

Armando convidou:

— Sentem-se, sentem-se. Não façam cerimónia.

Apontou para a terrina e disse:

— Um caldo verde acabado de fazer. Está quentinho e ajuda a aguentar este frio danado.

Perguntou:

— Gostam?

Todos gostavam muito. Dona Maria Albertina foi pródiga nos elogios:

— Tinha até saudades!

Pedro continuou calado.

Em vez do borrego com batatas, preferia antes uma galinha de churrasco, acompanhada de feijão verde guisado, com muito molho, como o cozinheiro Januário fazia em Nova Lisboa. Mas o que queria mesmo nesse momento era ir depressa para a cama, meter-se debaixo das mantas, enrolar-se lá dentro e adormecer, para se livrar daquele frio imenso que não imaginara nunca.

Armando dissera bem. O frio era danado: vinha de fora, en-

trava insidiosamente pelas frinchas da porta e das janelas, tomando conta da sala inteira. Se não gretava os lábios nem criava crostas na pele como o do Cacimbo, encharcava a roupa e penetrava na carne como uma verruma, chegando aos ossos. Não havia resguardo, nem agasalho, nem lareira que o aplacasse ou lhe causasse mossa.

Como qualquer transmontano, Armando habituara-se desde criança a tais temperaturas, a que parecia indiferente. Estava interessado em saber tintim-por-tintim como Sebastião se metera no negócio dos sobressalentes e ficara rico.

— Puseste-te então a vender acessórios de automóvel e encheste-te de dinheiro! Não foi?

Sebastião achou a frase um exagero:

- Mais ou menos... Não me enchi de dinheiro, mas fiquei bem.
- Isso é o que tu dizes, que és modesto. Encheste-te de dinheiro, que eu sei.

Voltou-se para Ana Isabel e comentou:

— Não lhe digo nada. O seu marido teve sempre um jeitão especial para o negócio. Até no mato, com os pretos, e era ainda um dez réis de gente, ninguém lidava melhor com a clientela.

Repetiu:

— Um jeitão!

Ana Isabel concordou. Lembrou o pai a propósito, que tinha a mesma opinião.

— Não tinha, mãe?

Dona Maria Albertina confirmou:

— Tinha, tinha.

Sebastião parecia constrangido com tantos elogios. Estava até envergonhado:

— Pronto, pronto, nós não viemos de tão longe para falar de mim.

Perguntou:

— E o senhor Armando? Como é que passou todo este tempo? Já lá vão vinte anos!

Armando não gostava de falar do passado. Mas com aquele amigo, como disse, podia desabafar.

Com a morte de Maria Ernestina, que se ficara que nem um passarinho, perdera de vez a vontade de voltar para África. Tinha vendido a mercearia da Rua dos Correeiros, emalara a trouxa e viera de vez para ali. Os filhos tinham crescido e estudado, haviam casado e viviam agora em Chaves com algum desafogo. Volta que não volta, ora um, ora outro, vinha fazer-lhe uma visita e insistia em levá-lo para casa.

Ele agradecia o convite, ficava tocado com a preocupação, mas recusava. Qual quê!... Estava velho, tinha os seus hábitos, as suas manias, não queria incomodar ninguém. Gostava de saber que era estimado, e isso bastava:

— Nã, nã!... Como diz a cantiga, daqui não saio, daqui ninguém me tira!

Piscou o olho novamente:

— Daqui só saio para a aldeia dos pés juntos...

Jogava com as palavras e tentava ser irónico. Mas sem sucesso. Pelo tom meio-gaguejado meio-reticente com que falava, deixava perceber que estava apenas conformado com a sua solidão.

Influenciado talvez pelo que acabara de ouvir, ou por algo que não conseguia entender muito bem (pelos rostos cansados da mulher e da sogra?, pelos bocejos contínuos de Pedro?, pelas paredes rugosas e húmidas da quadra?, pela luz enfraquecida da lâmpada pendurada do tecto?, pelo frio que aumentava de minuto para minuto?), Sebastião percebeu de repente que não tinha mais nada a fazer em Portugal.

Viera de Lisboa para abraçar aquele amigo muito querido. Como confessara ainda em Angola a Ana Isabel, ficaria de mal consigo se não cumprisse essa obrigação. Isso estava feito, e o país perdera num instante qualquer interesse. Questionara-se já várias vezes sobre o assunto. Olhava à volta e o que via? Uma gente e uma terra de que fora injustamente expulso. Tentava em vão apagar da memória as imagens tristes do passado. Mas para além do seu anfitrião, com quem mais gostaria de estar? E de conversar?

8

A convicção com que adormecera na véspera, de que não tinha mais nada a fazer em Portugal, Sebastião reforçou-a no dia seguinte, quando saiu cedo de casa e foi com Armando dar uma volta pela vila.

Possacos podia então ser vista ao sol pálido da manhã, com as habitações rudimentares e as vias de circulação maltratadas. Homens e mulheres transitavam de croça vestida, denunciando o atraso em que viviam. Conforme a sua ocupação, ora carregavam no ombro a enxada para amanhar o solo, ora brandiam na mão o cajado para tocar o gado. Crianças de socos e mal agasalhadas seguiam os pais silenciosamente. Toda a incipiência que fora possível imaginar na noite anterior surgia agora sem disfarces.

Armando parava frequentemente; com a cordialidade habitual e sem se mostrar apressado, cumprimentava aqueles que ia encontrando:

— Como vai, ti Joaquim (ou ti Maria, ou ti António)? A sua filha (ou a sua mulher, ou a sua mãe) está melhor? Já anda a pé?

Observava depois o que era óbvio:

— Conheço aqui toda a gente.

Não queria ser presunçoso:

— Ando por cá há tantos anos que seria estranho não conhecer.

Voltou ao que dissera na véspera:

— Depois de tantas voltas e reviravoltas, regressei à terra natal, onde morrerei qualquer dia. O que será normal, porque ninguém fica cá para semente.

Aceitava essa contingência com naturalidade. Até com alguma ironia:

— Só os vivos morrem, não é?...

Não tinha dúvidas:

— Gosto de viver aqui. Estou no meu ambiente.

Dizia no «meu ambiente» com a certeza de que Possacos não era assim tão mau. Reconhecia: não dispunha de algumas comodidades, mas achava que tinha o suficiente. Esquecido já dos lugares por onde andara antes (durante as tais voltas e reviravoltas de que falava frequentemente), não se apercebia dos limites estreitos da terriola a que se condenara.

Era um contraste digno de registo: quanto mais Armando se julgava integrado e satisfeito no seu nico de mundo, tanto mais Sebastião tinha a certeza de que não conseguiria nunca, nem depois de velho, morar num sítio igual.

Quando recordava Nova Lisboa, que crescia sem fronteiras por todo o lado; quando pensava em qualquer bairro da cidade, que era já maior do que aquela vila inteira, dava até graças a Deus por os tios Felisberto e Maria do Patrocínio o terem despachado para Angola. Ainda bem: involuntariamente, eles tinham-lhe prestado um favor...

Armando perguntou:

— Então, rapaz? Que achas desta parvalheira?

Sebastião enrolou a resposta. Não ganhava nada em dizer o que pensava:

— Se o senhor Armando gosta de estar cá, que posso eu dizer?... Todos os sítios são bons quando gostamos deles.

Quis provar que não tinha dúvidas a esse respeito:

— Tenho para mim que a nossa terra não é aquela onde nascemos, mas aquela onde nos sentimos bem. Eu, por exemplo, já não era capaz de viver fora de Nova Lisboa.

Armando deu uma gargalhada:

— Muito oportuno! Muito adequado! Certíssimo!

Percebia a explicação e achava graça:

— Um comerciante que se preze agrada sempre aos clientes. Continuas com o teu jeitinho de vender a mercadoria...

Apanhado em falta, Sebastião tossiu em seco. Tentou disfarçar:

- Não tenho razão?
- Tens, tens... Quem sou eu para dizer o contrário?

9

Quando se despediram um do outro na semana seguinte, os dois amigos estavam cientes de que se abraçavam pela última vez.

Armando não escondeu a sua comoção:

— Gostei de te ter conhecido um dia, rapaz. Trago-te no coração como aos meus filhos. Vai escrevendo e dando notícias, não te esqueças.

Sebastião chorava:

— Hei-de escrever, senhor Armando. Um ano destes, quando menos esperar, estarei cá de novo. Verá...

Faltava à verdade. Sabia bem que não iria voltar. Ou que se voltasse, não o encontraria.

Pedro assistia surpreendido àquela cena. Não vira nunca o pai chorar, e nem julgava sequer que tal coisa pudesse suceder.

Primeiro Dona Maria Albertina, depois Ana Isabel despedi-

ram-se por sua vez. Com um beijo na face, ambas agradeceram as atenções recebidas:

— Fomos tratados com tanto carinho! Como poderemos esquecer?

Armando observou:

— Ora, ora... Não fiz nada de especial. Tinha essa obrigação!

Era ainda muito cedo quando entraram no *Chevrolet*. O tempo continuava sombrio, prometendo uma manhã tão fria e desabrida como as anteriores. No patamar da casa, de braços cruzados sob o xaile de lã, Leontina observava respeitosamente a partida dos amigos do patrão.

Armando não se conformava: debruçado sobre a janela do condutor, insistia que os seus convidados tinham tido azar, porque o Inverno nos Possacos não era sempre assim. Havia dias lindos, cheios de sol, que dava gosto ver.

Encolheu os ombros e acrescentou:

— Que posso dizer mais? Senão pedir desculpa por esta contrariedade?

Sebastião protestou:

— Era o que faltava! Pedir desculpa? No meio de tantas atenções, nós nem demos pelo tempo. Tudo correu que foi uma maravilha!

O automóvel arrancou. Durante alguns segundos, Armando apareceu reflectido no espelho do retrovisor: continuava parado lá atrás, de lenço branco na mão, acenando freneticamente o seu adeus, cada vez mais longe, mais distante, mais afastado, até que desapareceu de repente na curva da estrada.

Pedro chegou-se para a frente, tocou ao de leve no ombro da mãe e quebrou o silêncio que tomara conta de todos. Perguntou:

— Passamos outra vez por Alcobaça?

Sem entrar em explicações, Ana Isabel respondeu que não.

Tal como o marido, recompunha-se ainda da emoção que sentira e não pretendia começar agora uma conversa que seria certamente longa.

Pedro é que não parecia disposto a aceitar aquela resposta:

— Porquê?

Ana Isabel repetiu:

— Porque não. Ora essa, porque não!

Sebastião satisfez a curiosidade do filho. Depois de um suspiro profundo, explicou:

— Teríamos de dar uma volta enorme. Chegaríamos mais tarde.

Esboçou um sorriso:

— Tu já viste lá o que querias ver. Não foi?

Pedro concordou:

— Já vi, mas gostava de ver outra vez.

Dona Maria Albertina interveio. Estava cansada e farta de viagens:

— Oh menino, que maçada! Que coisa! Hás-de aprender a controlar os teus caprichos!

Foi ríspida:

— Continuas com a Dona Inês de Castro encasquetada na cabeça!

Pedro reagiu ao comentário:

— Pópilas, avó! Eu só queria lá voltar e parar um bocadinho. Era algum mal?

Deixou a interrogação no ar e calou-se. Parecia finalmente conformado.

10

De novo em Lisboa, já não só Sebastião, mas também Ana Isabel e Dona Maria Albertina ansiavam por regressar a Angola.

Ana Isabel sentia saudades da casa e dos amigos. Se de princípio se animara com a compra de roupas e objectos que não encontrava em Nova Lisboa; se fora ao teatro e ao cinema ver peças e filmes que não passavam no Ruacaná; se gostara de visitar museus, monumentos e lugares desconhecidos, começava já a fartar-se do seu quotidiano sempre igual: levantar-se tarde, vestir-se depois a rigor, almoçar num restaurante, calcorrear o Chiado de cima para baixo e de baixo para cima, assistir a este ou àquele espectáculo que estava na berra. E na manhã seguinte, repetir tudo isso, respeitando a mesma ordem e conforme o mesmo horário.

Irritava-se com aquela rotina, sobretudo com as pessoas com que tinha de se relacionar diariamente. Lera algures que os portugueses eram gente de costumes brandos e de discurso terno, que usava e abusava dos diminutivos. Alguém entrava numa pastelaria e pedia um «copinho» de leite; no consultório do médico, queixava-se de uma «dorzinha» nas costas; ao revisor do eléctrico, mostrava o «bilhetinho» de passagem; ao balcão da mercearia, aviava-se de um «litrinho» de azeite.

Ana Isabel irritava-se: «inhos» e «inhas» para aqui, «inhos» e «inhas» para ali. Parecia até que o país, porque era pequeno (ela dizia pejorativamente e a propósito «pequenininho»), precisava mesmo de falar assim.

Sebastião queria regressar depressa. Recebera uma carta de Bruno Augusto e ficara a saber que outra firma comercial concorria agora com a Acessórios do Planalto. Sem entrar em pormenores, o cunhado dava a notícia a correr, observando logo que poderiam perder clientela. Que havia de fazer? Aguardava uma sugestão a respeito.

Sebastião ficou preocupado. Tinha de voltar rapidamente para enfrentar o problema. Bruno Augusto encarava tudo com optimismo, tinha uma visão simplista dos acontecimentos, confiava demasiado nos outros.

Tal como a filha e o genro, ou até mais do que eles, Dona Maria Albertina desejava voltar. Fora visitar a família da Guarda e passara então por um vexame. Recebida como uma estranha de que ninguém se lembrava, falara ainda com duas primas, mas à porta de casa, não sendo sequer convidada a entrar para a sala-de-visitas. Uma tristeza, uma mesquinhez... Atarantada, sem saber o que dizer nem onde pôr as mãos, corara de vergonha. E haveria de corar mais vezes, sempre que evocasse o episódio.

Já com a data de partida marcada, Sebastião convidou novamente o tio Felisberto e a tia Maria do Patrocínio para um jantar de despedida. Decidira presenteá-los com um cheque de trinta contos e provar-lhes assim que não guardava rancores. Faria isso com discrição, para não parecer que dava uma esmola.

Quando falou do assunto a Ana Isabel, procurou justificar-se. Lembrou que a mãe se dera sempre bem com o irmão; que se ela fosse viva, com o sorriso meigo do costume, aprovaria a decisão.

Ana Isabel aprovou também. E sem reticências. Observou até que ficava impressionada com o gesto. Uma bofetada de luva branca!...

— Fazes bem, muito bem. Assim é que é!

O marido não guardava de facto rancores e mostrava mais uma vez o coração que tinha.



Em 1954, com a configuração geográfica e a hierarquia administrativa definidas pela disposição legal publicada em Lisboa<sup>(\*)</sup>, o Huambo começou a preparar-se para receber o seu primeiro Governador de Distrito.

Em Julho do ano seguinte, o Coronel Nascimento Vieira veio para Nova Lisboa e assumiu o cargo. Com pompa, foguetório e banda de música, chegou de comboio à Estação do CFB, onde foi calorosamente recebido. Na sessão oficial de boas-vindas, comovido até às lágrimas, agradeceu à população a prova de afecto de que era alvo, garantindo de imediato que se punha ao serviço daquela «terra abençoada». Disse mais: não só abençoada, mas a partir daí com uma «proeminência indefectível» no seu coração.

Nascido em Ponta Delgada, Nascimento Vieira era um homem de figura baixa e arredondada, que um sècúlo[gl] da Calumanda se apressou a alcunhar de Catiolo[gl]. Na cidade para onde vinha agora, comandara em tempos o Batalhão de Caçadores 2, granjeando na altura a simpatia geral.

Não era pessoa de rasgos: os seus discursos repetiam continuamemnte os chavões do costume, de respeito inquestionável

<sup>(\*)</sup> Decreto nº 39858, de 20 de Outubro de 1954, por proposta do Ministro do Ultramar Manuel Maria Sarmento Rodrigues.

pelo Senhor Presidente do Conselho, bem como de fidelidade ao regime e defensor acérrimo de uma Pátria pluricontinental, una e indivisível. Como gostava de explicitar, três exigências (ele dizia «valores») que nenhum português digno desse nome poderia pôr em causa...

No meio da Curibeca, onde qualquer autoridade oficial era sempre malquista, alguém observava com voz cáustica que o Governador tinha tão pouco de físico quanto de jeito para a oratória. Que nem fardado de gala e gritando ao microfone, convencia a assistência:

— O gajo tem um palavreado metido na cachola que repete por todo o lado. Não muda pontos nem vírgulas!

Catiolo sabia desses comentários, mas não ficava ofendido. Encolhia os ombros, sorria com bonomia e declarava que isso eram calúnias da Oposição:

— Uns invejosos, uns frustrados...

Quando falava em público, retocava uma ou outra frase do discurso, tecia meia dúzia de considerações sobre o acontecimento ou a efeméride para que fora convidado, pelo que se convencia mesmo de que não se repetia nunca.

Indiferente à falta de eloquência do seu Governador, que se entretinha ao longo dos anos a perorar de vez em quando e a inaugurar tudo o que queria e havia para inaugurar, Nova Lisboa continuou a crescer. Em 1960, era já uma cidade que ultrapassara as incipiências iniciais; com as avenidas e as ruas finalmente asfaltadas, a água canalizada correndo por todos os bairros, o telefone ligando um número cada vez maior de estabelecimentos e residências, ela parecia imparável na senda do progresso.

Na lista dos Presidentes da Câmara responsáveis por tal desenvolvimento, destacaram-se especialmente o Capitão Sousa Gentil, os Drs. Carlos Ferreira e Sá Viana Rebelo. Cada um à sua maneira, eles tinham cumprido os mandatos com dedicacação e competência, colhendo até os elogios daqueles que contestavam sempre quaisquer representantes nomeados pelo Estado<sup>(\*)</sup>.

2

Em fins de Setembro e com alguma ansiedade, Pedro entrou no liceu, que funcionava então nas salas cedidas para o efeito pela Associação Comercial. Quase a fazer doze anos e por causa dos meses passados em Portugal, atrasara-se e entrava tarde.

Dona Maria Albertina lamentava-se: lembrava a propósito que fora ela a responsável por aquele atraso, prejudicando o neto.

Ana Isabel discordava. Para quê tanta pressa? O filho tinha a vida inteira pela frente e estava mais do que a tempo de recomeçar os estudos.

Na sala de aula improvisada, Pedro encontrou vários colegas conhecidos do Colégio Alexandre Herculano, alguns que vinham dos outros colégios da cidade (o São José de Cluny, o D. João de Castro e o Adamastor) — e uma menina de tranças negras e bata branca, que olhava com curiosidade para todos e para tudo o que via à volta.

Chamava-se Inês. Como tanta gente mais que continuava a chegar da Metrópole, viera com os pais para Nova Lisboa alguns meses antes.

Como se saberia depois, o pai, Osvaldo Cruz, era torneiro

<sup>(\*)</sup> Os Presidentes da Câmara não eram na época eleitos pelos munícipes, mas nomeados pelo Governo.

e fora contratado para trabalhar nas Oficinas Gerais do CFB. Militante político desde jovem, tinha integrado uma célula do Partido Comunista Português. Já casado, começara a temer quase obsessivamente ser preso pela PIDE, pondo assim em risco o futuro da família. Com receio de ser deportado para o Tarrafal<sup>(\*)</sup>, de onde ninguém saía, resolvera partir para Angola. Envergonhara-se dessa decisão, que havia tomado por não descortinar outra alternativa. Ou embarcar para África, ou dar o salto para o estrangeiro.

Sem querer dificultar as coisas, a mulher, Maria Cândida, concordara. Convencida igualmente de que todos ficariam assim mais seguros, fingira entusiasmar-se com a solução. Resignava-se, que remédio! Escondendo para si aquilo que sentia deveras, não confessara a ninguém quanto era triste abandonar parentes e amigos. Mas tinha de ser, e o que tinha de ser tinha de ser...

Desde o momento em que começou a entender o que as pessoas diziam, Inês ouvia o pai vociferar contra Oliveira Salazar. De voz alterada e sem se coibir nos termos, Osvaldo Cruz acusava o Presidente do Conselho de perseguir, meter na cadeia e mandar até liquidar quem lhe contestava a política; de ser um «grandessíssimo filho da mãe», um «enormíssimo sacana», um «ditador sem escrúpulos».

Inês ignorava ainda o significado de epítetos tão calorosamente pronunciados; mas vendo como o pai ficava transtornado ao falar daquele senhor, concluía que o mesmo seria alguém ruim, capaz de maltratar os outros. Aos oito anos, quando soube que um tio muito querido fora preso por apoiar a candidatura de

<sup>(\*)</sup> Prisão política situada na Ilha de Santiago, em Cabo Verde, para onde se deportavam os que eram condenados por oposição ao regime.

Humberto Delgado à Presidência da República, ela própria começou a detestar esse homem mau, que passou também a insultar com os palavrões maiores que conhecia: um «malandro», um «ordinário», um «bera».

Osvaldo Cruz ria-se até às lágrimas quando ouvia a filha repetir tais qualificativos.

Concordava:

— Pois é. Tens toda a razão.

Repetia:

— Toda a razão!

Já mais sério, acrescentava a seguir:

— Não digas isso lá fora, porque é perigoso...

Maria Cândida não gostava nada da brincadeira. Sem esconder o seu desagrado, de testa franzida e voz alterada, observava sempre:

— Esta criança mete-nos um dia num sarilho complicado! Quero ver depois. Quero, quero...

3

Com as suas tranças negras, Inês era linda de encantar. Os olhos verdes, a pele morena, o nariz e a boca de boneca de porcelana, ela prometia transformar-se numa mulher deslumbrante. Quando sorria, os dentes brancos que nem missangas fiadas, mas também os lábios vermelhos que nem jindungos maduros, embelezavam ainda mais o rosto que era já de si tão formoso.

Pedro viu Inês e sentiu logo o coração bater como um tambor. Na sua inexperiência de adolescente, não sabia bem nesse momento se aquela menina bonita sentada na carteira ao lado, de braços cruzados sobre o tampo, os dedos da mão afagando suavemente o caderno de sumários, lhe atraía a atenção ou lhe acordava no corpo desejos até aí desconhecidos: de tocá-la, beijá-la, apertá-la contra o peito.

A professora de francês entrou na sala. Com voz esganiçada, disse alguma coisa que Pedro não ouviu. E não ouviu porque não podia ouvir, já que era só olhos para a colega de bata branca, que tomava agora notas numa folha de papel.

Talvez porque sabia, ou julgava, ou sentia, que estava a ser observada; talvez por outra razão qualquer, Inês virou a cara e fitou Pedro. Foi só um segundo, um instante, um quase nada de tempo, mas bastou para que os dois se apaixonassem um pelo outro.

Depois da aula, já na varanda que dava para a rua, ela tomou a iniciativa. Com ar de desafio e sem nenhum acanhamento, apresentou-se:

— Eu sou a Inês. E tu, quem és?

Surpreendido com tal à vontade, as faces coradas de quem foi devassado nos seus pensamentos, ele baixou a cabeça e titubeou:

— Eu... eu... sou o Pedro...

Queria dizer mais, muito mais. Mas como? Tinha a garganta seca, faltavam-lhe as palavras, e o coração lá dentro (tum-tum!, tum-tum!, tum-tum!) não sossegava.

Naquela época, rapazes e raparigas trocavam entre si cartas de amor. Como era então habitual, o pedido de namoro começava por um cartão perfumado: no canto à esquerda, SIM; no canto à direita, NÃO, e conforme o canto que elas dobrassem, eles saberiam se eram ou não correspondidos. Cada cartão revelava a arte do seu autor: uns debruados a papel de lustro (vermelho, amarelo, verde), a letra aprimorada, pródigos de cores e elementos decorativos; outros mais discretos, só com a pergunta que importava fazer («Queres namorar comigo?»), mas todos revelando à destinatária a paixão incontida do remetente.

Tudo parece hoje tão lamecha, tão ridículo; numa altura em que as pessoas não escrevem cartas, mas enviam *mails* pelo computador, quem acreditará que dois corações se comunicavam assim? Que se confessavam dessa forma nada tecnológica? Mas confessavam.

Pedro era um romântico. Quando conheceu Inês, afirmou e repetiu várias vezes que outro Pedro e outra Inês estavam sepultados em Portugal, no Mosteiro de Alcobaça, amantes que se tinham amado tanto como os dois se deveriam amar.

Inês comoveu-se com essa declaração poética e veemente. Não corou como seria natural. Ficou envaidecida com a comparação, mas isso de ser rainha depois de morta era coisa que não queria:

— Desculpa lá, meu querido, mas não quero, não...

Deixou-se beijar levemente na face. Com os olhos pestanejando que nem pombas a bater asas, repetiu:

— Depois de morta, é que não!

4

Como Bruno Augusto observava na carta que enviara para Lisboa, a Acessórios do Planalto tinha agora uma concorrente na cidade e começava a perder clientela. Nada que pusesse em perigo o negócio, mas que exigiria certamente medidas imediatas.

Com o seu sentido apurado da oportunidade, Sebastião atacou a situação em duas frentes: transformou um armazém em oficina, para a montagem gratuita das peças que vendia; iniciou na Imprensa e na Rádio uma campanha de publicidade, onde anunciou esse serviço. A respeito não importava de que sobressalente, garantia a leitores e a ouvintes «Não seja perdulário

nem deite dinheiro fora! Compre e monte as peças pelo mesmo preço!».

Muitos clientes que haviam desaparecido voltaram de novo; o montante de vendas, não só foi restabelecido, como ainda superado.

Com o problema resolvido (ele dizia, «Com as coisas metidas nos eixos»), Sebastião cumpriu depois a promessa que fizera a Ana Isabel antes de partir para Portugal. Contratou com o mestre de obras Edmundo Antunes a construção de uma moradia de dois pisos no Bairro de Nossa Senhora de Fátima, na Avenida Silva Carvalho, para onde pretendia mudar no ano seguinte.

A residência da Rua António José de Almeida estava velha e era já acanhada de mais para corresponder às necessidades da família. De bloco e lápis na mão, Ana Isabel foi registando tudo o que desejava: uma despensa arejada com janela para o exterior; cozinha com balcão de mármore, lava-louça de alumínio, fogão e esquentador a gás; salas de jantar e de visita espaçosas; quatro quartos de cama com armários embutidos nas paredes; duas casas de banho (uma em cima, a outra em baixo); um jardim a toda a volta, para Dona Maria Albertina se entreter com as flores da sua preferência.

Fingindo-se surpreendido, Sebastião perguntou com ironia:

— Só? Só isso?...

Ana Isabel confirmou:

— Pelo menos. Verei depois...

Edmundo Antunes concluiu a obra no prazo acordado. Numa manhã chuvosa de Novembro (Sebastião furioso, «Que chatice!, logo hoje São Pedro havia de abrir a torneira do céu!»), a mudança começou.

Ana Isabel deu então conta das inutilidades acumuladas ao longo dos anos:

— Tanto tareco desnecessário!

Sem condescendências e até um pouco agastada, procedeu ao que chamou de «purga»:

— Isto não vai! Nem isto! Nem isto!

Dona Maria Albertina achou aquilo um exagero:

— Pode fazer-te falta. Ainda te vais arrepender.

Ana Isabel parecia surda a esses avisos e insistia:

— Isto é para deitar fora! E isto! E isto!

Com receio de ver incluído na purga o que queria preservar, Pedro encarregou-se ele próprio de embalar as suas coisas. Ajudado pela avó, juntou numa caixa de cartão os livros e os discos, protegeu com sacos de serapilheira a aparelhagem de som, embrulhou em jornais velhos a colecção de canecas de barro que começara a fazer. Lamentou-se por deixar os três *posters* que pusera nas paredes do quarto, mas que não conseguiu descolar de maneira nenhuma.

Dona Maria Albertina confortou-o:

— Deixa lá. Arranjas outros ainda mais bonitos.

5

Chamado o «ano de África», porque dezassete ex-colónias do continente se tornaram então independentes (\*), 1960 foi também para Angola o princípio de uma sucessão importante de acontecimentos.

Preocupado com tantas independências, Oliveira Salazar

<sup>(\*)</sup> Daomé, Costa do Marfim, Gabão, Camarões, Congo ex-francês, Congo ex-belga, Madagáscar, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Senegal, Somália, Chade, Togo, Volta e República Centro-Africana.

tentou convencer o mundo de que os territórios ultramarinos portugueses eram já suficientemente autónomos, pelo que dispensavam outra forma de emancipação. Como lembrava, todos eles gozavam de há muito o estatuto administrativo de «Províncias», beneficiando dos direitos correspondentes.

Empenhou-se afincadamente na defesa dessa teoria, mas sem qualquer sucesso. As potências super-influentes no concerto das nações, como os Estados Unidos, a União Soviética, a Inglaterra e a França, questionavam tal justificação, em que não acreditavam.

Coerente com a sua tese, e depois de dois militares<sup>(\*)</sup>, o Presidente do Conselho nomeou um civil, concretamente um magistrado, para o cargo de Governador-Geral de Angola.

Desde o dia em que chegou, o Dr. Silva Tavares procurou inteirar-se dos problemas existentes no território que ia ter a seu cargo. Homem de leis, atento, cordato e inteligente, buscou conhecer a terra que devia dirigir, para avaliar o como, o quando e o que fazer em conformidade. Mas era tarde e o tempo escasseava.

Em 4 de Fevereiro de 1961, nacionalistas angolanos, alguns dos quais militantes futuros do MPLA<sup>(\*\*)</sup>, assaltaram em Luanda a Casa de Reclusão Militar e a Cadeia Civil de São Paulo, tentando libertar os presos políticos aí detidos. Elementos brancos das forças da ordem morreram na altura; quando foram a enterrar no dia seguinte, soaram tiros no cemitério, gerou-se uma tensão emocional descontrolada, vários negros foram linchados de seguida.

Silva Tavares avaliou mal o sucedido. Informado em tom

<sup>(\*)</sup> O Capitão Agapito Silva Carvalho e o Tenente-Coronel Sá Viana Rebelo.

<sup>(\*\*)</sup> MPLA: Movimento Popular de Libertação de Angola.

jocoso pelas chefias da guarnição local de que o assalto aos estabelecimentos prisionais se resumia a uma rebelião de catanas e canhangulos[gl], foi aconselhado a reagir, mas a não dar importância ao caso. Com a detenção daqueles que eram considerados especialmente responsáveis pelo incidente, minimizou a dimensão real da situação: ou seja, de que os nativos da Colónia pegavam em armas contra os colonizadores, iniciando assim a luta pela sua libertação.

O Governador-Geral esperou apenas um mês para perceber que se enganara ou que fora enganado. A 15 de Março, grupos activistas da UPA<sup>(\*)</sup> infiltraram-se no norte de Angola pela fronteira com a República do Congo e atacaram aí diversas fazendas de café. Bárbara e indiscriminadamente, assassinaram brancos, negros e mestiços.

A Imprensa e a Rádio relataram a chacina ao pormenor: denunciaram então que bandos de terroristas tinham trucidado gente indefesa, sem olhar a cores nem a raças (homens, mulheres e crianças), perturbando a paz das populações. Reclamavam medidas urgentes contra o facto, de modo a abortar a insurreição. Incitavam toda a gente, afirmando que nenhum patriota digno deste nome poderia tolerar os crimes cometidos.

6

O assalto aos estabelecimentos prisionais e o ataque sangrento às fazendas de café, não só surpreenderam, como puseram

<sup>(\*)</sup> UPA: União dos Povos de Angola, que irá transforma-se mais tarde na FNLA, Frente Nacional de Libertação de Angola.

a população branca em estado de choque. Ninguém tinha agora ou alimentava quaisquer dúvidas: a guerra que uns chamarão mais tarde de «colonial», outros de «independência», havia principiado.

Por todo o lado, o medo e a suspeição tomaram conta das cidades, portanto também de Nova Lisboa. Em cada bairro, faziam-se listas de voluntários e organizavam-se milícias de vigilância para patrulhar as ruas durante a noite (dois homens por grupo, de automóvel, munidos de pistolas e lanternas). Quando regressavam do trabalho, as pessoas entravam em casa mais cedo, onde ficavam trancadas até à manhã seguinte.

O receio e a desconfiança iniciais evoluíram depressa para a histeria colectiva: qualquer atitude incompreensível de um criado, um cozinheiro ou uma lavadeira, até então merecedores de todo o crédito, denunciava um terrorista, que era depois levado à Polícia, onde tinha de denunciar o que andava a tramar contra os patrões...

Sebastião não podia ouvir falar em independência:

— Independência? O que é isso?

Nunca fora racista, mas não conseguia calar o que pensava sobre o assunto. Repetia frequentemente as observações paternalistas de Joaquim Libório de Sousa, o Mula Manca, quando este ia à loja de Aristides:

— Os negros, coitados, são umas crianças grandes... Eles podem lá governar-se sozinhos! Alguém acredita nisso?

Insistia com convicção:

— Umas crianças grandes...

Ainda mais descrente e assustada do que o genro, Dona Maria Albertina concordava:

— Eu também acho.

Quase toda a gente achava. Os que dispunham de bens de qualquer espécie reagiam mal à hipótese de perder aquilo que haviam acumulado ao longo da vida: — Era o que faltava! Depois de tantos sacrifícios, privações e canseiras, voltar para Portugal e deixar tudo aqui de mão beijada...

Pareciam decididos:

— Só morto! Só por cima do meu cadáver!

Até aqueles que não tinham bens para acautelar rejeitavam a ideia de regressar à aldeia ou à vila onde haviam vivido antigamente. Faziam coro, eram menos radicais, mas não queriam também partir:

— Ir embora? Espero e peço a Deus que não.

Com o fim de testemunhar publicamente essa vontade colectiva de ficar, foi convocada uma manifestação junto do Palácio do Governo, onde os oradores do costume declararam alto e bom som que ninguém iria arredar pé dali, muito menos fugir como um candimba[gl] do mato.

Da varanda do Palácio, quase tapado pelo pé do microfone, o Coronel Catiolo acusou Moscovo e os seus satélites de estarem por detrás do massacre.

Insistiu:

— Um crime horrendo! Como se pode matar assim sem razão nem piedade? Temos de ser firmes e punir tamanha selvajaria!

Informou a assistência de que enviara logo pela manhã um telegrama ao Senhor Presidente do Conselho, onde garantia que a população do Huambo saberia cumprir a sua obrigação. Terminou gritando de braços no ar:

— Angola é nossa! Viva Portugal!

7

Oliveira Salazar foi rápido a reagir à sublevação que parecia

querer instalar-se. Munido de toda a sua autoridade, foi à Televisão e falou ao país; com o dedo em riste como fazia sempre, ordenou «para Angola, rapidamente e em força!».

Dos cais da Rocha Conde de Óbidos e de Alcântara, os paquetes começaram a partir de Lisboa carregados de batalhões mobilizados para o reforço dos contigentes que operavam já no terreno. Jeeps, camiões, equipamento bélico de toda a espécie desembarcavam em Luanda e iam de seguida para as frentes de combate.

O Ministro do Ultramar<sup>(\*)</sup> substituiu o Dr. Silva Tavares pelo General Venâncio Deslandes no cargo de Governador-Geral. Como justificou a propósito, a explicação era simples: concentrava na mesma pessoa os poderes civil e militar, que aumentariam assim de eficácia. Com a unanimidade habitual, os órgãos de comunicação social aplaudiram a decisão.

Os meses passaram, soldados e equipamentos continuaram a chegar ao ritmo dos navios, e mesmo os mais cépticos converteram a intranquilidade inicial na certeza de que a «tropa», como diziam, controlava a situação.

Sebastião respirava de alívio e confiava novamente no futuro:

— Mais mês, menos mês, tudo voltará ao que era.

Ana Isabel tinha dúvidas:

- Tu achas? Achas que sim?
- Claro que acho! Porque não?...

Parecendo alheio às preocupações que afligiam os pais, Pedro estava cada vez mais apaixonado. O mundo à sua volta (as pessoas, os objectos, os factos, ainda que muito próximos, ali mesmo ao lado), tudo isso valia alguma coisa quando comparado

<sup>(\*)</sup> Professor Adriano Moreira.

com um sorriso de Inês, um «Olá, estás bom?», um afago, um beijo mais esboçado do que dado? Tinha porventura mais importância?

Continuava franzino como antes; mas com os anos, tomara altura, perdera de vez os caracóis da infância e penteava o cabelo para trás. Sobre o lábio superior, uma penugem rala prenunciava já a barba que iria romper em breve.

A Avó enchia-se de vaidade e comentava:

— Está a ficar um homenzinho. E lindo!

Tinha razão. Os olhos, o nariz, a boca não eram nenhuma perfeição, mas combinavam suficientemente bem para tornar o rosto atraente. Exposta ao sol durante o dia, a pele mantinha a delicadeza primitiva, mas ganhara uma cor uniforme de mel.

Naquele tempo, o namoro de dois adolescentes era bem mais discreto do que hoje. Escondido das famílias por ser considerado um sentimento precoce, bastava-se então com palavras ciciadas ao ouvido, trocas contínuas de piropos, afagos e beijos à socapa, ele e ela de mãos dadas por todo o lado. E cuidado, muito cuidado, especialmente na rua e nos lugares públicos, para ninguém descobrir o que se passava e ir de corrida avisar os pais.

Os jovens de agora, de tatuagens no corpo, *piercings* no nariz e nas orelhas, cada um desvendando logo as intimidades do outro, que fumam o seu charro não importa onde nem com quem, acreditarão que os rapazes e as raparigas de antigamente namoravam assim?

Nos intervalos das aulas, Pedro e Inês cumpriam escrupulosamente as regras da época: de mãos dadas, passavam em frente do Jardim da Baixa, paravam diante das montras da Casa York, iam até ao Cine-Teatro Ruacaná, onde viam os cartazes dos filmes em exibição. Outras vezes, entravam na Estação do CFB, atravessavam os portões corrediços de metal e assistiam à partida do comboio estacionado na plataforma de embarque. Ora ele, ora ela, olhavam para o relógio de pulso e avisavam:

— Está na hora. Temos de voltar.

O que faziam de imediato, em passo acelerado.

8

Como fora desejado desde a data da criação, o Liceu deixou de funcionar nas instalações provisórias da Associação Comercial e passou para o edifício construído na Avenida Mouzinho de Albuquerque, em frente da Praça Luís de Camões, no Bairro Académico.

Apesar de crescer de ano para ano e ser já uma cidade grande, Nova Lisboa era pequena de mais para manter no anonimato o que sucedia com os seus habitantes. O namoro do filho de um homem rico nunca passava despercebido.

Foi Dona Eulália Silveira quem informou Ana Isabel de que Pedro e Inês namoravam certamente; «De certeza certezíssima!», pois os pilhara uns dias antes aos beijinhos na paragem do machimbombo:

— Aos beijinhos como eu vi!

Enorme que nem uma torre, peituda de arregalar os olhos, Dona Eulália Silveira tinha fama, não só de ser violenta (diziam até que batia no marido), mas também coscuvilheira.

Sorrindo de prazer, perguntou:

— A amiga sabia?

Claro que Ana Isabel não sabia. Podia lá imaginar tal novidade?...

Não quis dar essa satisfação à megera. Engoliu em seco, recompôs-se da surpresa e observou:

— Sim, sim, sabia. O meu filho falou-me nisso, mas eu não dei importância...

Como confessava frequentemente, pedia a Deus duas graças quando rezava pela manhã: livrar-se depois de morta das profundas do Inferno, escapar enquanto viva de intrigas e mexericos.

Dona Eulália estava longe de prever tal reacção:

— Ah, sabia?...

Tinha de lançar a sua farpa:

— Não acha que é muito cedo? Eles são tão novinhos...

Ana Isabel concordou:

— Pois são. Mas é assim. Os jovens de agora andam sempre adiantados...

Pareceu ligar pouco ao assunto. Pareceu, mas ligou, e tanto, que ao fim da tarde, quando Pedro chegou das aulas, perguntou de chofre:

— Que brincadeira é essa do menino andar aos beijinhos a uma colega?

Pedro baixou a cabeça. Ficou comprometido e corado que nem um tomate.

Outro rapaz da sua idade, receoso das consequências, tentaria disfarçar, inventar uma explicação, negar tudo com veemência. Mas ele era diferente e não procedia assim. Mantinha com a mãe uma relação de intimidade e de verdade tão grandes que não podia mentir. Agora que fora descoberto, tinha de abrir o coração: contar aquilo que sentia, sem se envergonhar dos seus sentimentos.

E contou.

Ana Isabel ouviu atentamente. Enquanto escutava, lembrouse daquela manhã já longínqua, em que a parteira Maria José Ramalho e o Dr. Abreu Freire a tinham ajudado a pôr no mundo um bebé pequenino e frágil, de tal modo arroxeado pelo parto que ameaçava morrer de seguida. O que não sucedera felizmente: o bebé crescera, deitara corpo, estava ali nesse momento, a falar de amor que nem um homem. Meus Deus!, meu Deus!,

como o tempo corria ligeiro! Treze anos e parecia até que fora ontem...

- Tu sentes tudo isso? Gostas assim dessa menina?
- Gosto, mãe! Muito!, muito!

9

Sebastião reagiu mal ao namoro do filho. Quando foi informado do que se passava, surpreendeu-se primeiro, irritou-se depois:

— Não faltava mais nada! Um catraio que nem barba tem na cara e anda já apaixonado... Ele que estude, que é o que deve fazer.

## Rematou:

— Não quero ouvir falar disso.

Ana Isabel achou que o marido exagerava: levantava uma tempestade num copo de água e não tentava sequer compreender. Afinal, vendo bem as coisas, qual o jovem daquela idade que não era um pinga-amor?

Sebastião calou-se. De costas viradas para a mulher e consigo próprio, recordou que também ele um dia, quando vivia no mato, se apaixonara por Nhareia; até muito mais do que isso: que se deitara com ela na esteira de palha entrançada, lhe despira o quimono de pintado, lhe afagara os seios e as coxas, a apertara contra o peito; que os dois se haviam enrodilhado e entregado um ao outro.

Não podia comparar os casos. Pedro ir para a cama com uma coleguinha de liceu?! Seria lindo...

— Ele que estude, que se agarre aos livros, que é o que deve fazer.

Ana Isabel não insistiu. Com uma entoação na voz que era

ao mesmo tempo zombeteira e carinhosa, começou a perguntar ao filho:

— A tua Inês está boa? Está?...

Pedro encolhia os ombros e não respondia. Uma semana, duas semanas, três semanas, ao fim de um mês, habituara-se já à pergunta impertinente.

Deste modo original e implicativo, o namoro de Pedro e Inês foi sendo assumido por toda a família. Até Dona Maria Albertina, igualmente crítica de início, aceitou o facto com um comentário:

— Já a formiga tem catarro!

Sem a ajuda de Dona Eulália Silveira, que não conheciam sequer, Osvaldo Cruz e Maria Cândida souberam três meses mais tarde do namoro da filha.

Osvaldo Cruz pareceu pouco incomodado e comentou:

— Um derriço de crianças. É o que é. Há-de passar com o tempo.

Maria Cândida duvidava. Conhecia bastante bem a menina que trouxera ao colo para se deixar convencer...

Franziu a cara e observou:

- Não sei, talvez...

Tinha razão. Apesar dos seus onze anos incompletos, Inês era determinada e sabia bem o que queria. Com uma constância invulgar para a idade, o que decidia estava decidido, como ela própria gostava de dizer.

Mostrara ser assim desde o dia em que havia recebido de presente duas bonecas de louça. Olhara para elas um segundo, dois no máximo, e elegera só uma para «filha». Só a essa deu um nome («Lili»), só a essa penteou o cabelo, lhe tratou da roupa, a aconchegou ao peito. A outra, que era até mais bonita, foi posta de lado; sem ninguém perceber porquê, continuou na caixa onde viera. E continuou lá para sempre.

Oliveira Salazar não chegaria ao fim de 1961 sem passar por outro revés político: a invasão e a ocupação de Goa, Damão e Diu pela União Indiana, que eram aliás previsíveis desde os ataques a Dadrá e Nagar Aveli.

Não houve protestos nos fóruns internacionais, nem manifestações no país, nem insultos lançados ao Pandita Nehru capazes de reverter a situação. A invasão e a ocupação foram reconhecidas pelo mundo fora, até mesmo pelo Governo aliado de Sua Majestade.

Acompanhando a vaga de repúdio nacional, Angola protestou também contra o sucedido, que classificou logo de infame. Todos os Governadores de Distrito presidiram a sessões públicas de desagravo, onde afiaram a língua com discursos injuriosos. Nehru voltou a ser mimoseado com os epítetos que merecera sete anos atrás. Foi chamado de tudo: discípulo espúrio de Gandhi, usurpador de terras indevidas, assassino velhaco e insaciável.

Na sessão promovida em Nova Lisboa, já no fim da comissão de serviço, Nascimento Vieira não foi mais contido nas ofensas; depois de dizer e repetir o que entendeu sobre o acontecimento, informou mais uma vez (ele tinha essa ideia fixa) que acabara de manifestar ao Senhor Presidente do Conselho toda a solidariedade da gente do Huambo naquela hora de luto.

Se era de luto, o momento era sobretudo de preocupação. Oliveira Salazar não sabia já como convencer os outros dos seus pontos de vista. Continuava sem sucesso a garantir na ONU que as províncias ultramarinas eram em tudo iguais às metropolitanas; convidava os observadores internacionais a confirmar pessoalmente o facto.

Pressionado pela situação, tentou dar outra prova do que

afirmava. Para corresponder a uma aspiração antiga das populações (que «mourejavam de há muito», como lembrou, «longe do torrão natal»), instalou em Luanda os Estudos Gerais Universitários<sup>(\*)</sup>.

Consideradas estratégicas para o desenvolvimento do território, algumas licenciaturas foram então iniciadas; atraídos por remunerações e regalias chorudas, docentes de Lisboa, do Porto e de Coimbra vieram assumir as leccionações.

Apreciando a decisão, alguém observou a propósito que o Senhor de Santa Comba acordava finalmente e tentava recuperar o tempo perdido; que os terroristas tinham conseguido aquilo que nenhum Governador-Geral conseguira antes:

— Para as dezenas de exposições que enviámos para o Puto, os canhagulos e as catanas obtiveram o deferimento necessário...

A afirmação era forte, evocava o que não devia, mas era justa. Num afã desusado, beneficiavam-se em todos os distritos as vias rodoviárias já existentes e abriam-se troços novos; com as obras que adjudicava como nunca, a construção civil multiplicava a sua actividade; quase ausente anos atrás, a indústria começava a ter expressão.

A década avançava e as pessoas avaliavam objectivamente o que estava a suceder. Rejeitando a presença de Portugal em África, os chamados «terroristas» tinham dado origem a esse surto generalizado de progresso. Quem era mais irreverente concluía o raciocínio recomendando a edificação de uma estátua a «tais bandidos»: bem grande e bem alta, para homenagear quem merecia...

O surto de progresso era efectivamente real, mas não demovia

<sup>(\*)</sup> Como fez também em Moçambique, em Lourenço Marques.

os movimentos nacionalistas dos seus intentos. A guerra persistia acesa nas matas, ceifando vidas em ambas as partes. Na noite de Natal de 1966, a UNITA(\*) atacava Vila Teixeira de Sousa; tal como o MPLA e a FNLA, entrava assim na luta pela independência e abria uma frente nova de combate.

Qualquer hipótese de paz parecia agora longínqua. Substituíam-se em série os Governadores-Gerais<sup>(\*\*)</sup>, mas nada nem ninguém conseguia já parar o que era de si imparável.

11

Sebastião não se queixava da situação. A guerra continuava realmente activa nas matas, mas a Acessórios do Planalto tirava daí proveito. Com a vinda de militares para as guarnições locais, os automóveis particulares dos oficiais e sargentos aumentavam na cidade o parque de viaturas. Isso implicava mais reparações e vendas de peças sobressalentes, portanto também mais lucros no fim do ano. Poderia parecer mal reconhecer o facto, mas o negócio prosperava a olhos vistos e corria às mil maravilhas.

Por essa ou outras razões que não confessava, Sebastião irritava-se quando alguém questionava a luta que prosseguia:

— Que querem? Depor as armas, embalar as trouxas e fugir daqui?

Com a voz alterada, perguntava:

<sup>(\*)</sup> UNITA: União Nacional para a Independência Total de Angola.

<sup>(\*\*)</sup> O General Venâncio Deslandes pelo Tenente Coronel Silvério Marques, o Tenente-Coronel Silvério Marques pelo Tenente-Coronel Rebocho Vaz.

— Fugir para onde? Sim, para onde? Digam-me lá, que eu quero saber!

Desenvolvia a sua teoria:

Portugal não conseguia já dar de comer a quem vivia no país. Como alimentaria então quem chegasse de fora? Não era verdade que famílias inteiras partiam para o estrangeiro incapazes de suportar as dificuldades do dia-a-dia? Ele próprio não viera para África em busca de um futuro melhor? Iria agora deitar fora anos e anos de trabalho e perder o património acumulado? Regressar à terra e à vida de que não guardava saudades?

— Julgam que Portugal nos quer receber? Estão enganados, tirem daí o sentido!

Acrescentava com um sorriso amargo:

— O país está-se nas tintas para quem cá anda...

Se Ana Isabel observava que todas as hipóteses eram possíveis; que poderiam mesmo ter de embalar as trouxas e partir, ele perdia a cabeça.

Olhava-a com animosidade e respondia-lhe com palavras que não pronunciara nunca:

— Tu estás doida?! Que raio de ideia é essa?! Não vês o disparate?!

Ela compreendia e perdoava o destempero. Sabia bem que o marido se alheara sempre da política, para a qual não tinha tempo, nem jeito, nem paciência; que procurava apenas garantir o bem-estar da família, pelo que perdia a calma quando se via ameaçado nesse propósito.

Sebastião não fora nunca homem de Cafés. Mas gostava de ir ao Himalaia ao fim da tarde, onde se sentava à mesa com os amigos. Bebia uma cerveja, entrava numa partida de dados, contribuía ainda para a análise da situação.

A conversa variava pouco ultimamente. Ou não variava sequer.

## Alguém começava:

— Salazar está farto de dizer que não quer nada com esses gajos...

Os «gajos» eram sempre os presidentes do MPLA, Agostinho Neto, da FNLA, Holden Roberto, e da UNITA, Jonas Savimbi.

Todos estavam de acordo:

— Eles têm lá categoria para negociar seja o que for! Nem categoria nem legitimidade!

Explicavam porquê:

— Com a União Soviética, os Estados Unidos e a China por trás, cada um obedece mas é às ordens dos poderosos...

## Perguntavam:

— Como é que têm o descaramento de falar em nome dos angolanos?

Tratavam Agostinho Neto especialmente mal. Não lhe poupavam qualificativos nem desígnios:

— Um comuna! Um vendido, que anda mortinho por entregar isto aos russos!

Sebastião ouvia mais do que falava. Os amigos estavam tão bem informados, pareciam tão seguros do que diziam, mostravam-se tão confiantes no futuro, que ele vinha para casa animado.

12

Alunos aplicados como foram sempre, Pedro e Inês iam progredindo no liceu sem dificuldade. Não podendo já viver separados, estudavam juntos as matérias das aulas, ora na casa dele, ora na casa dela. As duas famílias tinham assumido definitivamente aquele namoro, e tanto Sebastião como Osvaldo Cruz, que não partilhavam as mesmas opções ideológicas, compreenderam

que deviam pôr os sentimentos dos filhos acima das suas divergências pessoais.

De vez em quando, a propósito de uma ocorrência qualquer, ora um, ora outro, caía na tentação de declarar o que pensava sobre a situação política.

Sebastião apoiara a guerra desde o início sem reservas:

— É preciso combater os terroristas de armas nas mãos, defender esta terra, perseguir os traidores!

Osvaldo Cruz discordava. Dava a sua opinião com a mesma veemência:

— Terroristas?! Traidores?! Qual quê!... Eles são nacionalistas e lutam pela independência da Pátria!

Interrompendo essas disputas verbais, Pedro e Inês lembravam o acordo que todos haviam estabelecido a tal respeito. Ou seja, de que cada um tinha o direito de pensar à sua maneira e não ser criticado por isso.

Sebastião e Osvaldo Cruz encolhiam os ombros. Ainda que irritados, calavam-se. Outras vezes, não; e só Ana Isabel e Maria Cândida, que intervinham de imediato, conseguiam esfriar os ânimos.

Com dezoito e dezasseis anos respectivamente, Pedro e Inês concluíam o liceu e preparavam-se para entrar na Universidade. Depois da transferência para Nova Lisboa das licenciaturas de Medicina Veterinária, Agronomia e Silvicultura, não precisavam já de partir para Luanda.

Iriam para Agronomia. Quando questionados «Porquê?», esboçavam um sorriso cúmplice e respondiam «Ora, ora, porque sim!». Observavam depois que preferiam as plantas aos animais, porque eles mordiam e elas não...

## — Não é verdade?

Brincavam com as palavras. A razão era outra: os dois confiavam na bondade do curso e tinham decidido de há muito prosseguir juntos nos estudos. Já sem tranças no cabelo, Inês crescera e todo o seu corpo de adolescente ganhara formas de mulher: nos seios firmes que sobressaíam sob a blusa, nas ancas esplêndidas que bamboleavam sob a saia, nas coxas e nas pernas torneadas.

Pedro sentia-se como que grato por namorar aquela perfeição, sobretudo por saber que era correspondido. Cada beijo, cada carícia, cada murmúrio («Meu amor!», «Meu querido!»), tanto o comprazia como o ufanava.

Quantas e quantas vezes fechava os olhos e se punha a imaginar: ele e ela mais velhos, já casados, em casa, rodeados de filhos.

Inês dava conta desse alheamento e perguntava:

- Então, então, o que é isso?

Mergulhado nos seus devaneios, Pedro não ouvia.

Ela voltava:

— Não ouves? Em que pensas?

Se ele ouvisse, responderia:

— Em nós. Em ti, em mim, no futuro.

13

Osvaldo Cruz morava no bairro que o CFB construíra para o pessoal subalterno um pouco além do Clube Desportivo Ferrovia. Ocupava uma casa precisamente igual às outras que ficavam à volta: de dimensões reduzidas, com um número na fachada, as paredes exteriores em tijolo à vista e um arremedo de jardim à frente.

Logo depois de almoço, Pedro e Inês preparavam-se aí para as aulas do dia seguinte. Cada um no seu lugar (ela junto da janela, ele do outro lado), sentavam-se na secretária pesada de girassonde, onde ficavam até ao fim da tarde.

Com alguma frequência, eram interrompidos por Maria Cândida, que vinha da cozinha com um tabuleiro enorme carregado de sandes de presunto e copos de limonada.

Ela dizia sempre:

— Vá, vá, parem com os livros e toca a comer!

Não era agnóstica como o marido. Católica praticante, recorria à frase de Jesus para observar com ironia:

— Nem só do pão vive o homem! Mas que estas sandes vêm a calhar, isso vêm... Não acham?

Insistia:

— Vá. toca a comer!

Quem se lamentava frequentemente por Pedro e Inês não estudarem tantas vezes lá em casa era Ana Isabel. Preparara uma sala para esse fim, apetrechada com um quadro preto e duas pranchetas articuladas, que tinha mandado fazer de propósito nos Móveis Leal.

Desabafava com a mãe:

— Um desaproveitamento, um desperdício...

Dona Maria Albertina lembrava que o namoro de dois jovens de família era e fora sempre assim: o rapaz é que devia ir ter com a rapariga e não o contrário. Não havia pois que estranhar o facto.

— Ele está certo e segue a regra.

Ana Isabel concordava, mas não conseguia disfarçar os ciúmes que sentia ao perceber que o filho era cada vez menos dela e mais de outra...

Ciúmes de mãe, sem fundamento.

Inês era adorável e demonstrava continuamente que não queria pôr em causa afectos antigos. De início, quando fazia ainda cerimónia, tratava a mãe e a avó de Pedro por «senhoras donas»; mas um ou dois meses depois, já mais à vontade, mudou os nominativos para «mãe Ana» e «avó Maria», conquistando de uma vez os corações das duas.

Ambas se comoveram:

— Um amor! A pequena é uma ternura!

Sebastião não foi chamado de «pai». Por parecer menos propício a tais intimidades, foi tratado por «tio». O que ele achou adequado e elogiou:

— Devo reconhecer, a pequena é simpática!

No dia em que completou quarenta e três anos, recebeu de presente um relógio de pulso, comprado na Relojoaria Justino, onde fora gravada uma inscrição: «com um beijo e o carinho filial da Inês».

Tal como a mulher e a sogra, também ele se comoveu. Com a voz embargada, agradeceu a prenda. E a dedicatória sobretudo, que lhe agradara muito e o sensibilizara.

— Gostei muito! Mesmo muito!

Sem medo do ridículo, mostrava o relógio aos amigos. Estendia o braço, arregaçava a manga da camisa, tamborilava com os dedos no mostrador.

Com um sorriso enorme de satisfação, esclarecia:

— Uma lembrança da minha futura nora! Que tal? Não é estupendo?

14

Em 1967, U Thant, Secretário Geral das Nações Unidas, recusava mais uma vez o convite de Lisboa para visitar Angola e Moçambique.

Oliveira Salazar continuava a garantir na ONU que Portugal praticava em África uma convivência multirracial digna de todo o apreço; que era um país pluricontinental, pelo que não devia ser condenado por pretender preservar o seu território espalhado pelo mundo. Perdia de novo a oportunidade de provar ao observador internacional mais influente que tinha razão.

U Thant sabia bem que não podia cair no logro de se deslocar às duas colónias portuguesas. Ainda que breve, a sua presença aí representaria o reconhecimento de que os movimentos nacionalistas eram ilegítimos e desrespeitavam um estado soberano. Ele não desejava permitir essa conclusão. Como não permitiu de facto.

As notícias que chegavam diariamente das frentes de combate eram desanimadoras e davam conta de que os afrontamentos em curso não abrandavam. Nas zonas respectivas de influência, as FAPLA, o ELNA e as FALA<sup>(\*)</sup> estavam cada vez mais activos, lutando sem tréguas contra o adversário comum. O número de mortos e feridos não parava de crescer.

Cego ou mal informado do que se passava, Oliveira Salazar teimava na sua tese, repetindo como um disco partido as suas razões e os seus argumentos. E insistiria certamente pelos anos seguintes, se em Agosto de 1968, no Forte de Santo António do Estoril, não caísse de uma cadeira e sofresse um acidente vascular cerebral. Incapacitado para o cargo que exercia, foi substituído pelo Professor Marcelo Caetano.

O país respirou de alívio, convencido de que iria daí em diante poder negociar a paz. Mas enganava-se.

Levado por convicções próprias, ou forçado pelos defensores radicais do regime (com o Presidente da República Américo Tomaz à cabeça), ou sem a coragem nem o rasgo suficientes para inverter os acontecimentos, o Presidente do Conselho manteve o statu quo existente.

<sup>(\*)</sup> As FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola), o ELNA (Exército de Libertação Nacional de Angola) e as FALA (Forças Armadas de Libertação de Angola) eram os exércitos afectos respectivamente ao MPLA, à FNLA e à UNITA.

Quando tomou posse, procedeu de facto a algumas alterações, tentou ainda abrir um diálogo com a Oposição, abrandou a diligência persecutória da Polícia Política, que rebaptizou de DGS(\*). Mas ficou por aí.

No que passou a chamar de «conversas em família», ia periodicamente à Televisão falar aos portugueses, retomando as asserções do seu antecessor: de que Portugal respeitava a herança do passado e não estava à venda, de que não podia virar as costas e abandonar cobardemente as populações do Ultramar, de que o recurso às armas era um instrumento de defesa contra aqueles que queriam espoliar a Pátria, etc., etc. Com o tom paternalista que assumia, debitava para os telespectadores o discurso de sempre.

A Oposição denunciou de novo o que era evidente: o país regressava ao impasse anterior, a guerra nas colónias reclamava uma negociação com os líderes nacionalistas e não o reforço da solução militar, a persistência no erro levaria ao desastre.

Em Angola, tal como na Metrópole, quem apoiara antes Oliveira Salazar acompanhava agora Marcelo Caetano. Com a mesma certeza e o mesmo entusiasmo:

— Ainda bem. Temos homem! Felizmente que não há recuos...

Em Nova Lisboa, como anos atrás o Coronel Nascimento Vieira, o Governador Queimado Pinto falou à população. De frente para a estátua de Norton de Matos que fora inaugurada para comemorar o cinquentenário da cidade, terminou a alocução repetindo as palavras da ordem:

— Angola é nossa! Viva Portugal!

<sup>(\*)</sup> DGS: Direcção Geral de Segurança.

Era sempre assim: todas as manhãs, o machimbombo dava a volta habitual, carregando os professores e os alunos de Agronomia e Silvicultura para a Chianga<sup>(\*)</sup>. Parava em pontos estabelecidos do itinerário, que ficavam estrategicamente situados ao longo da cidade. Recolhia aí aqueles que estavam à espera e avançava.

Já no bairro de São João e com a lotação completa, ladeava as Oficinas Gerais do CFB, virava depois à esquerda, seguia pela estrada que passava mais adiante pelas fábricas da cerveja «Cuca» e das bicicletas «Ulysses». Continuando sempre, atravessava a passagem de nível e progredia até ao Cambiote, onde as mulheres negras, com os filhos ainda bebés amarrados às costas, amanhavam as lavras aos golpes do etemo[gl].

Pedro e Inês tinham entrado para a Universidade no ano anterior e conheciam de cor o percurso diário. Durante a viagem, entretinham-se a fechar os olhos, a contar em voz baixa à cadência dos segundos («vinte e um, vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro...»), a anunciar por fim o lugar onde estavam.

Ora ele, ora ela:

— Acertaste.

Ou então:

— Erraste.

Continuavam os bons alunos que foram antes. Tal como no tempo do liceu, estudavam juntos, cada um ajudando o outro nas matérias para que tinha mais jeito. Os colegas chamavam-lhes

<sup>(\*)</sup> Campus onde os dois cursos estavam instalados, que ficava a doze quilómetros da cidade.

«marrões», e o Jorge Leite, que tinha língua afiada e fama de gozão, vaticinava que os filhos «daqueles dois» nasceriam certamente, não com vontade de mamar, mas de empinar fórmulas e compêndios...

Indiferentes a essas e outras piadas do género, Pedro e Inês foram passando de ano sem dificuldade. Com as sandes de presunto e os copos de limonada trazidos da cozinha por Maria Cândida, preparavam-se afincadamente para os exames, que iam concluindo com classificações elevadas.

Quando Pedro entrava em casa e anunciava a nota que tivera nesta ou naquela disciplina, Dona Maria Albertina lembrava-se de Jota-Jota, o marido morto, que amara tanto aquele neto e que se sentiria agora certamente babado. Sem conseguir conter as lágrimas, suspirava, assoava o nariz no lenço minúsculo de cambraia e dizia:

— Se o teu avô fosse vivo...

Não concluía a frase. Mas Pedro percebia.

— Então avó, então, que é isso?

Ele buscava na memória a recordação de Jota-Jota. Nas imagens cada vez menos nítidas que guardava do passado, não o via como alguém austero, distante, capaz de impor respeito, mas como um amigo, um companheiro, sobretudo um cúmplice de segredos e traquinices.

Dava meia volta, refugiava-se no quarto, e era aí, deitado na cama, de barriga para o ar, que tentava lembrar-se dos muitos episódios em que participara com esse avô tão querido e prematuramente desaparecido. E daquela vez em que os dois foram de xifuta[gl] na mão caçar bicos-de-lacre na chitaca da Quissala? E da outra em que lançaram um papagaio de papel no campo do Sporting? E de tantas mais em que iam apanhar mangas e nêsperas no quintal?

Cada um à sua maneira, Ana Isabel e Sebastião alegravam-se também com o aproveitamento do filho.

Ana Isabel quase gritava:

— Parabéns! Parabéns!

Menos expansivo, Sebastião observava:

— Temos engenheiro não tarda.

16

Quando em Julho de 1970, na Santa Sé, Paulo VI recebeu Agostinho Neto, Amílcar Cabral e Marcelino dos Santos, líderes do MPLA, PAIGC(\*) e FRELIMO(\*\*), muita gente se convenceu de que a guerra colonial estava mesmo e irremediavelmente perdida. Ao conceder aquela audiência, o Papa reconhecia que os representantes dos três movimentos falavam em nome dos seus povos e lutavam justamente pela independência dos seus países.

Com esse gesto inesperado, que foi noticiado de imediato pelo *L'Osservatore Romano*, Paulo VI recusava a tese continuamente propagandeada pelo Governo de Lisboa. Sempre prudente no exercício do magistério secular, a Igreja punha-se assim ao lado de uma das partes do conflito, assumindo que não tinha já dúvidas sobre o assunto.

Muitos católicos se questionaram então e manifestaram a sua surpresa:

— O Papa?! Dar cobertura a esses terroristas?! Que pouca vergonha!...

Na mesa do Himalaia, entre as partidas de dados que jogavam

248

<sup>(\*)</sup> PAIGC: Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde.

<sup>(\*\*)</sup> FRELIMO: Frente de Libertação de Moçambique.

nessa tarde, Sebastião e os amigos não queriam acreditar. Alberto Carvalho coçava a cabeça e reconhecia que estava passado:

— Completamente passado! Quando é que eu poderia imaginar tal coisa?

Anticlerical convicto, como se gabava de ser, Freitas Pedroso estava presente e deu a sua opinião. Acendeu um cigarro, inspirou duas ou três fumaças, esboçou um sorriso cínico e comentou:

- De que estava à espera? Isto no que toca à padralhada é o costume: está de bem com todos, desde que tire daí algum proveito... Estou farto de dizer isso!
  - --- Mas o Papa...
- Até o Papa, pois! Ele não é um padre promovido, que subiu de posto? Pois então?... É como os outros. Mais refinado até!

Sebastião interveio. Era católico, aprendera a respeitar o sucessor de São Pedro, não gostava de ouvir aquelas piadas:

- Oh, Pedroso, você exagera! Caramba!, vai sempre buscar coisas que não têm nada a ver com a questão.
- Ah, não têm? Então diga-me, se faz favor: pondo-se ao lado dos gajos, esse Paulo VI quer ou não quer correr com a gente daqui para fora? Correr comigo, consigo, com todos? Vá, explique-me lá!

Sebastião calou-se. Tinha de ser sincero consigo mesmo e confessar que ele próprio não esperava uma coisa assim. O Papa apoiaria de facto aqueles que queriam expulsar os brancos de Angola? Apoiaria realmente ou a audiência era só a fazer de conta?

Quando chegou a casa, pôs a dúvida a Ana Isabel. O que é que ela achava?

— Sei lá... Talvez... De política, não percebo nada. Mas que essa notícia não é boa, não é.

— Tu também...

Ela percebeu como o marido ficou desolado, como parecia apreensivo.

— Posso estar enganada...

Quis ser conciliadora:

— Não penses mais nisso. A diplomacia tem as suas exigências. Se calhar, o Papa não podia evitar o encontro. Vais ver, não vai dar em nada.

Estava a ser simpática, mas só isso, porque avaliava bem o significado do acontecimento. Como convencer aquele teimoso de que devia assentar os pés no chão, transferir para Portugal algumas economias, precaver e garantir o futuro? Como convencê-lo a mudar de opinião?, lembrar-lhe que países mais poderosos, como a Inglaterra e a França, tinham abandonado também as suas possessões de África?

De cada vez que tentava referir o facto e realçava a necessidade de encarar a situação de frente, sem cair em fantasias, Sebastião descontrolava-se, enfurecia-se, interrompia imediatamente:

— Não me venhas de novo com a tuas histórias!... Cala-te! Não quero ouvir esse disparate!

E ela calava-se.

17

Como era de esperar, Pedro e Inês licenciaram-se em Agronomia com distinção. Foi um dia de festa para as duas famílias: tanto Sebastião e Ana Isabel, como Osvaldo Cruz e Maria Cândida, quiseram comemorar a data com um almoço especial, para o qual convidaram os colegas de curso dos filhos e os amigos mais íntimos.

No quintalão da casa da Avenida Silva Carvalho, Ana Isabel

e Dona Maria Albertina montaram um toldo canelado de plástico. Sobre a mesa enorme que os criados armaram por baixo, mandaram pôr os pratos e os talheres, mas também tudo o que poderia transformar aquele repasto num banquete. Esmeraramse nas iguarias e nos vinhos, fizeram questão de misturar sabores, os «de lá» (portanto de Portugal), com os «de cá» (ou seja, de Angola). Ao lado do leitão à moda da Bairrada e da chanfana à maneira da Guarda, puseram a moambada de galinha e o cabrito de churrasco; nas taças de frutas, misturaram uvas e loengos, ameixas e mangas, damascos e abacates.

Com aquela comemoração, as duas famílias não festejavam apenas o sucesso obtido pelos seus licenciados (como observaram na altura, pelos seus «recém-engenheiros»); aproveitando a oportunidade, anunciavam oficialmente que Pedro e Inês estavam noivos e que casariam em breve.

Na altura dos brindes, quando tiveram de dizer algumas palavras, Sebastião e Osvaldo Cruz deram mais importância ao segundo do que ao primeiro motivo por que se encontravam ali reunidos.

Toda a gente se levantou. Já de pé, taças de champanhe na mão, pronunciaram-se solenemente os votos adequados à circunstância («Uma união para sempre!, um amor recíproco e eterno!»); trocaram-se beijos e abraços («Um futuro cheio de filhos e prosperidades!»).

Corados e nervosos, ele até mais do que ela, Pedro e Inês agradeceram tais manifestações de carinho. De cada lado da mesa, os braços assentes sobre a toalha, olhavam-se fixamente, e no seu silêncio cúmplice, que só os dois conseguiam interpretar, deixavam perceber como se sentiam felizes nesse momento.

O almoço prometia durar, não só porque a comida estava deliciosa, como também porque todos tinham muito para conversar. Ana Isabel e Maria Cândida combinavam entre si o que deviam fazer para ajudar aqueles «pombinhos».

Não era garantido que estavam na iminência de ser comadres? Que mais tarde ou mais cedo, no ano seguinte talvez, seriam avós dos mesmos netos?

Quiseram ser simpáticas uma com a outra. O que foi fácil, porque cada uma começou a elogiar prodigamente, ora o futuro genro, ora a futura nora, exaltando os dotes e as qualidades que lhe reconhecia.

Ficariam amigas a partir daquele almoço. Maria Cândida ainda acanhada, Ana Isabel nem tanto, prometeram estreitar relações e visitar-se com frequência.

18

Em Portugal, Marcelo Caetano continuava a ir à Televisão para as suas «conversas em família», cada vez menos ouvidas. Nem mesmo os ingénuos acreditavam já que a guerra em África estivesse para acabar em breve. Nem que se justificasse.

As Forças Armadas começavam a agitar-se, elas próprias questionando as razões e os fins por que se batiam no terreno. Elementos cada vez mais numerosos do Exército, da Marinha e da Força Aérea faziam agora coro com a Oposição: a questão colonial exigia uma solução urgente, que não fosse militar, mas política. Não custava muito avançar o diagnóstico: a situação tornava-se insustentável, piorava de mês para mês e corria para o colapso.

Nesse ano de 1972, infeliz e mal pago, ainda maioritariamente analfabeto, o povo que labutava de sol a sol nos campos e nas fábricas não punha a questão nestes termos. Para se livrar da cadeia, aprendera a calar-se. Mas em cada filho, ou pai, ou marido, ou noivo, que voltava à aldeia num caixão de chumbo, intuía a mesma conclusão: aquela tragédia teria de acabar.

O Presidente do Conselho é que não queria ouvir falar de negociações. Como Oliveira Salazar, obcecado ou por convicção, rejeitava qualquer acordo com os movimentos nacionalistas; também como ele, insistia em que a Pátria não podia ter respeito nem contemplações para com os traidores.

Tinha para si que era urgente pôr homens capazes e corajosos nos postos de chefia; que ao proceder desse modo, nomeando as pessoas adequadas, ultrapassaria certamente os impasses existentes.

Foi o que fez (ou admitiu talvez que fazia) em Angola, ao substituir o Tenente-Coronel Rebocho Vaz pelo Engenheiro Agrónomo Santos e Castro no cargo de Governador-Geral.

Escolhia um técnico bem experimentado, que fora até então Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, onde dera provas de dinamismo e competência. Ou seja, quem garantia à partida poder desempenhar com sucesso as funções de que ia incumbido.

Marcelo Caetano acreditava nisso sinceramente e esperava com confiança os resultados da sua escolha. Mas mais uma vez, esperava em vão.

No jeito habitual dos portugueses para jogar com as palavras e inventar anedotas, alguém se apressou logo a chamar o Governador-Geral de «Engenheiro Ómega»:

— O gajo vai ser que nem os relógios da marca: nem para trás nem para a frente, nem atrasa nem adianta...

Condiscípulos do visado nos tempos do ISA<sup>(\*)</sup>, que tinham vindo para Nova Lisboa e trabalhavam agora no IIAA<sup>(\*\*)</sup>, discordavam. Conheciam bem o colega e consideravam a alcunha uma piada injusta:

<sup>(\*)</sup> ISA: Instituto Superior de Agronomia.

<sup>(\*\*)</sup> IIAA: Instituto de Investigação Agronómica de Angola.

— Qual Ómega, qual quê!... Ele sabe perfeitamente o que quer!

Não tinham dúvidas:

— Vai portar-se à altura. Vão ver...

Os colegas enganavam-se. O tempo confirmaria depressa que o «Engenheiro Ómega» fazia jus ao sobrenome, deixando tudo na mesma. Ele próprio perceberia rapidamente que governar um município não era o mesmo que governar uma colónia. Se ali alindara praças, ruas e avenidas, levantara viadutos para facilitar o trânsito, aqui enfrentava problemas de outra natureza e magnitude, para que não fora nem estava preparado.

19

Com o Padre Moutinho a presidir à cerimónia, Pedro e Inês casaram-se na Igreja de Nossa Senhora de Fátima. Foi em Fevereiro, às onze horas de uma manhã de sábado, quando o sol entrava a jorros pelos vitrais das janelas e prenunciava uma tarde esplendorosa.

De livro na mão, o sacerdote lia as fórmulas da praxe. Como procedia habitualmente, interrompia a leitura para observar:

— Isto é para levar a sério! Ouviram?

Durante anos e anos, pedinchando aos fiéis, aos Governadores do Distrito, aos Presidentes da Câmara, a tanta gente mais; com tômbolas, concursos e sorteios promovidos na paróquia, conseguira amealhar os recursos necessários à construção daquele templo, que quisera sempre dedicar, como lembrava constantemente, à Mãe Extremosa do Céu, que aparecera um dia aos Pastorinhos da Cova da Iria.

— Isto é para levar a sério! Ouviram? Nos bancos da frente, Osvaldo Cruz e Maria Cândida, Sebastião e Ana Isabel, não escondiam a sua emoção e olhavam os filhos com vaidade. Cada um à sua maneira, tinham razões para isso, porque os noivos formavam um casal perfeito. Que nem aqueles que vinham nas revistas, como Dona Maria Albertina cochichava por todo lado.

Depois de tanta insistência da mulher e da filha, Osvaldo Cruz comparara um fato completo e uma gravata vermelha na Nova York, pusera um cravo branco na botoeira do casaco e estava ali no traje máximo de cerimónia que as suas convicções antiburguesas permitiam. Claro que se sentia incomodado dentro daquela roupa estilizada, que prometia a si próprio não tornar a pôr.

Num vestido azulão de seda, gola alta aconchegada ao pescoço, capelina a condizer na cabeça, Maria Cândida debatia-se em contradições: alegrava-se por saber que a sua menina ficava bem entregue («Sim, sim, tenho a certeza!»), mas entristecia-se porque a via sair de casa e lhe perdia a companhia habitual. A vida era assim. Como o marido observava constantemente, neste mundo limitado dos homens, tudo tinha um preço: obtinha-se, mas pagava-se. Até as coisas do coração, como confirmava agora.

O sacerdote abençoou as alianças e exagerou nos comentários feitos a propósito. Citando passagens da Bíblia Sagrada, por onde andou desde o Pentateuco, referiu que anéis eram apenas anéis, portanto símbolos do que tentavam representar: naquele caso, a união de duas almas pelo Sacramento do Matrimónio, que deviam ser tão fiéis uma à outra como Cristo à Sua Igreja.

— Isto é importante. Não esqueçam.

Quando chegou ao fim e disse sem formalismos «Isto acabou, vamos lá», todos passaram à Sacristia, onde os noivos e os padrinhos assinaram o livro dos assentos. Sebastião e Isabel, Osvaldo Cruz e Maria Cândida abraçaram-se e felicitaram-se comovidamente:

- Parabéns!
- Parabéns!

Sebastião quisera ser ele próprio a pagar o copo-de-água, marcado para o Restaurante Ruacaná. Osvaldo Cruz protestara, referindo abespinhadamente que recusava a proposta, porque o pai da noiva é quem tinha essa obrigação. Seria num lugar menos chique, mais modesto, mas tudo correria por sua conta. Não queria sequer discutir a hipótese.

Mas tal como tinha aceitado ir de fato e gravata à cerimónia, aceitou também o copo-de-água no salão já contratado. Concordaria com uma condição: desde que ele pudesse contribuir para as despesas. De outra maneira, não! Tinha os seus brios!...

20

Pedro e Inês foram habitar o 2º andar de um prédio recém-construído no Bairro Académico, mesmo em frente do Liceu onde tinham estudado alguns anos antes. Sebastião oferecera-lhes essa residência como prenda de casamento, bem como os bilhetes de avião para Luanda, para onde os dois iriam em lua-de-mel.

Finalmente livres dos conselhos recorrentes do Padre Moutinho, dos abraços efusivos à saída da igreja, das horas passadas no Restaurante Ruacaná, do que comeram, beberam e brindaram para agradar aos convidados — eles estavam agora sozinhos, desobrigados de vez de fingir ou fazer de conta que não tinham pressa... De pé, um em frente do outro, à luz mortiça dos candeeiros das mesas-de-cabeceira, fitavam-se de braços estendidos e mãos dadas.

Já deitados na cama, qual o que tomou a iniciativa? Qual o que se revelou primeiro sem palavras nem roupas de permeio?,

que abraçou o outro, o afagou e o beijou, uma, duas, três, muitas vezes? E que depois, a arder em febre, julgou que se desfazia?...

Pedro dirá mais tarde que foi ele; Inês dirá que não, porque foi ela. Hão-de lembrar-se lá!... Do que se lembrarão é de que nessa noite de sábado, insatisfeitos e incansáveis, tal como as ondas do mar que crescem e rebentam na praia, os dois se pertenceram mutuamente até de madrugada.

A chuva viera em algum momento e começara a fustigar os vidros das janelas do quarto.

Ela perguntara:

— Ouves?

Ele respondera:

— Sim, sim, ouço.

A chuva viera e fora embora. E eles acordados: de vigília aos apelos dos corpos, que vinham e iam também, mas não de vez, porque voltavam a seguir.

## RESISTIR ATÉ AO FIM

Em Fevereiro, Luanda é um forno. Do céu limpo de nuvens, o sol solta o seu calor inflamado, enche de luz as praças, as ruas e as avenidas, escalda o tecto das casas, queima a pele das pessoas. O que sabe bem então é entrar numa cervejaria, pedir um fino e bebê-lo quase de um trago, pedir outro, e outro, para conseguir acalmar a sede que aperta a garganta. Desde muito cedo, o que apetece também é refrescar aí o corpo no ar condicionado que toma conta do ambiente.

Quem vem do Planalto e se habituou a temperaturas amenas incomoda-se com a canícula diária. A roupa cola-se ao corpo, o suor cai em bagas das axilas e do rosto, nenhuma árvore dos passeios públicos dá sombra suficiente para o peão recuperar o fôlego.

Pedro e Inês refugiavam-se desse braseiro no quarto do hotel em que estavam instalados, de onde saíam só pela manhã, a caminho da praia da Ilha.

De biquini amarelo, Inês estendia a toalha na areia e untava-se toda com óleo de coco. Assente nos cotovelos, deitava-se depois ao comprido, protegia a cabeça com um chapéu de palha, suspirava longamente e dizia:

— Isto é que é qualidade de vida!

Para se bronzear uniformemente, virava-se algum tempo depois, ora para cima, ora para baixo.

Pedro acompanhava cada movimento. Enternecido e excitado,

passeava a vista pelos pés, as pernas, as mãos, os braços, o peito da mulher, que subia e descia à cadência da respiração. Adivinhava os seios perfeitos que gostava de tocar e que lembravam duas metades avantajadas de limão; imaginava os mamilos escondidos pelo tecido: iguais, acerados, cor de chocolate, emergindo da base redonda e sombreada.

A cidade ficava do outro lado da baía. Do lugar onde estavam, os dois distinguiam mal as barrocas que desciam abruptamente do Cinema Mira Mar, os navios atracados no porto, as palmeiras bordejando a Avenida Marginal.

Sem tirar o chapéu da cabeça, Inês perguntava:

— Que horas são?

Distraído como estava, Pedro não respondia.

Em tom mais alto, ela perguntava de novo:

— Que horas são?

Ele voltava a si:

— É tarde, quase meio-dia.

Levantava-se de um pulo. Com a voz alterada, fingia dar uma ordem:

- Vá, vá! Temos de ir embora!
- Já?!
- Já!

E iam.

De mãos dadas, subiam a escada que levava até ao quarto. Nem ele nem ela precisavam então de perguntar mais fosse o que fosse. Tal como na véspera, o que cada um tinha de fazer agora era deixar-se levar: primeiro para o duche, depois para a cama, e uma vez aí, primeiro olhando-se, depois acariciando-se, primeiro tímidos, depois desinibidos, primeiro aos abraços, depois aos beijos, primeiro aos murmúrios, depois aos gemidos — o que cada um tinha de fazer era fruir esses momentos, enquanto pudesse, ou conseguisse, ou aguentasse, antes de se esvair de prazer.

Voltavam para o duche. Vestiam-se à pressa, sem cuidados especiais. Outra vez de mãos dadas, desciam até ao restaurante, onde almocavam.

2

De ano para ano, a certeza de que a guerra colonial exigia uma solução política e não militar crescia no seio das Forças Armadas. Como se saberá alguns meses mais tarde, oficiais do Exército, da Marinha e da Força Aérea conseguiam iludir a vigilância dos informadores da DGS e reuniam-se na clandestinidade. A propósito de interesses corporativos que tentavam defender, questionavam o *statu quo* existente, bem como o que fazer para alterar a situação.

Em Fevereiro de 1974, o General António de Spínola publicava o livro «Portugal e o Futuro», onde responsabilizava o Governo por não estar à altura das circunstâncias. Propunha para o país um modelo de estado confederado, reunindo a Metrópole e as Colónias num todo nacional, com deveres e direitos recíprocos. Preto no branco, assumia assim publicamente que o recurso às armas fora sempre um erro e não conduziria nunca a lado nenhum.

Pelo prestígio acumulado do autor, que estivera na Guiné e exercera aí com distinção o cargo de Governador-Geral, a obra provocou nos leitores um impacto desmesurado; ainda mais: criou nas pessoas uma expectativa de mudança sem precedentes. Como alguém escreveu a propósito no *Jornal República*, Portugal inteiro convenceu-se de que um tempo novo estava para chegar; ou seja, de que o pesadelo africano, com o seu cortejo de mortos, feridos e deficientes, tinha agora os dias contados.

Esperança efémera e inconsistente!... Logo no mês seguinte,

uma chamada «brigada do reumático», que integrava comandantes militares de patentes elevadas, vinha respeitosamente junto do Presidente do Conselho, não só confirmar-lhe a sua fidelidade, como garantir-lhe o seu apoio.

Então Chefe e Vice-Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, os Generais Costa Gomes e António de Spínola recusaram integrar a comitiva de reverências, pelo que foram demitidos das suas funções.

Sem compreender muito bem porquê, o cidadão comum tomava conhecimento destas ocorrências contraditórias e interrogava-se.

As interpretações divergiam:

Havia gente que achava que a tropa batia o pé finalmente e rejeitava a guerra em que fora obrigada a entrar; havia outra que considerava Marcelo Caetano um homem de conviçções firmes, portanto incapaz de se atemorizar com quaisquer demonstrações de protesto; havia ainda quem acreditava mais uma vez na propaganda da Imprensa, da Rádio e da Televisão, que continuavam a garantir que o país não podia depor as armas e abandonar o Ultramar. Jornais de referência destacavam em parangonas garrafais o que diziam ser a questão de fundo: Alienar a favor de terroristas aquilo que custara tanto sangue? Capitular sem honra nem vergonha? Eles próprios respondiam: Jamais! Isso é que nunca!

Quando ia à Televisão para outra «conversa em família», o Presidente do Conselho tomava para si essa resposta no tom paternalista do costume: «Jamais! Isso é que nunca!».

Durante os quinze ou vinte minutos da emissão, brandia repetidamente os seus motivos para justificar os seus procedimentos: pugnava por uma causa justa, pelo que não podia, não queria, sobretudo não devia transigir.

Terminava com palavras de esperança: Portugal que confiasse, porque ele não desistiria... Marcelo Caetano podia estar seguro das suas convicções, defender repetidamente os seus pontos de vista, reafirmar a sua determinação; podia declarar por todo o lado e usando de todos os meios os seus propósitos («Continuar!, continuar!»), mas isso eram agora promessas vãs, cada vez mais inconsequentes.

Com a exoneração simultânea dos Generais Costa Gomes e António de Spínola, em vez de impor à corporação militar a sua autoridade, aumentou aí o seu descrédito. E definitivamente dessa vez.

Corolário lógico da situação foi a sublevação do Regimento de Infantaria 5, das Caldas da Rainha, em 16 de Março, que o Governo conseguiu abortar — mas foi também o 25 de Abril, que o MFA (Movimento das Forças Armadas) concluiu com sucesso e com o qual acabou por derrubar o regime.

O povo anónimo veio para a rua manifestar entusiasticamente o seu regozijo e apoiar a Revolução, cujos contornos foi conhecendo ao longo do dia.

Tudo se ficara a dever à coragem de um grupo de capitães, que haviam sabido interpretar o descontentamento do país e decidido desferir o golpe. Em reuniões clandestinas, eles tinham elaborado um programa onde seriavam os objectivos em vista: a extinção da DGS, a amnistia dos presos políticos, a abolição da censura, a luta contra a inflação e o custo de vida, o combate contra a corrupção; embora não explicitamente, também a necessidade de acabar com a guerra colonial e restabelecer a paz no Ultramar.

Com a sucessão vertiginosa dos factos (a deposição de Américo Tomás e Marcelo Caetano, a designação do General António de Spínola para Presidente da Junta de Salvação Nacional, a pos-

se do 1º Governo Provisório, a participação dos Partidos no debate político, especialmente o PS, o PPD, o PCP e o CDS (\*)), Portugal recuperava a liberdade perdida havia mais de quarenta anos.

4

Quando viu a tarja preta no canto do envelope, Sebastião temeu o pior. Aquela carta trazia certamente novidades ruins.

Tinha razão. Numa letra quase ilegível, com muitos erros à mistura, alguém dos Possacos comunicava a morte de Armando, que *«falessera depôs de resseber no leito a unsão final e incumendar a alma ao Creador»*.

Sebastião não se conteve: chorou convulsivamente a perda do amigo, para quem reservara sempre um lugar especial no coração. Lembrou-se outra vez da viagem no «João Belo», de como alguém que acabara de conhecer, mais velho até do que o tio Felisberto, lhe ouvira os desabafos, o confortara com palavras de ânimo, lhe devolvera então a esperança no futuro. Lembrou isso e muito mais: ao fim e ao cabo, as poucas ou mesmo únicas recordações gratas que conservava de um período tão difícil da vida.

Tentava buscar na memória as imagens que guardava do ex-companheiro de camarote agora desaparecido: a sua figura, os seus gestos, a sua voz, o seu sorriso, sobretudo o seu olhar, franco, sereno, meigo, que não enganava ninguém. Sem a nitidez pretendida (o tempo era assim, desfocava tudo), Sebastião

<sup>(\*)</sup> PS (Partido Socialista), PPD (Partido Popular Democrático), PCP (Partido Comunista Português), CDS (Centro Democrático Social).

lembrou-se ainda da sua estada nos Possacos, onde fora carinhosamente recebido. Via Armando no momento da despedida, de novo debruçado sobre a janela do automóvel, depois reflectido no espelho do retrovisor, parado lá atrás, de lenço branco na mão, acenando freneticamente até desaparecer na curva da estrada.

Venha tarde ou cedo, a morte faz parte da vida, ou do fim dela; mas quando atinge alguém muito querido, não importa se velho ou novo, as pessoas ficam de tal modo estupefactas que se julgam apanhadas por uma ocorrência imprevista. Desgostosas, consternadas, infelizes, quantas vezes desesperadas, constatam então como ninguém é ignorado ou escapa a tal contingência.

Aos setenta e oito anos, viúvo e afastado dos filhos, ralado certamente de saudades dos seus entes queridos, Armando não estaria já na altura de partir? De se livrar finalmente de tanta solidão?

Sebastião achava até que sim. Não obstante, reagiu e pareceu inconformado:

— Ele estava ainda tão rijo, tão cheio de saúde, tão bem disposto...

Perguntou:

— Não estava?

Comovida igualmente com a notícia, Ana Isabel avaliava bem quanto o marido sofria naquele momento. Quis ajudar e observou:

— Parecia de facto. Mas não estava com certeza. A gente nunca sabe.

Tentava encontrar as palavras certas para referir o que pensava:

— Sozinho naquele casarão, remexendo dia e noite no passado...

Sebastião concordou. Sim, sim, a mulher tinha razão, mas não se conformava:

## — Vou sentir-lhe a falta!...

Não quis jantar nessa noite e deitou-se cedo. Sonhou que estava de novo no «João Belo», deitado sobre a colcha encardida do beliche, a transpirar da cabeça aos pés. Não via nem ouvia Armando no camarote, mas Firmino e Manuel Carrapito, que se pegavam de razões por algum motivo fútil. Os dois conversavam à sua maneira: o primeiro entusiasmado e loquaz, o segundo contrafeito e lacónico, como de costume...

5

Angola não podia deixar de reagir ao 25 de Abril. De início, ficou surpreendida e não quis acreditar. Mas daí a dias, ela saudou também a Revolução.

Já habituadas a louvar quem mandava, a Imprensa e a Rádio não pouparam adjectivos: aplaudiram a coragem dos «generosos» capitães e felicitaram o derrube da «execranda» ditadura. Com poucas excepções e sem avaliar ainda as consequências possíveis do que estava a suceder, a população branca foi pródiga nos elogios e mostrou-se convencida de que teria muito a ganhar com a situação.

As pessoas estavam de acordo: era imperioso negociar com os movimentos nacionalistas, acabar depressa com a guerra, conceder a autodeterminação à Colónia.

Esse clima simultaneamente de satisfação e expectativa foi efémero. Durou um mês, talvez dois, quando muito três.

O General Silvério Marques veio substituir o Eng<sup>o</sup> Santos e Castro no cargo de Governador-Geral; antes mesmo de iniciar funções, foi por sua vez substituído por uma Junta Governativa, presidida pelo Almirante Rosa Coutinho.

Muita gente percebeu de imediato o significado da mudança.

Como era já voz corrente, o Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves e a ala progressista do MFA cediam em Lisboa à pressão do MPLA, da FNLA e da UNITA, que rejeitavam a autodeterminação e pretendiam só a independência, pela qual tinham lutado.

Os mesmos que haviam apoiado antes, criticavam agora a Revolução. Sentiam-se traídos; com manifestações e abaixo-assinados, reclamaram contra a deriva verificada e o destino para que estavam a ser arrastados.

Em entrevistas concedidas para serenar os ânimos, Almeida Santos, Ministro da Coordenação Interterritorial, lembrou de novo o que dissera em Luanda em fins de Maio: que os brancos seriam sempre necessários, importando pouco o que Angola fosse ou não no futuro; que com o seu trabalho e experiência, eles deveriam ajudar aquela terra a caminhar na senda do progresso. Que nenhum devia alhear-se ou eximir-se dessa tarefa, porque todos eram indispensáveis.

Em Nova Lisboa, Sebastião ficou aliviado:

— Estou de acordo. Completamente de acordo. Somos realmente indispensáveis! Alguém imagina como as coisas ficariam aqui entregues a esta gente?

«Esta gente» eram os negros, que ele estimava até e de que nunca abusara, mas que sozinhos, sem o patrão ao lado, não sabiam o que fazer:

— Coitados, são assim, não dão conta do recado...

Conversava na Pastelaria Ginga com o Joaquim Aguiar, que tinha a mesma opinião, mas parecia desiludido:

— Somos indispensáveis, somos. E depois?... Isso vale alguma coisa? Estamos fritos! Com a independência, vamos todos daqui para fora!

## Perguntou:

— Quer um conselho? Ponha-se a pau, deixe-se de ingenuidades e comece a embalar as biquatas...

Sebastião duvidou:

— Você é um pessimista. O Ministro não pintou esse quadro negro. Ou percebi mal?

O outro retorquiu:

— Não pintou de facto, mas só para acalmar. O gajo receia que a malta cave já toda para o Puto. Recebeu ordens para empatar...

Fez uma pausa, piscou o olho e concluiu:

— Não sou estúpido nem me iludo. Tome tento no que digo. Verá...

Sebastião não queria acreditar. Agora que a vida lhe corria lindamente, que o filho se casara e estagiava com a mulher no IIAA, que podia finalmente deixar de se preocupar com o futuro, tinha de enfrentar tal eventualidade? Deixar tudo o que conseguira ao longo da vida, e ala!, toca a andar para Portugal, com o rabinho metido entre as pernas que nem ômboa[gl]? Não!, não! e não!

Chegou a casa irritado:

— O Joaquim Aguiar insiste em que temos todos de ir embora. Encasquetou na cabeça que não temos cá lugar depois da independência.

Recorria raramente a expressões fortes, mas aquela hipótese é que não admitia:

— É um chato, um cagarolas! Tem medo até da sombra! Devia ter vergonha!

Ana Isabel foi mais condescendente:

— O homem talvez tenha razão. É um picuinhas, um maldizente, mas anda bem informado.

Voltou à sua: que deviam ser práticos, transferir rapidamente algumas economias para Portugal, enquanto podiam. Não era isso o que tanta gente andava a fazer? Para quê esperar mais tempo?

Como sempre, Sebastião reagiu mal à sugestão:

— Não venhas com a mesma história! Tu não sabes o que dizes!...

6

Em 9 de Agosto, a Junta de Salvação Nacional aprovava o programa de descolonização de Angola<sup>(\*)</sup>, que estabelecia a formação de um Governo Provisório, constituído por negros e brancos, bem como o recenseamento da população e a realização de eleições gerais, primeiro para uma Assembleia Constituinte, depois para um Parlamento.

Ninguém ficou satisfeito, nem os negros, nem os brancos: os primeiros porque se opunham ao calendário definido e às condições impostas; os segundos porque temiam o sufrágio anunciado, em que seriam seguramente derrotados.

Com alguma dificuldade e as modificações impostas pelas circunstâncias, o Governo Provisório tomou posse em 21 de Outubro. No seu elenco, integrou três Secretários-Adjuntos e onze Secretários de Estado.

Tomou posse, entrou em funções, mas começou mal.

Porque se consideraram discriminadas, a FNLA e a UNITA denunciaram logo que o MPLA beneficiara com a nomeação das individualidades escolhidas. O Presidente da Junta Governativa fora tendencioso: fazendo jus à alcunha de «Almirante Vermelho», não escondera mais uma vez a sua simpatia por Agostinho Neto.

Sebastião pareceu entretanto confiante e manifestou o seu

<sup>(\*)</sup> No seguimento da Lei 7/74, aprovada em 24 de Julho e publicada em 27 do mesmo mês.

agrado. Ele conhecia pessoalmente e convivera com um dos Secretários de Estado, por quem punha as mãos no fogo:

— Uma boa notícia. É um homem sério, que não se deixará levar.

Vivia agora na obsessão crescente de poder ser expulso daquela cidade que vira crescer e onde investira tudo o que tinha. Qualquer indício de que essa eventualidade não sucederia bastava para o animar e lhe restaurar a esperança.

Falava outra vez com o Joaquim Aguiar, que parecia ainda mais reticente:

— Pode ser, mas duvido... Eu já não acredito em nada nem em ninguém!

Lembrou as confrontações violentas que tinham ocorrido em Luanda no seguimento do assassinato de um motorista de táxi, com mortos e feridos:

— Foi um sinal, um começo. Só temos de pôr as barbas de molho e estar atentos.

Perguntou:

— Esqueceu-se já da cena?

Sebastião não se tinha esquecido, mas irritou-se:

— Já percebi. Você continua de pé atrás! Virou-se para aí e pronto!

Voltou ao caso do Governo Provisório e ao Secretário de Estado que conhecia:

- É preciso dar tempo ao tempo. Temos de ter calma e esperar.
  - Pois, pois. É isso. Você lá sabe...

7

Quando Inês anunciou que estava grávida, Ana Isabel e

Maria Cândida explodiram de alegria. Ainda que menos expansivos, Sebastião e Osvaldo Cruz não disfarçaram também a sua satisfação. Os quatro viam-se já avós, não sabiam se de um menino ou de uma menina.

Puseram-se a adivinhar:

- Vai ser menino.
- Vai ser menina.

Dona Maria Albertina considerava-se perita em prever o sexo dos bebés. Conforme os meses passavam e o corpo da futura mãe se deformava, ela avançava o seu prognóstico:

— Com uma barriga assim, bicuda e empinada para a frente, só pode ser menino.

Pedro ria-se muito, troçando daquela maneira tão fácil de resolver a questão:

— Com a barriga bicuda e empinada para a frente?... A avó tem cada uma!

Segura das suas razões, Dona Maria Albertina insistia:

— Podes ter a certeza.

Assumia um ar sério, virava as costas e concluía:

— Tu és homem e não percebes nada disto.

Inês questionava também o método de previsão, mas gostava de ouvir aquele vaticínio. Não tentava disfarçar que queria mesmo ter um rapaz; se fosse possível, tão bom e sensível como o pai.

Continuava apaixonada. Olhava-se frequentemente no espelho da casa de banho e percebia como estava enorme. Quando passava a mão pelo ventre, dava conta de que a pele se estendia, começava a ficar tensa, ganhava brilho. Sentia-se feliz, não só por estar a gerar um filho, mas sobretudo porque este era de quem era.

Fechava os olhos e punha-se a imaginar. Em que noite ou madrugada, ela e o marido tinham dado vida a essa criaturazinha pequena, que estava agora a crescer, a crescer, se revolvia lá

dentro, dava já pontapés na barriga e parecia ansioso por pôr os pés no mundo? Em que momento preciso tudo isso começara?

Inês lembrava-se de um domingo longínquo, em que Pedro a tinha beijado, afagado e abraçado mais do que o costume; um domingo à tarde, quase a seguir ao almoço, em que ela se dobrara em arco sobre o lençol de seda da cama, convencida de que iria desmaiar. Ou talvez morrer...

— Lembras-te?

Pedro fez que sim com a cabeça. Levantou a mão e começou a contar pelos dedos: um mês, dois, três, quatro... Minha querida, vais ser mãe brevemente!

Ela perguntou:

— Estás feliz?

Como é que ele não podia estar? Foi peremptório e exagerou:

— Felicíssimo!, vaidosíssimo!, babadíssimo!

As avós e a bisavó quiseram ser elas mesmas a tratar do enxoval: tricotaram os sapatinhos de lã, bordaram os lençóis do berço, prepararam uma cesta forrada de renda, com folhos a cair das bordas, para pôr o talco, os biberões, os alfinetes para as fraldas, o algodão e a gaze.

Osvaldo Cruz achava tudo aquilo uma ostentação. Quantos bebés no mundo se gabavam de tais luxos?

— Tanta coisa que até ofende os pobres...

No canto da sala, Maria Cândida interrompia a paciência de cartas em que se embrenhara, encolhia os ombros displicentemente e observava com ironia:

- Sim, sim, deixa ser.

8

Depois do cessar-fogo assinado com Portugal e com a ga-

rantia de que a independência do país não seria mais posta em causa, os movimentos de libertação abandonaram a mata e entraram nas cidades, onde começaram a instalar as suas delegações.

Ou porque temiam represálias futuras, ou recusavam perder privilégios adquiridos, ou pretendiam simplesmente preservar o grande ou o pequeno património acumulado, muitos brancos decidiram então abandonar a terra onde tinham vivido tantos anos. O que fizeram aliás, de avião ou de barco, uns mais apressados do que outros, transportando consigo tudo o que podiam e conseguiam levar.

Nem todos procederam desse modo. Tal como eles, Sebastião continuou convencido de que devia ficar: talvez sem as facilidades de antigamente, com algumas restrições, mas ainda assim usufruindo de uma vida razoável. Caramba!, tudo o que tinha lhe custara rios de suor!, o levara a derrubar montanhas de obstáculos!

Justificava a sua determinação com estas e outras metáforas do género, acabando por concluir:

— Eu fico. Não fiz nada de que me envergonho, tratei sempre bem toda a gente, não roubei nem matei ninguém!

Interrogava-se com frequência em voz alta, para provar que estava certo:

— Ir-me embora? Porquê? Pesa-me alguma coisa na consciência?

Ana Isabel perdera o receio inicial de falar sobre o assunto. Dava conta de que amigos e conhecidos atafulhavam em caixotes de madeira de eucalipto os recheios das casas (ela dizia «Até os tapetes!, até os trens das cozinhas!, até os quadros das paredes!»), vinham despedir-se e saíam dali para fora.

— Que teimosia! Não vês os outros? Por acaso, já reparaste no que se passa à tua volta? Achas que toda a gente é parva ou cobarde?

Sebastião confirmava:

— Claro que acho! Uns medricas! É como dizes: uns cobardes, uns poltrões!

Juntava o argumento que considerava decisivo:

— Eles lá sabem o que fizeram... Ou então, não amam como eu esta terra onde foram felizes.

O argumento era inconsistente, talvez mesmo piegas. Mas como é que Ana Isabel poderia ficar indiferente a essa frase da «terra onde foram felizes»? Como admitir que isso não tinha de facto importância?

Sempre que o marido reconhecia que fora feliz, ela se comovia.

Concordava que sim. Recuando no tempo, à excepção da dor que passara com a morte do pai, de que podia queixar-se? Tivera um casamento bem sucedido, um filho sensível, inteligente e aplicado nos estudos, que era agora engenheiro. Como esposa e mãe, que podia desejar mais?

Herdara de Jota-Jota o sentido prático das coisas. Como ele, sabia bem quando podia sonhar, portanto esforçar-se por concretizar as suas fantasias, e quando devia pôr de parte aspirações inconsequentes. Lutar sim, e a sério, sem tibieza, mas apenas por aquilo que era realizável: nunca por bravata, como Dom Quixote de La Mancha, de lança em riste contra os moinhos de vento.

Franzia a testa, cerrava os olhos e voltava a interrogar-se. Como é que o marido não dava conta do que estava a suceder? Ele não tinha já provas suficientes para desconfiar? Pelo menos para isso? Como é que um homem com tanto jeito para o negócio, tão dotado para fazer previsões, se arriscava a perder tudo o que ganhara até aí?

Que ideia fixa!, que obstinação!, mas também que ingenuidade!...

Desagradado com o rumo que o 25 de Abril tomava ultimamente, sobretudo em relação ao futuro do Ultramar, o General António de Spínola renunciou em Setembro ao cargo de Presidente da República. Foi substituído nessas funções pelo General Costa Gomes.

Em Angola, a Junta Governativa era dissolvida, o Almirante Rosa Coutinho nomeado Alto-Comissário, o Governo em exercício cada vez menos capaz de manter a paz no território.

Com as suas divergências ideológicas, o MPLA, a FNLA e a UNITA não se tinham entendido nunca durante os anos de guerra; muitas vezes, tão empenhadamente como contra o inimigo comum, haviam combatido entre si. O que voltavam a fazer agora, com as agressões recíprocas e frequentes em que se envolviam.

Ao longo do dia, de um momento para o outro, rajadas de metralhadoras soavam algures, ninguém sabendo precisamente em que lugar e por quanto tempo. Algumas horas depois, a Rádio noticiava que os movimentos se tinham confrontado de novo; uma ou outra bala perdida havia atingido mais uma vítima civil inocente. As pessoas sentiam-se inseguras com o que viam ou de que tomavam conhecimento: fechavam-se em casa, evitando andar na rua.

Preocupados com a situação e com vista a ultrapassar este estado de sítio permanente, Agostinho Neto, Holden Roberto e Jonas Savimbi acordaram sentar-se a uma mesa e estabelecer entre si uma plataforma mínima de entendimento<sup>(\*)</sup>.

<sup>(\*)</sup> Em Mombaça, de 3 a 5 de Janeiro de 1975.

Os mais crédulos acreditaram novamente. Sem a convicção firme de antes, mas ainda assim com a esperança suficiente para não desesperar.

Ana Isabel é que não; cada vez mais desconfiada, perguntou a Sebastião:

— Tu, é claro, és daqueles que acreditam... Quando é que dás o braço a torcer?

Ele não respondeu. Começava a indagar-se sobre o seu silêncio: se se calava para evitar outra discussão, se porque não entendia já o que estava a suceder.

A Acessórios do Planalto estava também com problemas. Quase ninguém parecia agora interessado em reparar viaturas, portanto também em adquirir peças sobressalentes para o efeito. De semana para semana, o volume de vendas descia a olhos vistos; dando bem prova disso, as prateleiras dos expositores e as gavetas dos armários do estabelecimento continuavam cheias de mercadoria. Como que à espera...

10

Com a gravidez, Inês perdia dia a dia as formas naturais. Com o ventre dilatado, as pernas e os pés inchados, a pele do rosto tão tensa que parecia rebentar, ela não se queixava, mas passava mal. Movimentava-se com dificuldade; quando chegava a casa, queria logo sentar-se numa cadeira, para onde se atirava precipitadamente. Ficava aí durante longos e ofegantes minutos, à espera de recuperar o ânimo.

Cada vez mais segura da sua teoria, Dona Maria Albertina insistia que tudo aquilo eram provas evidentes de que um menino estava para nascer:

— Podem ter a certeza!

Voltava a pormenorizar as suas razões, repetindo que só um rapaz conseguia desfigurar tanto e daquela maneira o corpo da mãe:

— Eu não me engano. Fiquei precisamente assim na altura do Bruno Augusto.

Ninguém troçava já da explicação. Quando se sentia mais derreada e com dores nos rins, Inês comentava com azedume:

— Rapaz ou não, o que eu preciso mesmo é pôr cá fora este serzinho que pesa toneladas...

Julgando que ia ajudar, Ana Isabel observava:

— Pois é. Tens razão. Mas que hás-de tu fazer? Nós, as mulheres, fomos fadadas por Deus para dar à luz. É aguentar e ter paciência...

Inês não questionava esse desígnio. Concordava com a sogra, mas não resistia à tentação de acrescentar a propósito:

— Fomos fadadas, fomos, mas o Senhor Deus devia ter procedido com equidade, ora engravidando a mãe, ora engravidando o pai.

Incapaz de disfarçar a sua reprovação, Dona Maria Albertina intervinha de imediato:

— Oh, filha, que horror! Isso podia lá ser? Estás a ver o teu marido de barriga empinada?

Pedro entrava na conversa e comentava ironicamente a hipótese:

— Até era bom. Podia assim engordar de vez em quando...

A avó não achava graça:

— Que disparate! Cada um nasce para o que nasce e deve cumprir a sua sina.

Perguntava a seguir:

— Foste hoje ao médico? Está tudo bem?

Falava do Dr. José Fernandes, que viera quatro anos antes de Portugal, mais precisamente do Alentejo, e que ganhara logo fama de profissional competente, mas excêntrico.

Inês respondia:

— Fui, fui. Ele diz que estou óptima. Que espere e não esmoreca.

Dona Maria Albertina baixava a cabeça, calando para si o que pensava do clínico. Ouvira dizer que o homem era poeta, que passava horas e horas a declamar versos e a tocar piano; que muitas vezes, quando se irritava, respondia torto às clientes. Com todas essas manias, ele estaria à altura das suas obrigações?

— Confias nesse maluco?

Claro que Inês confiava. José Fernandes era de facto poeta e tocava piano, mas sabia do seu ofício. Não tinha realmente papas na língua; com a mesma entoação com que declamava versos, dizia aquilo que pensava:

— Oh, minha rica e estimada senhora!, isto de ser mãe é uma contabilidade biológica: tem os seus prazeres, mas também as suas dores!...

11

Portugal e os três movimentos de libertação reuniram-se na Cimeira do Alvor entre 10 e 15 de Janeiro de 1975, onde aprovaram o programa de transferência de soberania que deveria levar à independência de Angola.

Instaladas no Hotel Penina, no Algarve, as quatro delegações contaram com a participação de quadros altamente qualificados. Com o rigor e o pormenor julgados convenientes, elaboraram um documento extenso, que foi lido em voz alta na sessão de encerramento.

Determinou-se aí nomeadamente: a data da independência (11 de Novembro), a formação de um Governo de Transição (constituído por Ministros e Secretários de Estado representantes

de cada uma das partes intervenientes na negociação), a presidência rotativa do mesmo (cabendo apenas aos movimentos), finalmente a nomeação de um Alto-Comissário, incumbido de fazer respeitar tudo o que fora definido e acordado.

Preso ao *Philips* portátil que comprara na Sarel para ouvir as notícias quando andava na rua, Sebastião animou-se:

— Desta vez, a coisa vai!

A cena em casa repetia-se: ele sempre disposto a esquecer tudo o que sucedera antes, a mulher a dizer que estava farta de tantas promessas feitas, mas não cumpridas:

— Sim, sim, quero ver... Ora, ora, balelas!...

Sebastião observou:

— Agora é diferente. Há um documento escrito, que foi solenemente assinado!

Ana Isabel sorriu:

— Documentos escritos e assinados... O que são para além disso? Escrevem-se e assinam-se, e logo a seguir, dois ou três dias depois, desrespeitam-se e rasgam-se.

O marido que a desculpasse, que lhe não levasse a mal, mas ela nem a uma frase, nem a uma palavra, nem a uma letra sequer da declaração dava um nico de crédito:

— Os tiros não vão acabar. Vais ver.

Dona Maria Albertina sofria por ver a filha e o genro naquelas altercações que nunca tinham tido. Chamava os dois à razão: a hora era difícil, nenhum ganhava nada em tentar impor a sua vontade, só tinham de conversar calmamente e chegar a um entendimento. Para quê discussões e zangas numa altura em que se deviam dar as mãos?

Sebastião e Ana Isabel achavam que sim; mas daí a pouco, às vezes ainda no mesmo dia, no seu microcosmo doméstico, desentendiam-se como aqueles que criticavam duramente: cada um procurando convencer o outro, ora de que deviam partir, ora de que deviam ficar.

Mais uma vez e infelizmente, Ana Isabel tinha razão, como se verá.

Ainda em Janeiro e conforme o que fora estabelecido, o General Silva Cardoso tomava posse do cargo de Alto-Comissário; dias depois, o Governo de Transição iniciava as suas funções. Parecia até que tudo entrava na ordem e a paz viera para ficar.

Mas não viera.

Logo em Março, primeiro em Luanda, depois em outras cidades, o MPLA, a FNLA e a UNITA voltavam a confrontar-se. Numa espiral de violência nunca antes atingida, cada um reforçou a sua presença nas zonas respectivas de influência<sup>(\*)</sup> e expulsou daí os adversários.

As notícias davam conta de que raptos e mortes ocorriam por todo o território. O número de vítimas civis inocentes que perecia inadvertidamente às balas perdidas era dia a dia maior e prometia aumentar. Pouca gente não ficara já sem um membro da família, ou um amigo, ou um conhecido.

Se estava antes receosa, a população branca entrou então em pânico. À lufa-lufa e como podia, deixando para trás trinta, quarenta e mais anos de presença nos locais de residência, começou o êxodo para Portugal.

Sebastião desabafava com Ana Isabel, mesmo sabendo antecipadamente que não seria compreendido, nem apoiado, nem talvez ouvido:

<sup>(\*)</sup> O MPLA nos distritos de Luanda e Quanza Norte; a FNLA nos distritos do Zaire e Uíge; a UNITA nos distritos do Huambo, Bié e Moxico.

— As pessoas perderam a cabeça! Deixam-se enredar por boatos e relatos fantasiosos e desatam a correr que nem baratas tontas!

Remoía entre dentes:

— Caramba!... Não param para pensar...

Àqueles que, como o sogro do filho, Osvaldo Cruz, achavam que não valia a pena bater o pé nem remar contra a maré, porque a África era para os africanos, observava:

— Talvez seja, não discuto. Mas Angola é para os angolanos!

Interpretava e concluía:

— Para os angolanos como eu, que quase cá nasci.

Recordava ao comunista de outros tempos que Agostinho Neto pensaria o mesmo.

Osvaldo Cruz interrompia:

- Ora, ora, meu caro!... Como é que você sabe o que ele pensa ou deixa de pensar?
- Como é que eu sei?! É fácil: quem se casou com uma branca e tem filhos mulatos não pode proceder de outra forma.

Com o tom firme da voz, tentava provar como estava seguro do que dizia. Mas não estava; sincera e realmente, não estava. Como podia estar?

13

Estendido ao comprido na sua fachada rectangular e pesadona, o Hospital Central era uma construção enorme.

Numa época em que os especialistas do assunto defendiam já que estabelecimentos menores satisfaziam melhor a prestação de cuidados de saúde, porque se tornavam mais fáceis de equipar e gerir, o prédio era aquele mamarracho imenso, situado em frente da Avenida Salvador Correia.

Não obstante o seu gigantismo, ou talvez por causa dele, fora desde a inauguração o orgulho dos neolisboetas, que o tomavam como exemplo e lhe não regateavam elogios.

— Um prédio e tanto! Como precisávamos!

Foi para aí que Inês entrou numa manhã de domingo, quando se apercebeu de que ia dar à luz.

Avisada pelo genro, Maria Cândida veio logo e estava agora mais nervosa do que a filha. Andando no quarto de um lado para o outro, com as mãos ora à frente do peito ora atrás das costas, perguntava insistentemente:

— Tu estás bem?

Inês não queria parecer piegas. Respirava fundo e disfarçava as dores enormes que sentia; enrodilhada por baixo do lençol, respondia:

- Estou, mãe, estou bem. Não se preocupe.
- O Dr. José Fernandes chegou daí a pouco. Bem-disposto como de costume, avançou logo uma piada a propósito:
- Cá estou eu novamente preparado para ajudar a povoar o mundo...

Como gostava de explicar aos colegas, aquele seu comentário tão prosaico tinha o condão de acalmar qualquer parturiente receosa, que percebia assim que era só mais uma mulher a contribuir para o aumento da Humanidade.

Vinha de bata branca, com o estetoscópio pendurado ao pescoço, que balançava com a mão de um lado para o outro.

— Vá, vá, quero toda a gente fora daqui, porque preciso de examinar esta senhora.

Chamada assim de «senhora», Inês achou que José Fernandes falava de outra pessoa. Um equívoco passageiro, que o médico desfez de imediato, quando a fitou carinhosamente e lhe perguntou:

— Pode ser? Posso ver como o bebé se porta aí dentro? Inês respondeu:

— Claro, Dr., claro, com certeza.

Do outro lado da porta, no corredor de paredes nuas e piso de marmorite, Osvaldo Cruz, Ana Isabel e Pedro não disfarçavam a sua excitação. Tal como Maria Cândida, pareciam preocupados.

Osvaldo Cruz procurava mostrar-se à altura das circunstâncias. Passava a mão pela barba que não fizera ainda e garantia que ninguém tinha motivos para se afligir. Repetia isso sem parar, revelando assim que era ele que estava realmente aflito; pelo menos, tanto como os outros.

O médico saiu do quarto de rosto fechado, a testa franzida, sem a descontracção habitual:

— O parto está atrasado. Vai ainda demorar.

Não entrou em explicações. Fez uma pausa e repetiu:

— Vai demorar. Bastante, bastante...

Chamou uma enfermeira que passava ali por acaso. Pegoulhe no braço e disse-lhe qualquer coisa em voz baixa. Sem se virar para trás, estugou o passo e foi-se embora.

Sebastião acabara de chegar.

- Então? Está tudo em ordem?

Ninguém podia responder. Ana Isabel informou:

— Acho que sim. Não sabemos. O médico diz que temos muito que esperar.

14

As horas foram passando, José Fernandes entrou e saiu do quarto várias vezes, repetiu os exames que julgou convenientes, declarando sempre que o parto continuava atrasado. Era lacónico nas informações:

— O primeiro filho é assim. Leva o seu tempo...

Nem mais uma palavra. Enfiava as mãos nos bolsos da bata,

atravessava a porta em passo apressado e desaparecia pelo corredor.

Cada vez mais nervosa e sem se conformar com aquela explicação, Maria Cândida perguntava:

— O Dr. considera normal esta demora? Tantas horas à espera?...

O médico repetia o que dissera já:

— O primeiro filho é assim. Leva o seu tempo...

Deitada ao comprido na cama articulada, Inês não disfarçava como se sentia exausta. A testa perlada de gotas de suor, os olhos encovados, a boca fechada mordendo os lábios, o cabelo em desalinho, toda ela se contorcia quando as dores eram maiores.

Pedro não sabia o que fazer. Pegava-lhe na mão, beijava-a muito, sussurrava-lhe aos ouvidos:

— Pronto, pronto, minha querida, vai passar! É só mais um bocadinho, vais ver...

Grandes ou pequenos, melhor ou pior apetrechados de pessoal e equipamento, os hospitais são sempre depositários de desesperos ou de esperanças: dos que perdem aí um ente querido ou dos que assistem à recuperação de quem parecia já condenado. São também campos de batalha para médicos e enfermeiros, que lutam contra a doença e contra a morte. Uns e outros põem então à prova tudo quanto aprenderam nos livros e manuais; mas até os mais habilitados, que dominam bem o seu ofício, são muitas vezes obrigados a reconhecer que as batalhas, não importa com que armas nas mãos, ora se ganham, ora se perdem.

A meio da noite, quando concluiu por fim que o parto não se resolvia naturalmente, José Fernandes mandou preparar o bloco operatório, convocou o colega anestesista e submeteu Inês a uma cesariana. Mas era tarde. Talvez porque fora excessivamente adiada, a intervenção não conseguiu salvar nem a mãe nem o filho, que acabaram por morrer.

Acabrunhado e triste, o médico veio dar a notícia. Não sabia o que dizer:

— Não pude fazer nada... Uma infelicidade... Lamento, lamento muito!

Maria Cândida começou a gritar.

— Não pode ser! É mentira! É mentira!

Abraçou-se a si própria, dobrou-se sobre a cintura, toda ela um choro irreprimível:

— É mentira! É mentira! É mentira!

Como a mulher, Osvaldo Cruz chorou também: mas baixinho, de olhos postos no chão. Como é que aquela tragédia podia acontecer? Como é que a sua «boneca», a sua «princesa», a sua «pequerrucha», que alguns anos atrás, ainda criança, lhe saltava às cavalitas e o cobria de beijos; como é que ela lhe dava aquele desgosto?

— Minha filha, minha menina!...

Pedro não gritou, não chorou, nem sequer abraçou os pais e os sogros. Foi sozinho para a rua, levantou a cabeça e fitou lá em cima o céu enluarado, onde podia contar as estrelas uma a uma.

Fechou os olhos e ouviu:

— Vês? Ali, ali, à direita!

Inês esticava o dedo e apontava:

— Vês?

Pedro não via.

Inês de novo:

 — À direita, mesmo ali à direita! Repara: é o Cruzeiro do Sul.

Flectia o tronco para trás, pousava depois as mãos sobre o ventre dilatado e suspirava longamente:

— Gosto de olhar para as estrelas! Li num romance qualquer que dá sorte e traz felicidade.

De estola ao pescoço, o Padre Moutinho mandou fechar os caixões. Na sua voz fanhosa e engrolada, rezou as orações adequadas à circunstância; sem resistir aos apartes que gostava sempre de fazer, evocou Inês e recordou o que não devia:

— Eu a casei, eu a enterro.

Tinha razão. E tinha pressa também, porque ainda nesse dia, na Secretaria da Câmara Municipal, deveria apresentar uma reclamação contra a cobrança de uma taxa que considerava indevida.

Para além da família mais chegada, poucas pessoas se incorporaram no cortejo. Dos amigos e conhecidos, muitos tinham já deixado a cidade, outros esperavam provavelmente no aeroporto pelo avião da TAAG<sup>(\*)</sup>, em que deveriam partir.

Nova Lisboa despovoava-se. Pastor zeloso do seu rebanho, o Padre Moutinho preocupava-se ainda com o pagamento de emolumentos injustos e protestava contra tais extorsões; mas as suas ovelhas brancas (não só elas, mas também as das paróquias restantes), amedrontadas pela guerra civil, desejavam apenas estar longe dali.

Avenida Silva Carvalho, Avenida Paiva Couceiro, Avenida Norton de Matos, Praça Manuel de Arriaga, Avenida Ferreira Viana (o renque de casuarinas ornando o passeio público), o cortejo avançava a caminho do cemitério. No carro funerário, junto dos caixões, Maria Cândida e Osvaldo Cruz, com os olhos pisados e papudos pelo choro; Pedro no banco da frente, ao lado do condutor, parecendo ausente.

<sup>(\*)</sup> TAAG: Trasportes Aéreos de Angola.

Tão ausente como ao longo das quase onze horas de vigília. Porquê tanta reza, tanta cerimónia, tantas palavras de circunstância («Os meus pêsames!», «As minhas condolências!», «Sinto muito!», «Lamento imenso!»), se nada disso conseguia trazer o seu amor de volta?

Postos fora da viatura, os caixões foram levados para junto da campa onde deviam ficar sepultados; um por cima do outro, balançando nas cordas de sisal que os coveiros soltavam lentamente, desceram até baixo. Com um baque surdo, bateram no fundo.

A cambalear, outra vez aos gritos, Maria Cândida atirou-se para o braços de Osvaldo Cruz, que não parava de chorar e repetir:

— Minha princesa, minha pequerrucha!

Ana Isabel e Sebastião pediam em vão:

— Coragem!, coragem!

Mas quem encontrava coragem para suportar uma dor tão grande? Para uma desgraça assim?

Para os lados da Caála, uma rajada de metralhadora soou no ar húmido da tarde.

Sem se conter, alguém comentou:

— Estes gajos não se cansam de gastar balas. O que eles querem é matar-se uns aos outros!

Irritado ou furioso, acrescentou:

- Vão meter este país num banho de sangue.
- O Padre Moutinho arregaçou a manga da batina e viu as horas no relógio de pulso. Lamentava, mas que remédio?, tinha de regressar:
- Desculpem, desculpem, estou atrasado, tenho de ir embora.

Outra rajada de metralhadora. Mas mais perto, agora muito mais perto.

A História registará mais tarde que o êxodo dos brancos não parou mais. Para Portugal ou outros destinos, cerca de 600 mil pessoas deixaram Angola antes da independência.

Preocupados com o facto, Agostinho Neto, Holden Roberto e Jonas Savimbi tentaram suster essa hemorragia demográfica, que despovoava o território e arrastava consigo quadros qualificados necessários às tarefas do desenvolvimento.

Em 15 de Junho, em Nakuru, no Quénia, tentaram renegociar uma trégua e pôr-se de novo de acordo, em busca de um compromisso político de unidade nacional. Mas sem sucesso. Ainda eles não haviam regressado da viagem, já os seus exércitos retomavam os combates e se digladiavam tão assanhadamente como antes; nas cidades e vilas, já os tiros das espingardas ameaçavam mais uma vez quem andava na rua.

Com equipamento e contigentes próprios enviados para os teatros de operações, países estrangeiros haviam internacionalizado o conflito. Depois do esforço empreendido, nem Cuba e os países de Leste, do lado do MPLA, nem a República do Zaire, que apoiava a FNLA, nem a República da África do Sul, aliada à UNITA, estavam interessados em suspender a luta antes da derrota completa dos seus opositores.

Sebastião não tinha agora quaisquer dúvidas. Para salvar a família, devia ir embora. Não queria então nem quisera nunca tomar essa atitude, mas entendia finalmente que estava a pôr em risco a vida daqueles que amaya.

Fora ingénuo, confiara e atrasara-se. Quantas vezes Ana Isabel lhe pedira para acautelar o futuro e depositar na Metrópole algumas poupanças? Teimoso e convencido das suas certezas, batera o pé e respondera sempre que não. Que não!, que não!, que não!

Tinha de levar consigo, não só a mulher, o filho e a sogra, mas também o cunhado, Bruno Augusto. Tanta gente ao seu cuidado! Tentava salvar hoje o que podia, e o que verificava? Que podia pouco. Ou nada. Que regressaria a Lisboa quase tão pobre como embarcara de lá...

Exactamente: quase tão pobre, porque não ia meter na bagagem a Acessórios do Planalto, nem as casas de que era proprietário, nem sequer o dinheiro que guardava nos bancos...

Os gerentes davam sempre a mesma explicação: as restrições eram claras, ninguém podia transferir tudo de uma vez.

Sebastião perguntava:

— E agora?

Todos lamentavam:

— É chato, é... Mas terá de ter paciência e enviar mês a mês a quantia autorizada.

Mês a mês?! Mas como?! Se ele tinha passagens marcadas para a semana seguinte?

— Informe-se. Proceda como os outros... Há gente por aí que desenrasca quem precisa. Parece que cambia a massa por moeda forte: escudos do Puto, até dólares!, até francos! até marcos!

Ele não queria acreditar:

— O quê?! Apanhar um pontapé no mataco[gl] e ser ainda forçado a negociar com os agiotas?! Não caio nessa!

Mas caiu. Revoltado, indignado, desesperado, porque só assim, como teve de reconhecer, juntaria o que chamou de uma «insignificância», uma «ridicularia», umas «migalhas».

17

De novo a morar em casa dos pais, Pedro parecia indiferente a tudo o que se passava.

Levantava-se muito cedo, às vezes mesmo de madrugada, fazia ou não a barba, punha-se depois em frente da janela que dava para o quintal, e era precisamente aí, de pé, com as mãos cruzadas atrás das costas, que permanecia horas e horas seguidas, sem esboçar um gesto nem articular um som.

Ana Isabel sofria por ver o filho naquele estado. Tentava controlar-se, guardar para si a sua mágoa. Por vezes, quando não conseguia calar aquilo que sentia, desatava a chorar.

— Não sei o que fazer. Custa tanto!

Dona Maria Albertina vinha dar uma palavra de conforto:

— Ele sofreu muito. É preciso compreender e deixar o tempo correr...

Não chegava a acabar a frase; ela própria se desfazia em lágrimas:

— Uma tristeza! Uma infelicidade!

Cada refeição era um tormento: Pedro exaltado a dizer que não queria comer, a mãe e a avó insistindo que «Isso é que não!», porque passar fome só piorava as coisas. Precisava de se alimentar. Pelo menos um caldo!, uma peça de fruta!

- Não tenho apetite!

À noite, para se deitar, a mesma resistência:

— Não tenho sono!

Acabava por transigir. Sentava-se à mesa e metia-se na cama, se não à força, pelo menos contrariado.

18

Retornar a Portugal... Sebastião admitira tudo, menos isso. Ter de encarar a tia Maria do Patrocínio, com a língua afiada do costume. Ela lamentaria o facto, mas com os comentários a propósito («A sorte é caprichosa, tão depressa dá, tão depressa tira...»). Coçando a cabeça, o tio Felisberto esfregaria o queixo e concordaria («Pois é, infelizmente...»).

Mais do que perder o património, Sebastião temia bater à porta da casa dos tios, olhá-los de frente e confessar-lhes que vinha de África pouco melhor do que fora. Que vergonha, meu Deus! Que vergonha!

Quis trespassar a Acessórios do Planalto, mesmo por uma quantia irrisória, mas em vão. Perdera a oportunidade. Quem é que naquela altura se metia em negócios?

Quando percebeu que não resolvia o problema, promoveu um empregado de balcão a sócio-gerente. A ideia era convencer o homem a permanecer em Nova Lisboa, para manter o estabelecimento. Um expediente de última hora, de quem estava já com a corda na garganta.

Celibatário por vocação e sem quaisquer compromissos familiares, o empregado ficou delirante com a deferência e prometeu portar-se à altura.

«Portar-se à altura...» Sebastião sabia bem que aquilo eram só palavras da boca para fora. Quando a situação piorasse e as granadas rebentassem por perto, o empregado de ontem e sócio-gerente de hoje fugiria da loja que nem benguelinha de gaiola aberta. A seguir... a seguir... a Acessórios do Planalto, que fora primeiro um sonho, depois uma canseira, por fim uma cacimba inesgotável de lombongo, desapareceria na voragem.

Ocupada de mais a tratar da partida, sempre preocupada com o filho, de que não se afastava um momento, Ana Isabel não escutava já as cogitações do marido. Ajudada pela mãe, tentava meter nas quatro malas que comprara no Marta da Cruz aquilo que podia.

# NA BABUGEM DO ÊXODO

Como acontecia ultimamente, o *Friendship* da TAAG ia cheio: homens, mulheres e crianças que se encontravam diariamente nos bares do Baptista e do Haiti, nas escolas e nos colégios, nos mercados da Baixa e da Alta. Como Sebastião e o resto da família, gente que se conhecia bem e carregava na bagagem de mão um peso superior ao que devia; pessoas que haviam enfiado à pressa nas mochilas um objecto qualquer, talvez um álbum de fotografias, ou uma imagem de santo, ou um *bibelot* da sala-de-visitas, coisas provavelmente sem valor, mas que não queriam perder nem deixar para trás.

Os homens pareciam envergonhados. Com ar sério, o rosto fechado, seguiam as instruções da hospedeira e sentavam-se nos seus lugares. Eles sabiam que a sua presença ali testemunhava a falta de coragem que tiveram para enfrentar a situação. Não valia a pena inventar desculpas nem fingir: a verdade é que fugiam com medo.

Quem é que não tinha medo? Não só das balas das espingardas e das granadas dos morteiros, mas também dos dias que estavam para vir?

No momento da chegada, teriam alguém à espera? Um parente? Um amigo? E depois?... No dia seguinte, que iriam fazer? Procurar emprego? Mas onde? Em quê? Sem nenhuma recomendação, quem lhes daria trabalho? Quem lhes estenderia a mão?

As perguntas eram muitas. E a maior delas, aquela que não saía nunca da cabeça, que todos faziam à noite quando adormeciam e repetiam de manhã quando acordavam, essa que martelava nos ouvidos durante o dia inteiro — era para que contingências, ou atribulações, ou desgraças estavam realmente guardados?

Do *cokpit* do avião, o comandante cumprimentou os passageiros pelos altifalantes: com a ajuda do pessoal de bordo, indicou a localização das saídas de emergência, explicou como vestir e usar correctamente os coletes de salvação, como pôr sobre a boca e o nariz as máscaras de oxigénio. Antes de se despedir, referiu a temperatura exterior do ar e anunciou o tempo de duração do voo.

Oito, nove, dez minutos mais tarde, o *Friendship* avançou lentamente na pista em busca do sentido do vento. Parou alguns metros adiante, levou os motores à potência máxima, retomou a marcha, que era agora uma corrida, cada vez mais veloz, mais trepidante, mais barulhenta, até que descolou por fim. Ganhou altura, sobrevoou a cidade, subiu de novo, até que se perdeu no céu azul.

2

Luanda encontrava-se em estado de sítio.

Depois dos combates violentos travados nas semanas anteriores, o MPLA conseguira expulsar da cidade a FNLA e a UNITA. Mas ninguém sabia até quando, porque ambas se reagrupavam agora para assaltar a capital antes da data da independência.

Constava à boca cheia que o ELNA descia do Norte, reforçado por contingentes da República do Zaire; que as FALA subiam do Sul, apoiadas por efectivos da República da África

do Sul. À maneira de uma tenaz gigantesca, os dois exércitos tentavam a todo o transe evitar que Agostinho Neto, em 11 de Novembro, protagonizasse sozinho a transferência de soberania.

Àquela hora adiantada da noite, na fila que coleava a caminho do *Jumbo*, os passageiros em trânsito (os que tinham vindo de Nova Lisboa e os de proveniência local) ouviam nitidamente a artilharia que troava já no Caxito<sup>(\*)</sup>. Nervosos, aos empurrões, sozinhos ou acompanhados, o que todos ansiavam naquela altura era entrar no avião e partir rapidamente.

Desde que haviam saído de casa na véspera, Sebastião e Ana Isabel falavam pouco um com o outro. De propósito ou por acaso, pareciam ignorar-se: cada um metido nos seus pensamentos, sem disposição nem vontade para dizer fosse o que fosse.

Falar para quê? Para repetir que estavam tristes? Que tinham a alma e o coração vazios? Que iam ali levados à força, que nem gado tocado à vara? Falar do filho? De que ele não vivia mais, mas vegetava?

Preocupada e sem muito jeito, Dona Maria Albertina tentava quebrar esse silêncio. Voltava à sua de que a hora era dificil, que a filha e o genro não deviam zangar-se, mas dar-se as mãos, enfrentando em conjunto aquela provação:

— A união faz a força! Não se esqueçam disso.

Ana Isabel garantia que não estava zangada:

- Não estou, não.

Sebastião confirmava:

- Nem eu.

O que era até verdade. Mas ambos sabiam bem que ela o avisara repetidamente do que podia suceder e que ele a contrariara

<sup>(\*)</sup> Vila situada não muito longe de Luanda.

sempre com palavras ásperas. Não estavam de facto zangados, mas nem um nem outro conseguiam esquecer assim tão depressa as suas divergências. O que deixavam aliás transparecer no rosto, sobretudo nos olhos: nos dela como uma censura, nos dele como um remorso...

3

Como no *Friendship*, o comandante do *Jumbo* desejou a todos uma boa viagem; pelos altifalantes, quase com as mesmas frases, fez os avisos que devia fazer, referiu também a temperatura exterior do ar e o tempo de duração do voo.

Na noite de Cacimbo que caíra há muito, o avião rolou pela pista e descolou.

As hospedeiras começaram daí a pouco a servir uma espécie de jantar retardado. De avental sobre a farda, avançavam como que aos repuxões pelo corredor estreito; ora à esquerda, ora à direita, distribuíam pelos passageiros os tabuleiros que retiravam dos carrinhos de apoio. No fim, uma chávena de café ou de chá, conforme a preferência de cada um.

Num banco lá atrás, alguma mãe tentava calar o seu bebé, que chorava sem parar:

— Ó!, ó!, ó! Meu menino, dorme, dorme!

Insistia quase num murmúrio:

— Fecha esses olhinhos, vai até Belém, sonha com Jesus, que sonhar faz bem!

Sebastião ouvia o choro do bebé e a litania da mãe: primeiro nitidamente, depois nem tanto:

— Fecha esses olhinhos, vai até Belém, sonha com Jesus...

Ele é que sonhava certamente:

Com a mulher, o filho e a sogra, estava no Lobito, no Hotel Terminus, onde costumava passar férias todos os anos. Era em Dezembro, ao fim da tarde. Para se refrescar do calor que fazia ainda, fora até à praia.

O mar vinha em ondas alterosas e rebentava com fragor sobre a areia. Mas não se desfazia só em espuma, porque trazia consigo destroços de algum naufrágio: pedaços do casco de um navio, os corpos dos que se afogaram, tudo misturado, gelatinoso e boiando na água, como uma babugem macabra. De repente, os corpos que vinham de longe não eram mais os dos náufragos, mas os dos passageiros do *Jumbo*. Todos estavam presentes: os que vinham já de Nova Lisboa, os que embarcaram em Luanda, e o bebé que chorava, e a mãe que tentava calá-lo, e as hospedeiras de bordo com os lábios pintados. Até o comandante da tripulação, com o barrete enfiado na cabeça, de barriga para baixo, com os braços em cruz. E Aristides, e Mula Manca, e Nhareia, com os peitos cortados ao meio. Até Jota-Jota, com a barba por fazer, deitado no caixão de mogno em que fora a enterrar.

Alagado em suor, o coração a bater desordenadamente no peito, Sebastião sonhava; consciente do seu sonho, queria acordar, libertar-se daquele pesadelo, abandonar a praia cheia de destroços e cadáveres, mas não podia, porque Jota-Jota lhe perguntava em tom de súplica e repetidamente:

« — Vai deixar-me aqui? Leva a minha mulher, os meus filhos e o meu neto, e vai deixar-me aqui? Como é capaz?...»

A caminho do WC, um velho avançou aos tropeções pelo corredor. Sem muito respeito pelos que dormiam, começou a tossir.

Alguém pediu:

— Pouco barulho!

Sebastião acordou. Estremunhado, esfregou os olhos com as costas das mãos; aos poucos, foi-se adaptando à meia-luz do ambiente.

Levantou o braço para ver as horas no relógio de pulso. Seis da madrugada. Mais um pouco e aterrariam em Lisboa.

Outra vez a mesma dúvida, outra vez a mesma interrogação. E depois?...

4

Para responder a necessidades urgentes dos retornados que vinham de África, o III Governo Provisório criara o IARN<sup>(\*)</sup>, que se encarregava de apoiar quem chegava a Portugal em condições precárias de sobrevivência.

Os serviços prestados compreendiam medidas como a doação de subsídios pecuniários de emergência, a prestação de cuidados de saúde, até a concessão de pensões de velhice e invalidez. Facultavam-se também verbas para a aquisição de habitação e mobiliário; numa primeira fase, para a alimentação e o alojamento daqueles que careciam de ambos. Recursos vultosos do orçamento do Estado foram destinados a projectos e experiências de reintegração profissional.

Não obstante as intenções dignas de apreço, os apoios tinham sido entretanto mal prestados; pior ainda, desviados dos seus objectivos. As notícias que circulavam a tal respeito punham cada vez mais em causa a utilidade de um organismo público que permitia a alguns funcionários sem escrúpulos aproveitar-se da indigência alheia.

Não era já novidade para ninguém que muita gente enriquecia à custa do Instituto. De Norte a Sul do país, hotéis esgotavam as lotações, recebiam do Governo milhares e milhares de contos, mas não alimentavam nem acomodavam dignamente os seus hóspedes. Comentava-se por todo o lado que partes subs-

<sup>(\*)</sup> IARN: Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais.

tanciais das quantias recebidas iam de imediato para as contas privadas dos proprietários hospedeiros.

Em artigos e entrevistas de opinião, a Imprensa, a Rádio e a Televisão haviam já denunciado os abusos ocorridos, pedindo a intervenção urgente da Secretaria de Estado de tutela. Mas sem sucesso, pelo menos até aí.

Nessa manhã de fins de Julho, os passageiros do *Jumbo* que aterravam em Lisboa corriam pois o risco de ficar em qualquer desses hotéis contratados, onde iriam permanecer meses sem conta, sujeitos ao arbítrio e à ganância de quem se preocupava apenas com os interesses próprios.

Junto de que repartição, com que resultados e como poderiam então protestar contra o facto? Veriam satisfeitas as suas reclamações ou iriam engrossar as filas em frente dos *guichets* à espera de um deferimento que não vinha?

Quem passara antes pela experiência afirmava que não valia a pena, que era tempo perdido, que se estragava tinta e papel para nada:

- Os gajos recebem o documento, fingem que lêem, rabiscam lá uma treta, e pronto! A gente que espere em casa pela resposta...
  - E a resposta vem?
- Qual vem qual quê! Os gajos são uns sacanas! Olhamnos de cima a baixo, conversam uns com os outros, alguns até se riem. Não se descosem, mas acham que nós andámos a vida inteira a explorar os negros!

Repetia:

— Uns sacanas!

5

Com o que negociara com os agiotas, Sebastião tinha ainda

conseguido trazer na carteira as tais «migalhas» de que falava; com essa «insignificância», como dizia também, podia instalar-se de novo na Pensão Areeiro e não precisava de recorrer ao IARN.

Ana Isabel discordou outra vez. Achava que pagar um alojamento que poderia ser gratuito era deitar dinheiro fora: um orgulho fátuo, numa ocasião em que deviam contar os tostões. Eles não eram retornados? Por que não seguiam o exemplo dos outros e aproveitavam a ajuda do Governo?

— Porquê? Ora essa!...

Sebastião dava as suas razões:

— Não sou nenhum indigente nem aceito esmolas. Até tremo só de pensar em estender a mão àqueles que nos desgraçaram!

Não era o único que pensava assim. Muitos dos que desembarcavam diariamente na Portela de Sacavém tinham essa opinião. Cada um à sua maneira, criticavam os políticos e compartilhavam a mesma versão dos factos: haviam sido Costa Gomes, Mário Soares, Álvaro Cunhal, Almeida Santos, Rosa Coutinho, especialmente o Movimento das Forças Armadas, Otelo Saraiva de Carvalho e os Capitães de Abril os responsáveis pela sua tragédia.

— Eles é que nos perderam! Eles é que nos traíram! Eles é que nos venderam!

«Eles, eles, eles...» Nenhum admitia a hipótese de que os acontecimentos de agora eram a consequência das obstinações de antes: de Marcelo Caetano, sobretudo de Oliveira Salazar, que não quiseram nunca perceber que a África se libertava do jugo colonial, e que nem Angola, nem Moçambique, nem a Guiné, nem Cabo Verde, nem São Tomé e Príncipe seriam uma excepção. Que a frase do «orgulhosamente sós» podia ser pronunciada continuamente e com toda a convicção, mas não parava a História.

Como afirmava alto e bom som, Sebastião recusava qualquer ajuda do Governo. Ninguém tinha o direito de lhe impor tal humilhação:

— Está decidido. Vamos para a Pensão Areeiro. É lá que ficaremos; pelo menos, por enquanto.

Mas a Pensão Areeiro era ou parecia ser agora muito diferente.

Embora mais velha, Dona Alice da Conceição continuava a gerir tudo com a eficácia do costume, a vestir-se como quem vai a uma festa, a inspeccionar com rigor o serviço das criadas. Da sua boca de lábios pintados, escondera entretanto o sorriso que dedicara outrora aos clientes do Ultramar, não os tratava com a deferência de antigamente e destinava-lhes os aposentos piores.

Ana Isabel quis ocupar os quartos de 1959, com janelas viradas para a praça. Dona Alice disse logo que não, que não podia ser, porque essas dependências eram para clientes habituais, que costumavam passar lá parte do Verão. Que lamentava, mas tinha os seus compromissos...

Logo no segundo dia, foi desabrida e grosseira com Dona Maria Albertina, que se queixara de uma torneira do lavatório da casa de banho, que pingava a noite inteira e não deixava ninguém dormir.

— Que é que a senhora quer? Quem esteve nesse quarto foi também um casal vindo de Angola, que não pagou as mensalidades e eu tive de pôr na rua. Uns caloteiros: deram-me cabo da paciência e estragaram-me a canalização!

Não ficou por aí. Abanando a cara com o leque de penas comprado em Badajoz, concluiu:

— Eu não tenho agora pessoal habilitado para resolver o problema. Se quiserem sair, ir embora para outro lado, façam favor. Estejam à vontade: eu compreendo perfeitamente e não levarei a mal...

Dona Maria Albertina corou de vergonha e calou-se. Não

informou a filha e o genro do sucedido. Para quê? Tinha só de engolir a afronta, e pronto! Que remédio...

6

Nesse Verão duplamente quente, não só pela temperatura da estação, mas também pela agitação social que dominava o país, o Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves radicalizava o discurso político e alimentava o PREC(\*). Acusava sem contenção todos os que pactuavam com as tentativas reaccionárias de subverter a Revolução.

Uma manifestação a propósito de alguma medida tomada, uma discordância a respeito não importava de quê, e ele perdia completamente a cabeça: aos gritos, gesticulando com veemência, vociferava contra aqueles que chamava de fascistas, inimigos do povo e saudosos do passado. O Partido Comunista batia palmas e apoiava, pichando nos muros e paredes dos edificios as palavras de ordem: «FORÇA, FORÇA, CAMARADA VASCO, NÓS SEREMOS A MURALHA DE AÇO», «O POVO ESTÁ COM O MFA».

Com que MFA, se este não era já o que fora alguns meses atrás? Fracturas internas quebravam agora a coesão inicial e levavam à formação de grupos com ideias e propostas diferentes. Tornava-se evidente até para o cidadão comum que muitos projectos eram aí contraditórios e serviam apenas para extremar posições.

No início de Agosto, as divergências subiram de tom e le-

<sup>(\*)</sup> PREC: Processo Revolucionário em Curso.

varam nove elementos do Conselho da Revolução a publicar no Jornal Novo uma exposição dirigida ao Presidente da República<sup>(\*)</sup>. Sem receio das palavras e com a clareza conveniente, criticaram então em letra de forma o rumo que os acontecimentos estavam a tomar.

Os autores do documento eram sobejamente conhecidos pelo papel desempenhado no derrube da ditadura, de modo que a sua denúncia desencadeou logo reacções. Em declarações feitas a propósito, o PS, o PPD e o CDS elogiaram a coragem manifestada pelos subscritores, que pugnavam assim por repor o 25 de Abril no caminho de que andava desviado.

Na Pensão Areeiro, muitos hóspedes respiraram de alívio e aplaudiram igualmente a iniciativa:

— Até que enfim! Os militares moderados tentam chamar o país à razão. Não era sem tempo!...

Sebastião concordava, mas parecia pouco interessado no assunto. O que ele gostava mesmo de saber então era o que sucedia em Angola, especialmente em Nova Lisboa, onde deixara tantos problemas por resolver...

Infelizmente e para seu desgosto, o que ia ouvindo a tal respeito era desanimador.

Na praça do Rossio, em frente do Pic-Nic, aqueles que continuavam a chegar traziam notícias cada dia piores. Antigos comerciantes das cidades e do mato, ex-funcionários públicos já integrados no Quadro Geral de Adidos<sup>(\*\*)</sup>, até ex-quadros

<sup>(\*)</sup> O «Documento dos Nove», subscrito por Franco Charais, Pezarat Correia, Vítor Alves, Melo Antunes, Costa Neves, Canto e Castro, Vítor Crespo, Vasco Lourenço e Sousa Castro.

<sup>(\*\*)</sup> Criado em Janeiro de 1975 para integrar na sociedade civil os servidores do Estado provenientes das ex-colónias que iam ascedendo à independência.

superiores da Administração Colonial pintavam o quadro de negro. Eram unânimes:

— Um desastre, um caos... É de partir o coração...

Por um parceiro de bilhar que encontrara por acaso no início da semana, Sebastião soube que o empregado de balcão promovido a gerente da Acessórios do Planalto fora denunciado à UNITA como simpatizante do MPLA. Avisado a tempo, tivera de fugir para Sá da Bandeira. O estabelecimento fora saqueado a seguir e fechara as portas.

7

A situação em Angola degradava-se de facto.

O Alto-Comissário, General Silva Cardoso, em desavenças contínuas com os representantes locais do MFA, demitira-se do cargo e fora substituído pelo Almirante Leonel Cardoso. Com os apoios cada vez maiores que recebiam de fora, os três movimentos chacinavam-se entre si. As condições de permanência dos portugueses no território deterioravam-se progressivamente. Era o fim...

Portugal dividia-se: entre aqueles que se interessavam apenas pelo que acontecia no país e os que se preocupavam ainda com o que acontecia lá longe, onde familiares e amigos corriam risco de vida. Se uns achavam que Angola era uma questão que dizia respeito só aos angolanos, outros julgavam que o Governo deveria intervir, indo em socorro desses compatriotas ameacados.

Com o saque e o encerramento da Acessórios do Planalto, Sebastião ficou ciente de que nenhum dinheiro mais receberia de Nova Lisboa: aquele que conseguira à pressa trazer consigo (e por que preço!, e com que custo!) era pois o único de que dispunha daí para diante, e era pouco, muito pouco, pelo que não podia ser esbanjado.

Com os olhos marejados de lágrimas, a voz embargada pela comoção, comunicou a Ana Isabel:

— Vamos mesmo ter de aceitar a esmola do Governo e meter a papelada para o IARN. Temos de deixar a Pensão...

Uma garra ou mão invisível apertava-lhe a garganta, roubava-lhe o ar, congestionava-lhe as faces.

Ana Isabel dava conta dessa agonia. Também ela sofria: perdera a casa, a vida fácil que vivera, as grandes e as pequenas coisas que tivera; perdera sobretudo a certeza que experimentava antes de que o futuro estava garantido. Perdera tudo, mas não queria entrar em desespero:

— Não faz mal. Até é bom!... A Dona Alice começava já a irritar-me.

Quem duvida de que as pessoas atribuem prioridade às suas desgraças? Sempre que são confrontadas com mais do que um desgosto, é num em especial que elas concentram a atenção; fazem isso tão natural e intensamente que parece até que ignoram ou se esqueceram dos outros.

Para Ana Isabel, deixar a Pensão Areeiro, ficar instalada em algum lugar desagradável, sofrer aí faltas de conforto e de respeito — isso importava pouco quando comparado com a infelicidade de ver Pedro todos os dias cumprindo como um autómato as ordens que lhe davam: «Vem para aqui!», «Vai para ali!», «Senta-te!», «Levanta-te!».

Para o coração sensível de uma mãe, que mágoa maior podia existir?

# **EPÍLOGO**

Forçados pelas circunstâncias, Pedro e Bruno Augusto compartilhavam o mesmo aposento.

Ainda que parentes próximos, os dois tinham convivido pouco um com o outro. Em Nova Lisboa, encontravam-se nos dias de Natal e da Páscoa, nas comemorações dos aniversários, mas passavam muito tempo sem se ver. Claro que se estimavam; mas ainda que recíproco, o seu afecto era mais convencional do que sentido.

Quando se hospedou na Pensão Areeiro, a família distribuiu-se por três quartos: Sebastião e Ana Isabel no primeiro, Dona Maria Albertina no segundo, o sobrinho e o tio no terceiro.

Ana Isabel pediu a Bruno Augusto para cuidar atentamente do filho: que lhe desse o calmante receitado pelo médico antes de se deitar, o vigiasse durante o sono, lhe valesse em alguma aflição. Sobretudo, e ela repetiu isso com insistência, o obrigasse a ficar na cama até de manhã.

Bruno Augusto levou o pedido a sério. Tomou conta de Pedro com a diligência e o carinho de um pai; para espanto de todos, deu provas a tal respeito de que nem ele próprio se imaginava capaz. Ao pequeno-almoço, fazia o relato completo de como o sobrinho passara a noite.

Sempre ausente, Pedro cumpria as ordens que recebia: vestia o pijama, lavava os dentes na casa de banho, acabava aí a sua *toilette*. Tão obediente e respeitador como uma criança, deitavase por fim, virava-se para o lado e adormecia.

Mas não se comportou assim nessa noite. Teve um sono inquieto, acordou várias vezes, tentou repetidamente levantar-se e deambular pelo quarto.

Preocupado com aquela agitação, Bruno Augusto acendia a luz do candeeiro da mesa-de-cabeceira e perguntava:

— Então, então, o que é que tens? Precisas de alguma coisa?

Pedro não respondia, mas sossegava, ou dava mostras de sossegar. Meia hora depois, voltava a acordar e tentava de novo levantar-se.

Já de madrugada, começou a repetir palavras e frases sem sentido:

— Afonso IV! Ela! Ela! Foi para Alcobaça, está à minha espera!

Bruno Augusto não entendeu:

— O quê?

O sobrinho insistiu:

- Afonso IV! Ela! Ela! Foi para Alcobaça, está à minha espera!
  - O que é que dizes?

Pedro olhou o tio fixamente, sacudiu-o pelos braços, insultou-o com uma obscenidade, e perguntou-lhe, perguntou-lhe sem parar:

— O senhor sabe quem eu sou? Dom Pedro de Portugal, casado com Dona Inês! Ouviu? Percebeu? Sou Dom Pedro de Portugal, casado com Dona Inês!

Tão intrigado quanto preocupado, Bruno Augusto foi chamar Ana Isabel.

Sem vestir o roupão e calçar os chinelos, ela veio logo. E ouviu por sua vez as mesmas palavras e as mesmas frases sem sentido:

— A senhora sabe quem eu sou? Dom Pedro de Portugal, casado com Dona Inês!

Levava a mão à cabeça, fazia a continência e repetia:

- Afonso IV! Afonso IV!

Ana Isabel agarrou-se ao filho, abraçou-o, beijou-o muito:

— Pedro, Pedro, tu que tens? Não vês que me angustias? Olha para mim! Sou a tua mãe! O que é que tens?

Outra vez a mão à cabeça, outra vez a continência:

— Afonso IV! Afonso IV!

Outra vez a pergunta:

— A senhora sabe quem eu sou?

Sebastião e Dona Maria Albertina vieram também. E aos dois, como antes ao tio e à mãe, Pedro perguntou:

— Sabem quem eu sou? Dom Pedro de Portugal, casado com Dona Inês!

\* \*

Pedro enlouquecera e devia ser internado urgentemente num manicómio. Foi o que Dona Alice da Conceição aconselhou logo, observando a seguir:

— Ele tem de deixar a Pensão. No estado em que está, não pode continuar aqui. Lamento, mas compreendam: não tenho outra saída...

Com o coração desfeito, Sebastião e Ana Isabel compreenderam.

Veio a ambulância, vieram os enfermeiros, que eram dois — e ao primeiro, ao mais corpulento, que o segundo chamava de Diogo, Pedro atirou-se violentamente, aos socos, aos pontapés, aos urros:

— Diogo Lopes Pacheco! Ah, canalha!, ah, facínora! Mataste a minha Inês e fugiste para Espanha! Apanhei-te finalmente!

Puseram-lhe um colete de forças, tiraram-no do quarto aos tropeções, arrastaram-no até ao elevador. Já em baixo, afastaram os mirones que presenciavam a cena e entraram na ambulância.

À porta que dava para a rua, lavada em lágrimas, Ana Isabel viu a viatura partir: afastar-se, a sirenar, a sirenar, até se perder na confusão do trânsito que era já intenso àquela hora.

Fechou os olhos. O seu querido filho ia lá dentro: preso, amarrado, tratado que nem um ladrão.

Lembrou-se de Nova Lisboa, de uma manhã quente de Fevereiro, em que ela e Pedro passeavam de mão dada pelo Jardim da Alta. Pequenino e de bibe, o filho soltara-se e começara a correr. Alguns metros adiante, com os bracitos no ar, virara-se e dissera:

— Estou aqui!, estou aqui!

S. Francisco do Monte Estoril / Vila Nova de Cerveira / Balaia Novembro de 2002 a Setembro de 2005

# GLOSSÁRIO

# <u>aAaAaAaA</u>

**aca:** interjeição de espanto ou de irritação, conforme as situações; corresponde às formas portuguesas ena!, hein!, caramba!, irra!, chiça!

**adobe**: espécie artesanal de tijolo feito em barro cru, seco ao ar, que serve como material de construção.

**Agricultura**: horto da Câmara Municipal de Nova Lisboa, situado na periferia da cidade, para os lados do Bairro de Santo António, que vendia flores ao público.

**andaca**: o mesmo que discussão, altercação, na defesa de posições ou de interesses pessoais.

angolar: moeda que circulava em Angola na época referida no texto.

# bBbBbBbB

**bé**: corruptela de  $V\acute{e}$ , abreviatura de  $Ov\acute{e}$ , por sua vez aportuguesamento da palavra umbundo que significa tu.

**benguelinha**: pássaro canoro angolano, chamado também «canário africano», que pode viver em cativeiro. É muito apreciado pelo seu canto.

**bicanjo**: o contrário da cidade; o mesmo que mato. Vir do bicanjo é vir do mato.

**bico-de-lacre**: pássaro canoro angolano de bico vermelho (daí o nome), que pode viver em cativeiro.

**biliosa**: doença caracterizada por uma hipersecreção biliar seguida de hemorragias incontroláveis que levava geralmente à morte.

biquatas: os pertences domésticos que se podem transportar em malas

ou embalagens mais rudimentares.

burra: nome dado à bicicleta, com que rapazes e raparigas se desloca-

vam pela cidade.

cCcCcCcC

cacimba: o mesmo que poço; serve de reservatório de água para as ne-

cessidades domésticas, muito útil na época seca ou do Cacimbo.

Cacimbo: estação seca do ano, que vai de Junho a Setembro; designa

também o fenómeno meteorológico correspondente ao nevoeiro, que surge em geral pela manhã e ao fim da tarde, quando a temperatura do

ar baixa.

cafeco: rapariga púbere, que não teve ainda relações sexuais.

cama-couve: comboio para o transporte de mercadorias e hortaliças

destinadas aos mercados consumidores (daí o nome), com paragens obrigatórias em todas as estações e apeadeiros, que as pessoas utili-

zavam quando não queriam ou não podiam ficar à espera do comboio de passageiros.

camanga: nome dado ao diamante.

cambriquite: manta de tecido ordinário e grosseiro.

candimba: coelho.

canhangulo: arma de fogo como a espingarda, mas de fabrico artesanal.

capacete: peça de vestuário usado pelos brancos para proteger a cabe-

313

ça do sol; moldado em cortiça ou cartão prensado, podia ser forrado exteriormente de pano branco ou de caqui.

capim: estrato herbáceo compósito de gramíneas e mais espécies.

**capota**: ave selvagem, chamada também «galinha do mato»; ainda que rija, a sua carne é utilizada na alimentação.

**caqui**: tecido à base de algodão, de cor amarelo-ocre, castanha ou cinzenta, usado frequentemente na confecção de peças de vestuário.

catana: instrumento de corte com um cabo curto de madeira e uma lâmina longa de aço, que serve para o desbaste da mata e a capina, mas também de arma.

catiolo: feijão miúdo cultivado no Planalto Central e muito utilizado na alimentação.

catuítuí: pássaro canoro angolano, que pode viver em cativeiro.

Cavaco: zona próxima da cidade de Benguela, de terra de aluvião, cujo solo fértil é usado para o cultivo de plantas; a chamada «banana do Cavaco» era famosa e muito usada como sobremesa.

**chana**: superfície extensa de terreno coberto de gramíneas e de outras espécies herbáceas que abundam por toda a região do Planalto Central.

**chitaca**: terra de cultivo de dimensão variável pertencente a um ou mais proprietários, onde são cultivados produtos agrícolas ou criadas espécies pecuárias para o autoconsumo, mas também para vender no mercado.

chitaqueiro: o que é proprietário de uma chitaca.

conduto: o que acompanha o alimento que constitui a base principal da refeição, como carne, toucinho, chouriço, etc.

crueira: mandioca seca, preparada para o consumo diferido; o seu cheiro

intenso é inconfundível.

Cuando: rio que corre nas imediações de Nova Lisboa, onde o CFB cons-

truiu a barragem com o mesmo nome.

Curibeca: corruptela da designação umbundo dada à organização se-

creta da Maçonaria.

<u>eEeEeEeE</u>

etemo: enxada para a mobilização e os granjeios do solo, com dois

braços curtos para agarrar e uma lâmina côncava de aço para cavar.

Instrumento agrícola tradicional, é utilizado pelas mulheres no cultivo

da terra.

**fFfFfF** 

fronteira: designação dada à estação ferroviária de Vila Teixeira de

Sousa, que estabelecia a ligação de Angola com o território belga do

Catanga.

FTU: tabaco de pacote consumido na época, produzido pela Fábrica de

Tabacos Ultramarina, de que retirava o nome.

fuba: farinha que resulta do esmagamento do milho com o pilão. A fuba

é a base da alimentação dos povos que habitam o Planalto Central.

funge: farinha de mandioca cozida.

315

gGgGgGgG

galera: transporte de carga, feito com base no aproveitamento de uma carroçaria de camioneta, puxado por juntas de bois. Caravanas de gale-

ras percorriam extensões consideráveis do território da Colónia.

girassonde: (Pterocarpus angolensis) árvore cuja madeira resistente e

valiosa é muito utilizada no fabrico de mobiliário.

<u>iJjJjJjJ</u>

jindungo: chamado também piripiri, fruto usado abundantemente na

culinária angolana para dar sabor picante à comida.

**ILILILIL** 

lavra: fracção reduzida de terra arável, onde se cultivam o milho, o feijão, a batata-doce, a mandioca e outras espécies, em regime de con-

sociação.

licença graciosa: período de férias para gozar na Metrópole, com via-

gens pagas, concedido aos funcionários públicos e a empregados de algumas empresas privadas. Conforme os termos estabelecidos no con-

trato de trabalho, esse período compreendia vários meses e ocorria de

x em x anos.

loengo: fruto da árvore com o mesmo nome, de cor vermelha escura

quando está maduro; é utilizado no fabrico caseiro de compotas.

lombongo: dinheiro; ter muito lombongo é ter muito dinheiro, é ser rico.

mMmMmMmM

machimbombo: transporte colectivo de passageiros como o autocarro.

316

**mangonheiro**: o que faz mangonha (ou seja, preguiça); o homem mangonheiro é aquele que é preguiçoso, que não gosta de trabalhar.

marimbondo: insecto semelhante à vespa, mas de muito maiores dimensões. As suas ferroadas são temidas pela dor intensa que provocam.

**martrindinde**: insecto que anuncia a sua presença pelo trilo, tal como o grilo e a cigarra.

**mata-bicho**: ainda que utilizada também em algumas regiões de Portugal para referir o desjejum com um copo de aguardente, é a palavra usada em Angola para significar pequeno-almoço.

matabichar: tomar o mata-bicho, ou seja, o pequeno-almoço.

mataco: rabo, traseiro, cu.

**mato**: designação genérica da paisagem que fica para além da cidade ou das povoações. Dizer que alguém é do mato é o mesmo que dizer que não é desses centros urbanos, mas do interior.

**missangas**: contas de vidro que podem ser de várias cores. Enfiadas umas a seguir às outras, conforme o gosto do artesão, as missangas permitem obter colares que as mulheres usam como adereços para enfeitar o pescoço, os pulsos e os tornozelos.

**moambada**: prato típico angolano, que consiste de galinha ou peixe cozinhados com óleo de palma; conforme a região de confecção, é geralmente acompanhado com farinha de mandioca («funge») ou de milho («pirão»).

**moringue**: bilha de barro para conservar água, que arrefece aí por acção do ar exterior.

**mosquiteiro**: rede fina de tule que protegia as camas dos mosquitos transmissores do paludismo. Ainda aconselhável na época.

mucanda: carta, recado, notícia.

**mumué**: nome não vernáculo dado à *Julbernardia paniculata*, que abunda nas formações florestais autóctones do Planalto Central.

mupanda: nome não vernáculo dado à Brachystegia spiciformis.

# 0000000

**ômboa**: cão; «meter o rabo entre as pernas que nem um ômboa assustado».

**Outra Costa**: nome dado a Moçambique, já que este e Angola se encontram situados em costas marítimas diferentes.

# pPpPpPpP

**pacaça**: mamífero ruminante da família do búfalo, muito temido pelos caçadores.

**paludismo**: febre recorrente e muitas vezes mortal, cujo agente causal é introduzido na corrente sanguínea da vítima pela picada do mosquito *anophelis*.

**pexelim**: peixe seco ao sol e armazenado em fardos, que constitui o acompanhamento mais comum do pirão.

**picada**: estrada secundária, cujo piso irregular e maltratado dificulta o trânsito das viaturas.

**pintado**: tecido grosseiro e leve impresso com ramagens ou outros desenhos, usado habitualmente pelas mulheres negras como peça do vestuário.

**pirão**: farinha de milho cozida, base da alimentação da população autóctone do Planalto Central, que se faz acompanhar do conduto.

**Planalto (Central)**: região de Angola entre os 1000 e os 2000 metros de altitude, que abrangia os então designados distritos do Huambo e Bié.

**pópilas!**: exclamação equivalente a «ena!», muito usada em Angola pelos garotos e rapazes.

pungo: nome dado em Angola à corvina.

**Puto**: designação dada a Portugal pelos naturais da Colónia. Ir passar férias ao Puto era ir passar férias a Portugal.

# qQqQqQqQ

quinda: cesta feita de palha entrançada, de formas e tamanhos diversos.

**quinino**: nome vulgar da quinina, alcalóide principal extraído da casca da quina; sob a forma de sulfato, é utilizado em África como fármaco antipirético e antimalárico.

# **sSsSsSsS**

**sèculo**: homem de idade avançada, que é respeitado por ser velho, portanto pelo muito que viveu e aprendeu ao longo dos anos.

**sipaio**: negro integrado nos Serviços Administrativos da Colónia. Era o executor directo dos castigos aplicados aos seus irmãos de raça pela autoridade dos brancos.

soba: chefe tradicional com jurisdição reconhecida pelo seu povo.

**songue**: herbívoro de grande porte, cuja carne é muito apreciada na alimentação.

**surucucu**: víbora africana; venenosa como as da sua espécie, é responsável pelas mortes frequentes de pessoas e animais.

# **tTtTtT**

tchindér: designação dada pelos negros ao branco, sobretudo ao patrão.

**toqueia**: peixe seco ao sol e armazenado em fardos, que acompanha o pirão. O seu cheiro intenso é percebido de longe e imediatamente identificado.

**trinta-de-alto**: penico muito utilizado na época, com cerca de 30 cm de altura (daí o nome); tinha uma tampa para evitar durante a noite a dissipação do cheiro proveniente das fezes e da urina.

**tua**: ave pernalta de grande porte, cuja carne é muito apreciada na alimentação.

# <u>uUuUuUuU</u>

umbundo: língua banto falada por aqueles que pertencem ao grupo etnolinguístico com o mesmo nome. É a que regista o maior número de falantes.

# $\underline{vVvVvVvV}$

vissapas: vegetais herbáceos diversos reunidos sob essa designação.

# $\underline{xXxXxXxX}$

xifuta: o mesmo que fisga.

# zZzZzZzZ

Zig-Zag: marca de mortalha para cigarro consumida na época.

# CRONOLOGIA DE UMA CIDADE

(efemérides importantes da cidade que se chamou primeiro Huambo, depois Nova Lisboa)

# 1911

4 de Maio:

— É criado o Concelho do Huambo (DA) (\*).

8 de Setembro:

— É nomeada a Comissão Municipal do concelho recém-criado (DA).

# 1912

8 de Agosto:

— O Governador-Geral José Mendes Ribeiro Norton de Matos cria por portaria a cidade do Huambo (**DA**).

21 de Setembro:

— Norton de Matos inaugura oficialmente a cidade (DA).

## 1926

(?) de (?):

— Fundação da Associação Comercial do Planalto de Benguela (DA).

# 1928

1 de Setembro:

— Por determinação do Ministro das Colónias e conforme proposta do Alto-Comissário António Vicente Ferreira, a Carta Orgânica de Angola, no seu Título 1, dá à cidade do Huambo o nome de Nova Lisboa e instala aí a capital da Colónia (instalação que não passou do papel e nunca foi concretizada) (DA).

<sup>(\*)</sup> As referências registadas são assinaladas conforme a fonte de consulta respectiva: **DA** (documentação avulsa), **OP** (jornal «O Planalto»), **VP** (jornal «Voz do Planalto»). Muitas datas sobre pessoas e factos citados não foram possíveis de precisar.

# 1929

- (?) de (?):
- Instalação na cidade de uma Sub-Agência do Banco de Angola (DA).

## 1930

- 17 de Maio:
- Adolfo Pina funda o jornal «O Planalto» (OP).
- 31 de Julho:
- Tomada de posse nos Paços do Concelho da nova Comissão Urbana, que substituiu a que pedira a demissão ao então Governador-Geral Tenente-Coronel Bento Roma (OP).
- (?) de (?)(\*):
- Inauguração das Oficinas Gerais e do bairro residencial do Caminho de Ferro de Benguela (**DA**).

## 1931

- (?) de Outubro:
- Início da construção do edifício destinado à instalação do primeiro hospital (OP).
- (?) de Outubro:
- Alteração da designação da Associação Comercial do Planalto de Benguela para Associação Comercial, Industrial e Agrícola do Planalto de Benguela (OP).
- (?) de (?):
- Transformação da Sub-Agência do Banco de Angola em Agência (OP).

<sup>(°)</sup> A referência (?) de (?), esta e as seguintes, quando se regista depois de todas as outras relativas ao ano, não pretende sugerir qualquer colocação do facto no calendário do ano em causa, mas apenas que se desconhece o dia e o mês em que tal facto ocorreu.

*(?) de Maio:* 

— Concessão do terreno para a construção do campo de futebol do Sporting Clube do Huambo (OP).

1 de Agosto:

— O jornal «O Planalto» passa a chamar-se «Voz do Planalto» (VP).

### 1933

(?) de Março:

— As Comissões Urbanas deixam de existir e dão origem às Câmaras Municipais (DA).

3 de Abril:

— Abertura do Colégio Alexandre Herculano (VP).

8 de Maio:

— Inauguração da Comarca de Nova Lisboa (VP).

18 de Maio:

 O Capitão Carlos Alberto Nascimento e Silva é nomeado Presidente da Câmara Municipal (VP).

1 de Julho:

— Fundação de A Mutualidade de Angola (DA).

(?) de Setembro:

— Transferência para a cidade do Colégio Adamastor (VP).

## 1934

14 de Maio:

— Na reorganização administrativa do território de Angola, Nova Lisboa é designada para sede do então criado Distrito do Huambo, integrado na Província de Benguela (DA).

### 1935

12 de Janeiro:

 Ricardo Cândido Furtado Antas é nomeado Presidente da Câmara Municipal (VP).

- (?) de Junho:
- Morre Adolfo Pina, fundador do jornal «O Planalto» (VP).
- (?) de Junho:
- O Governador-Geral, Coronel António Lopes Mateus, visita a cidade (VP).
- (?) de (?):
- Inauguração da luz eléctrica na Baixa da cidade a partir da barragem do rio Cuando construída pelo CFB (DA).

- (?) de Abril:
- Inauguração da luz eléctrica na Alta da cidade (VP).
- (?) de Agosto:
- Instalação do Dispensário de Puericultura (VP).

#### 1937

- (?) de Outubro:
- Fundação da Academia dos Amadores de Música de Nova Lisboa (VP).
- (?) de (?):
- Criação do Colégio S. José de Cluny (VP).

#### 1938

9 de Fevereiro:

- O Tenente Eurico da Silva Ataíde Malafaia é nomeado Presidente da Câmara Municipal (VP).
- (?) de Abril:
- Inauguração da Casa de Saúde do Planalto, pertencente ao Dr. Eurico de Carvalho (VP).
- 12 de Junho:
- Tomada de posse da Comissão Concelhia da União Nacional (VP).
- 25 de Junho:
- D. Moisés Alves de Pinho, Bispo de Angola e Congo, visita a cidade (VP).

## 28 de Agosto:

 O Ministro das Colónias, Dr. Francisco José Vieira Machado, visita a cidade (VP).

### 1939

(?) de Maio:

- Inauguração da Escola de Pilotagem do Aero Clube do Huambo (VP). *28 de Dezembro:*
- João Baptista Gomes é nomeado Presidente da Câmara Municipal (VP).

### 1940

2 de Abril:

— O Governador-Geral, Dr. Manuel da Cunha e Costa Marques Mano, visita a cidade (VP).

22 de Agosto:

— O Batalhão de Infantaria 74 chega de comboio à cidade com um contingente de 600 homens (VP).

4 de Setembro:

— Bula da Santa Sé, *Sollemnibus Conventionibus*, que cria a diocese de Nova Lisboa (VP).

### 1941

16 de Janeiro:

O Dr. Aníbal Gomes Ferreira é nomeado Presidente da Câmara Municipal (VP).

1 de Junho:

— Sagração em Luanda de Dom Daniel Gomes Junqueira como 1º bispo de Nova Lisboa (VP).

# 1942

18 de Julho:

— O Governador-Geral, Comandante Álvaro de Freitas Morna, visita a cidade (VP).

### 2 de Setembro:

- O Capitão José Cândido Roma de Lemos Puga é nomeado Presidente da Câmara Municipal (VP).
- (?) de Novembro:
- O Ministro das Colónias, Dr. Francisco Vieira Machado, visita a cidade (VP).

## 30 de Novembro:

— Inauguração do Matadouro Municipal (VP).

### 1943

- 2 de Janeiro:
- O Eng.º Agr.º Guilherme Guerra toma posse do cargo de Presidente da Câmara Municipal (VP).
- (?) de Janeiro:
- Fundação do Rádio Clube do Huambo (6.R.6.R.D.) (VP).
- (?) de Dezembro:
- O Governador-Geral, Comandante Vasco Lopes Alves, visita a cidade (VP).

### 1944

10 de Junho:

- Com destaque na 1ª página, o jornal «Voz do Planalto» noticia o desembarque na Normandia das tropas anglo-americanas no dia 6 do mês em curso («Dia D») (VP).
- (?) de Agosto:
- Alunos tirocinantes do Instituto Superior Técnico de Lisboa visitam a cidade (VP).

#### 1945

8 de Maio:

 Para comemorar o acontecimento, o jornal «Voz do Planalto» publica um suplemento dedicado ao fim da II<sup>a</sup> Grande Guerra e à vitória dos Aliados (VP). 17 de Setembro:

- O Ministro das Colónias, Professor Doutor Marcelo Alves Caetano, visita a cidade (VP).
- (?) de Outubro:
- Criação na cidade de uma Delegação Aduaneira (VP).

### 1946

3 de Fevereiro:

- Inauguração da Delegação Aduaneira de Nova Lisboa (VP).
- (?) de Junho:
- Vindo de São Miguel, Açores, o Batalhão de Infantaria 18 chega à cidade (DA).
- 21 de Setembro:
- Fundação da cooperativa A Nossa Casa (VP).
- 31 de Dezembro:
- O Tenente-Coronel João Moniz da Ponte Júnior toma posse do cargo de Presidente da Câmara Municipal (VP).

## 1947

16 de Julho:

- Fundação do Clube Colonial de Caçadores (VP).
- 12 de Dezembro:
- O Capitão Leopoldo Sousa Gentil é nomeado Presidente da Câmara Municipal (VP).
- (?) de (?):
- Criação do Colégio Dom João de Castro (VP).

### 1948

15 de Agosto:

Início das comemorações do Tricentenário da Restauração de Angola e do Trigésimo Sexto Aniversário da Fundação de Nova Lisboa (DA).

#### 12 de Setembro:

Inauguração da Biblioteca e do Gabinete Histórico da Câmara Municipal (DA).

## (?) de Dezembro:

 Início da publicação do Boletim Cultural do Huambo pelos Serviços Culturais da Câmara Municipal (DA).

#### 1949

### 1 de Fevereiro:

 Início da exploração pela Câmara Municipal dos transportes colectivos (machimbombos), com carreiras ligando a Alta e a Baixa da cidade (VP).

### 9 de Abril:

— O jornal «Voz do Planalto» noticia o início da construção do novo Hospital Regional (VP).

#### 15 de Maio:

— Com a presença de técnicos provenientes de todo o território, tem lugar a sessão inaugural das Jornadas Agronómicas (VP).

#### 6 de Junho:

— O Governador-Geral, Capitão José Agapito da Silva Carvalho, visita a cidade (VP).

## 10 de Setembro:

— Fernando Curado Ribeiro vem chefiar os Serviços de Produção do Rádio Clube do Huambo, que anuncia ao longo das emissões como «Uma Voz Portuguesa em África» (VP).

### 19 de Outubro:

— No seguimento da digressão que faz por Angola, o Orfeão Académico de Coimbra visita a cidade (VP).

### 1950

## 12 de Agosto:

 O actor João Villaret vem apresentar dois espectáculos de declamação no Cine-Avenida Ruacaná (VP).

10 de Fevereiro:

 Inauguração dos Serviços de Abastecimento de Água à cidade pela Estação Elevatória da Alta (VP).

11 de Junho:

— Inauguração da Escola Industrial e Comercial de Nova Lisboa (VP).

13 de Junho:

— Inauguração do Cine-Teatro Ruacaná (VP).

(?) de Novembro:

— Concessão do nome de Sarmento Rodrigues, Ministro do Ultramar, à Escola Industrial e Comercial de Nova Lisboa (VP).

### 1952

2 de Janeiro:

— O sociólogo brasileiro Gilberto Freyre visita a cidade (VP).

28 de Fevereiro:

— O Dr. Carlos Ferreira é nomeado Presidente da Câmara Municipal (VP).

#### 1953

(?) de Janeiro:

 Início da pavimentação com paralelepípedos da Rua Mariano Machado (VP).

(?) de Janeiro:

— Morre o Coronel Engenheiro António Vicente Ferreira, que mudou o nome da cidade de Huambo para Nova Lisboa (VP).

3 de Setembro:

— O Sub-Secretário de Estado do Ultramar, Dr. Raul Ventura, visita a cidade (VP).

### 1954

12 de Junho:

— O Presidente da República, General Francisco Higino Craveiro Lopes, visita a cidade (VP).

### 28 de Outubro:

— O jornal «Voz do Planalto» noticia a nova divisão administrativa de Angola, que estabelece 13 distritos, entre os quais o do Huambo (VP).

#### 1955

2 de Janeiro:

- Morre Norton de Matos, o fundador da cidade (VP).

(?) de Junho:

 O Coronel Nascimento Vieira é nomeado Governador do Distrito do Huambo (VP).

12 de Julho:

 O Coronel Nascimento Vieira chega de comboio à cidade e é calorosamente recebido (VP).

(?) de Setembro:

 Início dos trabalhos de assentamento dos cabos para a instalação da rede telefónica (VP).

18 de Setembro:

 Proposto pela União Nacional, o Dr. Manuel Arrobas Ferro é eleito pelo Círculo do Huambo vogal do Conselho Legislativo de Angola (VP).

21 de Setembro:

Inauguração do monumento evocativo dedicado ao Coronel Engenheiro Vicente Ferreira (VP).

## 1956

16 de Abril:

 O Dr. Manuel Arrobas Ferro discursa no Conselho Legislativo de Angola para pedir a criação de um liceu em Nova Lisboa (VP).

15 de Maio:

— O Governador-Geral, Tenente-Coronel Horácio Sá Viana Rebelo, visita a cidade (VP).

19 de Junho:

O Dr. Fernando Sá Viana Rebelo é nomeado Presidente da Câmara Municipal (VP).

## 6 de Agosto:

- Criação do Liceu de Nova Lisboa, para o 1º e 2º ciclos (VP).
- 5 de Outubro:
- Inauguração oficial do Liceu de Nova Lisboa, dirigido pelo Reitor Dr. Serpa Neves (VP).
- (?) de (?):
- Inauguração da rede telefónica (DA).
- (?) de (?):
- Fundação do Cine Clube do Huambo (VP).

#### 1957

19 de Outubro:

- Inauguração do novo edifício do Hospital Central de Nova Lisboa (VP). 1 de Dezembro:
- O Núncio Apostólico em Portugal, Monsenhor Fernando Cento, visita a cidade (VP).

### 1958

10 de Março:

- Estreia no Cine-Teatro Ruacaná do Orfeão do Ferrovia, sob a regência do Padre Serafim Coelho (VP).
- 2 de Novembro:
- O Ministro do Ultramar, Contra-Almirante Vasco Lopes Alves, visita a cidade (VP).

#### 1959

- (?) de Junho:
- O Dr. Fernando Sá Viana Rebelo deixa de ser Presidente da Câmara Municipal e é nomeado Governador do Distrito de Benguela (VP).
- 4 de Agosto:
- O jornal «Voz do Planalto» volta a chamar-se «O Planalto» (OP). 10 de Setembro:
- Início do 3º ciclo no Liceu Nacional de Nova Lisboa (OP).

#### 28 de Outubro:

 O Governo Geral de Angola defere o pedido de ampliação da área do foral da cidade (OP).

#### 1960

25 de Maio:

— O Governador-Geral, Dr. Álvaro da Silva Tavares, visita a cidade (OP).

11 de Junho:

— Pela segunda vez, o Tenente-Coronel Leopoldo Sousa Gentil é nomeado Presidente da Câmara Municipal (OP).

### 1961

20 de Janeiro:

- Inauguração oficial do edifício construído para a instalação definitiva do Liceu Nacional de Nova Lisboa («Liceu Nacional Norton de Matos») (OP).
- (?) de Abril:
- Criação do Instituto Industrial de Nova Lisboa (OP).

12 de Maio:

— O Ministro do Ultramar, Professor Doutor Adriano José Alves Moreira, visita a cidade (OP).

29 de Maio:

- O Embaixador do Brasil em Portugal, Dr. Negrão de Lima, visita a cidade (OP).
- (?) de Setembro:
- Inauguração oficial do novo edifício do Colégio de S. José de Cluny (OP).
- (?) de Outubro:
- Criação dos Institutos de Investigação Agronómica e de Investigação Veterinária, instalados respectivamente na Chianga e no Bairro de Santo António (DA).

16 de Abril:

— O Governador-Geral, General Venâncio Deslandes, visita a cidade (OP).

8 de Agosto:

— Inauguração do monumento evocativo e alegórico dedicado a Norton de Matos no cinquentenário da cidade, com as presenças do Governador-Geral e da sobrinha do homenageado (OP).

9 de Novembro:

— O Intendente José Pedro Queimado Pinto é nomeado Governador do Distrito do Huambo (OP).

### 1963

26 e 27 de Setembro:

— O Presidente da República, Almirante Américo Tomaz, visita a cidade (OP).

# 1964

20 de Fevereiro:

— Deputados do Parlamento do Estado de São Paulo visitam a cidade (OP).

(?) de Março:

 O Dr. Manuel Arrobas Ferro é reeleito pela terceira vez vogal do Conselho Legislativo de Angola (OP).

8 de Julho:

— O Ministro do Exército, Coronel Luz Cunha, visita a cidade (OP). 8 de Setembro:

— O Governador-Geral, Tenente-Coronel Silvino Silvério Marques, visita a cidade (**OP**).

29 de Setembro:

— O Ministro dos Negócios Estrangeiros, Dr. Franco Nogueira, visita a cidade (OP).

2 de Janeiro:

- Tomada de posse da primeira Junta Distrital do Huambo (OP).
- (?) de Fevereiro:
- O Intendente José Pedro Queimado Pinto é reconduzido no cargo de Governador do Distrito do Huambo (OP).

18 de Março:

- Fundação do Rotary Clube de Nova Lisboa (OP).
- (?) de Novembro:
- Os Cursos de Medicina Veterinária, Agronomia e Silvicultura da Universidade de Luanda são transferidos para Nova Lisboa (**OP**).
- (?) de Novembro:
- O Ministro da Educação Nacional, Professor Galvão Teles, visita a cidade (OP).

## 1966

16 de Março:

— Inauguração da rede telefónica automática (OP).

12 de Maio:

- O Embaixador da Áustria em Portugal, Dr. Hermann Gohn, visita a cidade (OP).
- (?) de Junho:
- A Escola de Aplicação Militar passa a ministrar o Curso de Oficiais Milicianos (OP).

19 de Agosto:

- O Ministro das Corporações, Professor José João Gonçalves de Proença, visita a cidade (OP).
- 25 de Outubro:
- Inauguração do Instituto Superior Católico de Nova Lisboa (OP).

### 1967

23 de Março:

— Celebração do centenário do nascimento do fundador da cidade, General Norton de Matos (OP).

## 18 de Junho:

 O Presidente do Conselho Superior do Fomento Ultramarino, Engo Arantes de Oliveira, visita a cidade (OP).

### 1968

- (?) de Abril:
- Morre o Coronel Leopoldo Sousa Gentil, Presidente da Câmara Municipal em exercício (OP).
- (?) de Junho:
- O Engº Fernando Violante Calado é nomeado Presidente da Câmara Municipal (OP).
- 31 de Agosto:
- O Governador-Geral, Tenente-Coronel Camilo Augusto Rebocho Vaz, visita a cidade (OP).

### 1969

8 de Janeiro:

- O Ministro do Ultramar, Professor Silva e Cunha, visita a cidade (OP).
- (?) de Fevereiro:
- O Dr. João Barros Paralta é nomeado Governador do Distrito do Huambo (OP).

20 de Abril:

— O Presidente do Conselho, Professor Doutor Marcelo Alves Caetano, visita a cidade (OP).

## 1970

30 de Junho:

— Morre Dom Daniel Gomes Junqueira, 1º bispo de Nova Lisboa (OP).

## 1971

24 de Março:

— Inauguração dos 1ºs Encontros Agronómicos de Nova Lisboa, pro-

movidos pelos Cursos Superiores de Agronomia e de Silvicultura da Universidade de Luanda (OP).

## 27 de Março:

— O Director Jaime Silva toma posse do cargo de Presidente da Câmara Municipal (OP).

## 1 de Maio:

— O Dr. Mário Pereira de Matos toma posse do cargo de Governador do Distrito do Huambo (OP).

### 1972

- (?) de Fevereiro:
- A Santa Sé designa Dom Américo Henriques bispo de Nova Lisboa (OP).

### 1973

31 de Julho:

— A seu pedido, o Director Jaime Silva deixa o cargo de Presidente da Câmara Municipal (OP).

## 1974

- (?) de Março:
- Marques Leandro é nomeado Presidente da Câmara Municipal (OP).
- (?) de (?):
- Fundação do MDH (Movimento Democrático do Huambo) (DA).

# A propósito de *NA BABUGEM DO ÊXODO*, do **Inácio Rebelo de Andrade**

## por: **Manuel Rui**

Esta obra do Inácio Rebelo de Andrade, observada por mim, levanta mais dificuldades que aquelas que o meu conterrâneo coloca. É que eu, mulato, naquele então, vivendo na fronteira entre a cidade e a periferia, ou vivendo na periferia mas frequentando a escola da cidade e o liceu, só através do Ernesto Lara, com quem o Inácio se cumplicitava como um branco louco que reivindicava a sanzala, me apercebi que os silêncios que meu pai contava, eram palavras que se confundiam com o sonho e o medo sobre a placentária necessidade de mudar a vida para vivermos uns com os outros sem ser necessário lavarmos as mãos depois de as apertar. Tão pouco lavar os beijos.

O Inácio ataca coisas que eu vivi. Irmos ao palácio do governo, à noite, com archotes, em manifestação contra a Índia, já "trabalhados mentalmente" que se tratavam de terroristas, como sempre havia de acontecer... Depois a intriga que se contempla no romance, passa pela "boa fé" de quem veio para objectivar má fé e quando regressa, de retornado, a sua outra vez "boa fé" é objectivada de retornada "má fé." Esta foi a grande perversidade política.

Mas até que enfim, recentemente, começam a aparecer obras descomplexadas sobre a descolonização, fenómeno que, do ponto de vista de Portugal, não devia ser mais designado como descolonização mas abandono das colónias, refiro-me a Angola em especial, baralhando as cartas, desarticulando a sociedade nos seus aspectos positivos de quinhentos anos e, impondo, por omissão, toda a energia negativa acumulada e o que de pior poderia acontecer entre a bipolarização angolanos e retornados quando,

muitos dos retornados foram retirados de Angola quase à força e mediante falsa persuasão e, outros quantos, angolanos, nem sabiam para onde ia o avião ou o barco...

O que o Inácio tece por dentro dos afectos e ligação ao húmus do Huambo é que ele e outros não são culpados da história e, por isso, nunca deveriam ter sido paradoxalmente vitimados pelos cravos de Abril.

Porém, tem um sindroma que Salazar conseguiu. E disso fala o Inácio quando diz que nas horas decisivas, a cidade de Nova Lisboa estava convencida que tudo ia continuar no bembom. Óbvio, porque foram décadas de misticismo sobre o império do Minho a Timor e... nos finalmente que "Portugal não é uma país europeu e tende cada vez mais a sê-lo cada vez menos."

Houve poucas e pequenas manifestações dos brancos em matéria de autonomia para eles ou repartida com os negros. A quinta coluna do fascismo estava em Angola. E à volta de Angola havia efervescência porque mesmo com o apartheid a África do Sul era independente e a Rodésia andava na passada de Ian Smith. E em Angola dormia-se à sombra da bananeira e desprezando os rumores e os ecos que vinham do mato.

Desses rumores e ecos sabia o Inácio. Porém, nunca esperando pelo rolar da violência quase como rotina do absurdo.

O livro tem o seu quê de novidade e fora dos cânones. Porque, romance, dirão alguns, seria sem palavras prévias nem cronologia. Simplesmente, tudo isso faz parte de um romance novo que se insinua sobre matéria mais de contador de estórias em que o acervo de memória passado de geração em geração, se inscreve e integra na ludicidade da narrativa. Inácio, como um griô, não inventa estórias, conta a estória da vida vivida, com as pessoas como eram na reconstrução do autor e situando-a — a estória da história — num tempo que hoje, por leitura, de intenção, nos ilude por julgarmos que só poderá ter sido há mais de três mil anos... porque o texto flui como se um rio

fosse impossibilitado de chegar à foz dos afectos como se de repente, alguém mandasse secar o rio com a mentira que os homens nunca mais conseguiriam pescar juntos. Inácio, corajosamente, denuncia a mentira que já se vem impondo como a história. Mas, ao menos, lendo-se NA BABUGEM DO ÊXODO, fica-se a saber que há mentiras da história.

No mais, o rigor da cronologia adendada é um precioso contributo para a história.

Nós, os do Huambo, quando fazemos, fazemos bem. O Inácio é disso exemplo e um dos melhores conterras.

manuel rui